

Universidade de São Paulo
Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas

ALFREDO OSCAR SALUN

PALESTRA ITÁLIA E CORÍNTHIANS: QUINTA COLUNA OU TUDO
BUONA GENTE?

São Paulo
2007

ALFREDO OSCAR SALUN

**PALESTRA ITÁLIA E CORÍNTHIANS: QUINTA COLUNA OU TUDO
BUONA GENTE?**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História
Social da Faculdade de Filosofia e Letras da Universidade de
São Paulo, para obtenção do título de doutor.

Orientador: Prof. José Carlos Sebe Bom Meihy

São Paulo
2007

Ficha catalográfica

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

Salun, Alfredo Oscar.

Palestra Itália e Corinthians: Quinta coluna ou tudo Buona Gente?/ Alfredo Oscar Salun; orientador : José Carlos Sebe Bom Meihy – São Paulo, 2007

Tese (Doutorado – Programa de Pós-Graduação em História Social. Área de concentração: História Social – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo.

1. Palmeiras, Corinthians, Soccer, New State (Estado Novo), Nationalization.

2. Palmeiras, Corinthians, Futebol, Estado Novo, Nacionalismo. 3. História Social. I Título

Agradecimentos

Pela cooperação: Celso Dario Unzelte, Lourenço Diaféria, Ernesto Cassano, Douglas Laurindo, David José Costa (SC Corinthians Paulista), Cristina de Franco Matos (Centro Pró-Memória Hans Nobiling), Fernando Razzo Galluppo (Sociedade Esportiva Palmeiras), Michelli da Silva Almeida e Carolinne Mendes da Silva (Centro de Memória do Clube Atlético Paulistano), Juliana Calori Jerônimo, Angélica Hoeffler e Adriana Cristhiani.

Aos colaboradores que gentilmente aceitaram participar desse trabalho, a Secretaria de Educação do Estado de São Paulo (Bolsa Mestrado) e aos colegas do Núcleo de Estudos em História Oral (NEHO).

E, em especial, ao professor José Carlos Sebe Bom Meihy, pelo voto de confiança, orientação e amizade.

Dedicatória

In memória: Daice Calori Romano e Antonio Ari Aurélio, pelo privilégio de tê-los como parte da minha história de vida.

SUMÁRIO

Introdução.....	07
Capítulo 1 – Os Filhos de Abraão: Palestra Itália e Corinthians.	
1.1 Primórdios do Futebol Paulista.....	17
1.2 Os Filhos de Abraão: Palestra Itália e Corinthians.....	28
1.3 A História de Ismael: Sport Club Corinthians Paulista.....	30
1.4 A História de Isaac: Sociedade Esportiva Palestra Itália.....	36
1.5 Palestra e Corinthians: Conflitos Externos e Internos (1920-1939).....	68
Capítulo 2 – A Mídia e o DEOPS em São Paulo na Luta Contra os Súditos do Eixo e a Quinta-Coluna	
2.1 O Jogo.....	101
2.2 O Inimigo Externo: Os Países do Eixo.....	103
2.3 O Inimigo Interno: Os Súditos do Eixo e a Quinta-Coluna.....	118
2.4 A Imprensa Paulista e o DEOPS no Front Interno.....	121
Capítulo 3 – Palestra Itália: Tudo Buona Gente?	
3.1 Relatos e Entrevistas Transcritos e Transcriados.....	147
3.1.2 Oberdan Catani.....	153
3.1.2 Gustavo Pauli.....	155
3.1.3 Renato Violani.....	157
3.1.4 Agostinho Zaccaro.....	160
3.1.5 Olavo Realli.....	162
3.1.6 Antônio Rago.....	166
3.1.7 Luiz Gonzaga Belluzzzo.....	168
3.1.8 Edna Lotufo, Edneide Lotufo e Ednei Lotufo.....	174
3.1.9 Roberto Delmanto.....	177
Capítulo 4 – Corinthians: Um Súdito do Eixo?	
4.1 Relatos e Entrevistas Transcritos e Transcriados.....	182
4.1.1 Juca Kfourì.....	183
4.1.2 Celso Unzelte.....	187
4.1.3 Ernesto Cassano e Janete Cassano.....	192

Capítulo 5 – Sport Clube Corinthians Paulista e Sociedade Esportiva Palmeiras:
Intervenção e Nacionalização.

5.1 Futebol e Política: Os anos de 1939-1942.....	195
5.2 Sport Clube Corinthians Paulista: O Processo de Intervenção.....	217
5.3 Sociedade Esportiva Palmeiras: O Processo de Nacionalização.....	232
5.4 Palmeiras e Corinthians: Outubro de 1942.....	249
Palavras Finais.....	255
Núcleo Documental.....	258
Bibliografia.....	264
Anexos.....	271

INTRODUÇÃO

A - História do Projeto

A gênese deste trabalho foi a dissertação de mestrado “Zé Carioca vai à Guerra”, defendida na PUC-SP, que teve por tema a participação do Brasil na Segunda Guerra Mundial. Para a elaboração desse estudo, foram realizadas entrevistas com ex-combatentes, que, em conjunto com jornais e a historiografia, formou aquele núcleo documental. Além disso, os prontuários do DEOPS, disponíveis no Arquivo do Estado de São Paulo, serviram para a análise da situação política interna entre 1937-1945. O objetivo era analisar a repressão e a atividade policial contra os inimigos do Estado.

Ao iniciar um projeto para o doutorado, nossa pretensão foi explorar o período da Segunda Guerra Mundial, em um *front* interno, na medida em que a Força Expedicionária Brasileira representará o externo, no combate às forças fascistas.

No início deste trabalho o tema central era a ação do governo Vargas e a repressão do DEOPS sobre alguns clubes esportivos paulistas, especialmente a Sociedade Esportiva Palestra Itália, que em 1942, devido às leis nacionalistas, foi obrigada a mudar de nome, para Sociedade Esportiva Palmeiras. O primeiro passo, então, foi entrevistar alguns atletas e associados do Palmeiras, que vivenciaram essa alteração em 1942, o auge do processo de nacionalização, estendido no governo Vargas de 1935 até 1945, com avanços e recuos por parte do Estado. A segunda etapa constituiu-se em analisar os documentos cartoriais, como os arquivos do DEOPS, em relação aos clubes de futebol, além de: jornais de época, atas e documentos da Federação Paulista de Futebol e das agremiações envolvidas.

Ao analisarmos os prontuários do DEOPS sobre as entidades esportivas, um fato chamou a atenção: dentre os clubes “fichados”, encontramos um dossiê sobre Sport Clube Corinthians Paulista, razoavelmente maior que o do Palmeiras. Dessa forma, buscou-se na história do clube o motivo dessa vigilância. Assim, tomamos conhecimento do episódio referente à intervenção do governo no clube, devido ao viés político-nacionalista. Os sintomas da vigilância diziam respeito ao fato de o Corinthians ser dirigido por um presidente espanhol, e de acordo com o órgão regulador dos esportes nacionais, o Conselho Nacional de Desportos, criado em 1941, isso era irregular.

Resolvemos então entrevistar torcedores e jornalistas esportivos ligados ao Corinthians, na medida em que poucos trabalhos se aprofundaram nesse tema. Durante a pesquisa preliminar nos prontuários do DEOPS, identificamos que os primeiros relatos policiais sobre o Palestra Itália dataram oficialmente do início de 1942, mas no Corinthians, os primeiros informes eram de 1940. No início, acreditamos haver algum equívoco nas datas

constantes dos boletins policiais, pois acreditávamos na hipótese de que a deposição de Manuel Correcher, assim como a mudança do nome Palestra para Palmeiras, fossem frutos de uma mesma conjuntura, a repressão aos súditos do Eixo aliada à legislação nacionalista.

No Palmeiras, a nacionalização foi um episódio valorizado, como parte da tradição do clube, tanto nas narrativas orais quanto na história oficiosa da agremiação. Já no Corinthians, foi possível reconhecer uma história “apagada” da memória coletiva, de tal forma que os pesquisadores que escreveram sobre o tema não identificaram corretamente os motivos da intervenção.

B - Justificativa e Problemática

Entre tantos trabalhos sobre o futebol desenvolvidos no departamento de História da USP, um foi organizado por José Carlos Sebe Bom Meihy e José Sebastião Witter (1982), que chama a atenção para o fato de que “estudar o futebol é estudar o povo brasileiro”. Diante dessa premissa, ampliamos nosso horizonte para uma história conjunta do Sport Clube Corinthians Paulista e da Sociedade Esportiva Palmeiras, dois clubes que nasceram nos bairros operários, ligados aos imigrantes em São Paulo, e que se tornaram agremiações de significativa importância esportiva, social e econômica. Ambas as entidades sofreram em 1940-1942 um processo de intervenção\ nacionalização e foram as semelhanças que nos permitiram reconhecê-las como “Os filhos de Abraão”, designativo justificador da rivalidade entre eles.

Ao optarmos por essa temática, estamos propondo um estudo que centra sua peculiaridade na trajetória desses clubes em meio aos problemas nos quais estiveram envolvidos, refletindo momentos significativos do desenvolvimento do futebol na capital paulista e suas tramas políticas, dentre as quais destacamos as seguintes problemáticas:

-Elite x Popular: Se na inserção das agremiações menores nas ligas oficiais entre 1913-1918 ocorreu um processo de negociação ou de conflito, entre os “clubes populares” e os de “elite”, concomitante as disputas entre as ligas rivais pelo predomínio sobre o futebol na capital.

O desenvolvimento do futebol como um esporte de massa e a importância do Corinthians e Palmeiras nessa trajetória, e como ocorreu a lenta transformação dos espaços, antes reservados às elites, que foram apropriados por outros estratos sociais.

-Futebol e Identidade: As agremiações esportivas se tornaram símbolos de fidelidade local. Dessa forma, buscamos discutir a constituição dos clubes como espaços

políticos e pólos de identidade, numa sociedade em crescente processo de industrialização e urbanização, em que adquiriram personalidades próprias, incentivando as diferenças.

-Política e Futebol: A importância crescente do futebol e sua conexão com a política, já que Corinthians e Palmeiras estiveram presentes ativamente na discussão sobre a profissionalização do futebol na capital paulista entre 1930-1935, ao encabeçarem a criação de uma nova Liga. Esse processo em concordância com os clubes cariocas e a direção da Confederação Brasileira de Desportos (CBD), sob a direção de Luiz Aranha, sugere o indício dos primeiros passos da ingerência do governo federal (Getúlio Vargas) nos esportes.

- Estado Novo, Futebol e Nacionalismo: O perfil nacionalista e centralizador do Estado Novo, que norteou a legislação esportiva e que, nesse sentido, corroborou para uma radicalização paulatina em relação aos estrangeiros, e discutimos quais os problemas presentes em 1942, que culminaram com o processo de nacionalização do Corinthians e do Palmeiras.

- Memória: Debates a problemática referente à narrativa de nossos colaboradores, que permitiram vislumbrar as experiências individuais e como elas podem ser influenciadas pela memória coletiva do grupo, ao ostentarem uma identidade como torcedor palmeirense ou corinthiano, em relação ao processo de intervenção\ nacionalização.

C- Núcleo Documental

-Narrativas Oraís: O nosso primeiro passo na constituição de documentos foi entrevistar vários colaboradores, que formam a comunidade de destino “torcedor de futebol”, dividido em duas colônias¹:

1)Torcedores da Sociedade Esportiva Palmeiras, dos quais entrevistamos 13 colaboradores, subdivididos em suas respectivas redes.

2)Torcedores do Sport Clube Corinthians Paulista, dos quais entrevistamos oito colaboradores, subdivididos em redes específicas.

A importância das narrativas baseou-se em dois pressupostos: o primeiro foram as experiências individuais, e, posteriormente, visualizá-las como um conjunto, pois estão inseridas em uma memória coletiva de cada grupo, permitindo-nos identificar uma uniformidade das versões. Os colaboradores participantes desse projeto: Antônio Rago, Augustinho Zaccaro, Celso Dario Unzelte, Edna Lotufo, Evani Lotufo, Emanuelita Correcher,

¹ Utilizamos como critério de definição sobre comunidade de destino os pressupostos teóricos de José Carlos Sebe Bom Meihy e Zygmunt Bauman.

Ernesto Cassano, Francisco Gracioli, Gabriel Otamendi, Gustavo Pauli, Ednir Lotufo, Janete Perrota Cassano, Joanira Custodio do Nascimento, Jocélio Avelino Piedade, Juca Kfourri, Lourenço Diaféria, Luis Gonzaga Belluzzo, Marco Espósito, Oberdan Catani, Olavo Realli, Renato Violani e Roberto Delmanto.²

-Periódicos: Devido aos arquivos dos clubes e da Federação Paulista de Futebol, por uma série de fatores, dispõem de poucos documentos sobre os vinte primeiros anos da prática do futebol no país, muitos dos episódios analisados pela historiografia foram baseados em jornais. Essa documentação foi de grande valia para identificarmos as tramas e as discussões que estavam presentes no cotidiano da época. Por essa razão, optamos por pesquisar em inúmeros periódicos disponíveis, para que tivéssemos noção das diferentes interpretações e análises do mesmo fenômeno.

Utilizamos os seguintes periódicos: *A Cigarra Sportiva*, *Estampa Esportiva*, *A Gazeta*, *A Noite*, *A Platéia*, *Correio de São Paulo*, *Correio Paulistano*, *Correio da Tarde*, *Diário da Noite*, *Diário de São Paulo*, *Diário Oficial da União*, *Diário Oficial do Estado*, *Fanfulla*, *Folha da Manhã*, *Folha da Noite*, *Jornal da Tarde*, *O Esporte*, *O Estado de São Paulo*, *O Imparcial e o Gladiador*, que estão discriminados em relação aos arquivos pesquisados ao final do trabalho, no Núcleo e Fontes Documentais.

-Legislação: Para abordar a política nacionalista no Estado Novo, buscamos os decretos-leis, que consideramos mais pertinentes ao nosso objetivo. Nossa principal fonte foi o *Diário Oficial da União (Revista Forense)* entre 1937-1942, disponível na Biblioteca da Universidade do Largo São Francisco.

Em relação às medidas do governo Getúlio Vargas e do interventor Adhemar de Barros em relação aos esportes, procuramos a íntegra dos atos e projetos no *Diário Oficial do Estado* e *Diário Oficial da União*.

-Prontuário do DEOPS: Nesse documento cartorial, buscamos informações sobre os processos e as investigações em relação aos clubes paulistanos. Posteriormente, entrelaçamos alguns casos que envolveram a investigação, prisão e denúncias contra os elementos acusados de serem “quinta-coluna”, “espiões” ou “súditos do Eixo”, e verificamos quais foram os andamentos dos processos em relação às investigações policiais, inquéritos,

² O resumo biográfico de cada colaborador, o histórico, procedimentos e o roteiro da pesquisa de campo estão descritos no *capítulo 3 e capítulo 4*.

julgamentos e sentenças. Nossa intenção foi apontar que houve uma sintonia entre as notícias divulgadas pela mídia impressa e a ação policial.

-Historiografia sobre o futebol: Fizemos uso dos escritos acadêmicos e jornalísticos sobre o futebol, enfocando principalmente as obras que retrataram o período que optamos como recorte histórico (1910-1942), em relação a sua prática em São Paulo.

-Historiografia sobre o período Vargas: Utilizamos para compreensão do desenrolar da política nacionalista e a ação das autoridades policiais, na repressão aos inimigos do Estado, diferentes vertentes, no intuito de reproduzir o diálogo entre elas.

-Arquivos dos Clubes e Federações: Apenas recentemente é que os clubes paulistas e a Federação Paulista de Futebol passaram a se importar com a preservação da própria história, com diferentes graus de investimentos. Infelizmente, muitos documentos perderam-se por variados motivos. Pesquisamos nos arquivos do Sport Clube Corinthians Paulista, Sociedade Esportiva Palmeiras, Clube Atlético Paulistano, Esporte Clube Sírio, Esporte Clube Pinheiros, São Paulo Futebol Clube, Associação Portuguesa de Desportos, Rio Claro Futebol Clube, Santos Futebol Clube, Clube Atlético Juventus e Pirassununguense Futebol Clube.

D - Estrutura da Tese

Quando, em 1942, o governo brasileiro definiu sua posição ao lado dos Aliados na luta contra os países do Eixo, oficializou-se uma imediata represália ítalo-germânica contra as embarcações brasileiras, que culminou com o “estado de guerra”. Os jornais deram ampla cobertura aos fatos, assim como ao conflito que foi travado primeiramente no solo brasileiro: a luta contra a quinta-coluna e os súditos do Eixo³.

O sentimento contra as potências do Eixo e aos descendentes de italianos, alemães e japoneses, logicamente, abrangeu clubes e associações esportivas ligados a esses imigrantes. Um dos exemplos mais conhecidos ocorreu em 1942, na capital paulista, quando o Palestra Itália, catalizador da colônia italiana, teve, além de alterar seu nome, excluir de seu quadro associativo todos os estrangeiros. Não menos importante, mas historicamente menos comentado, foi o processo semelhante pelo qual passou o Sport Clube Corinthians Paulista.

³ Os países do “Eixo” formaram o que as autoridades e a imprensa agruparam como uma única entidade: o regime alemão, italiano e japonês, classificado como “nazifascismo”. Os imigrantes e seus descendentes também receberam um rótulo especial: súditos do Eixo. O termo “quinta-coluna” foi forjado durante a Guerra Civil Espanhola e celebrado por Ernest Hemingway em sua peça teatral intitulada “Quinta Coluna”.

Na construção de um projeto que tem por tema a nacionalização do Palestra Itália e do Corinthians, parcela do trabalho foi elaborada com a pesquisa de campo, mediante entrevistas com personagens que participaram dessa trama como atletas, sócios, dirigentes ou torcedores. Conjuntamente com as narrativas, também foi utilizada a documentação cartorial escrita, proveniente dos arquivos da Federação Paulista de Futebol, da Sociedade Esportiva Palmeiras, do DEOPS, do Sport Clube Corinthians e da mídia escrita em São Paulo.

Ao focalizar a mudança do nome Palestra-Palmeiras, no momento em que havia uma campanha “nacionalizante” do Estado Novo, concomitante à repressão policial sobre a “quinta-coluna” e aos “súditos do Eixo”, deparamo-nos com um episódio marcante para uma coletividade que encontrava em um clube como o Palestra Itália um local de recreação e de identificação cultural.

Esse aspecto social dos clubes esportivos foi destacado, aliás, na entrevista concedida por Luiz Gonzaga Belluzzo, que declarou:

“Os italianos, os imigrantes da península, quando vieram para o Brasil, não eram italianos. A unificação da Itália tinha acabado de ocorrer. Portanto, possuíam um sentimento regional muito forte, eram bareses, napolitanos, calabreses, vênnetos... o Palestra é um aspecto muito importante, era um locus de identificação dos imigrantes; muitos não tinham em mente a unidade política italiana. Esse imaginário e essa identidade foram sendo construídos aqui. Por isso, o Palmeiras não é um simples clube”. (agosto.2004)⁴

Ao estabelecer a história oral como parte deste trabalho, estamos optando pela utilização da história oral híbrida. Nesse sentido, partimos das fontes escritas para as narrativas. Entretanto, não pretendemos equiparar, confrontar ou dar pesos diferentes a esses dois tipos de documentação, mas encontrar um ponto de equilíbrio na combinação da história oral de vida em um projeto misto.

Para José Carlos Sebe Bom Meihy:

Há projetos temáticos que combinam algo de história oral de vida. Nesses casos, o que se busca é o enquadramento de dados objetivos do depoente com as informações colhidas. Essa forma de história oral tem sido muito apreciada porque a informação ao ser mesclada às situações vivenciais, ganha mais vivacidade e sugere características do narrador. (2005, p.148)

⁴ As narrativas dos colaboradores estão entre aspas e tem como padrão de identificação: nome do entrevistado, mês e ano do registro oral.

Ao analisarmos os fatores externos e internos que criaram as condições para uma política repressora sobre os “súditos do Eixo”, mediante o levantamento de material bibliográfico e de documentos cartoriais escritos, procuramos estabelecer o maior número de informações sobre esse processo, para posteriormente centrarmos nas narrativas dos personagens envolvidos direta ou indiretamente no episódio de 1942.

A equação desse material resultou na proposta de pesquisa fundamentada primeiramente na construção de um texto que abarque a introdução e o desenvolvimento do futebol em São Paulo, com atenção especial aos clubes citados, explorando as semelhanças presentes em suas respectivas trajetórias, da fundação de tais entidades esportivas até 1939, período em que eram considerados os dois times “mais populares” da capital. Ao destacar o ano de 1939 como recorte temporal para esse capítulo, intitulado “Os filhos de Abraão”, considerou-se o início da Segunda Guerra Mundial e as decorrências da aliança Brasil-Estados Unidos que se sedimentaram ao longo do conflito, marco importante na decisão do governo Vargas de investir contra os súditos do Eixo e a “quinta-coluna”, que abrangeu, entre outras entidades, clubes ligados aos imigrantes italianos, alemães e japoneses. Em “Os filhos de Abraão” fazemos uma apresentação dos clubes Palestra Itália e Corinthians, inseridos no contexto do futebol paulista e as discussões presentes nessa época (1910-1939):

1-O futebol como uma prática que foi assumida aos poucos pelas camadas populares, e de que maneira os conflitos e negociações estiveram presentes na institucionalização dos clubes ao disputarem os campeonatos oficiais.

2-A constituição do patrimônio social e a transformação dos espaços, inicialmente projetados para lazer, em campos de disputas internas (controle pela direção dos clubes) ou externas (rivalidade entre times\torcidas em razão das identidades e diferenças).

3-O predomínio de imigrantes e seus descendentes no comando do Sport Clube Corinthians Paulista (italianos, espanhóis, árabes, alemães e portugueses) e na Sociedade Esportiva Palestra Itália (italianos), que no final da década de 1930, sofreram as primeiras consequências de uma política legislativa federal e estadual, norteadas pelo nacionalismo.

No *segundo capítulo*, buscamos as origens do projeto nacionalista de Getúlio Vargas e as causas da participação brasileira na Segunda Guerra Mundial, que orientaram a política repressiva das forças do governo em direção a um novo inimigo: a quinta-coluna e os súditos do Eixo. Dessa forma, ao conjugar a política externa brasileira no pré-guerra com o processo de nacionalização, podemos encontrar nessa junção o futebol, que foi reorganizado na sua administração federativa de acordo com os interesses centralizadores do governo Vargas e atingiu o destino de centenas de pessoas que freqüentavam clubes esportivos e que foram expurgadas em obediência à legislação nacionalista. A vida de centenas de pessoas foi atingida pela aplicação rigorosa de uma legislação autoritária, que visava à depuração dos elementos que opunham perigo real ou imaginário aos interesses pátrios. Buscamos, na mídia impressa e na ação do DEOPS, exemplos no cotidiano na cidade de São Paulo da relação profícua entre os meios de comunicação e o trabalho policial, intitulado: “A Mídia e o DEOPS em São Paulo na luta contra os súditos do Eixo e a quinta-coluna”.

No *terceiro e quarto capítulo*, estamos centralizando as narrativas de colaboradores identificados como “palmeirenses” e “corinthianos”, que remetem às experiências individuais e à tradição familiar passadas pela geração que presenciou o episódio da nacionalização dessas agremiações em 1942 e que transmitiram pela oralidade suas experiências sobre esse evento, que entrelaçou a história do clube com a história de cada colaborador. Ao reconhecermos que as pessoas podem ser identificáveis por diversos critérios, encontramos nas entrevistas indicações da importância do futebol como um dos possíveis pressupostos articuladores de identidades:

“Eu sempre fui palmeirense, pois os filhos tinham que seguir o rumo dos pais. Essa educação esportiva já vinha de berço. No tempo que era garoto ainda se chamava Palestra Itália e independentemente de ter ocorrido à troca de nome ainda sou palmeirense”. (Antônio Rago, junho.2002)

“Ser corintiano está relacionado à tradição paterna” (Celso Unzellte, outubro.2004;março.2005)

“Sou neto de libanês, meu pai era brasileiro e tinha certo orgulho de ser corinthiano, minha paixão pelo clube foi herdada dele”. (Juca Kfoury, março.2005)

Os colaboradores formam uma comunidade de destino, composta por torcedores que tenham forte ligação emotiva ou profissional com os clubes e o futebol.

Capítulo 3 – Palestra Itália: Quinta-coluna ou Tudo Buona Gente?

Formado pela Colônia – Torcedores da Sociedade Esportiva Palmeiras

Capítulo 4 – Corinthians: Um Súdito do Eixo?

Formado pela Colônia – Torcedores do Sport Clube Corinthians Paulista

No capítulo final, retratamos o processo de intervenção do DEESP no Sport Clube Corinthians Paulista, a partir dos jornais de época, panfletos, historiografia, prontuários do DEOPS, a legislação esportiva estadual e federal e as narrativas dos colaboradores, para identificarmos os motivos da deposição do presidente do clube em 1940 e como esse fato se articulou na constituição da memória coletiva sobre esse episódio. Em relação à Sociedade Esportiva Palestra Itália, reproduzimos o mesmo procedimento metodológico, mas o roteiro centrou-se na nacionalização do clube em 1942, quando alterou seu nome para Sociedade Esportiva Palmeiras. Nos dois casos, exploramos as especificidades do processo de intervenção\nacionalização, mas também apontamos um ponto traumático, esquecido na história e apagado da memória coletiva das respectivas colônias: o mês de outubro de 1942, quando o governo Vargas atingiu seu auge repressor no campo dos esportes, ao interferir na vida cotidiana de dezenas de pessoas, os “súditos do Eixo”, que, por essa razão, tiveram inúmeros direitos suspensos temporariamente, como à exclusão do quadro associativo.

CAPÍTULO 1 - Os filhos de Abraão: Palestra Itália e Corinthians

1.1 Primórdios do Futebol Paulista

Reconhecemos que alguns jogos não se encerram com o apito final do juiz, pois se transformam em um poema épico que continua sendo lembrado e recriado em cada discussão no botequim, na televisão, em uma roda de amigos ou no seio familiar.

São os novos “aedos” celebrando um herói, uma guerra ou um jogo, em que não importa se Aquiles era mesmo vulnerável ou se aquele craque era realmente “divino”, porque adentramos no universo da representação contida nas narrativas que escamoteiam um jogo de memória e identidade.

A origem do futebol no Brasil também é tema de discussão, na medida em que são apontadas diferentes trajetórias: a primeira e mais conhecida é a versão oficializadora que consta nos anais da Confederação Brasileira de Futebol e da Federação Paulista de Futebol, que considera Charles Miller o introdutor desse esporte no País.

Outra vertente, da qual faz parte Roberto Mércio (1990), defende que, em 1864, o futebol teria sido jogado pela primeira vez no Brasil por marinheiros britânicos em algumas cidades do litoral brasileiro. Tanto esse autor, como Waldenir Caldas (1990), argumentam ainda a possibilidade de outra origem, como um jogo praticado por indígenas. Todavia, a tese mais aceita refere-se a uma escola no interior paulista, o Colégio São Luís, onde os alunos, incentivados por padres, praticaram esse esporte entre 1872 e 1874. Afirmam que o futebol já vinha sendo jogado em escolas jesuítas do Rio de Janeiro e do Rio Grande do Sul, desde 1886.

Estudiosos sobre a história da educação no Brasil concordam que, já no século XIX, a Educação Física esteve presente na discussão sobre os currículos escolares em colégios leigos e religiosos.

Escolas administradas pelos jesuítas, franciscanos, maristas, beneditinos, carmelitas e salesianos foram grandes impulsionadoras da prática da Educação Física durante o período imperial. Os salesianos, de acordo com Arrilson Ferraz (1955), chegaram a formar sacerdotes em Educação Física para a docência nos seus colégios. O mesmo fenômeno se repetiu nos educandários religiosos femininos.

A preocupação das autoridades frente a esse tema pode ser verificada na legislação sobre Educação Física no Brasil, que teve início com a Lei nº630 de 17 de setembro de 1851, ao incluir a ginástica no currículo das escolas primárias. Em 1855, uma nova regulamentação estendeu a exigência dos exercícios físicos ao Colégio Pedro II.

Em 1882, Rui Barbosa apresentou o Projeto nº224 sobre a reforma do ensino primário e das demais instituições complementares, que versou também sobre a Educação Física e a instituição de uma seção especial de ginástica em cada escola normal:

Extensão obrigatória a ambos os sexos, na formação do professorado e nas escolas primárias de todos os graus, tendo em vista em relação à mulher, a harmonia das formas femininas e as exigências da maternidade futura.
Inserção da ginástica nos programas escolares como matéria de estudo, em horas distintas do recreio e depois das aulas.
Equiparação em categoria e autoridade, dos professores de ginástica aos de todas outras disciplinas.⁵

Corroborando com a tese que privilegia os educandários religiosos, Thomaz Mazzoni (1950) creditou a introdução do futebol no País aos grupos escolares como o Colégio São Luis, do qual fizeram parte Charles Miller e Arthur Ravache.

Frente à história oficializante ligada à trajetória de Charles Miller, Matthew Shirts (1982) e Robert Levine (1982), ao analisarem as razões que levaram a historiografia futebolística a ter, nos seus primeiros momentos, defendido a introdução desse esporte por um inglês, sugeriram certa anglofilia, característica de nossas elites no começo do século XX.

José Moraes dos Santos Neto compartilha um ponto de vista semelhante:

Várias hipóteses podem explicar a origem do mito segundo o qual Miller seria além de grande craque e divulgador pioneiro, o pai o futebol entre nós. A primeira diz respeito à inserção dos jogos entre os clubes de elite nos jornais paulistas. Obviamente enquanto foi uma atividade recreativa restrita a colégios, o futebol não mereceu qualquer atenção da imprensa...por fim relacionar o futebol, mesmo indiretamente, às multinacionais que, na virada do século, protagonizavam grandes transformações na economia brasileira, verdadeiros sinônimos de progresso, soava melhor que ligá-los a colégios obsoletos. (SANTOS, 2002, p.33)

Os mesmos autores que criticam a versão oficial reiteram que alguns colegas de Charles Miller poderiam também ser apontados como os “pais do futebol” no Brasil, mas optaram pelo silêncio na medida em que uma atividade introduzida por ingleses era mais sofisticado. Esse teria sido o ângulo de visão compartilhado pelos jornalistas no começo do século XX, que preferiram eleger um inglês como o introdutor do futebol em vez de brasileiros ou mesmo das escolas religiosas, consideradas ultrapassadas.

Entretanto, até a primeira década do século XX, os educandários religiosos eram frequentados pelas elites, fossem brasileiros natos ou filhos de imigrantes. Foi somente em 1925 que tivemos no Brasil as primeiras discussões sobre a escola pública com Fernando

⁵ Ministério da Educação. Legislação da Educação Física no Brasil. Disponível em <http://www.cev.org.br>.

Azevedo. E no governo de Getúlio Vargas é que a classe média foi incorporada nesse sistema de ensino. Dessa forma, os poucos colégios existentes, fossem leigos ou confessionais, atendiam às classes sociais privilegiadas.

Foram indivíduos pertencentes às elites que tiveram seu primeiro contato com esse esporte no Brasil — justamente no ambiente escolar — e que, ao terminarem os estudos elementares, continuaram sua formação acadêmica na Europa, onde retomaram o contato com a “bola” e participaram de times que praticavam o futebol dentro das regras criadas na Inglaterra. Esses jovens, trouxeram na bagagem esse “modismo inglês”, como foi o caso de Charles Miller, mas também de Antônio Casimiro da Costa e Olavo de Barros, que jogaram em times da Suíça, ou mesmo Oscar Cox, filho de ingleses e um dos responsáveis pelo desenvolvimento do futebol no Rio de Janeiro.

Devemos estar atentos, ainda, para as diferenças sutis entre o futebol praticado nas escolas e aquele que seria disputado entre os clubes. Nesse aspecto, é interessante a análise de Arrilson Ferraz sobre a origem do futebol, no Brasil, ao defender que, desde 1880, o Colégio São Luis de Itu havia tornado obrigatória a ginástica e os esportes, como o atletismo, que englobava saltos, corridas, lançamento de dardos e disco, como também o futebol. No entanto, salienta que esse esporte tinha um caráter pedagógico, objetivando o desenvolvimento físico e não a competição, e, por isso, tinha suas próprias regras. (FERRAZ, 1955, p.151)

Para Anatol Rosenfeld, as escolas brasileiras foram às primeiras forjas de futebolistas, mas, reconheceu que o futebol praticado nesse ambiente: “...os alunos do Colégio Vicente de Paula...com essa bola, jogavam naquela escola.... equipes de trinta a quarenta alunos, entre eles os padres de batinas arregaçadas, distribuindo golpes possantes...”(1993, p.78)

Ainda o mesmo autor:

O primeiro círculo que cultivou o jogo de forma organizada foram os sócios do SPAC, que reunia altos funcionários ingleses de várias companhias instaladas na capital paulista. Os imitadores brasileiros que logo surgiram, eram predominantemente jovens de camadas superiores. O hábito da prática esportiva nas horas vagas, era um fenômeno presente na Europa e que rapidamente se disseminou pelo país. (ROSENFELD, 1993, p.76)

O ano de 1894 está ligado à “história oficializante” do futebol quando Charles Miller, nascido na região do Brás, retornou de seus estudos no Banister Court School, na cidade portuária de Southampton, e é com ele que o futebol moderno, com as regras unificadas e criadas na Inglaterra em 1863, aportou no Brasil. Naquele país, Miller chegou a participar da seleção do condado de Hampshire, jogando na posição de center-forward.

Em depoimento para a Revista “O Cruzeiro” em 1952, Charles Miller⁶ relatou esses primeiros passos: Numa tarde fria de 1895, reuni os amigos e convidei-os a disputarem uma partida de football. Aquele nome, por si só era novidade, já que naquela época somente conheciam o críquete. (MILLS, 1996, p.37)

Em 14 de abril de 1895, em um terreno da Companhia Viação Paulista, se realizou a primeira partida de “football”, entre “The Gas Works Team”, que era integrado por empregados da companhia, e “The São Paulo Railway Team”, formado por funcionários dessa ferrovia. Charles Miller e seus colegas promoveram mais dois jogos e, posteriormente, se transferiram para a Chácara Dulley, no Bom Retiro, que era um campo de críquete e foi adaptado para o jogo de futebol do recém-criado São Paulo Athletic Club (SPAC)⁶.

Na América do Sul, o Uruguai e a Argentina foram os pioneiros nesse esporte e a primeira confederação continental de futebol fundada após a Fifa foi justamente a Conmebol. O sucesso do futebol na América do Sul pode ser percebido mediante os resultados obtidos pela seleção uruguaia, bicampeã olímpica de futebol (em 1924 e 1928) e anfitriã da primeira Copa do Mundo em 1930, que acabou conquistando o título ao vencer os argentinos na final.

De acordo com Eduardo Galeano, na Argentina e no Uruguai era comum, no começo do século XX, as pessoas classificarem o futebol como “coisa” de “inglês louco”, fato que não o impediu de se transformar em estilo de vida. Em cada país se desenvolveu uma forma diferente de jogar futebol que, simbolicamente, esse jornalista define com a seguinte frase: “Dize-me como jogas e te direi quem és”, à medida que se transformou em parte da identidade e da cultura de cada nação⁷.

Graciliano Ramos é sempre lembrado como autor de um dos maiores erros de avaliação em nossa história, ao defender que o futebol era uma moda que dificilmente pegaria no País. Jorge Soares e Hugo Lovisolo (1998) salientaram que esse esporte foi usado como instrumento retórico para ele expor suas críticas românticas às cidades e ao comportamento político das elites brasileiras, ao invés de reprovar propriamente o futebol, como ficou celebrado seu artigo:

Pensa-se em introduzir o football nesta terra. É uma lembrança que certamente, será bem recebida pelo público, que de ordinário adora novidades. Vai ser, por algum tempo a mania, a maluqueira, a idéia fixa de muita gente... vai haver pó aí uma excitação, um furor dos demônios, um entusiasmo de fogo de palha capaz de durar bem um mês. (...) O football não pega, tenham a certeza. Não vale o argumento de que ele tem ganho terreno nas capitais de importância. Não confundamos. As grandes cidades estão no litoral; isto aqui é diferente, é sertão. Estrangeirices não entram

⁶ O futebol também era praticado por funcionários da São Paulo Railway na Estação de Paranapiacaba (Santo André).

⁷ Entrevista ao documentário: A História do Futebol na América e África. BBC, 2005.

facilmente na terra do espinho. O futebol, o boxe, o turfe, nada pega.(RAMOS, 1990, p.19)

O trecho selecionado é o que geralmente os comentaristas utilizam para frisarem a oposição do escritor frente à expansão do futebol para o interior do País, visto que Graciliano Ramos acrescenta ainda que nas capitais estão as pessoas que pretendem ser de outra raça e que adoram aplaudir as estrangeirices. Mas é o final do artigo “Linhas Tortas”, que está o sarcasmo que permeia seu escrito:

A rasteira! Este sim é o esporte nacional por excelência! Todos nós vivemos mais ou menos de atirar rasteira uns nos outros....E se algum de vocês tiver vocação para a política, então sim, é certeza plena de vencer com o auxílio dela. É aí que ela culmina. Não há político que não a pratique. Desde o senhor Presidente da República até ao mais beócio coronel da roça...todos os salvadores da pátria tem a habilidade de arrastar o pé no momento oportuno.(RAMOS, 1990, p.29)

Monteiro Lobato também arriscou utilizar o futebol, como pano de fundo em sua análise sobre alguns dos males que granjeavam no Brasil, ao escrever sobre a partida envolvendo o Clube Atlético Paulistano (representando o sangue bandeirante) e o SPAC (chamado de os loiros filhos de Albion) em 1905:

A população reconheceu que cada um desses jovens é socialmente mais importante que todos os deputados estaduais juntos...O ultimo gol do Paulistano contra os ingleses, provocou a maior tempestade de aplausos jamais conhecida em São Paulo...é dessa espécie de homens, que precisamos. Menos doutores, menos parasitas, menos senhores feudais, menos deputados e bajuladores e mais struggle for life, mais homens e mais nervos, mas corpúsculos vermelhos, para que um Camilo Castelo Branco não possa repetir que ele tem sangue corrompido nas veias e farinha de mandioca nos ossos. (LOBATO apud ROSENFELD, 1993, p.80)

Sem adentrarmos no mérito desses textos, fato indiscutível, é que no Brasil, surgiram milhares de fãs e praticantes desse esporte, em todos os estratos sociais e grupos étnicos, dos quais selecionamos o Sport Clube Corinthians Paulista e a Sociedade Esportiva Palmeiras, clubes com uma história semelhante, em relação à inserção nas ligas oficiais, no debate referente à profissionalização no futebol e que durante o Estado Novo, foram vítimas da política nacionalista.

O futebol no Brasil se expandiu à comunidade alemã, espanhola, britânica, italiana, árabe e outras, mas também foi praticado em escolas como o Mackenzie College, fundado em 1896 por presbiterianos oriundos dos Estados Unidos. Foi nessa instituição que surgiu, em 18 de agosto de 1898, graças aos esforços do professor Shaw, a “Associação Atlética

Mackenzie College”. Outras entidades educacionais também adotaram o futebol, como os colégios militares, o Anglo-Brasileiro, o Ginásio Nacional e o Vicente de Paula. Entretanto, nenhum teve o mesmo sucesso que o AA Mackenzie College, que foi um dos mais tradicionais clubes de futebol da época, ou mesmo o São Bento, que foi campeão paulista de futebol.⁸

O futebol, nos seus primórdios, se apresentou como um fenômeno de identidade, uma vez que equipes como o São Paulo Athletic e o Paulistano reuniam grupos sociais da elite. O primeiro, ligado a imigrantes ingleses e o segundo, às famílias tradicionais paulistanas, ou o Mackenzie, que aglutinava em suas fileiras os alunos da instituição. O mesmo se aplicou aos clubes de colônia como o Germânia e, mais tarde, ao Lusitano, ao Palestra Itália ou ao Sírio.

As atividades físicas tornaram-se uma grande febre na cidade de São Paulo, como o remo, o ciclismo e, principalmente, o futebol. Na capital paulista, um imigrante alemão chamado Hans Nobiling fundou, com amigos de diversas nacionalidades, o “Hans Nobiling Team”. No Rio de Janeiro, o futebol foi popularizado por um inglês, Oscar Cox, que após sua estadia em Lausanne, na Suíça, acelerou o movimento de fundação do Fluminense Football Club, cujos primeiros sócios eram jovens chefes de empresas e empregados de alto nível. (LEVINE, 1982)

Não foi apenas nos grandes centros urbanos que se disseminou a prática desse esporte. De acordo com os dados da Federação Paulista de Futebol, diversos clubes surgiram no interior do Estado, como:

01/01/1900 - CA Votorantim (antigo Savóia), 11/08/1900 - AA Ponte Preta, 01/07/1907 - CA Pirassununguense, 09/05/1909 - Rio Claro FC, 17/05/1909 - Paulista FC (Jundiaí), 05/06/1909 - CA Ourinhense, 28/08/1910 - AE Velo Clube Rioclarense, 01/09/1910 - EC Noroeste, 01/01/1911 - Agudos FC, 02/04/1911 - Guarani FC 30/04/1911, - Jaboticabal Atlético, 10/10/1911 - Comercial FC (Ribeirão Preto), 15/08/1912 - Corinthians FC (Santo André), 21/05/1913 - EC São Bento, 04/08/1913 - Rio Branco EC, 18/08/1913 - Primeiro de Maio FC, 07/09/1913 - União Mogi das Cruzes FC, 05/11/1913 - AA Internacional (Limeira), 15/11/1913 - EC XV de Novembro (Piracicaba), 09/12/1913 - AA Caçapavense, 03/02/1914 - Cruzeiro FC, 01/05/1914 - São Caetano EC, 07/09/1914 - EC Hepacaré (Lorena), 01/11/1914 - EC Taubaté, 22/11/1914 - União Agrícola Barbarense FC, 09/07/1915 - AE de Guaratinguetá 12/11/1915 - AA Francana 01/05/1917 - Altinópolis FC 12/11/1918 - Botafogo FC (Ribeirão Preto) 28/04/1919 - Amparo FC 01/05/1919 - Bauru AC 19/07/1919 - Batatais FC⁹

⁸ O Mackenzie não se restringiu ao futebol. Outros esportes como o basquetebol, criado nos Estados Unidos em 1892 pelo professor James Naismith, da Associação Cristã de Moços, foi praticado pela primeira vez no Brasil em 1896 e o Mackenzie tornou-se uma das escolas pioneiras da prática dessa modalidade.

⁹ Não estamos considerando, as dezenas de agremiações que surgiram e desapareceram na capital e interior, deixando apenas registros orais.

As Estradas de Ferro foi um fator importante no estímulo à prática do futebol no Estado de São Paulo, na medida em que funcionários de vários escalões participaram da criação de algumas equipes no interior. Com o crescimento do interesse pelo esporte, ocorreram jogos entre clubes de cidades diferentes, dos quais encontramos menções sobre as viagens de trem e o gasto com o transporte dos atletas¹⁰.

Dos clubes surgidos junto às ferrovias, podemos citar o Rio Claro Football Club foi fundado em 1909 por empregados da Companhia Paulista de Estrada de Ferro: Bento Estevam de Siqueira, Constatine Carrocine, João Lambach e o professor Joaquim Arnold. Como eram na sua maioria ferroviários, pediram para que fizessem seus jogos no campo do Grêmio Recreativo dos Empregados da Companhia Paulista das Estradas de Ferro.

Também o Esporte Clube Noroeste de Bauru, fundado em 01/09/1910 por funcionários da Estrada de Ferro Noroeste do Brasil, e o Jaboticabal Atlético, da cidade de Jaboticabal, fundado em 30/04/1911 por funcionários da Estrada de Ferro Oeste, do qual sobressaiu-se o diretor dessa empresa, o canadense Dr. Robert Todd Locke, responsável pela criação do clube.

Outra equipe que teve suas origens ligadas ao avanço das ferrovias pelo interior foi o Paulista Futebol Clube de Jundiaí, fundado em 17/05/1909 por funcionários da Estrada de Ferro Paulista.

Importante destacar que o desenvolvimento dos meios de transporte contribuiu para que muitos clubes do interior fossem convidados a participarem dos campeonatos do início do século XX. Isso se deveu à expansão das malhas ferroviárias, mas também ao primeiro surto de crescimento das rodovias, quando Washington Luís ocupou a presidência do Estado de São Paulo. Mas eram principalmente os vagões de trem que carregavam esses novos bandeirantes, que tinham as chuteiras e as “pelotas” como armas, e que estimularam o gosto pelo futebol pelo interior paulista.

Abaixo, os clubes mais importantes criados em função das ferrovias.¹¹

Estrada de Ferro Sorocabana

CA Sorocabana (Mairinque), Ituano FC, CA Sorocabana (Itapetininga), AA Ferroviária (Botucatu), UA Ferroviária (Cândido Mota), AA Ferroviária (Assis) e União Ferroviária Anastaciana (Santo Anastácio)

Estrada de Ferro Araraquara

A Ferroviária de Esportes (Araraquara) e América FC (São José do Rio Preto)

¹⁰ Ver os anais da Federação Paulista de Futebol, Sociedade Esportiva Palmeiras, Sport Clube Corinthians Paulista e do Santos Futebol Clube, citados no texto, onde encontramos referência aos problemas econômicos que impediram alguns clubes de participarem dos campeonatos por falta de recursos para cobrir os gastos com as passagens de trem, como o Santos, Americano e o Internacional.

¹¹ Anais da Federação Paulista de Futebol

Estrada de Ferro Mogiana
EC Mogiana (Campinas)

Companhia Paulista
Paulista FC (Jundiaí)

Estrada de Ferro Noroeste do Brasil
EC Noroeste (Bauru) e CA Ferroviário (Araçatuba)

Muitos clubes nasceram em razão das ferrovias, empresas ligadas aos britânicos que adotavam os costumes pátrios e foram importantes nesses primeiros anos para a prática do futebol, como podemos perceber pelos nomes de alguns jogadores que tiveram grande destaque nessa época, como Charles Miller, Artur Shaw, Manoel Erickson, Mario Eppingaux, Walter Friese e Oscar Loefresen.

Anatol Rosenfeld (1993) ao destacar a trajetória do Bangu Futebol Clube, apontou que os diretores de empresas inglesas instaladas no Rio de Janeiro, apostavam na presença de funcionários nos times de futebol, porque tinham informação sobre o sucesso desse esporte entre os operários de suas congêneres russas, no estímulo ao trabalho e na formação de um "espírito de corpo".

Em meados do século XIX, construiu-se o ideário de que a máquina humana necessitava ser forjada, para que o máximo fosse aproveitado na linha de produção ou em casos extremos, na frente de batalha. Michel Foucault (1985) descreveu a mudança de comportamento na sociedade européia, onde os princípios "higiênicos-pedagógicos" burgueses foram assumidos por outras classes sociais, pois a valorização de corpos rijos e a prática da educação física, era o novo modelo a ser seguido.

Nessa ótica, parte da literatura sobre o tema aponta que, nos seus primeiros tempos, o futebol foi praticado e sobreviveu graças a uma elite, e se tornou um esporte ligado invariavelmente às pessoas bem-nascidas, brancas e estudantes, vinculadas a um clube ou escola de prestígio, como o Mackenzie College ou o Fluminense.

De acordo com Mário Rodrigues Filho (1964), não bastava saber jogar futebol para entrar num clube como o Botafogo, Flamengo e o Fluminense. Era necessário, antes de tudo, ser de boa família. Ao recolher os depoimentos de vários jogadores que serviram de base para a elaboração de sua obra sobre futebol, notou que, entre os rituais da época do amadorismo legado do estilo britânico, estava o de tomar whisky e cantar músicas em inglês. Isso acabava marginalizando os jogadores mais humildes, que não falavam a língua inglesa e ficavam de fora dessa confraternização. Os indivíduos mais humildes conseguiam driblar essa situação com o aportuguesamento do inglês. Dessa forma, "when more we drink together" e "for he is

a joly good fellow”, foram transformados respectivamente em: “onde mora o pinto Guedes” e “a baliza é bola de ferro”. (RODRIGUES apud SUSSEKIND, 1996, p.23)

Essa mesma temática foi explorada por José Carlos Sebe Bom Meihy(1982), ao apontar que havia grande empolgação com o futebol nas camadas populares, mas não eram fiéis aos padrões lingüísticos originais. No Brasil em cidades ou mesmo nas várzeas e recônditos campos, acontecia uma adesão crescente ao *sport* que ganhava da língua inglesa um “e” e um “s” e assim virava “esporte” e o *shoot* por sua vez, logo virou “*shootar*” e daí para o verbo portuguêsado como *chutar*.

Mesmo que os primeiros campeonatos oficiais fossem disputados apenas pelos clubes de elite, isso não significa que o futebol não estivesse sendo jogado por times de bairro ou por pequenos clubes. Mas os problemas financeiros e mesmo de organização dificultavam a participação dessas equipes em campeonatos oficiais. O futebol praticado por esses grupos era um arremedo da “nobre arte” disputada na liga, mas com todas as suas regras e rivalidades.

Em 5 de março de 1899, ocorreu o primeiro jogo disputado entre clubes no Brasil, o Mackenzie College contra o Hans Nobiling. O resultado foi um empate sem gols. No dia 12 de março de 1899, uma nova partida entre clubes se realizou na chácara Dulley, do São Paulo Athletic Club, no Bom Retiro. Para a marcação das traves foi utilizado barbante. O resultado do jogo foi 3 x 0, para o SPAC, equipe que Charles Miller jogava.

Para organizar um torneio nos moldes em que eram disputados na Europa, atinou-se a criação de uma entidade representativa do futebol. Nasceu a Liga Paulista de Futebol (LPF) fundada por cinco clubes em 19 de dezembro de 1901, responsável pela realização do primeiro campeonato paulista em 1902, vencido pelo São Paulo Athletic. Outras equipes que participaram desse torneio foram o Mackenzie, o Paulistano, o Germânia e o Internacional.¹²

O São Paulo Athletic Club foi uma das primeiras agremiações voltada para o mundo dos esportes no Brasil, criada em 13 de maio de 1888 por britânicos que moravam e trabalhavam no País em diversas companhias inglesas, como a São Paulo Railway (SPR), que utilizava a chácara do norte-americano Charles Dulley no Bom Retiro.

Em 1895, Charles Miller introduziu o futebol entre os seus compatriotas do São Paulo Athletic Club e, juntos, formaram o primeiro esquadrão majoritariamente com sobrenomes britânicos, entre os quais se destacou, ao lado de Miller, o jogador Herbert Boyes, filho do proprietário da têxtil Boyes Industrial em São Paulo.

A Associação Atlética MacKenzie College, fundado em 18 de agosto de 1898, agrupava jovens da elite, como Belfort Duarte, Augusto Shaw, Mario Eppingaux e Ibanez

¹² Anais da Federação Paulista de Futebol

Moraes Salles que representavam as tradições desse “distinto” colégio. O time era formado invariavelmente por atletas que freqüentaram essa instituição.¹³

O Sport Club Internacional foi formado em 19 de agosto de 1899 (1898), reunindo jovens brasileiros e estrangeiros de classe média e alta e contou com Antônio Casimiro da Costa, Leopoldo Vila Real e Hans Nobiling. Por isso, o nome internacional era uma referência à sua multiplicidade étnica. Os primeiros treinos foram realizados na Chácara Dulley e, ao contrário, do Mackenzie e do São Paulo que restringiam a entrada de sócios, o Internacional abriu suas portas para quem pudesse pagar.

Hans Nobiling e Artur Ravache estiveram presentes na criação do Internacional, mas como pretendiam um clube mais próximo da colônia alemã, criaram o Sport Club Germânia, em 7 de setembro de 1899, cujas primeiras reuniões ocorreram na Rua da Mooca nº 115, localizada em uma região que abrigava, nessa época, grande número de imigrantes.

O Paulistano teve sua origem junto aos jovens de famílias tradicionais de São Paulo, como Renato Miranda, Martinho Prado e Olavo de Barros, todos freqüentadores e sócios do Velódromo. Eles resolveram criar o Club Atlético Paulistano em 29 de dezembro de 1900, sendo que o primeiro presidente foi Bento Pereira Bueno.¹⁴

Foram os indivíduos ligados a esses clubes que formaram o núcleo de dirigentes da LPF, jovens oriundos de classes sociais abastadas e que possuíam ligações nos meios políticos e econômicos: 1901-1904 – Antônio Casemiro da Costa; 1904-1905 – Antônio Prado Júnior; 1905-1908 – Armando Prado; 1910-1911 – Luiz Fonseca e 1912-1916 – Oscar Porto.¹⁵

Dessa maneira, era natural que na LPF houvesse certo distanciamento entre os clubes que participavam de seu campeonato daqueles que surgiram nos bairros operários, que disputavam seus jogos na várzea e sonhavam participar dos jogos oficiais. Mas, de acordo com a determinada corrente historiográfica, essa separação foi subvertida dez anos depois da fundação da LPF, quando outros grupos sociais ascenderam à disputa dos campeonatos oficiais. A popularização do futebol no Brasil rompeu, aos poucos, as barreiras que impediam os negros, os mulatos e os pobres de participarem ativamente dos jogos das ligas.

Os dois principais ídolos do futebol brasileiro até a década de 1940 foram Arthur Friedenreich, que adquiriu fama nacional no torneio sul-americano de 1919, e era filho de um

¹³ Entretanto, após o período de afastamento da disputa do campeonato (1907-1912), não se aplicou mais o princípio do time ser formado exclusivamente por alunos e ex-alunos do colégio nos certames seguintes.

¹⁴ O primeiro time foi formado por : Olavo de Barros, Renato Miranda, Jorge Miranda, Jorge Mesquita, Oscar Rocha, João da Costa Marques, Thiers da Costa Marques, Clóvis Glicério, Ibãnez de Moraes Salles, Renato Cerqueira e Edgar de Barros cf Anais do Clube Atlético Paulistano

¹⁵ Anais da Federação Paulista de Futebol.

imigrante alemão bem situado financeiramente com uma negra¹⁶. O segundo foi Leônidas da Silva, jogador negro de origem social muito modesta, e que se tornou grande ídolo esportivo, emprestando sua imagem para propaganda de produtos como chocolate no final dos anos 30.¹⁷

A popularização do futebol, assim como a de outros esportes, como afirma Nicolau Sevcenko, transformou radicalmente a relação do público com o espaço urbano, desenvolvendo um novo conceito do corpo individual e social como máquinas:

O antigo hábito de repousar nos fins de semana se tornou um despropósito ridículo. Todos para a rua. É lá que está a ação. Não é que repousar não seja mais viável, é que se tornou uma obsolescência, uma caduque. Não é descansando que alguém se prepara para semana vindoura, é recarregando as energias, tonificando os nervos, exercitando os músculos estimulando os sentidos, excitando o espírito. (SEVCENKO, 2000, p.33)

Os jornais noticiavam com entusiasmo esse novo estilo de vida, urbano e moderno, com um dinamismo diferente da pacata vida no interior. O público se reunia para aplaudir os novos ídolos, que podia ser um mulato rico ou de origem humilde, um branco de boa família tradicional ou filho de imigrante, ou mesmo um negro, que em breve ocupou um espaço na crônica esportiva.

O entusiasmo popular como mecanismo de motivação aos competidores, fosse no remo, ciclismo, boxe, automobilismo, natação ou maratona, transformavam o público de mero expectador em um agente ativo da própria ação.

Os clubes acompanham essa transformação dos costumes, adquirindo patrimônio e feições particulares. Invariavelmente, esse crescimento esteve ligado, nos anos 1920 e 1930, à consolidação do futebol como um esporte de massa, que se tornou tão característico da cultura brasileira que, segundo Matthew Shirts, uma determinada corrente que analisa o futebol dimensionou o assunto no seguinte ideal:

Não existe carnaval no Brasil, sem futebol, nem futebol sem carnaval, nem sem religião. Os três se combinam harmoniosamente para formar o quadro do homem brasileiro: alegre, dançarino, cantor, amigo do carnaval e do jogo de futebol. (SHIRTS, 1982, p.98)

¹⁶ Mesmo não sendo de uma família tradicional, Friedenreich atuou no Paulistano e em outros clubes paulistas, como o Ipiranga, Mackenzie e Germânia.

¹⁷ O apelido Diamante Negro foi dado pelo jornalista Raymond Thourmagen, da Revista Paris Match. Anos depois, a empresa Lacta homenageou-o com o chocolate de mesmo nome, pagando modesta quantia para utilização de imagem; O mesmo ocorreu com o cigarro “Leônidas” lançado pela Companhia Sudan. (Museu dos Esportes). Ver <http://www.leonidasdasilva.com.br> ou Memorial do São Paulo FC.

É exagerado afirmar que todos os brasileiros são apaixonados por futebol e carnaval, mas não podemos negar que esse esporte transformou-se em peça constitutiva de uma identidade e na criação de estereótipos. Sua popularização permitiu que muitos clubes se transformassem em locais de recreação, lazer, manutenção de traços culturais e de disputas por espaços políticos.

1.2 Os Filhos de Abraão: Palestra Itália e Corinthians.

Falar de futebol é mencionar também o carnaval, já que, historicamente, algumas escolas de samba nasceram de clubes amadores. Nas partidas disputadas por equipes da várzea, havia a presença constante de amigos e torcedores que acompanhavam os jogos para estimular os jogadores e, entre os expectadores, geralmente se destacavam os que animavam a peleja com uma sonora batucada. Logo, a atenção ficava voltada tanto para o campo, como também para a música, que ecoava e integrava, em um único conjunto, o samba e o futebol: uma dupla inseparável nas partidas de várzea.

Das arquibancadas, surgiram blocos carnavalescos que se transformaram em escolas de samba, das quais algumas granjearam sucesso com o passar dos anos, como a Nenê da Vila Matilde, em São Paulo.

A ligação entre futebol e o carnaval pode ser analisado por outro ângulo: a simpatia dos expectadores que passaram a ver nas cores das escolas de samba uma representação dos clubes de futebol, como a Vai-Vai e a Camisa Verde e Branco, que despertavam o entusiasmo respectivamente de torcedores do Corinthians e do Palmeiras.

Essa relação ficou mais nítida quando a “Gaviões da Fiel” e depois a “Mancha Verde” criaram as primeiras escolas de samba ligadas às torcidas organizadas. Elas conseguiram um rápido crescimento e o acesso ao grupo especial. A “Gaviões”, foi campeã em sua estréia no grupo especial em 1995 e seu samba enredo foi um grande sucesso no carnaval, com destaque para o refrão “me de a mão me abraça \ viaja comigo pro céu \ sou gavião levanto a taça \”, entoado pelos seus admiradores nas arquibancadas¹⁸.

Apesar da rivalidade, em 2006, compartilharam a oposição das escolas mais tradicionais, que reclamaram, junto à Liga das Escolas de Samba de São Paulo, sobre a possibilidade de uma explosão de violência que poderia migrar dos estádios para a avenida, já que pela primeira vez as duas agremiações desfilariam no mesmo grupo¹⁹.

¹⁸ O título do samba enredo foi “Coisa boa é para sempre”, de autoria do compositor Grego.

¹⁹ Por decisão da Liga, elas deveriam desfilar em um novo grupo criado especialmente para elas: o de torcida de futebol. Entretanto, aventou-se a hipótese, dessa decisão ser fruto do medo da concorrência, dessas novas escolas.

Ironicamente, o destino uniu os torcedores desses dois clubes, que nasceram nos bairros operários, que agrupavam grande número de imigrantes e seus descendentes, e que tiveram uma trajetória muito semelhante de crescimento do número de torcedores e do patrimônio, tornaram-se, com o passar do tempo, “irmãos” inimigos.

Nas palavras humoradas de torcedores corinthianos, os bons italianos ficaram no clube e os maus saíram para fundar o Palestra Itália. Fato que, se não é confirmado por dados, serviu para estimular a rivalidade entre os clubes e difundir o mito de que o Palestra nasceu de uma dissidência do seu arqui-rival, portanto uma briga em família.

Em 1933, essa rivalidade foi abordada pelo jornal *O Estado de São Paulo*, quando analisou esse fenômeno em razão da transferência de atletas do alvinegro para a equipe dos italianos:

Por cautela preferimos, aludindo a rivalidade antiga, existente entre os dois clubes, recordar um pouco do nosso passado futebolístico, comparando-o ao presente. Porque nasceu semelhante rivalidade? Porque dois ou três defensores do Corinthians, depois da entrada deste para a Associação Paulista, foram ingressar nas fileiras do Palestra Itália, sociedade que havia reunido os campeões dos arrabaldes, de descendência italiana.
O Estado de São Paulo (05.11.1933)

Invariavelmente, o único nome apresentado como indício da “tese” sobre a dissidência é o de Bianco Gambini, que defendeu o Corinthians e sagrou-se campeão paulista em 1914 e, no ano seguinte, jogou pelo Palestra Itália. Ele não esteve presente nas primeiras reuniões que levaram a sua criação, mas apareceu como atleta no primeiro jogo oficial (24.01.1914), em companhia de outros sócios-jogadores do alvinegro, como Almicar, Police e Fúlvio.

Acrescentamos apenas a já conhecida trajetória desse atleta, cujo nome consta na ata da reunião realizada no dia 10 de janeiro de 1914, como associado do Corinthians, participando da votação que reelegeu Alexandre Magnani e que aprovou a contratação de uma firma especializada para cobrar os associados em atraso. Nesse documento, consta a indicação de Bianco Gambini, Casemiro Gonzáles e Antônio Peres como diretores esportivos²⁰.

²⁰ Arquivo do Sport Clube Corinthians Paulista.

1.3 A História de Ismael: O Sport Clube Corinthians Paulista

Nesses primeiros anos de disputa do campeonato patrocinado pela Liga Paulista de Foot-Ball (LPF), participavam basicamente os clubes de elite. Mas, em 1913, ocorreu uma das primeiras crises em torno do futebol paulista quando o Paulistano, com apoio do Mackenzie e da A.A. das Palmeiras, criou a Associação Paulista de Sports Atléticos (APSA), que ganharia força nos anos seguintes até sobrepujar a rival. De 1917 até 1925, foi a única liga existente, mas em 1926, o Paulistano foi autor de outra cisão, ao criar a Liga dos Amadores de Futebol (LAF), que seria a grande rival da APEA nos anos seguintes.

Enquanto o campeonato oficial era disputado por clubes pertencentes à elite, o futebol se desenvolveu com muita rapidez pelos grandes centros urbanos, especialmente no Rio de Janeiro e em São Paulo. Os bairros que abrigavam as classes populares viram nascer inúmeros clubes para a prática do futebol, formados por amigos que desenvolveram o gosto por essa atividade esportiva.

Os atletas que formaram os primeiros quadros do Palestra e do Corinthians já praticavam o futebol em outras agremiações que, por múltiplas razões, não vingaram, no sentido de não conseguirem oficializar-se, e desapareceram. Esses clubes e tantos outros, onde se encontravam os mais diversos estratos sociais, são indícios de que a popularização não pode ser medida somente pelo sucesso do Palestra Itália e do Corinthians por alçarem a liga oficial. Esses dois clubes são, na realidade, conseqüências do processo de popularização ou expansão do fenômeno esportivo. Concomitante aos jogos disputados na liga oficial que ocorriam em pontos especiais da cidade, como o Velódromo, Chácara Dulley ou Parque Antártica, haviam os jogos varzeanos promovidos por clubes modestos e que produziam um espetáculo menos galante, mas disputado com o mesmo espírito competitivo.

A partir do levantamento dos primeiros jogadores que defenderam a equipe do Palestra Itália, encontramos referência aos seguintes clubes de origem de alguns atletas: Ítalo Brasileiro F.C. da Mooca, Campos Elíseos, Tiradentes, Saturno do Bom Retiro, Cruzeiro do Sul, Norte Americano do Gasômetro e Lira do Brás. E o Corinthians, **criado em 1910**, debutou no futebol contra equipes aguerridas como União da Lapa e o Estrela Polar que, junto com o Botafogo e o Campos Elíseos, também foram os primeiros celeiros de jogadores que vestiram a camisa alvinegra do Bom Retiro.²¹

²¹ Informações extraídas de Diaféria (1982), Unzelte (2000), Mazzoni (1950) e arquivos da S.E.Palmeiras e S.C.Corinthians Paulista.

As crônicas sobre a fundação do Corinthians, escritas em diferentes épocas por Thomaz Mazzoni (1950), Antoninho de Almeida (1976) e Lourenço Diaféria (1992), dramatizaram uma experiência presente no cotidiano de inúmeras equipes varzeanas que foram criadas nesse período, mas refletem também a trajetória de um clube que, com o passar dos anos, virou um fenômeno que ultrapassou as barreiras do futebol e se transformou em um pólo de identidade:

O Corinthians Paulista é o “filho” que conseguiu reunir, já nos primeiros anos de existência, elementos de diversos grupos étnicos como italianos, espanhóis, árabes, portugueses e alemães, que se uniram aos brasileiros em nome de uma paixão: o futebol.

Em seus estudos sobre História Oral, o professor José Carlos Sebe Bom Meihy tem demonstrado uma atenção especial para a questão da identidade, assinalando que um indivíduo pode ser identificável por vários fatores. De acordo com algumas entrevistas concedidas por torcedores do clube, é possível detectarmos referências básicas em suas narrativas, sobre uma identidade “corinthiana”:

“Quando cheguei ao Brasil, com toda uma experiência de militância política, me disseram que o Corinthians representava a massa e o operariado; não tive dúvidas, virei corinthiano.” (Gabriel Otamendi, setembro. 2005)

“Para meu pai, ser corinthiano era uma coisa de identidade, dizia que nós éramos mais brasileiros por isso, já que o Corinthians era um clube diferente do Palmeiras, que não aceitava negro. Como minha família era de negros, a maioria dos meus parentes que gostavam de futebol seguiu o exemplo do meu pai. Hoje, é claro que meus filhos e sobrinhos possuem outra visão.” (Joanira Custódio Nascimento, junho.2006)

“Quando comecei a acompanhar o futebol, tinha doze anos e isso foi por volta de 1940; meus irmãos jogavam bola lá na Bahia, éramos uma família pobre e, onde morávamos em São Paulo, nossos vizinhos diziam que o Corinthians era igual a nós, um time sofredor, que sempre tem que lutar mais que outros. Então acredito que começou assim essa paixão, identificando o sofrimento do time com o da minha família.” (Jocélio Avelino Piedade, maio.2006)

“O Corinthians tem isso de sofredor, é sempre uma vitória nos últimos minutos. Lembro que ia com meu pai assistir os jogos quando era criança, ficávamos até o final, porque sabíamos que era nos derradeiros instantes que vinha alguma surpresa. Acredito que isso é um fato marcante de identificação para o torcedor, a angústia, o sofrimento.” (Juca Kfour, março.2005)

A mídia, de acordo com Celso Unzelte, explorou os vinte e três anos que o clube ficou sem ganhar um título:

“Em cada campeonato que se iniciava, era a esperança de redenção e conquista. Incrivelmente, a torcida cresceu nessa época de ‘vacas magras’, talvez por isso o estigma criado de ‘fiel’, alguém que está sempre por perto, que acredita mesmo nas horas difíceis.”(Celso Unzelte, outubro.2004;março.2005)

A história do Corinthians está ligada também à trajetória do alfaiate Miguel Bataglia e do cocheiro Alexandre Magnani, que trabalhava nas imediações da Estação da Luz. Em 1910, o futebol de várzea já estava incorporado ao cotidiano da cidade de São Paulo, quando ocorreu a visita do Corinthian Theam, episódio considerado uma grande atração para o mundo esportivo e que influenciou Miguel Battaglia e Alexandre Magnani a se reunirem com os amigos e discutirem a possibilidade de fundarem um clube para a prática do futebol.

A gênese da equipe brasileira encontra-se relacionada à excursão de um clube representando as cores da Inglaterra e que veio demonstrar a nobre arte do futebol: o Corinthian Football Club que se exibiu no Rio de Janeiro com grande sucesso, vencendo várias partidas, inclusive contra um combinado brasileiro. Em São Paulo, o feito repetiu-se e os jornais destacaram a presença do “Corinthians Team” em terras brasileiras, acrescentando a letra “s” no final, como argumenta Lourenço Diaféria (1992), já que o time paulista, que seria fundado em deferência ao clube londrino, adotou o nome de Corinthians²².

Os primeiros que se mostraram suscetíveis a esse projeto foram Joaquim Ambrósio, Carlos da Silva, Rafael Perrone e Anselmo Correia, funcionários da oficina mecânica da empresa São Paulo Railway no bairro da Lapa. Por coincidência, foi justamente quinze anos antes que Charles Miller havia coordenado o primeiro jogo de futebol na cidade, com colegas e funcionários da SPR. Charles Miller foi também duas vezes artilheiro do campeonato paulista, defendendo o São Paulo Athletic Club. Mediante a lista dos goleadores dessas primeiras temporadas, observamos a presença de sobrenomes estrangeiros, mas também uma outra característica que está presente no nosso futebol: a utilização de apelidos ou diminutivos para identificar os jogadores, como Bibi, Zonzo, Costinha e Tutu (Paulistano), Neco e Bororó (Corinthians) e Léo (Internacional)²³.

Joaquim Ambrósio, Carlos da Silva, Rafael Perrone e Anselmo Correia, funcionários da SPR, provavelmente participaram de algum time formado por empregados dessa empresa, fato muito comum nessa época. Outras pessoas também se fizeram presentes nessas discussões iniciais, como o pintor de paredes e empreiteiro Antônio Pereira, José Gonzáles,

²² Bataglia, Magnani e outros funcionários da SPR, estavam impressionados com o futebol e após assistir a exibição dos ingleses, procuraram Charles Miller e expuseram seu projeto, pedindo a sugestão de um nome, a resposta foi: homenagear a equipe visitante. Cf Charles William Rule apud Mills (1996)

²³ Sobre a utilização de diminutivos ou apelidos para os atletas que atuam na linha e a questão do racismo no futebol brasileiro, ver texto de Alex Belos sobre os trabalhos de Paulo Guilherme e José Carlos Sebe Bom Meihy(www.alamedaeditorial.com.br).

também pintor de profissão e filho de imigrantes espanhóis, o confeitiro Afonso Desidério e o dentista João Batista Mauricio, que juntos com outros personagens, criaram, em 1º de outubro de 1910, o Sport Club Corinthians, uma homenagem ao time inglês.

A primeira diretoria eleita demonstra que era um clube fundado por trabalhadores dos mais variados setores, como o alfaiate Miguel Battaglia ou Alexandre Magnani que tinha a profissão de cocheiro e fundidor, como também os operários Joaquim Ambrósio, Carlos da Silva, Rafael Perrone e Anselmo Correia.²⁴

Primeira Diretoria do Corinthians:
 Presidente - Miguel Bataglia
 Vice-presidente - Alexandre Magnani
 Secretário – Salvador Lopomo
 Tesoureiro – Jorge Campbell
 Procurador – Felipe Valente
 Cobrador – João Morino
 João da Silva, Antonio Nunes e Carlos Silva foram nomeados diretores especiais.

A iniciação no campo esportivo ocorreu em 10 de setembro de 1910: Corinthians 0 X União da Lapa 1. O alvi negro foi escalado com: Valente, Perrone e Atílio, Lepre, Alfredo de Assis e Francisco Police; João da Silva, Jorge Campbell, Luiz Fabi, César Nunes e Joaquim Ambrósio.²⁵

A mesma equipe foi repetida nos dois jogos seguintes, contra o Estrela Polar e a Associação Atlética da Lapa. Desse primeiro esquadrão, alguns atletas ocupavam cargos de direção como Valente, Campbell, Nunes, Ambrósio e João da Silva, e os outros eram associados. Esse detalhe é interessante porque demonstra uma relação dos sócios que são também atletas, e reforça a concepção do Corinthians como um clube criado para que seus associados pudessem praticar o futebol, seja no primeiro ou no segundo quadro. Em comparação com o Palestra Itália, não encontramos referência dos diretores atuando como jogadores. Mesmo tendo sido criado com o objetivo de unir os italianos que praticassem o futebol, seus idealizadores não estavam escalados, pelo menos no primeiro quadro.

Miguel Bataglia esteve à frente do Corinthians por pouquíssimo tempo. Demitiu-se por motivos particulares e seu lugar foi ocupado por Alexandre Magnani, que esteve na presidência por quatro anos. Foi sucedido por Ricardo de Oliveira que enfrentou vários tipos de problemas: alguns ligados à situação financeira, como também a crise iniciada por um dos

²⁴ As informações sobre a profissão desses fundadores e da primeira diretoria variam de acordo com a fonte consultada, por isso, optamos pelos trabalhos de Thomaz Mazzoni, Lourenço Diaféria e Antoninho de Almeida, que tiveram acesso às atas fornecidas pela diretoria do clube. No caso de Lourenço Diaféria, apresentou ao autor desse trabalho, cópias de alguns documentos.

²⁵ O Corinthians foi escalado com: Valente, Perrone e Atílio, Lepre, Alfredo de Assis e Francisco Police; João da Silva, Jorge Campbell, Luiz Fabi, César Nunes e Joaquim Ambrósio: cf Unzellte (2000)

sócios fundadores, Anselmo Correia, que se considerava injustiçado por ter perdido a posição de goleiro no segundo quadro para um sócio mais novo, Sebastião Casado.

Consta na ata de 11 de julho de 1913, que o diretor de futebol, Casimiro de Abreu, contornou a situação, apaziguando os ânimos do sócio descontente.

Tendo entrado na qualidade de sócio um goal keeper muito superior ao sr. Anselmo Correia, a comissão não tinha hesitado na escolha e que tal medida tinha sido correta, porque tanto Anselmo Correia quanto Sebastião Casado eram sócios com os mesmos direitos.²⁶

Esse conflito evidenciou a prerrogativa que os associados tinham de discutir sua escalação no time, fato importante o suficiente para ser detalhado nas atas. Isso se deveu aos estatutos do clube, pois dentre os direitos dos jogadores no artigo 18º, estavam previstos:

1- Os jogadores do primeiro e segundo quadro, bem como seus reservas são isentos de qualquer contribuição, quando considerados efetivos nesses quadros, pelos diretores de esporte.

a) Os jogadores que sem motivo justificado, faltarem aos treinos ou aos matches ficarão sujeitos às penas que serão impostas pela Diretoria....

b) Jogador algum, poderá comprometer-se para jogar em clube estranho, sem prévio consentimento da Diretoria.

c) Os jogadores recorrerão a Diretoria, todas as vezes que julgarem injustas as resoluções dos capitães e diretores esportivos.²⁷

O alvi-verde foi criado na passagem da administração de Alexandre Magnani para Ricardo Oliveira. Nesses primeiros anos de atividade, o Corinthians, de acordo com seus balancetes, apresentou as seguintes fontes de receita:

Receitas abril de 1913
Entradas vendidas no Parque Antártica R\$ 614\$200
Mensalidades de sócios R\$116\$000
Lista de rateio R\$190\$000 (129-130)
Receitas de junho de 1913
Entradas vendidas no Parque Antártica R\$190\$500
Entradas vendidas no Parque Antártica R\$75\$400
Mensalidades de sócios R\$226\$000
(Diaféria. 1982: 130)

²⁶ Arquivo do Sport Clube Corinthians Paulista

²⁷ Estatutos do Sport Clube Corinthians Paulista de 1918, registrado por Gastão Vidigal no Registro Geral de Hipotecas (1ª Circunscrição-SP), fornecido pelo colaborador Ernesto Cassano. Como observamos nos arquivos do Paulistano, Germânia e Palestra, existem referências ao sócio-jogador, mas com diferentes graus de prerrogativas.

Não existe referência ao número de expectadores presentes em cada partida, mas mediante análise do balancete percebemos que, por duas vezes, a receita com a venda de ingressos superou o valor arrecadado com a mensalidade dos sócios, o que aponta a existência de um público nas partidas disposto a desembolsar um valor para assistir aos jogos do time, nesse aspecto, não encontramos diferença entre os clubes de elite e os de várzea, uma vez que ambos se apresentam para um público cada vez mais presente e atento às tramas do futebol.²⁸

A importância dessa pequena multidão presente nos jogos pode ser avaliada quando se realizou a reunião que deu origem a Liga Paulista de Football. Ao se cogitar a idéia da criação de uma entidade para organizar os campeonatos, algumas pessoas questionaram a maturidade dessa aventura e indagaram sobre como essa liga iria sobreviver. A solução foi encontrada por Antônio Casimiro da Costa:

A liga sobreviveria da rendas dos jogos, cobraria 2\$000 pelos ingressos aos que quisessem assistir aos jogos **e do montante apurado**, cinquenta por cento seria para os clubes e a outra parte, para a liga. Seria essa entidade que deveria também divulgar os jogos junto aos jornais. (MILLS, 1996, p.53)

Percebemos pela proposta de Casimiro da Costa que serviu de base para a organização da LPF, que o futebol adquiriu rapidamente um duplo status. Em primeiro lugar, podemos concluir que se transformou em uma atividade paga de lazer para o público; o outro revela que o futebol, nesse contexto, deixou de ser uma atividade ligada à Educação Física e adquiriu um caráter competitivo, em que os atletas não estavam praticando exercícios corporais, mas disputando um torneio e, dessa situação, surgiu à rivalidade entre os clubes.

A existência de renda foi importante para a organização e o desenvolvimento do futebol. No entanto, outra situação peculiar que denota atenção foi à restrição dos clubes de elite em pagar salário aos jogadores por serem contrários ao “profissionalismo” que, em breve, seria um pomo de discórdia entre alguns clubes e ligas. Por outro lado, não ocorreu à mesma postura em relação à cobrança de ingresso dos torcedores, valor que seria destinado para as despesas dos times, da federação e da propaganda.

Segundo John Mills (1996), a partida de desempate do campeonato paulista de 1902, ocorrida no dia 26 de outubro às quatro horas da tarde, foi coberta pelo jornal “O Estado de

²⁸ Até a década de 1930, existem várias referências a isenção da cobrança de ingressos dos associados, dessa forma, o público pagante, não era formado exclusivamente pelos sócios. Assim, havia pessoas que pagavam para assistir as pelepas, fosse pelo simples lazer ou pela subjetividade de torcedor de uma agremiação específica.

S.Paulo”, que destacou a elegância das pessoas presentes na arquibancada, estimando em quatro mil expectadores para a partida entre o Paulistano e o São Paulo Athletic.

Dessa relação entre o público e o futebol, ocorreu a transformação do expectador em torcedor, conforme as pessoas deixaram de ser meros coadjuvantes para se incorporarem a um conjunto mais amplo, que contribuiu no sucesso do futebol como esporte de massa. Com a existência de um público pagante, originou-se logicamente a renda e esta foi decisiva para a manutenção da federação e dos próprios clubes. Um terceiro componente (torcedor) se juntou (ao clube e aos atletas) para formar esse “complexo cultural” que, na definição de antropólogos como Herskovits (1963), é constituído de um sistema de elementos interligados, harmônicos e independentes, mas que estão organizados ao redor de um foco central.

Nos primeiros anos, os atletas e os dirigentes eram as figuras centrais dos clubes. Com o tempo, um elemento externo se tornou mais importante que ambos: o torcedor que reúne pessoas das mais variadas posições sociais, étnicas ou afiliações políticas, mas que também se entendem por um outro papel que o define perante a sociedade: torcedor de um determinado time de futebol.

De acordo com Zygmunt Bauman (2004), o homem moderno é possuidor de múltiplas identidades, consideradas “bênçãos ambíguas”. Elas são negociáveis e procuradas por eles, que buscam um “nós”, para se ter acesso. Esse aspecto foi observado por Hilário Franco Junior (2007), ao afirmar que os torcedores recriaram novos clãs, com seus ritos, cores, músicas, adereços e mitos, que proporcionam sentido aos seus participantes. José Carlos Sebe Bom Meihy (2005) e Zygmunt Bauman (2005) destacam que esses elementos podem ser considerados como fatores de unidade e coerência na formação de uma comunidade de destino.

O contínuo crescimento de público interessado nos espetáculos, tanto nos jogos das elites quanto nos de várzea, contribuiu para uma crescente identificação entre torcedores e os times de futebol. Não foi sem propósito que Antônio Alcântara Machado escolheu justamente um jogo entre as duas equipes mais populares da cidade como pano de fundo para um de seus contos, intitulado “*Corinthians 2 x Palestra 1*”, editado em 1927.

1.4 A História de Isaac: Palestra Itália.

A Sociedade Esportiva Palmeiras é um dos mais tradicionais clubes de futebol do País, tendo torcedores espalhados em todo território nacional e mesmo no exterior, como podemos perceber no depoimento de Olavo Realli que foi responsável por indicar os representantes do Palmeiras em outras cidades do Brasil durante a década de 1990.

“escrevi para as prefeituras, para nomearem ou indicarem algum representante daquela cidade, que aceitasse o cargo, examinei o estatuto e notei que o representante tem que ser classificado na categoria de sócio do interior... hoje, temos uma média de seiscentos representantes espalhados no mesmo número de cidades pelo país” (Olavo Realli, junho.2000).

Para diversos entrevistados, existe também uma característica marcante relacionada ao torcedor do time:

“O palmeirense sempre teve a qualidade de rir de sua própria situação, os velhos corneteiros eram figuras identificadas ao clube. Usavam a ironia para criticar... é algo que está no sangue italiano; um ser passional, mas ao mesmo tempo, com a capacidade de extravasar com bom humor seus sentimentos”. (Luiz Gonzaga Belluzzo, agosto.2004)

Apesar de o Palmeiras ainda ser conhecido como um clube ligado à colônia italiana, sua torcida atual reflete a formação multiétnica do País. Mas até a primeira metade do século passado, esta não era a realidade, como podemos perceber nas memórias de Amadeu Bovi: “Nos anos vinte e trinta, não tinha preto no Palestra e os torcedores eram noventa por cento italianos ou filhos de italianos”. (BOSI, 1984, p.71)

Essa mesma percepção foi compartilhada por um dos maiores ídolos na história do clube e arqueira titular durante muitas temporadas na década de 40: Oberdan Catani: ... “o Palmeiras não é mais um clube de italianos e temos torcedores fanáticos de toda etnia e em qualquer região do país, antigamente não, era muito raro encontrar um negro” (junho.2000).

Olavo Realli ressaltou sua surpresa ao conhecer um torcedor palmeirense de origem afro-descendente:

“Quando mudei para São Paulo em 1950, nunca tinha visto no interior um torcedor negro e me assustei quando na capital conheci vários que eram torcedores do time. Eu era funcionário da Estrada de Ferro Sorocabana e foi à primeira vez que vi um negro palmeirense...Foi uma surpresa enorme e ele contou-me sua história; quando era criança sua mãe(viúva) trabalhava em uma casa de família italiana, por influência do meio familiar começou a torcer pelo time” (junho.2000)

Nas palavras do economista Luiz Gonzaga Belluzzo:

“No Palmeiras, predominantemente a classe média é que era sócia, os italianos que tinham ascendido socialmente. Nas arquibancadas ou na geral, encontravam-se pessoas de todas as condições econômicas. Eu não gostava de assistir futebol nas numeradas, preferia ficar no meio da multidão. Então fui notando a mudança da feição da torcida. Anteriormente predominavam

os descendentes de europeus, principalmente italianos, mas essa composição étnica se alterou com o tempo”.(agosto.2004)

Nesse período, eram os bairros operários do Brás, Bexiga, Mooca, Cambuci, Barra Funda, Bom Retiro e Lapa entre outros, que abrigavam parte de seus torcedores. Mas, esses bairros não era exclusividade dos italianos e seus descendentes. O espaço era dividido com brasileiros, portugueses, árabes, judeus e espanhóis. No entanto, as comemorações religiosas tradicionais dessas localidades permitem perceber a enorme influência italiana, como as festas de Nossa Senhora da Achiropita, de Nossa Senhora da Casaluce, de São Vito e de San Gennaro.

O futebol de várzea era considerado uma espécie de preparação para os jogos oficiais de domingo à tarde, já que, naquela época, pouquíssimos estádios tinham condições de realizar jogos à noite, devido à falta de iluminação²⁹.

A própria proliferação dos campos de futebol nas várzeas operárias é, de acordo com Nicolau Sevcenko (1992), testemunho da importância e motivação que essa atividade esportiva exerceu sobre a população mais humilde, fossem brasileiros natos ou imigrantes, cuja participação efetiva dos “carcamanos”, foi de muita importância.

Relembrando sua infância, Boris Fausto remete ao reconhecimento do futebol de rua como um traço importante da socialização dos garotos que brincavam e jogavam bola:

Foi na Estevão de Almeida que tomei contato pela primeira vez, com o futebol. O entusiasmo pela bola é um indicador, entre outros, do meu grau de integração aos costumes pátrios. A paixão futebolística não nasceu por influência do meio familiar e sim como adesão a um traço cultural do País. (FAUSTO, 1997, p.105)

O futebol, como traço cultural brasileiro, permite quebrar alguns estereótipos como o de que grupos como judeus e árabes, não estivessem atentos às atividades lúdicas e esportivas que caracterizavam os bairros operários de São Paulo. Essas comunidades, consideradas “mais fechadas”, procuravam conviver em torno de si mesmo, fato que podemos observar pelo trecho a seguir:

²⁹ O futebol de várzea continuou ao longo dos anos, com uma característica marcante do mundo masculino, que opunha a rua (homem) e a casa (mulher), nesse aspecto o campeonato varzeano “desafio ao galo” foi até a década de 1980, importante torneio para times amadores, inclusive com transmissão pela televisão aos domingos pela manhã, na medida em que à tarde estava reservada para os jogos oficiais. Interessante ressaltarmos que com raras exceções, poucos clubes da primeira divisão arriscaram ao longo dos anos, fazer seu mando de jogo em horário alternativo pela manhã. À tarde e a noite, é o espetáculo de gala, hábito que está arraigado entre os torcedores e que hoje envolve ainda os interesses dos meios de comunicação.

Os imigrantes judeus marcados pelo conservadorismo, não cogitavam no casamento dos filhos com pessoas de outras origens religiosas. No início se incomodavam com casamentos com asquenazis, conhecidos por gringos(...). O fantasma dos casamentos mistos incomodava a colônia como um todo; a pressão familiar e comunitária sobre o sexo feminino era maior. (MIZRAHI, 2004, p.171)

Os casamentos e os namoros eram coibidos, mas o jogo de futebol, mesmo não aprovado pelos mais conservadores, foi, aos poucos, conquistando corações e chuteiras. Segundo a mesma autora, o surgimento de um grêmio judaico recreativo na Mooca, em junho de 1942, possibilitou a criação de um time de futebol, o Grêmio Sinai, que agregou os jovens judeus praticantes desse esporte na região.

A comunidade árabe também estava integrada aos costumes locais, como o futebol, pois desde 1917 tinha uma equipe representando essa grande colônia, o Sport Club Syrio que, no ano seguinte, disputou seu primeiro campeonato paulista da segunda divisão.

Como diferencial do Grêmio Sinai e mesmo do Palestra Itália no seu início, percebemos que a primeira equipe de futebol do Sírio não era formada apenas por imigrantes árabes ou seus descendentes. Estes conviviam nas quatro linhas do campo com atletas cujos nomes apontavam para a formação de um quadro esportivo multiétnico.³⁰

São Paulo era uma cidade que demonstrava sua tendência para tornar-se metrópole, impulsionada pelo capital oriundo do ciclo do café no século XIX e pela crescente industrialização. Assim como outras regiões do Brasil, o estado de São Paulo havia recebido uma leva muito grande de imigrantes nos séculos XIX e XX. Entre os quase três milhões e meio de imigrantes que entraram no País, entre 1890 e 1929, cerca de 40% eram italianos. Em 1913, tivemos a visita de uma equipe italiana de futebol, o Pro-Vercelli, e, no ano seguinte, foi a vez de outro clube, o Torino.

O ano de 1914 foi marcado pela eclosão da 1ª Guerra Mundial, exatamente no mês de agosto. O conflito na Europa se alastrava com a entrada das grandes potências do “velho mundo”. Essas notícias chegaram a capital paulista, cujo prefeito, Washington Luís Pereira de Souza, seria, alguns anos mais tarde, Presidente do Estado e depois, Presidente da República. Entre os diversos legados de Washington Luís na área esportiva, a criação da “Taça Cidade de São Paulo” lhe valeu elogios na imprensa:

Esse gesto do sr. prefeito municipal demonstra bem quanto s.exa. se interessa pelo problema da educação physica de nossa mocidade, para qual

³⁰Equipe do Sírio em 1921: Athiê, Benjamin, Nílho, Salim.Milanesi, Mezinho, Belini e Viola.Arthur, Barena e Carnaval. Equipe do Sírio em 1923: Tuffy, Galvão, Loschiavo, Mezinho e Milanesi; Artur, Oliosé, Luis Dino; Bellini e Alavrizza cf Celso Unzelte (arquivos)

todos os homens da administração pública devem voltar, nesse momento mais que nunca, as suas vistas. (ARAÚJO, 2000, p.61)

Washington Luís foi um entusiasta defensor das atividades esportivas em prol da valorização humana. Quando prefeito da capital paulista contratou professores suecos de ginástica para as escolas públicas do município, cultivando, ele mesmo, a imagem de uma pessoa atlética. (SEVCENKO, 2000)

Na plataforma de sua campanha à presidência do Estado de São Paulo, Washington Luís defendeu as seguintes propostas referentes à instrução pública:

A instrução pública do Estado que por muitos títulos tem sido tomada como modelo, precisa se estender a toda parte onde haja quem deva aprender... Da mesma forma, deve ser obrigatória a educação física. Antes mesmo de ser instruído, tem o homem a obrigação de ser forte. É necessário desenvolver a inteligência do homem para o habilitar para as lutas atuais que se fazem em esferas mais elevadas que antanho; mas é preciso desenvolvê-lo fisicamente para todas as lutas da vida, mesmo para as intelectuais. (GOMES, 1969, p.175)

Dentre os dez pontos essenciais para o ensino público, quatro versaram sobre educação física. Nota-se que Washington Luís estava alinhado com as concepções em voga na Europa que destacavam a importância da questão física não estar separada da educação intelectual na formação dos jovens:

4º Tornar obrigatória a educação física, preocupação dominante na transição do século XIX para o século XX de que Herbert Spencer se fez arauto, proclamando antes do homem o animal.

5º Lastrear o preparo para as lutas pela vida, mesmo no plano intelectual, com excelente base física.

7º Situar no mesmo plano de valor social a escola que dá a formação intelectual, e as entidades que se preocupam com o desenvolvimento físico, tornando uma verdade o “mens sana in corpore sano”, conforme a **fares** de Juvenal.

8º Incrementar a criação de escolas e fomentar o aparecimento de entidades desportivas, de modo que aquelas e estas estejam presentes nas cidades, vilas e nas fazendas. (GOMES, 1969, p.177)

São Paulo, então com cerca de 320 mil habitantes, era um reduto de imigrantes. Por volta de 1914, a cidade era um grande mosaico cultural, onde conviviam italianos, espanhóis, portugueses, alemães e árabes, que dividiam o espaço da metrópole com os brasileiros. É nesse cenário que Vincenzo Ragognetti, Luigi Cervo, Luigi Marzo e Ezequiel Simone, influenciados pelas exposições das equipes estrangeiras, resolveram criar um clube que fosse

representante da comunidade italiana. Para isso, publicaram uma carta no jornal “Fanfulla” pedindo adesão dos patrícios.

O futebol, apontado como “patrimônio” da elite, já estava incorporado ao cotidiano das demais camadas sociais, e a disseminação desse esporte nos bairros operários é identificada com sua popularização. Notemos uma diferença na utilização dos termos: se o ciclismo era um esporte muito apreciado e inclusive popular, a sua prática estava reservada para aqueles que tinham condições econômicas de comprar uma bicicleta. A mesma questão financeira impedia o acesso ao remo. O futebol de rua é uma atividade improvisada. Com exceção da bola, o campo e as linhas podem ser demarcados pela imaginação dos jogadores, e as traves, com pedras. Mesmo as crianças mais carentes podiam praticá-lo com bola de meia ou qualquer outro material, como destacou Antônio de Alcântara Machado em “Gaetaninho”

O Nino veio correndo com a bolinha de meia. Chegou bem perto, com o tronco arqueado, as pernas dobradas, os braços estendidos, as mãos abertas... Gaetaninho ficou pronto para a defesa.

- Passa pro Beppino!

Beppino deu dois passos e meteu o pé na bola. Com todo o muque. Ela cobriu o guardião sardento e foi parar no meio da rua.

- Vá dar tiro no inferno!

- Cala a boca, palestrino!

(MACHADO, 1994, p.27)

Não foi um fato casual que, em 13 de agosto de 1914, Vincenzo Ragnetti, jornalista de origem italiana, enviou uma carta ao jornal Fanfulla em que expressou o desejo da criação de um clube que unisse a comunidade italiana em São Paulo, que foi publicada no dia seguinte:

São Paulo, 13 de agosto de 1914.

Uma palavra apenas, e para esta um cantinho no vosso jornal. Eis do que se trata: alguns conhecidos futebolistas italianos, mas associados a clubes brasileiros, encarregaram-se de escrever-vos à cerca de um projeto por eles idealizado entre dois goles de café, fazendo-me então compreender que de tal projeto o vosso jornal deverá tornar-se o propugnador e o propagandista.

Nós temos em São Paulo - afirmam os referidos esportistas - o clube de futebol dos alemães, dos ingleses, dos portugueses, dos internacionais e mesmo dos católicos e dos protestantes, mas um clube que seja composto exclusivamente de esportistas italianos, e sendo a nossa colônia a maior do Estado, nada se tentou ainda realizar!

Futebolistas italianos que jogam bem, encontram-se em São Paulo porque, de comum acordo, não reunimos os referidos senhores, e assim como temos associações do remo, filodramáticas, mundanas, patrióticas, entre outras, de estrutura italiana, poderemos também ter um clube de futebol exclusivamente italiano.

Ai fica a propostos futebolistas italianos; com Vossa Senhoria senhor diretor, o comentário.

Vincenzo Ragnetti"³¹

Na reunião, compareceram trinta e cinco pessoas, e Luigi Cervo, funcionário da Casa Matarazzo, foi encarregado de elaborar um estatuto, que acabou sendo redigido em italiano. As primeiras atividades foram na rua Libero Badaró e no Parque Antártica, que era, então, sublocado de outra equipe, o Nacional, que o alugava da Companhia Antártica Paulista.

O objetivo do clube, segundo o estatuto, era o de cultivar o esporte em geral e desenvolver o futebol em particular.

*STATUTO PALESTRA ITALIA S. PAOLO
FONDATA IL 26 AGOSTO 1914*

CAPITOLO I

Della Società e suoi scopi

Art. 1º - E costituita com sede e domicilio giuridico in São Paulo, una Società Italiana denominata "Palestra Italia", fondata il 26 Agosto 1914.

Art. 2º - Scopo della Società e colvitare gli sport in generale e aviluppare il gioco del calcio (foot-ball) in particolare, prestando appoggio a tutte quelle iniziative e manifestazioni che si propongono il fine dell'educazione fisica, come fattore di rinvigorismento della razza, di integrazione del carattere e di aviluppo dello spirito associativo, fra i connazionali anzitutto, poi fra questi e di figli del paese e gli ospiti di altre nazionalità.

Art. 3º - Questo programma strettamente sportivo della Società potrà essere allargato ed integrato com manifestazioni di carettere diverso (Feste sociali, conferenze, beneficiate ecc.), sempre che tali manifestazioni non contraddicano le basi costitutive della Società, ma contribuiscano anzi alla concordia, al buon nome ed alla popularita della Società.

Art. 4º - La Società quindi non há carettere politico o religioso, ne un'impronta esclusivamente nazionalista, pur volendo mantenere quello spirito d'italianità ché nel suo nome e ché uno degli scopi della sua costituzione, come appare dagli articoli 1º e 2º.

CAPITOLO II é Dei Soci

Art. 5º - Possuono far parte della Società, cittadini di qualsiasi nazionalita, residenti in S. Paulo o no, purché non all'estero, che abbiano compiuto il 16 anno d'età , che accettino il presente Statuto e la cui moralità sai tale da non danneggiare moralmente la Società.

Art. 6º - Esistono 6 categorie di Soci : Onorari, Benemeriti, Fondatori, Effettivi, Perpetui e Contribuenti.

Comma a Sono Soci Onorari quelli che vengono nominati tali dall'Assemblea, su proposta del Consiglio Direttivo.

Comma b Sono Soci Benemeriti quelli che vengono nominati tali dall'Assemblea, su proposta dei Consiglio Direttivo.

Vincenzo Ragnetti.³²

³¹ Arquivo da Sociedade Esportiva Palmeiras

³² Apesar de ser uma instituição que representava a colônia italiana em São Paulo, dois sobrenomes destoam dessa "italianidade": Alfonso de Azevedo e Álvaro Ferreira da Silva, uma vez que o artigo nº5 permite a participação de pessoas de qualquer nacionalidade, desde que sejam moradores da cidade de São Paulo e maiores de 16 anos. Segue nos anexos a lista dos sócios fundadores.

Ao destacar que o clube pretende apoiar o esporte em geral, mas especialmente o futebol, percebe-se que os termos *cálcio* (italiano) e *foot-ball* (inglês) aparecem no estatuto. Apesar da forte influência italiana notadamente na capital paulista, só se utilizou a palavra *foot-ball* na designação desse esporte, depois aportuguesado para *futebol*. Na Itália, o termo *cálcio* foi utilizado desde o início para diferenciá-lo de outro esporte com bola³³.

Constituído o clube e redigido o seu estatuto, foi escolhida a data para a eleição da primeira diretoria da Società Sportiva Palestra Itália, que abrigou indivíduos de origem operária, mas também estratos médios da sociedade:

Presidente Ezequiel Simone;
 Vice Presidente Luigi E. Marzo
 Secretário Geral, Luigi Cervo
 Vice-secretário, Antonio Aulicino
 Revisores de contas, Guido Giannetti, Oreste Giangrande e Armando Rebutti.
 Tesoureiro, Francisco de Vivo
 1º mestre-sala, Alvaro F. Silva;
 2º mestre-sala, Francisco Morelli;
 Inspetor de sala, Francesco Cilento e Adolfo Izzo;
 Diretor esportivo, Vincenzo Ragnetti³⁴

Em 24 de janeiro de 1915, ocorreu a primeira partida do Palestra Itália, justamente contra um clube também formado majoritariamente por ítalo-brasileiros, o Savóia, de Votorantim, com o resultado de Palestra Itália 2 x Savóia 0. A equipe do Palestra foi escalada com: Stilitano, Bonato e Fulvio. Police, Bianco e Vale. Cavinato, Fiaschi, Alegretti, Amilcar e Ferre.³⁵

O jogo ocorreu na cidade de Sorocaba e, pela primeira vez, o Palestra sentiu o drama inerente ao custo de deslocamento dos jogadores para uma cidade do interior. Normalmente os atletas arcavam com os gastos da despesa pessoal, mas tinham aqueles que não dispunham de recursos, e o clube deveria, então, pagar as passagens de trem. Diante dessa situação, o estatuto do clube sofreu uma modificação, admitindo que os sócios- jogadores não pagassem taxa mensal de contribuição³⁶.

³³ Mesmo o jornal *Fanfulla*, ligado a colônia italiana, também utilizava o termo *foot-ball*.

³⁴ *Anais da Sociedade Esportiva Palmeiras*.

³⁵ Palestra Itália 2 x 0 Savóia. O Palestra Itália: Stilitano, Bonato e Fulvio. Police, Bianco e Vale. Cavinato, Fiaschi, Alegretti, Amilcar e Ferre.

Savóia :Culbert, Ferreira e Silvestrina. Gigi, Zecchi e Fredrich. Imperato I, Cardoso, Ferreira II, Imperato II e Pinho. Gols : Bianco e Alegretti. Árbitro Silvio Lagrecca.

³⁶ A viagem para Sorocaba foi resolvida por sugestão de Tomazo Mauri, diretor esportivo: o Palestra ganhou os seus distintivos e estes eram vendidos aos sócios por 500 réis. Eles decidiram aumentar o valor para um mil réis, e a diferença seria usada para cobrir os gastos da comitiva.

O Corinthians, nesse mesmo período, enfrentou dificuldade idêntica. Após o jogo contra a Ponte Preta, em Campinas, ocorreu um debate na assembléia realizado em outubro de 1914. O sócio-fundador Anselmo Correia teceu críticas ao presidente Ricardo de Oliveira, que teria insistido em pedir passagem de primeira classe de trem para os atletas, como condição para realização do jogo no interior. O custo foi coberto pela equipe local, mas para Anselmo Correia era um despropósito exigir passagens de tão alto custo para um clube modesto como a Ponte Preta. (DIAFÉRIA, 1982, p.144)

O Corinthians participou, em 1913, de seu primeiro campeonato oficial e disputou a vaga em aberto em dois jogos eliminatórios no mês de março: contra o Minas Geraes Football Club³⁷, do Brás, e o São Paulo, do Bexiga. Esse torneio classificatório foi realizado no campo do Velódromo que, com o Parque Antártica e a Chácara Dulley, eram locais requintados onde se disputavam os jogos oficiais pela liga³⁸.

Alguns jornais não analisaram com efusão o aumento do número de participantes, e mesmo o entusiasmo pelo futebol parecia minguar:

Embora se diga aos quatro ventos, que o futebol vai tomando novo incremento, adquirindo a primazia dos esportes em São Paulo, para nós, afigura-se que nunca esteve tão desanimado...Basta dizer que o veterano São Paulo Athletic se retirou da liga e que o campeonato disputado de junho a dezembro sem o menor interesse...tudo isso contribuiu para que o público se afastasse do Velódromo e que não se realizasse os quatro “matches” finais.
O Imparcial (15.04.1913)

Mas o campeonato não se realizou como previsto, pois, nesse momento, ocorreu a primeira grande cisão no futebol paulista, quando os clubes de elite (chamados pela imprensa da época de veteranos ou tradicionais), como o Paulistano, o Mackenzie e a Atlético Palmeiras, criaram a APSA (Associação Paulista de Sports Atléticos). Por trás dessa divisão, se identificaram dois motivos: o primeiro era sobre o local onde se disputavam as partidas oficiais. A LPF queria que os jogos ocorressem no Parque Antártica, os quais custavam 200 mil réis por mês, e o Paulistano pretendia que fossem realizados no Velódromo, ao custo de 200 mil réis por partida. (MAZZONI *apud* DIAFÉRIA, 1982, p.141)³⁹

O segundo motivo é ligado à versão sobre o confronto entre a manutenção do futebol oficial como elitista em oposição a sua popularização, que não era aceito pelo

³⁷ Fundado em 03.05.1910, foi uma agremiação varzeana com relativo sucesso nas ligas oficiais.

³⁸ A LPF, no início de 1913, contava com sete clubes filiados: Paulistano, Mackenzie, Americano, Ypiranga, Germânia, Internacional e Santos (fundado em 14.04.1912), este convidado a integrar a liga nesse ano. Por comum acordo, resolveram proceder a uma seletiva para a inserção de um novo clube: o vitorioso foi o Corinthians. A Atlético Palmeiras estava afastada da liga.

³⁹ Ocorreram várias crises anteriores na LPF, a Atlético Palmeiras e o Mackenzie estiveram afastados em vários campeonatos e o SPAC abandonou a prática do futebol de competição, devido ao profissionalismo marrom, por parte do Paulistano e Americano.

Paulistano e o Mackenzie, já que recusavam a idéia da participação de clubes de várzea no campeonato oficial.

Esse ângulo foi defendido por Anatol Rosenfeld, para quem muitas das confusões da política de clubes e federações explicam-se por um tenaz conflito de classes:

Em 1913, o Clube Paulistano rompeu com a associação existente e fundou uma nova, na aparência, por causa de um motivo insignificante, mas na realidade porque queria fazer uma seleção rigorosa e exigia que as equipes fossem integradas por jovens delicados e finos. (1993, p.85)⁴⁰

José Moraes dos Santos Neto defende essa tese ao apontar que a origem do primeiro rompimento no interior da LPF foi a filiação do Ypiranga Futebol Clube, uma equipe de origem varzeana. Teria sido diante desse fato que o São Paulo AC abandonou a prática do futebol por defender que a LPF devia abrigar somente distintos cavalheiros:

Pela mesma época, também como retaliação, o Paulistano decidiu abandonar a LPF. O processo de acirramento da competição esportiva entre dois universos futebolísticos avançou ainda mais...a elite paulistana radicalizou e criou uma outra instituição que representasse o futebol, em 1913 foi surgiu a Associação Paulista de Esportes Atléticos (APEA), que recebeu o apoio da Associação Atlética Mackenzie e da Associação Atlética das Palmeiras. (SANTOS NETO, 2002, p.67).

A tentativa da manutenção do caráter elitista do futebol, disputado na liga oficial, também serviu de referência para a análise de José Renato de Campos Araújo (1996) e Plínio José Negreiros (1992), ao defenderem que os times de elite se articularam para impedir o acesso de clubes pertencentes aos estratos sociais inferiores.

John Mills (1992) considera que o São Paulo Athletic desistiu de participar da LPF porque era contrário ao avanço do profissionalismo, uma vez que seu estatuto o definia como uma sociedade civil de caráter esportivo-amadora e sem qualquer finalidade econômica. Reitera o mesmo autor que as reservas do clube perante o ingresso de times varzeanos na liga foram em oposição ao fato de os jogadores receberem dinheiro para jogar e não pela origem social desses clubes.⁴¹

Sobre o Paulistano, diversos autores afiançaram que o pretexto principal para o seu rompimento com a LPF foi a inserção dos clubes populares. Entretanto, não encontraram

⁴⁰ Rosenfeld baseou sua afirmativa em Thomaz Mazzoni (1950), que, por sua vez, utilizou como parâmetro as citações de Antonio Figueredo (1918), que servem de referência aos pesquisadores que defendem essa posição.

⁴¹ Essa oposição é ao profissionalismo marrom, em que os atletas recebiam pagamento para atuar, sem caracterizar, contudo, que fosse uma atividade profissional. É conhecida a existência de empresas que contratavam jogadores como funcionários para atuarem nos times. É irônica a postura de alguns clubes, que criticavam o pagamento para atletas, mas viam com naturalidade a cobrança de ingressos dos espectadores.

nenhuma documentação cartorial (regulamentos da liga\atas dos clubes) ou jornais, que faça menção direta sobre essa hipótese, que consideramos como parte do processo de cisão.

Buscamos nos periódicos da época informações sobre esse episódio, visto que são fontes importantes para analisarmos esses primeiros passos do futebol, pois, de acordo com Tarciso César Normando (2001), além de serem arquivos do cotidiano, guardam uma impressão mais direta dos acontecimentos, mesmo que representem as opiniões dos responsáveis pela publicação.

Localizamos um artigo do jornal *O Imparcial*, que analisou, com sarcasmo, o momento exato dessa crise, destacando como ponto crucial a querela em torno do Velódromo em 1913 :

O Imparcial esportivo de São Paulo – de nosso correspondente especial:
 Não se realizou o match sensacional marcado para hoje, entre as destemidas equipes do Paulistano e Americano. Nem sequer o tempo, quis contribuir com uma desculpa, afastando a multidão que se acotovelava nas arquibancadas do Parque Antártica, ansiosa para assistir a pugna entre os valentes contendores...E para desagrado nosso, somente a poderosa e déspota Ligth é que saiu lucrando...o Paulistano não compareceu...nós já esperávamos esse tremendo fiasco. Confiávamos somente no cavalheirismo do Paulistano. Perdemos por esperar. **TODA ESSA DISCÓRDIA FOI MOTIVADA PELA SOLUÇÃO DA LIGA, FAZENDO DO PARQUE ANTÁRTICA, SEU CAMPO OFICIAL. SE É VERDADE QUE O PAULISTANO EXIGIU PELO VELÓDROMO 800\$000 DE ALUGUEL E 200\$000 DE CADA MATCH, ACHAMOS QUE OS CLUBES, ANDARAM PERFEITAMENTE BEM, RECUSANDO O VELÓDROMO. E é coisa tão fácil de explicar, resolver para desfazer mentiras e desmascarar mentirosos. EXIBIR OS DOCUMENTOS DO PAULISTANO PARA A IMPRENSA E TUDO ESTARÁ ACABADO.**
 [grifo nosso]

O que não se pode acontecer, são os clubes semearem anarquia logo no início da temporada. Isso só serve para desmoralizar o futebol e desmerecer o JÁ POUCO MÉRITO DA DIRETORIA ATUAL...No Parque Antártica, havia uma multidão de 3.000 pessoas, o que quer dizer UMA RECEITA MAGNÍFICA, ao passo que no Velódromo, nem um único penetra. *O Imparcial* (15.04.1913)⁴²

Ao confrontar essa crítica com os anais do Paulistano, notamos que, apesar de ser um clube de elite, desde 1910 vinha sofrendo uma crise financeira pela falta de associados, o que provavelmente tornava seu campo, o Velódromo, uma fonte de renda para manutenção do time. O número de sócios havia decrescido e os custos para a manutenção dos quadros esportivos estavam cada vez mais complicados:

⁴² O *Diário Popular* do dia 11/04/1913, informou sobre o *ground* do Parque Antártica, que seria o segundo *match* do campeonato, entre os *teams* do Paulistano e Americano, considerados dois terríveis concorrentes. Na edição do dia seguinte: deixou de se realizar o segundo *match* do campeonato, devido, segundo o jornal, a uma desinteligência entre o C.A. Paulistano e a diretoria da liga paulistana, “entendendo aquelle que o encontro deveria ser no Velódromo paulista”, ainda confidenciou o *Diário* que uma assembléia da liga iria tratar do assunto.

Entre 1906 e 1908, relatos dão conta de que o clube viveu modestamente....Em 1907, o aluguel do Velódromo subira de 250 para 400 mil-réis. A manutenção e as reformas minaram as finanças do clube. As dívidas cresceram e em 1910 o saldo do clube era de 927\$400, pouco mais de um décimo do que havia em caixa cinco anos antes....Havia um desinteresse crescente e em 1915, contava com apenas 15 sócios⁴³.

Ignácio de Loyola Brandão, que escreveu a história do clube, continua o retrato desse período:

...na apatia, as mensalidades do Paulistano foram deixando de ser pagas, sócios se afastaram...De tal modo, que em 1915, o presidente José Carlos de Macedo Soares dirigia uma entidade que tinha apenas quinze membros e não possuía sequer uma sede. Estava se não morta, em coma profundo. (BRANDÃO, 1990, p.23)

Esses dados propõem um novo diálogo com a versão sobre o posicionamento radical do Paulistano, um clube elitista, que curiosamente possuía apenas 15 sócios e que, nos campeonatos seguintes, utilizou campos de futebol emprestados para mando de jogo. É no mínimo irônico (mas não descabível) que uma agremiação, em situação de penúria, tenha se articulado para impedir o acesso dos clubes de várzea na liga oficial.

Mediante esses fatos, levantamos a hipótese de que quando a direção da LPF se recusou a continuar utilizando o Velódromo como campo oficial em 1913, era um duro golpe contra o clube, já que havia se tornado sua maior fonte de receita. Não por acaso, foi justamente o campo oficial da APSA até sua demolição. De acordo com Rubens Ribeiro (2005), a LPF e o Americano encabeçaram esse enfrentamento ao Paulistano, após um acordo com o clube Germânia, para o aluguel do seu estádio, o Parque Antártica, local onde se realizaram os jogos dessa liga.

Não pretendemos eleger, qualquer uma das versões, como “verdade absoluta”, porque em nosso trabalho elas não são inconciliáveis, mas permitem compreender, por diversos ângulos, o desenvolvimento do futebol paulista nessa época, marcada por tensões e contradições, tanto no âmbito dos clubes populares\elite, como na relação com as ligas e no interior de cada grupo.

O Paulistano, Atlético Palmeiras e Mackenzie foram denominados pela historiografia como “clubes de elite”, devido a sua gênese, mesmo que depois de 1910 não representassem exclusivamente esses setores sociais em relação aos torcedores e atletas. Fato semelhante ocorreu com o São Paulo FC, que, desde sua fundação, contou com pessoas provenientes de estratos diferenciados no controle administrativo e, independentemente do

⁴³ Anais do Clube Atlético Paulistano.

crescimento de sua torcida em todas as esferas, continuou ainda a ser identificado com essa qualificação.

Assim, utilizamos com ressalvas essa terminologia, pois é indicativa apenas do núcleo dirigente e não contempla outros aspectos, como a situação administrativa e econômica de cada entidade, classificando-as em um único conjunto. Salientamos que mesmo contando com pessoas oriundas de estratos superiores em seu comando, não impediu que essas agremiações tivessem enfrentado momentos de penúria financeira ao longo da história, fato sugestivo de que a diferença econômica com alguns clubes populares não era tão substancial.

Nos primeiros anos de funcionamento da APSA (1913-1917), a situação vigente não apontava nenhuma pujança: as condições econômicas do Paulistano eram desfavoráveis. O Germânia esteve em vias de fechamento, por falta de associados, visto que a comunidade alemã, devido à Primeira Guerra Mundial, havia se desligado do clube, que, em dificuldades financeiras, sublocou o Parque Antártica para outra agremiação. Os sócios remanescentes sugeriram o fechamento temporário, contrariando inclusive seu estatuto.

Pior sorte teve o Mackenzie, que, apesar de ter agregado em sua história os “jovens de boa família”, descumpriu obrigações esportivas, por carência de recursos e tentou sobreviver, formando um combinado com a Portuguesa de Desportos (o MackPort), para disputar o campeonato paulista, mas não conseguiu alterar sua situação. O SC Internacional e o Americano tiveram momentos de crise e a Atlético Palmeiras, considerado um dos baluartes das famílias ilustres, também enfrentou graves problemas econômicos e teve um final marcado pela decadência.

Por essa razão, acreditamos que o termo clube de elite, se não for definido com critérios para o leitor, pode induzir a um erro de interpretação, como entender que, por terem sido ligados aos grupos abastados, fossem clubes que gozassem de uma situação financeira privilegiada.

No ano de 1913, ocorreu pela primeira vez a disputa do campeonato paulista por duas ligas, fato que se repetiu em outras ocasiões, até que, em 1941, com a criação do Conselho Nacional de Desportos, resolveu-se definitivamente essa situação.⁴⁴

Campeonato Paulista de 1913 pela APSA

1-Paulistano (Campeão)

2-Mackenzie

⁴⁴ Entretanto, outras ligas surgiram para concorrer com a APSA e a LPF, como a Liga Paulista de Sports Atléticos (1913) com Rio Branco, Argentino, Domitila e Jacegaui e a Liga Comercial de Foot-Ball (1916), com o União da Lapa, Concórdia FC, São Paulo Railway e Rugerrone. Cf. Rubens Ribeiro (2003).

3-AA Palmeiras

Campeonato Paulista de 1913 pela LPF:

1-Americano (campeão)

2-Ypiranga

3-Internacional

4- Corinthians

5-Germânia

6-Santos

A querela entre as ligas resultou novamente em dois campeonatos em 1914, mas a APSA, aos poucos, foi se tornando a entidade mais poderosa e terminou por vencer a disputa com a LPF. Nesse ano, o Ypiranga, que era filiado a LPF, optou por disputar o torneio promovido pela APSA.

Interessante destacar que, para muitos escritos sobre o futebol, teria sido justamente a participação do Ypiranga no campeonato de 1910 da LPF o pomo da discórdia para que os clubes de elite rompessem com essa liga dois anos depois, já que recusavam a idéia de disputar o campeonato com um clube da várzea.

Essa visão é defendida por Fábio Franzini:

... era impossível para elite impedir a vulgarização da paixão futebolística, fazia-se necessário ao menos selecionar os players com quem disputariam os “matches” evitando o tão indesejável contato com pessoas estranhas ao seu meio... à partir da década de 1910, dirigentes paulistas e cariocas adotaram inúmeras medidas com vistas a controlar ou mesmo impedir o acesso de jogadores e equipes de origem popular as divisões principais do futebol oficial, que reuniam um seletivo grupo formado pelos clubes mais tradicionais. (FRANZINI, 2003, p.38)

A tese sobre o conflito entre os clubes de elite e os populares/várzea teve dentre seus principais articuladores Mário Filho Rodrigues, Thomaz Mazzoni e Anatol Rosenfeld, que se tornaram referência aos pesquisadores que estudam esse tema.

Um debate extremamente interessante sobre a obra de Mário Filho Rodrigues foi travado por Antonio Jorge Soares (1999), que a considera mais próxima de uma crônica romanceada do que um trabalho com rigor acadêmico. Essa perspectiva gerou censuras de Ronaldo Helal e César Gordon Júnior (1999), mas ambos reconhecem a necessidade salutar das “desconfianças e críticas sobre as tradições acadêmicas”.

A literatura sobre o futebol tem destacado que a década de 1910 foi marcada pelo embate entre os clubes de elite contra os de várzea (ou operários), para impedir o acesso

desses últimos ao campeonato oficial. Preferimos analisar essa temática sob uma ótica mais ampla, valorizando situações que envolvam: resistência, negociação e acomodamento dos interesses das diversas agremiações.

Ao observarmos os anais e os documentos cartoriais de algumas instituições esportivas, encontramos algumas surpresas. Não as visualizamos como “verdades objetivas”, visto que Jacques Le Goff (1996) chamou a atenção para o fato de que, por serem produzidas pelo homem, possuem naturalmente uma carga subjetiva. Mas essas “outras” versões e experiências permitem ampliar nossas discussões sobre o desenvolvimento do futebol na capital paulista no período.

Nesse sentido, é no mínimo instigante relatarmos um opúsculo produzido pelo clube Paulistano no ano de 1918, em que se proclamou como a instituição esportiva responsável pela popularização do futebol na capital:

Podemos nos gabar sem receio algum, de termos concorrido, para o desenvolvimento do futebol em São Paulo...foi o Paulistano que popularizou o futebol, popularizou é bem o termo, porque antes dele nenhum clube resolverá fazer propaganda. Os primeiros sócios eram efetivamente escandalosos e queriam provocar a atenção de todos. E não se poupavam. Um domingo qualquer reuniam-se vários rapazes, pertencentes ao clube e partiam nos bondes, por essas vias públicas afora. A algazarra era grande, todo mundo vinha à porta, para saber do que se tratava...apesar de serem filhos das melhores famílias...chamar a atenção do povo, era o melhor comercial e o mais poderoso estímulo...Hoje, se reconhece o papel do povo no desenvolvimento do esporte: é o elemento indispensável para a prosperidade do clube. (1918, p.19; 20)

O diálogo com essas “versões” não consagradas permite ampliar nosso leque de reflexões. O fato de o Paulistano se proclamar como o responsável pela popularização do futebol, num opúsculo de 1918, nos obriga a repensar a imagem que construiu sobre si mesmo e aquela que foi estabelecida pela historiografia.

Ainda, ao declarar que o povo é o elemento indispensável para a prosperidade do clube, não nos parece exatamente a definição de quem pretendia se manter afastado da massa ou evitar qualquer contato com as agremiações populares. Essa atitude (ambígua) denota mais uma tendência a “negociações” do que uma postura “intransigente”. Por essa razão, acreditamos que o ingresso dos clubes populares nas ligas pode ser indicativo do acomodamento dos diversos interesses, dentre os quais, o predomínio exclusivo pelo controle do futebol paulista, refletida na batalha entre a LPF e APSA (além das outras ligas menores).

Plínio Negreiros (1998) e José Renato Araújo (1997) defendem que o convite ao Palestra e Corinthians se deveu ao interesse das ligas em expandir sua influência sobre os clubes amadores, principalmente quando apresentavam possibilidade de “um futuro

promissor”. Essa premissa reforça nossa versão sobre uma fase de “negociação” e não nos parece sintoma de uma atitude radicalmente contrária aos clubes populares, por parte da direção da APSA ou LPF.

Esse pressuposto pode ser avaliado mediante a quantidade de clubes “menores” que ascenderam à divisão principal das ligas entre 1913-1919: Ypiranga, Corinthians, Palestra Itália, Campos Elíseos, Alumny, Vicentino, Minas Gerais, União da Lapa, Ruggerone, Paysandu, Maranhão e Lusitano. E nesse mesmo período na divisão intermediária: São Paulo do Bixiga, SC Savóia, SC Sírio, Vila Buarque FC, União Fluminense FC, AA Bota Fogo, AA Barra Funda, Lira do Brás FC, Futebol Clube Flor do Ypiranga, Tremembé FC, Primeiro de Maio FC, Itália FBC, Oriental FC, Heróis das Chamas FC, Argentino FC, Associação Gráfica Desportiva, Juta Sant’ Anna FC, Ítalo FC e Antártica FC.

Por esses dados, verificamos que enquanto aumentava o número de participantes nas ligas paulistanas, no Rio de Janeiro, houve o inverso, pois desde a criação da Confederação Brasileira de Desportos em junho de 1916, de acordo com Anatol Rosenfeld e Mario Rodrigues Filho, ocorreu uma campanha dos times de elite para impedir o acesso de negros e clubes operários no futebol oficial.⁴⁵

Em 1914, dois novatos alcançaram o objetivo máximo de um time de futebol: o título de campeão. Os autores dessa proeza foram o São Bento, que era formado por alunos e ex-alunos da tradicional escola com o mesmo nome, e o Corinthians, primeiro clube de origem operária a conseguir esse feito na cidade de São Paulo.

Campeonato de 1914 pela APSA

- 1-Ginásio São Bento (campeão)
- 2-Paulistano
- 3-Mackenzie
- 4-Ypiranga
- 5-Scottish Wanderers
- 6-Atlética Palmeiras.

Campeonato de 1914 pela LPF:

- 1- Corinthians (campeão)

⁴⁵Em setembro de 1915 fundou-se a Federação Brasileira de Futebol em São Paulo e em novembro foi criada no Rio de Janeiro a Federação Brasileira de Sports, ambas reclamaram na FIFA o reconhecimento como representante oficial. Por intermédio de Lauro Muller, Ministro das Relações Exteriores, chegou-se ao consenso, com a criação da CBD. O selecionado brasileiro em suas partidas internacionais, contou desde o início com atletas que jogavam em times operários/varzeanos, como por exemplo: Almicar Barbuy (Corinthians) em 10.07.1916 e Friedenreich (Paisandu FC de SP) contra a Argentina; Fachini (Campos Elíseos FC) em 15.07.1916 contra o Uruguai; Picagli e Caetano (Palestra Itália) em 07.10.1917 contra o Uruguai, reafirmando nossa hipótese sobre negociação.

- 2-Campos Elíseos
- 3- Minas Gerais
- 4-Internacional
- 5-Lusitano
- 6-Germânia
- 7-Hydecroft

Nesse ano, ocorreu a segunda participação do Corinthians em um campeonato da LPF, com uma campanha exemplar de dez jogos e dez vitórias, tornando-se campeão invicto, seguido de perto, por dois campeões da várzea: Campos Eliseos e Minas Gerais.⁴⁶

Nesse time campeão, Sebastião Casado participou como arqueiro. Ele foi o pivô da crise com o sócio fundador Anselmo Correia, quando este perdeu sua posição como goleiro no segundo quadro. Sebastião Casado foi, durante alguns anos, o arqueiro titular da equipe do Corinthians, presente em vários jogos do primeiro ou segundo quadro.⁴⁷

Ao analisarmos a lista de clubes que participaram dos dois campeonatos de 1914, percebemos alguns detalhes importantes, como a inclusão do Ypiranga no torneio promovido pela APSA. Teoricamente, foi o primeiro clube de origem modesta a disputar essa competição com equipes que formavam a nata do futebol paulistano e que haviam criado essa entidade para se resguardar do contato com os clubes de várzea. As duas ligas contavam com times de elite e populares, competindo por um objetivo idêntico e dividindo o mesmo espaço.

Enquanto o “clube dos italianos” engatinhava na sua trajetória rumo ao reconhecimento como um grande time, o Corinthians vinha obtendo notáveis sucessos nos gramados esportivos. Analisando a tabela do campeonato da LPF de 1914, os meses de setembro, outubro e novembro foram de intensa comemoração para a equipe, que venceu seus jogos finais por boa vantagem e sagrou-se campeão: Corinthians 4 x O Internacional (13.09.14), Corinthians 3 x 1 Minas Gerias (27.09.14), Corinthians 4 x 0 Campos Elíseos (08.11.14), Corinthians 3 x 0 Lusitano (15.11.14).

Em 30 de setembro de 1914, Alexandre Magnani passou o cargo de presidente do clube para Ricardo de Oliveira. Apesar de o time estar praticando um futebol soberbo, nem tudo era festa, pois problemas de ordem interna trouxeram certa tensão para o clube. A

⁴⁶ O time base de 1914 que obteve seu primeiro título do Campeonato Paulista foi escalado na maioria dos jogos com: Sebastião (ou Alcides), Fúlvio e Casemiro Gonzáles, Police, Bianco e César; Américo Fiaschi, Peres, Almicar, Aparício e Manuel Nunes (Neco), artilheiro com 12 gols: cf Unzelte (2000)

⁴⁷ Em 1913, Anselmo Correia, um dos sócios fundadores que atuava como goleiro do segundo quadro, provocou grande discussão por ter perdido a vaga para um sócio recém-aceito, como pode ser observado nesse trabalho.

necessidade da mudança de sede social foi o motivo de uma grande discórdia. Esse fato foi justificado aos sócios na assembléia extraordinária de 20 de outubro de 1914: até então, era utilizada a confeitaria de Afonso Desidério, à Rua dos Imigrantes, no Bom Retiro, que havia sido vendida. Apesar das discordâncias, ocorreu a mudança para a Rua dos Protestantes nº28; era o início de um ano muito conturbado para o clube. (DIAFÉRIA;1982).

Em 1915, o Corinthians não disputou nenhum campeonato oficial. Em consequência, a situação econômica do clube deteriorou-se. Praticamente um ano depois de Ricardo Oliveira assumir a presidência, o estado financeiro era lastimável, o Corinthians estava endividado e não havia recursos para honrar os compromissos. A par da situação de penúria econômica, o sócio Anselmo Correia teceu críticas ao presidente Ricardo de Oliveira. Este argumentou que, como não disputou o campeonato desse ano, o clube tinha como único recurso as mensalidades pagas pelos sócios que, de acordo com o balancete apresentado, estavam, em muitos casos, atrasadas.⁴⁸

Como tentativa desesperada para remediar a situação, o sócio e dentista João Batista Maurício, emprestou dinheiro ao clube, recebendo como garantia os móveis da entidade. Esse fato provocou novos desentendimentos, que podem ser observados na ata de setembro de 1915, quando toda a diretoria pediu demissão em solidariedade ao presidente Ricardo Oliveira:

A assembléia entende os motivos do sr. Ricardo de Oliveira e aceita seu pedido de demissão, mas rejeita à dos demais diretores, insistindo para que permaneçam nos cargos... Por maioria dos favoráveis presentes, o vice-presidente, o dentista João Batista Mauricio, assume a presidência, e Manoel Fonseca, a vice-presidência.⁴⁹

Essa crise, que culminou com a dissolução da diretoria presidida por Ricardo de Oliveira, tem ligação com o discurso construído posteriormente sobre a tentativa da manutenção do futebol elitista.

A crise econômica do Corinthians foi detectada por seus diretores como consequência direta da não-participação do clube nos torneios oficiais, mas não adentraram no mérito da culpabilidade das entidades federativas sobre esse duplo impedimento (LPF e APSA). Essa situação foi analisada por diversos estudiosos do tema como prova tangível da intransigência dos clubes de elite contra a participação de times operários ou varzeanos nas ligas.

⁴⁸ Essa resposta do presidente Ricardo de Oliveira é singular, porque admite a importância do dinheiro proveniente da arrecadação com os ingressos para a manutenção o clube, fato que não podia passar despercebido para os dirigentes das federações e dos clubes concorrentes.

⁴⁹ Ata de 1 de setembro 1915 : Arquivo do Sport Clube Corinthians Paulista

Vários autores analisaram esse fato sob uma mesma ótica, como Lourenço Diaféria (1982). Este defendeu que o duplo revés (APSA e LPF) foi provocado por “questões burocráticas”, mas que cheiravam a discriminação contra um clube de operários.

Mesmo em relação à competição de 1913 — que Thomaz Mazzoni celebrou como a primeira participação na liga de um clube tipicamente de bairro e operário, o Corinthians — para esse autor, teve um grande significado ao romper as barreiras entre o futebol oficial e o de várzea. Mas esse episódio recebeu uma análise menos efusiva por parte de Lourenço Diaféria, ao insistir que não foi uma relação tão simples:

Com a não desistência do Internacional em 1913, que voltou atrás na sua decisão de abandonar a liga, o Corinthians devia enfrentar um torneio contra outros times pretendentes. Parecia uma proposta justa, porém na realidade se tratava de impor um obstáculo ao acesso de um clube de operários na liga. (DIAFÉRIA, 1982, p.76)

Essa interpretação de Lourenço Diaféria, compartilhada por outros escritores, sugere que o torneio classificatório teria sido disputado nessa temporada para tentar impedir o acesso de um clube operário. Mas ao verificarmos a história do campeonato paulista, encontramos nos anais da FPF informações sobre o torneio de 1910, ano em que se disputou pela primeira vez os jogos de qualificação.

A LPF aumentou o número de cinco para seis os clubes que disputariam o campeonato de 1910. Na documentação disponível na FPF (sucessora de todas as ligas estaduais), não encontramos os critérios utilizados para a elaboração do convite para que clubes como Vila Buarque, Savóia e Ypiranga disputassem um torneio seletivo no mês de abril, que terminou com a vitória desse último⁵⁰.

Portanto, esses jogos eliminatórios não eram exatamente uma novidade e não podemos considerá-lo como um ato que teve por objetivo específico excluir o Corinthians em 1913, por sua origem popular, até porque seus adversários nessas partidas foram times de bairro, como o Minas Geraes Futebol Clube e o São Paulo do Bixiga.⁵¹

A tese conspiratória de 1913 se repetiu em 1915, quando a APSA fez um convite para que o Corinthians disputasse o campeonato por essa liga. Após se desligar da LPF, sua inscrição não foi aceita na APSA e ao tentar retornar para a LPF, foi impedido de participar do campeonato desse ano, devendo esperar a próxima disputa em 1916.

⁵⁰ Entretanto, em campeonatos posteriores, encontramos menções sobre a necessidade do clube convidado, comprovar condições de jogo e de arcar com custos de participação.

⁵¹ Informações sobre esses jogos estão nos Anais da Federação Paulista de Futebol. Existem apenas resultados das partidas disputadas. Os adversários do Corinthians nesse torneio classificatório foram o Minas Gerais e São Paulo do Bexiga, mas outros autores acrescentam ainda o SPR, formado por funcionários dessa empresa..

A Revista do Corinthians de março de 1938, ao tecer comentários sobre esse fato, creditou a situação descrita como uma demonstração da intransigência dos clubes de elite contra uma equipe humilde e que estava mostrando no campo seu verdadeiro valor.⁵²

Observando os vários sites sobre o Corinthians, percebe-se que ficou gravado para seus torcedores, e transmitido por gerações, uma interpretação sobre o “complô” contra a equipe por ser de origem modesta, reforçando papel de vítima frente aos clubes de elite que tentavam impedir o acesso de operários aos seus campeonatos.

O maior preconceito existente no início da história corinthiana foi por parte da elite paulistana, que torciam e participavam de clubes grandes, como o São Paulo Athletic, Paulistano e o Mackenzie e discriminavam o time, por ser formado por operários e imigrantes. A elite nunca quis que no futebol, principalmente em seus campeonatos, se inserissem pessoas de classe mais baixa.⁵³

Em outro endereço eletrônico, encontramos uma análise semelhante:

Pode-se perceber certo preconceito neste momento por parte dos dirigentes elitistas... o alvinegro reclamou e conseguiu participar do seu primeiro campeonato em 1913, mas antes teve de passar por um triangular, para poder enfrentar os grandes. Por meio dessas manobras, percebemos as tentativas de impedir o acesso ao campeonato oficial.⁵⁴

Antônio Roque Citadini, também fez referência a esse episódio:

O Corinthians, campeão em 1914 pela Liga, defendia a unificação das federações, num processo de pacificação do futebol paulista, posição que não agradava aos demais times da Liga, pois havia certa dose de impopularidade do time corinthiano - clube novato e de bairro – por ter ganho de forma arrasadora o campeonato de 1915. (CITADINI, 2001, p.57)

As obras que analisaram esse episódio não fazem a citação de nenhum documento da APSA sobre os motivos de sua recusa em aceitar a inscrição do Corinthians. O mesmo se procede em relação à LPF, dessa forma, identificou-se como uma ação dos clubes de elite contra o alvinegro.⁵⁵

Entretanto, esse episódio pode ser interpretado também como indício de que essas negociações foram caracterizadas com recuos e avanços estratégicos dos clubes de elite (e os

⁵² A revista do Corinthians editada nos anos 1930 e 1940 (acervo do clube).

⁵³ Ver (www.netimao.com.br), (www.ocorinthiano.com) e (<http://danielrc.blogspot.com/>)

⁵⁴ (<http://www.klepsidra.net/klepsidra4/corinthians.html>) **artigo:** *Sport Club Corinthians Paulista: a origem da paixão*

⁵⁵ Se a questão foi a vitória arrasadora do Corinthians, por que o segundo (União da Lapa) e o terceiro colocado (Campos Elíseos) não sofreram o mesmo processo de exclusão?

populares). Pois se considerarmos que a APSA se “arrependeu” do convite e decidiu recusar o ingresso do Corinthians por sua origem popular (e o temor de sua qualidade técnica), devemos também nos perguntar por que o Corinthians resolveu aceitar o convite de uma liga rival. Isso provavelmente foi um jogo de interesses e não encontramos nas atas do clube (que Lourenço Diaféria nos apresentou algumas cópias) uma recriminação formal à atitude dessas entidades.

Thomáz Mazzoni, sobre esse acontecimento:

Após sua participação em 1914 na LPF, a APEA projetou retirar o alvi-negro do bom retiro de sua concorrente, no intuito de enfraquecê-la. Seus dirigentes fizeram saber que se o clube se desligasse da LPF, seria admitido na APSA em 1915. A proposta foi aceita, pois tratava-se de jogar ao lado dos clubes mais famosos...mas soube na última hora, que somente poderia disputar o campeonato de 1916.
(MAZZONI apud CITADINI, 2000, p.60)

Para quem sofreu o peso do preconceito, os dirigentes e sócios do Corinthians aceitaram com serenidade essa situação, visto que, nesse ano, realizaram partidas amistosas contra Atlético Palmeiras, Scottish Wanderers e a seleção da APSA, no campo do Velódromo. E vários jogadores foram autorizados (e não emprestados) a disputarem o campeonato por outros clubes, como Manuel Nunes (neco), Casemiro Gonzáles, Spartaco Bianco e César Nunes, que atuaram no Mackenzie College, um clube considerado elitista e contrário à popularização do futebol. Police jogou no Wanderers (teoricamente formado por elementos da colônia britânica\escocesa), enquanto Amílcar, Fulvio, Aparicio e Perez defenderam o Ypiranga.⁵⁶

Em 1916, o Corinthians voltou aos gramados oficiais (pela LPF) e *O Estado de São Paulo*, apontado como um jornal favorável ao elitismo no futebol, demonstrou certa ambigüidade, pois, na estréia contra o Maranhão, ressaltou a “qualidade dos contendores”:

LIGA PAULISTA (F. B. F.) – CAMPEONATO ESSTADUAL DE 1916 – S. C. CORINTHIANS VERSUS A. A. MARANHÃO
Realiza-se hoje, no Parque Antarctica, o primeiro match do campeonato de 1916, entre os Clubes filiados à Liga Paulista de Foot-Ball. Nessa primeira prova, medirão forças o S. C. **Corinthians, que se tem mantido invencível desde 1913, e o móvel, mas bem disciplinado Maranhão. Esse match, que já pelo nome dos contendores merece a atenção especial do público,** oferece a originalidade da disputa de um artístico bronze, oferecido pela casa Mourão, ao Clube que marcar o primeiro gol do campeonato.
O Estado de São Paulo (21.05.1916).

⁵⁶ Em várias obras, aparece o termo “emprestado”, isso não era possível, porque como não havia uma “lei do passe”, eram os estatutos que regiam a relação clube-atleta. Por isso, era mediante “autorização” da **diretoria** que um atleta **podia** atuar por outra agremiação: cf. estatutos dos clubes.

O resultado da partida foi noticiado no dia seguinte, com informações sobre a solenidade oficial e o novo método adotado pela liga, para acalmar os torcedores que discordavam das decisões do juiz:

LIGA PAULISTA (F. B. F)

Conforme noticiamos, realizou-se ontem no esplendido “ground” do Parque Antarctica, o início do campeonato oficial de “foot-ball”. [grifo nosso]

Ao encontro dos primeiros e segundos “teams” do S. C. Corinthians Paulista e da A. A. Maranhão (incorporados à seção A), assistiram todos os diretores das sociedades que constituem a Liga, com um representante da federação Brasileira numerosa e distinta assistência.

As medidas tomadas pela diretoria para manter as ordens na arquibancada e a disciplina no campo produziram o melhor resultado devendo-se a essa precaução e ao preparo das equipes o brilhantismo de que se revestiu esse match inicial.

O Estado de São Paulo (22.05.1917)

O campeonato de 1916 foi disputado normalmente pelo clube, e a cobertura da imprensa não indicou nada de excepcional. Dessa forma, se houve uma ação coordenada das ligas na exclusão do Corinthians em 1915, em apenas um ano, essa situação se alterou.

Em a *Invenção das Tradições*, Eric Hobsbawm (1988) destacou dentre as tradições criadas no século 19: “tentar demonstrar a coesão social de um determinado agrupamento social ou comunidade”.

Talvez por essa razão, a historiografia tenha classificado “os clubes de elite” paulistanos como um grupo homogêneo, desprovido de tensões internas. Mas percebemos que essas agremiações tinham em comum apenas suas origens, já que, ao longo dos anos, não apresentaram uma estratégia de ação verdadeiramente conjunta e os conflitos e contradições foram relegadas pelos pesquisadores para um segundo plano.

Da mesma forma, aparentemente o Corinthians e o Palestra não participaram dessa trama como representantes de um “bloco” popular\varzeano, mas atendendo a seus próprios anseios, que muitas vezes eram conflitantes com seus pares de “classe”, visto que o acesso às ligas significava vencer seus rivais mais próximos.

Roberto DaMatta, em “O universo do futebol”, defendeu a idéia de que esse esporte traz à tona diversas tensões sociais, que são problemas da nossa própria sociedade e nisso residiria a dificuldade em percebê-los e discuti-los. Ainda afirmou que: o futebol é, na sociedade brasileira, uma fonte de individualização e possibilidade de expressão individual, muito mais do que uma expressão coletiva.

Quando em 1917 disputou-se um único campeonato promovido pela APSA, além dos clubes de elite ou tradicionais, também tivemos a participação do Santos, Palestra, Ypiranga e Corinthians. Mas qual foi o critério de escolha dessas agremiações em detrimento

de outras? Houve provavelmente um acordo entre os diversos clubes com a liga ou foi uma imposição desta? Esse debate pautou-se pelos interesses coletivos (de cada bloco) ou individuais (de cada clube)?⁵⁷

Essas tensões no futebol, com suas devidas proporções, estão embutidas na concepção de autores tão distintos como Thomaz Skidmore (1989) ou Gilberto Freyre (1990): o Brasil não teria conhecido o racismo institucional ou aberto como nos EUA. Evidentemente, não pretendemos negar o preconceito contra negros, mulatos e brancos pobres. Mas, sim, reconhecemos que o futebol, como expressão-espelho de nossa sociedade, também esteve marcado por “tramas negociadas”, na resolução de algumas tensões, a fim de evitar os conflitos abertos.

Certamente, encontramos nessa época inúmeros artigos favoráveis à manutenção de um *status* elitista no futebol, que era provavelmente um reflexo da postura de elementos das classes mais abastadas, que preferiam manter uma distância do populacho. Por outro lado, outros tantos escritos concebem uma aceitação da divisão dos espaços, inclusive reconhecendo as qualidades técnicas e morais dos contendores. Na cobertura dos jogos, utilizavam-se as expressões: “seleto ou distinto público”, “cavalheiros elegantes”, “família paulistana ilustrou o prelo”, “a presença de crianças e mulheres abrilhantam o espetáculo”, “moços de bons modos”, tanto nas partidas dos clubes tradicionais, quanto nas dos novatos.

Se em várias ocasiões os meios de comunicação foram parciais em suas análises, isso refletiu um fenômeno muito conhecido no jornalismo esportivo, a subjetividade mediada pela paixão, afinidade, antipatia ou interesses políticos\pessoais dos cronistas, editores, diretores e jornalistas. Ao usarmos neste trabalho diferentes periódicos, pudemos acompanhar a multiplicidade de versões em relação ao futebol e perceber que um mesmo jornal podia modificar sua postura, de acordo com os temas em voga no período. Dessa forma, notamos que, sobre o futebol nessa época, a seleção das fontes pelo pesquisador pode nortear um mesmo trabalho em direções opostas.

Retomando a questão do preconceito, é notório que componentes das famílias tradicionais paulistanas possuíam certa aversão da massa, e que no futebol também se reproduziu essa atitude. Entretanto, não podemos generalizar essa afirmativa para todo um conjunto de pessoas, que participavam da vida social desses clubes. Da mesma maneira, é lícito conjecturar que, dentre os torcedores e associados dos clubes populares, houvesse

⁵⁷ Em 1917, foi decidido que o Vicentino, Ítalo, Minas Gerais, Paysandu e União da Lapa disputariam a Segunda Divisão (APEA), vencido pelo Minas Gerais. Mas e o Ruggerone, Maranhão e Lusitano, que não foram selecionados? E o Americano e o Wanderers? Qual a reação *perante* a escolha do Corinthians e Palestra, para comporem o grupo principal em 1917?

aqueles que nutrissem esse sentimento, em que as vítimas de discriminação por parte das elites também foram perpetradoras em relação a outros grupos étnicos.

Mário Rodrigues Filho, nas suas considerações sobre o futebol no Rio de Janeiro, considerou que a suprema humilhação para a elite nessa década seria algum clube disputar o campeonato com atletas negros. Talvez por essa razão, na capital paulista, os clubes que participaram nessa fase da APSA e LPF, se policiaram na escolha dos jogadores.

Entretanto, relembremos que o Palestra Itália contratou o primeiro atleta negro somente na década de 1940. E o Corinthians, identificado como clube popular e de massa, não localizamos a existência de negros ocupando posições no conselho nesse período. Aliás, em toda a história do futebol no Brasil, quantos negros alcançaram cargos administrativos de prestígio (presidente, vice-presidente ou diretor de futebol) nos grandes clubes paulistas?

O acomodamento dos clubes populares nas ligas não foi obtido pela “boa vontade” dos grupos e entidades dominantes, mas pelos benefícios visualizados nessa prática. Acreditamos que sua inserção ocorreu paralelamente ao início da explosão do futebol como um fenômeno de massa no Brasil. Um país com um capitalismo incipiente, situado na periferia do sistema, mas que em termos comparativos aos grandes centros europeus, notávamos a presença cada vez mais numerosa de uma assistência (torcedores), que teve uma relação com o enriquecimento das federações, ligas e clubes (aumento da renda, associados, prestígio, patrimônio, etc).

Esse afluxo da assistência, talvez mais do que um lucro direto, proporcionasse uma exposição pública, que serviu de “base” para atrair um numero maior de pessoas dispostas a se associaram aos clubes vencedores, que, ao mesmo tempo, fortaleceu também as ligas, que estavam em conflito pelo controle do futebol paulista.

Coincidentemente, a situação econômica do Paulistano foi alterada nessa fase e deu-se pela iniciativa de Antonio Prado Júnior, que contou com o apoio de pessoas influentes:

...Manoel Carlos Aranha e mais punhado de sócios que resistiram ao fechamento do clube, aconselhados pelo prefeito de São Paulo Washington Luis, adquiriram um terreno no Jardim América e construíram uma nova sede. Fizeram um financiamento em 240 prestações...contaram com o empréstimo do coronel Bento Canabarro...a inauguração contou com a participação de Olavo Bilac, Washington Luis (prefeito de SP), Altino Arantes (governador) e do arquiteto que projetou a nova sede, Ramos de Azevedo. A partir dessa data, o número de associados voltou crescer. O dinheiro das mensalidades, somado ao aluguel do campo para outros times e às rendas dos jogos ajudariam a pagar as prestações.⁵⁸

⁵⁸ Arquivo do Clube Atlético Paulistano. A presença de autoridades e da imprensa na inauguração dos campos de futebol e sede social dos **clubes** era fato corriqueiro, visto que o **Corinthians** recebeu tratamento **idêntico** na inauguração do estádio da Ponte Grande .

Por isso, não desprezamos que o rompimento entre a APSA e a LPF possa ser creditado também às questões financeiras e disputas políticas, não devendo ser restringido somente ao preconceito contra pobres, negros e os clubes populares. A resolução dos diversos interesses, mediante um processo de negociação, esteve na base da aceitação de equipes provenientes de setores médios e operários, nos anos seguintes.

Ironicamente, é justamente no período da inserção de clubes operários e populares nas ligas que ocorreu a recomposição das finanças do Paulistano (também do Germânia a partir do pós-guerra). Para nossa análise alguns fatores foram importantes nesse processo: a construção de uma sede social (e do estádio de futebol) e a popularização desse esporte, com o inerente crescimento do público-torcedor. Um fenômeno que, se não foi bem compreendido pelos jornalistas da época, parece que não passou despercebido pelo Paulistano: “Hoje, se reconhece o papel do povo no desenvolvimento do esporte: é o elemento indispensável para a prosperidade do clube” (1918: 19-20)

Em razão da disputa pelo controle do futebol regional, as duas ligas aumentaram o número de participantes em suas competições, como podemos observar na tabela sobre o campeonato de 1915:

APSA

- 1-Atlética Palmeiras (campeão)
- 2-Mackenzie
- 3-Ypiranga
- 4-Paulistano
- 5-Wanderers
- 6-Ginásio São Bento

LPF

- 1-Germânia (campeão)
- 2-Campos Elíseos
- 3-Internacional
- 4-Lusitano
- 5-Minas Gerais
- 6-Maranhão
- 7-Ginásio Vicentino

Os jornais *O Correio Paulistano* e *O Estado de São Paulo* acompanharam as competições, fosse envolvendo os denominados clubes de “elite” ou “populares” e ao

analisarmos as primeiras e últimas rodadas dos anos de 1915, 1916 e 1917, não encontramos a utilização desses termos:⁵⁹

O INÍCIO DO CAMPEONATO DE 1915 DA ASSOCIAÇÃO PAULISTA DE SPORTS ATHLETICOS – A. A. PALMEIRAS VERSUS WANDERERS F. C.

Conforme noticiamos, inicia-se hoje o campeonato de 1915 da Associação Paulista de Sports Athleticos. A atual temporada esportiva será aberta pela A. A. Palmeiras e pelo Wanderers F. C. sociedades que figuraram em últimos lugares no campeonato passado, mas que, devido aos rigorosos treinos a que se tem entregado, estão actualmente em ótimas condições.

Ambas as equipes aparecem com elementos novos... O povo paulistano, que sempre se mostrou grande admirador do foot-ball e que está privado desse esporte há cerca de cinco meses: é pois de esperar que hoje á tarde, o Velódromo encha-se de espectadores”. [grifo nosso]

O Estado de São Paulo (04.04.1915).

LIGA PAULISTA DE FOOT-BALL – INÍCIO DO CAMPEONATO - MINAS GERAES F. C. VERSUS S. C. GERMANIA

Inicia-se hoje o campeonato da Liga Paulista de Foot-ball, devendo entrar em combate as equipes do Minas Geraes F. C. e do S. C. Germânia.

O match efetuar-se-á ás 16 horas, no Parque Antarctica, sendo de esperar que a concorrência seja numerosa, por serem as duas equipes muito cotadas entre os freqüentadores do Parque. [grifo nosso]

O Estado de São Paulo (11.04.1915)

O Imparcial de (10.04.1915) e *O Estado de São Paulo* (11.04.1915) noticiaram que a LPF havia sido reconhecida pela federação argentina, que, até então, somente a APSA tinha esse privilégio. O segundo diário foi além e destacou que com essa atitude: “reconhecendo uma Liga que age separadamente, dirigida por um núcleo de ‘sportsmen’ com os quais não foi possível nenhuma reconciliação”.

Palestra Itália e Corinthians, as primeiras forças populares do futebol paulista, estiveram presentes no campeonato de 1916, o primeiro pela APSA e o segundo pela LPF. Foi necessário aguardar mais um ano para que finalmente se enfrentassem justamente em uma competição oficial. É irônico que esses dois clubes de origem operária, símbolos do confronto elite x popular e que forjaram sua história na luta contra os dirigentes elitistas, não tenham sequer disputado uma partida amistosa, para confraternizar-se. Preferiram enfrentar ao longo dos anos, nos gramados da Chácara Dulley, Velódromo ou Parque Antártica, equipes como o Paulistano, Mackenzie e Atlético das Palmeiras.

⁵⁹ Entretanto, verificamos algumas classificações: Palestra Itália (*Team* dos italianos), Paulistano (veterano do Velódromo), Wanderers (*Team britânico*), Corinthians (*Team alvinegro* ou do Bom Retiro), Atlético Palmeiras (*Team* da Floresta ou veterana da Floresta), Lusitano (*Team* luso), Sírio (*Team* rubro), demonstrando que os *jornalistas* não se propuseram a diferenciar as equipes, por fatores econômicos ou elite\popular .

A história sobre a “discriminação” do Corinthians pelos dirigentes elitistas se repetiu com o Palestra em 1916, fato que reforçou a aproximação da trajetória dos dois clubes em um papel de vítima diante dos poderosos, um embate próximo da luta Davi x Goliás.

Para participar do campeonato da APSA em 1916, a equipe dos italianos teve que disputar uma partida preliminar contra o Santos. O resultado foi uma derrota estrondosa de sete a zero, atribuída ao fato de o time ter sido montado sem critério técnico.

Foi depois dessa partida que começou a saga do Palestra para ser aceito no campeonato da APSA, quando o Scottish Wanderers foi acusado de utilizar jogadores profissionais nas disputas, o que acarretou sua desclassificação. Os italianos procuraram fazer valer seu direito de ocupar a vaga em aberto, mas a direção da entidade, de acordo com os anais do Palmeiras, se mostrou intransigente e recusou o pedido, alegando que a derrota sofrida demonstrava a incapacidade do clube de desempenhar um bom papel no campeonato. Essa posição contrária foi apontada como um gesto de preconceito contra os italianos. A mesma tônica excludente que permeia as narrativas encontradas em vários sites sobre a história do Corinthians, tem o seu equivalente nos endereços eletrônicos em relação ao Palmeiras:

Mais uma vez as portas da entidade lhes foram fechadas. A alegação oficial era que uma equipe que perde de forma tão humilhante, não apresenta condições para disputar uma competição tão importante. Mas, na verdade, o que nosso clube já enfrentava, era um preconceito, uma xenofobia explicável apenas pelo fato de muitos “oriundis” já terem enriquecido... Em outras palavras, era puro despeito.⁶⁰

Na história do Palmeiras se considera a reunião que terminou com a decisão favorável dos dirigentes da APSA para inclusão do time em seu campeonato, como um evento tão importante quanto sua fundação. Para conseguir seu objetivo, os dirigentes palestrinos procuraram o apoio de pessoas influentes da comunidade italiana e mobilizaram em prol de sua candidatura, o empresário Francisco Matarazzo. Com sua participação persuasiva representando os interesses do clube junto a APSA, sacramentou-se o seu ingresso, fato que o transformou posteriormente em sócio benemérito.

Essa “oposição” da elite é tão significativa na história do Palmeiras quanto à celebrada no Corinthians que, resumidamente, coloca esses dois clubes populares sofrendo o preconceito pela sua origem. É instigante verificarmos que a campanha palestrina, nesse

⁶⁰ www.pontoverde.com

campeonato, foi pífia e amargou a última colocação, como podemos observar na tabela adiante⁶¹.

Campeonato da LPF de 1916.

1. Corinthians
2. União Lapa
3. Alumni
4. Campos Elíseos
5. Maranhão
6. Minas Gerais
7. Paysandu
8. Americano
9. Ítalo Brasileiro
10. Ginásio Vicentino
11. SC Lusitano
12. Ruggerone
13. SC Internacional (abandonou a disputa)
13. Germânia (abandonou a disputa)

Campeonato da APSA de 1916

1. Paulistano
2. São Bento
2. Mackenzie
4. Ypiranga
5. Santos
6. Atlético Palmeiras
7. Palestra Itália

É conveniente esclarecer que, mesmo vencendo o torneio de qualificação ou da segunda divisão, não implicava, nessa época, o acesso automático à primeira divisão, na medida em que o clube devia provar possuir condições de se apresentar com galhardia e cumprir seus deveres como associado. Dessa forma, o União Fluminense Futebol Clube, Clube Atlético Audax, Clube Atlético Independência e Associação Gráfica de Desportos, apesar de vencerem esse torneio, não foram promovidos para a divisão principal.⁶²

O fato de a APSA negar, em primeira instância, o ingresso palestrino não pode ser entendido como uma atitude isolada e baseada apenas no preconceito. De acordo com Tomaz Mazzoni, em 1921 vários clubes pequenos pediram demissão da APEA (APSA), devido à reforma feita nos estatutos dessa liga não ter atendido à exigência deles: facultar o acesso automático à divisão especial dos vencedores do campeonato da divisão inferior e criaram uma outra liga, a Federação Paulista de Desportos (1950:160).

⁶¹ Apesar dos resultados negativos, com a unificação em 1917, a APSA, preferiu convidar o Palestra Itália, do que agremiações que haviam tido um desempenho melhor na LPF(1916), como União da Lapa, Alumni e o Minas Gerais.

⁶² Ver Anais da Federação Paulista de Futebol sobre os campeonatos da segunda divisão.

O tema do preconceito é um argumento importante e um mecanismo de defesa na história do clube. Diversos estudos apontaram que os italianos foram uma das comunidades étnicas discriminadas pelas famílias tradicionais paulistanas e que o sucesso de empresários “oriundi” gerou determinados conflitos, que se reproduziram no âmbito dos esportes. Mas, é necessário reconhecermos, que após sua inserção no mundo esportivo, o Palestra Itália, assim como outros clubes, usavam o futebol como reforço da nacionalidade, em um momento que se davam os primeiros passos na criação de uma “identidade nacional”, fato que provocava desentendimentos.

Na Europa, como destacaram Bill Murray (2000) e Hilário Franco Junior (2007), as partidas de futebol muitas vezes eram emblemas de conflitos e rivalidades étnicas, de nacionalidades e nações. O Palestra Itália, por ser uma agremiação zelosa de sua origem étnica, incitou reações adversas, fosse das famílias tradicionais ou de jornais, que representavam setores oligárquicos paulistas, como *O Estado de São Paulo*, mesmo que, em muitas ocasiões, tenha transgredido essa posição em relação ao clube⁶³.

Tomemos como exemplo a rodada inicial do campeonato de 1917, em que o jornal OESP (08.04.1917), sobre a partida Atlético Palmeiras x São Bento e Corinthians x Ypiranga, disse ser difícil afirmar qual prelo seria o mais brilhante e classificou o Corinthians: “é indiscutivelmente, uma das mais brilhantes agremiações esportivas que possuímos, e foi o vencedor do campeonato do ano passado da extinta Liga Paulista de Football.”

No mês seguinte, em relação à partida envolvendo Palestra Itália e Corinthians, afirmou que era **“um dos mais belos presentes da temporada”**, ao passo que o jogo entre Paulistano e Internacional não foi anunciado com o mesmo entusiasmo:

ASSOCIAÇÃO PAULISTA DE SPORTS ATHLETICOS

Mais dois “matches” do campeonato da Associação Paulista de Sports Atléticos estão anunciados para esta tarde. Ambos serão, por certo, interessantes, constituindo lutas cheias de emoções.

Floresta – Vão medir forças hoje na Floresta, disputando mais um “match” do campeonato estadual deste ano o C. A. Paulistano e o S. C. Internacional: o primeiro, foi campeão o ano passado; o segundo, o ano passado estava filiado à Liga Paulista, é, de todos os clubes empenhados na disputa deste campeonato, o mais fraco. Pelo menos, até agora como tal se tem mostrado.

Mas, o encontro nem por isso deixará de ser interessante. Se o Paulistano é mais forte, o Internacional há de esforçar-se por enfrentá-lo dignamente.

⁶³ Situação análoga deve ter passado o Savoia, Ruggerone, Ítalo, Lusitano, Sírio, Alemanha, **Britânia**, Wanderers, Portuguesa, Ítalo-Português FC, FC Bersaglieri, Torino FC, Japão FC e o Palestra, mas **independentemente** desses conflitos, participaram dos campeonatos de primeira e segunda divisão das várias ligas.

Antarctica – No Campo do Parque Antarctica se encontrarão as valiosas equipes do Corinthians e do Palestra. Quem as conhece não deixará, sem dúvida alguma, de assistir a partida de hoje, que, pode-se dizer de antemão será um dos mais belos presentes da temporada.
O Estado de São Paulo (06.05.1917)

Mesmo sendo um jornal ligado às elites tradicionais em algumas ocasiões, encontramos no OESP artigos regados de elogios aos clubes populares, como Maranhão, Campos Elíseos, Palestra e Corinthians, fato que nos sugere ser incorreto visualizá-lo como algo monolítico, sem qualquer interesse no aumento das vendas ou no público, que o levasse a contemporizar com as diversas situações.

Em 1917 se realizou apenas um campeonato, organizado pela APEA⁶⁴, apesar da aparente pacificação com a extinção da LPF, o controle dessa entidade foi novamente um alvo de disputas nos anos seguintes.

A rivalidade entre Corinthians e Palestra teve início, provavelmente, no campeonato de 1917, quando ocorreu o primeiro embate entre os dois clubes. O Corinthians já havia conseguido seu primeiro troféu em uma competição oficial e o Palestra Itália tinha sonhos de emular tal feito.

O resultado foi Palestra Itália 3 x Corinthians 0 e fez parte da seção esportiva, com o outro prelo, envolvendo o Paulistano e Internacional. As duas partidas receberam o mesmo tratamento:

ASSOCIAÇÃO PAULISTA DE SPORTS ATHLETICOS

Realizaram-se ontem os dois “matches” do campeonato da Associação Paulista de Sports Athleticos que estavam anunciados. O resultado do que disputaram na Antarctica Palestra e Corinthians, foi, porém, uma surpresa, que nem por ser esperada deixou de causar aos que acompanham o movimento esportivo desta capital muita emoção.

Porque a verdade é que, se uns esperavam que essa luta terminasse por um empate, não poucos eram os que contavam como certa a vitória do Corinthians. E o que se verificou, entretanto, foi a sua derrota.

Floresta – Já dissemos que a vitória do Paulistano era esperada. Ninguém podia ter dúvida sobre isso. **O Paulistano, o veterano clube do Velódromo, campeão o ano passado e este ano, um dos mais valentes concorrentes ao primeiro lugar, ia encontrar-se com um adversário que estava longe de lhe fazer frente, era natural, portanto, que saísse vitorioso da pugna...** O “match” terminou pela vitória do Paulistano por 4 a 1....[grifo nosso]

Antarctica – Realizou-se ontem no vasto campo da Antarctica, o esperado encontro entre o Corinthians e o Palestra. O Corinthians foi o campeão da antiga Liga Paulista, possui um conjunto de primeira ordem, bem treinado e o que é mais, tido como “team” invencível. O Palestra atualmente é um dos melhores “teams” da Associação,

⁶⁴ Por opção, passamos a **utilizar**, a partir de 1917, a sigla APEA ao invés de APSA, que na realidade só passou a ser usada após a reforma ortográfica.

possuindo um “eleven” de valor, e, que em duas refregas em que se empenhou não foi vencido. [grifo nosso].

Ambos estavam no atual campeonato com o mesmo número de pontos. Foi devido a isso, que o vazio campo da Antartica encheu-se de espectadores, ansiosos pelo desfecho da importante pugna.

Não perderam o tempo os que lá foram, porque foi realmente um bom “match”...Era difícil fazer qualquer prognóstico, dado o equilíbrio das “equipes” que se encontravam...O “team” italiano aproveita-se da indecisão das linhas inimigas, Caetano dá uma escapada e envia mais uma vez a esfera á rede do Corinthians.

Ainda o mesmo jogador consegue, um minuto antes de terminar o jogo, conquistar mais um “goal” para a sua “equipe”.

Terminou assim o “match”...*O Estado de São Paulo* (07.05.1917)

Palestra Itália: Flosi, Grimaldi, Bianco, Bertoloni, Picagli, Fabri, Ministro e Caetano. Heitor, Orlando e Martineli. **Corinthians:** Russo, Adelino e Casemiro; Gonzáles, Ciasca, Plínio e César Nunes, Américo, Marconi, Amílcar, Aparício e Neco. Local: Parque Antártica. Árbitro: Alfredo Gulio. Gols: Caetano(3)

O campeonato se encerrou em 25 de novembro de 1917, cujo campeão foi o Clube Atlético Paulistano, seguido pela Palestra Itália e Corinthians, que se transformaram, com muita rapidez, em grandes forças do futebol paulista, suplantando agremiações tradicionais, como Mackenzie, Atlético Palmeiras, Internacional, Americano e Germânia.

Na promoção de um evento realizado pela Associação dos Cronistas Esportivos em 12 de outubro de 1917, de acordo com Araújo (1996), por desistência do América (ou Fluminense), foi convidado para enfrentar o Paulistano, um combinado formado pelo Palestra e Corinthians, que venceu por 2x0.

Os espaços esportivos na mídia imprensa foram preenchidos pelos novos ídolos, fossem atletas de clubes “populares” ou de “elite”. Em uma festa ocorrida no Clube Tietê, alguns jogadores do Fluminense, Paulistano, Palestra e Corinthians posaram para uma fotografia que foi publicada na revista *A Cigarra*. As lentes flagraram, em um mesmo recinto, vestidos com elegância, jogadores que dividiam a atenção do público e dos jornalistas. Nesse instantâneo, é difícil arriscar quem era um “moço fino” ou o “filho de um trabalhador braçal”:



Pindaro de carvalho (Fluminense), Heitor Marcellino e Bianco Spartaco Gambini (Palestra Itália), Manoel Nunes o “Neco” (Corinthians) e Sergio Pereira (Paulistano).⁶⁵

Nesse mesmo ano, o jornal *O Estado de São Paulo* promoveu um concurso entre seus leitores, para a escolha do novo dirigente da APEA, já que a eleição oficial havia se mostrado repleta de “arrumações”, que “comprovavam” que os bastidores do futebol estavam cada vez mais corrompidos por desmandos, que deveriam ser seriamente combatidos.

No encerramento do concurso:

Presidente:

Dr. Antonio Prado Júnior (247 votos), Cunha Bueno (191 votos), Rodolfo Crespi (92 votos), Edgar Nobre de Campos (55 votos), Mélio Filho (47 votos), Menotti Falchi (36 votos), Mário Cardim (30 votos)

Vice-Presidente:

Menotti Falchi (423 votos), Ferreira dos Santos (179 votos), Armando Luchet (44 votos), Olival Costa (25 votos), Cunha Bueno (19 votos).

1º Secretário:

Dr. Pereira Queiroz (329 votos), Pedroso de Carvalho (263 votos), Alcântara Tucci (41 votos), Aparício Serpa (36 votos), Guido Giacomelli (34 votos) e Dr. Julio de Mesquita Filho (3 votos)

2º Secretário:

Paiva Azevedo (222 votos), Alcântara Tuci (154 votos), Dr. Pedroso de Carvalho (87 votos), Mário Cardim (79 votos) e Guido Giacomelli (39 votos).

⁶⁵ “A Cigarra”, por ocasião da festa realizada em sua homenagem pelo Club de Regatas Tietê, na Ponte Grande, doado por Rachel Sant’anna Passos em 2000 para o Clube Atlético Paulistano.

1º Tesoureiro:

Olival Costa (323 votos), Mello Filho (104 votos), Menotti Falchi (91 votos), Duílio Frugolli (29 votos) N. Marmo (24 votos) e Guido Giacomelli (21 votos).

2º Tesoureiro:

Dullo Frugoli (127 votos), Menotti Falchi (113 votos), Paiva Azevedo (105 votos), Raul Ferreira (81 votos) e Mario Cardim (59 votos)

O Estado de São Paulo (15.12.1919)

No voto dos leitores, a chapa vencedora foi Antonio Prado Júnior (Paulistano) e Menotti Falchi (Palestra Itália), que aponta mais uma composição entre elite\ popular, do que uma oposição radical, visto que o candidato que recebeu o maior número de votos, foi o presidente do clube dos “italianinhos”. Entretanto, o novo mandatário da federação, em substituição a Edgar Nobre de Campos, foi J.Ferreira dos Santos. Somente em 1924 é que Antonio Prado Júnior conseguiu assumir o comando da liga, de acordo com suas palavras, “na tentativa de moralizá-la”.

O futebol paulista foi dominado na década de 1920 pelo chamado trio de ferro (Paulistano, Corinthians e Palestra). Na metade da década, ocorreu um novo rompimento esportivo no Estado, em parte, devido à discussão sobre a manutenção do caráter amador no futebol, proposta esta defendida até as últimas conseqüências pelo Paulistano.

1.5 Palestra e Corinthians : Conflitos Externos e Internos (1920-1939)

Campeonato paulista é como jogar uma moeda para o alto, se cair cara é Palestra, coroa vai dar Corinthians, se ficar de pé, ganha o São Paulo... e se parar no ar, o vencedor é a Portuguesa.
(anônimo)

Na primeira metade da década de 1920, novos clubes alcançaram um grande prestígio no cenário esportivo. Algumas agremiações, com forte inserção de imigrantes portugueses, já disputavam competições regionais, como o Lusitano. Em 14 de agosto de 1920, em conjunto com outras equipes (Lusíadas, Cinco de Outubro, Marinhense e Marquês de Pombal), criaram a Associação Portuguesa de Desportos.

Apesar de não desfrutar o mesmo prestígio, o Clube Atlético Juventus foi fundado em 20 de abril de 1924 por funcionários do Cotonifício Rodolfo Crespi, com o nome de Extra São Paulo, com as cores da bandeira paulista. Em 1925, alterou para Cotonifício Rodolfo Crespi Futebol Clube.

A fábrica da família Crespi estava situada na região da Mooca desde meados do século 19. Em 1929, venceu o torneio da segunda divisão e inaugurou seu estádio. No ano seguinte, foi indicado para participar do campeonato da primeira divisão pela APEA. Nessa época, dois nomes sobressaíram no comando do clube: Rodolfo Crespi e Adriano Crespi, italianos da cidade de Busto Arsizio, que resolveram modificar o nome para Clube Atlético Juventus⁶⁶.

Nos seus primeiros anos de existência, o Palestra Itália sublocou o Parque Antártica, que era alugado ao Germânia pela empresa denominada Companhia de Cervejaria Antártica Paulista. Mas esse clube, em situação econômica desfavorável, cedeu ao América, que não conseguiu arcar com o aluguel sozinho.⁶⁷

Em 1917, o Palestra passou a ser o único locatário, com uma despesa de 500 mil réis mensais de aluguel. Em 27 de abril de 1920, o presidente Menotti Falchi assinou o contrato de compra do terreno por 500 contos de réis. Foi o início da constituição de um patrimônio, que parece ter sido um dos fatores que contribuíram para o sucesso dos clubes junto aos associados⁶⁸.

Em 1921, começaram as obras de construção do seu estádio, no terreno recém-adquirido na Santa Cecília. O pagamento da última prestação contou a ajuda do Conde Francisco Matarazzo, que adquiriu uma faixa do terreno, com saída para a Rua Turiassu, para que o clube quitasse sua dívida com esse dinheiro. Em sete anos, o Palestra Itália não era apenas um clube de operários, já que estava atraindo a atenção de importantes industriais e comerciantes de origem italiana, que passaram a frequentar e apoiar o time. Provavelmente se destacava como um espaço reconhecido de promoção e inserção social junto à comunidade italiana e a própria sociedade⁶⁹.

Nesse sentido, Sevcenko aponta que alguns espaços, notadamente os esportivos, começam a ser frequentados tanto pela elite quanto pelo povo. Assim, a transformação dos grandes centros urbanos com seus novos espaços de lazer entusiasmou inclusive os

⁶⁶ Diversas fontes apontam que a cor do uniforme é em homenagem ao Torino e o nome foi para referenciar a Juventus de Turim. Já os informativos expedidos pelo clube indicam que o time italiano inspirador para seu uniforme foi a Fiorentina. Por isso, durante um breve momento (1933-1935), mudou sua denominação para Clube Atlético Fiorentino, quando disputou o campeonato amador por discordar do profissionalismo. Posteriormente, voltou a empunhar seu antigo nome e participou do campeonato profissional, utilizando o seu estádio que fora construído em 1929.

Anais do Clube Atlético Juventus.

⁶⁷ No clube Pinheiros, funciona o centro de memória Hans Nobiling, que dispõe entre outros documentos, os contratos de aluguel entre o Germânia e a Cia Antártica.

⁶⁸ Anais da Sociedade Esportiva Palmeiras

⁶⁹ O comendador Ermelino Matarazzo, de acordo com o memorial do clube, foi o primeiro elemento dessa família, que patrocinou atividades internas e quem influenciou a participação de outros indivíduos do clã no Palestra, como o conde Francisco Matarazzo..

modernistas, já que definiam a modernidade como raciocínio, instrução, esporte, velocidade, alegria e rapidez. O crescimento dos clubes pode ser medido pela constituição do patrimônio e o aumento no número de associados:

Corinthians: 1916 - 50 sócios; 1928 - 1.210 sócios; 1929 - 1.853 sócios; 1930 - 1.230 sócios; 1932 - 1.283 sócios; 1933 - 3.615 sócios

Paulistano; 1900 - 59 sócios; 1903 - 166 sócios; 1913 - 300 sócios; 1915 - 15 sócios; 1918 - 918 sócios; 1919 - 1.149 sócios; 1920 - 1.413 sócios; 1930 - 3.000 sócios

Palestra: 1914 - 45 sócios; 1917 - 75 sócios; 1927 - 1.630 sócios; 1930 - 2.300 sócios⁷⁰.

Apesar da origem popular do Corinthians e Palestra, outros estratos sociais participaram dessas entidades, que contribuíam com o prestígio de seu nome e, provavelmente, os legitimavam como instituições esportivas dignas e freqüentadas por “pessoas de bem”. O fato de não se restringirem apenas ao futebol pode ser um indicativo de que o aumento do número de associados ocorreu concomitantemente à ampliação das atividades oferecidas pelo clube, seja no lazer ou no campo esportivo, e que também podemos observar na criação de novos cargos de diretores.

Enquanto o Palestra era um clube que mantinha laços estreitos com a colônia, como podemos observar na lista de seus presidentes, cujos sobrenomes eram, majoritariamente, de origem italiana, o Corinthians aponta uma outra situação. Era mais aberto à inserção de elementos de diferentes grupos étnicos, que inclusive alcançaram posição de destaque, como italianos, alemães, espanhóis, portugueses e árabes.

Presidentes do Sport Clube Corinthians Paulista (1910-1941)

Miguel Bataglia (1910-1910), Alexandre Magnani (1910-1914), Ricardo de Oliveira (1915), João Batista Mauricio (1915-1916), João Martins de Oliveira (1917), João de Carvalho (interino-1918), Albino Teixeira Pinheiro (1919), Guido Giacomelli (1920-1925), Aristides de Macedo Filho (19125), Ernesto Cassano (1926), Guido Giacomelli (1927), Ernesto Cassano (1928), José Tipaldi (1929), Felipe Collona (1929-1930), Alfredo Schurig (1930-1933), João Batista Mauricio (1933), José Martins Costa (1933-1934) e Manuel Correcher (1935-1941)

Presidentes da Sociedade Esportiva Palestra Itália (1914-1942)

Ezequiel Simone e Augusto Vicari (1914), Leonardo Pareto e Fabio Ferre (1915), Ludovico Bachinni (1916), Guido Farti e Olival Costa (1917), Valentin Sola (1918), Menoti Falchi (1919), Davi Pichetti (1920), Francisco de Vivo (1923), Giuseppe Perrone e Francisco de Vivo (1925), Eduardo Matarazzo (1928), Dante Delmanto (1932), Rafael Parisi (1934), Ítalo Adami (1938-1942).

⁷⁰ O Palestra, de acordo com o jornal *O Estado de S. Paulo* (12.08.1942) foi o primeiro clube da capital a atingir o número de cinco mil associados, isso ocorreu na década de trinta, já que em 1942, alcançou a marca de dez mil associados.

A constituição do patrimônio do Corinthians se iniciou com a construção do Estádio da Ponte Grande, posteriormente negociado com o São Bento. A sua concretização contou com o empenho dos associados e foi realizada uma campanha para a obtenção de donativos. Entre os vários doadores, alguns não possuíam ligações com o clube naquele momento, como o empresário Alfredo Schuring, que se tornou um dos homens fortes do clube, alguns anos depois (DIAFÉRIA,1992).

A segunda saga ocorreu nos anos 20 e é um episódio muito celebrado na história do clube: a construção de uma sede digna para a sua grandeza, obra iniciada em 1926 quando o presidente Ernesto Cassano adquiriu o primeiro lote de terreno (onde hoje está situado o Parque São Jorge) dos proprietários Assad Abdala e Nagib Sallem, que emprestavam esse local para os treinos do Sírio. A transação envolveu a assinatura de várias promissórias e foi considerado um passo ousado. Mas a construção de uma sede estava de acordo com qualquer projeto existente de buscar sua inserção como clube importante na capital.⁷¹

A compra do terreno e a construção do estádio foram despesas enormes que provocaram dificuldades administrativas aos presidentes Guido Giacomelli e o médico José Tipaldi. Finalmente, foi na gestão do bancário Felipe Collona, que se vislumbrou a solução desse problema.

Percebe-se que a direção do clube, desde os anos 1920, deixou de estar centralizada nas mãos de pessoas que são associados e jogadores de futebol, como nos primeiros anos da sua criação. Os novos administradores são indivíduos da classe média que dirigem o clube buscando o contentamento de interesses mais amplos, que se reflete no teor das atas. Isso significou a mudança do poder decisório dos primeiros grupos, substituídos por uma outra geração, com novos horizontes. Mesmo não ocupando cargos diretivos, alguns sócios fundadores continuaram com participação ativa na política interna⁷².

Se o futebol, nos seus primeiros anos, foi uma prática ligada às classes mais abastadas, sua paulatina popularização foi irreversível. De acordo com Nicolau Sevcenko (1992), o Palestra Itália, alguns anos após a sua fundação, já arrastava, atrás de si, uma pequena multidão em seus jogos. Era uma invasão das classes populares, já que era um time muito ligado aos operários, subempregados e funcionários do comércio ligados à colônia italiana, que começaram a dividir um mesmo espaço físico com a alta sociedade, o que ocasionava certo desconforto para a elite, segundo esse autor.

⁷¹ De acordo com cópia de atas do Sport Clube Corinthians, fornecido por Lourenço Diaféria, encontramos referências as contribuições de Ernesto Cassano, Alfredo Schurig, Carmo Carnevalle, Luiz Pasqua, Manoel dos Santos, Antonio Fernandes, Francisco Esteban e Caetano Donabella.

⁷² Um dos exemplos, é Manuel Nunes(Neco), grande ídolo esportivo e posteriormente um associado com grande participação política no clube, como podemos atestar no decorrer desse trabalho.

Entretanto é curioso verificarmos, que esses estratos superiores economicamente, ao invés de se afastarem dos clubes, devido a presença da massa, foram paulatinamente se inserindo na direção dos mesmos, fossem agremiações “populares” ou de “elite”, como por exemplo, Eduardo Matarazzo, presidente do Palestra Itália em 1928, Alfredo Schurig e os irmãos Toledo Piza no Corinthians, os Crespi no Juventus ou Antônio Prado no Paulistano.

O sucesso do futebol como esporte de massa e o seu poder de despertar paixões, pode ser avaliado em relação uma série de incidentes, envolvendo arbitragens e regulamentos. Alguns clubes, em protesto, ameaçavam se retirar do campeonato, em situações mais extremas, esse fato se concretizou em muitas ocasiões:

- 16.07.1911 - Atlético Palmeiras, após derrota frente o Germânia (3x4), saiu do certame da LPF.
- 07.04.1912 - São Paulo AC, abandonou o futebol.
- 09.07.1913 - Santos, após derrota para o Americano (1x6), abandonou o campeonato da LPF.
- 19.07.1914 - Germânia deixou o certame da LPF, após derrota para o SC Internacional (0x1).
- 10.10.1914 - Hydrcroft saiu do campeonato da LPF, após vitória sobre o Minas Gerais (2x0).
- 30.09.1916 - Germânia deixou o campeonato da LPF, após derrota para o Americano (0x6).
- 12.10.1916 - SC Internacional saiu do campeonato da LPF, após vitória sobre o Alumni (3x1).
- 30.06.1918 - O Palestra saiu do campeonato da APSA, após derrota para o Paulistano (1x3).
- 15.08.1920 - O Santos abandonou a APEA, após WO frente ao MackPort.
- 21.03.1921 - Rebelião dos pequenos clubes contra a direção da APEA.
- 03.05.1924 - O Palestra saiu do campeonato da APEA, após derrota para o Brás (2x3).
- 24.10.1924 - Carta aos jornais do Paulistano contra a APEA
- 31.05.1925 - Atlético Palmeiras abandonou a APEA, após derrota para o Corinthians (1x4).
- 06.01.1926 - Paulistano criou a Liga dos Amadores de Futebol, após uma crise com o São Bento, Palestra Itália e a APEA.
- 10.07.1927 - Corinthians de SBC, saiu da LAF, após vitória sobre o Sirio (4x2)
- 10.07.1927 - Taubaté desligou-se da LAF, após a vitória sobre o Sant' Ana (4x2).
- 17.07.1927 - Sílex, desligou-se da LAF, depois da partida contra o Germânia (1x3).
- 31.07.1927 - Independência abandonou a LAF, após partida contra o Espanha (6x1).
- 11.09.1927 - Sirio desligou-se da LAF, com WO frente ao Antártica.
- 26.08.1928 - O Comercial de RP abandonou a APEA, em protesto contra o Corinthians⁷³.

O descontentamento de clubes como o Santos, Comercial, Atlético Palmeiras, Germânia, Portuguesa de Desportos, Corinthians, Palestra e Paulistano, indica uma situação conflituosa e que as queixas não eram privilégio de qualquer clube, fosse de elite ou popular. Se observarmos os anais dessas agremiações, invariavelmente, recontam uma história de perseguição: O Corinthians por ser de origem varzeana\popular; o Palestra pela sua gênese italiana e o Paulistano insiste no tema da moralização.

Mas as desavenças também podiam ser provocadas por situações peculiares, como a disputa entre o Corinthians e Palestra pelo jogador Almicar Barbuy, que foi retratada pelo jornal *Fanfulla*; “Almicare aila Palestra Itália” ou “Il passe de Almicare”. Em 1923 o clube

⁷³ Indicamos apenas as crises mais preeminentes, visto que as pesquisas apontaram uma situação epidêmica. Com raras exceções, os clubes declaravam-se perseguidos pela direção da liga ou acusavam a arbitragem de atuar com parcialidade.

do Parque Antártica fez tentativas ao longo do ano para obter o “passe” desse grande ídolo corinthiano.

O cume de tensão entre eles ocorreu após a partida contra a equipe do Germânia, quando o Palestra venceu por 3x2. O clube resolveu, após os protestos do adversário, entregar os pontos da partida seguinte, não enfrentado o Corinthians no dia 16 de setembro, alegando não ter atletas suficientes: “La direzione palestrina ritenendo a impossibilità di allenare una squadra che possa fronteggiare quella avversaria, rinuncia al match” *Fanfulla* (14.09.1923).

Esse fato foi criticado inclusive pela imprensa italiana, que ironizou “o triângulo amoroso” : “Il p'avrebbe deciso di non giocare contro il Corinthians, perché questo non concedesse il passe in questione” (19.09.1923).

Terminou o mesmo jornal informando que discordava dessa postura palestrina, que, em vez de ser um passo para a confraternização, demonstrava a grande confusão reinante no futebol. *O Correio da Tarde*, nessa mesma data, criticou duramente a posição do Palestra Itália que, segundo ele, não tendo coragem de admitir seus verdadeiros interesses, escondeu-se sob a capa de um subterfúgio leviano (19.09.1923).

Foi estabelecida uma verdadeira batalha entre os dois clubes, que possivelmente teria se encerrado, quando o conselho deliberativo do alvinegro se reuniu e tomou a seguinte decisão:

Comunicamos que em sessão da diretoria e do conselho consultivo, resolveram negar o pedido de passe do sócio-jogador, Almicar Barbuy. Por unanimidade, o conselho deu um voto de louvor à direção do clube, que manteve a independência do clube, indeferindo o pedido de passe.
O Imparcial (19.9.1923)⁷⁴

O Corinthians sagrou-se campeão em 1923 e voltou a realizar o feito no ano seguinte. Entretanto, em desacordo com alguns regulamentos da liga, o Palestra mais uma vez abandonou a competição. Isso ocorreu após o jogo contra a equipe do Brás (03.05.1924), quando discordou da punição aplicada aos seus atletas pela APEA, nesta época sob o comando de Antônio Prado Junior. A partir desse episódio, o relacionamento entre a diretoria dos dois clubes ficou estremecida e o *Fanfulla* iniciou uma campanha contra o autoritarismo do presidente apeano, como pode ser comprovado nos editoriais ao longo do mês de maio e junho desse ano.

Em 1925, o Paulistano, após uma excursão vitoriosa aos campos da Europa, que foi publicada com grande impacto nos jornais e revistas da época, se insurgiu contra os “desmandos” da liga. Após um desentendimento ocorrido na partida contra o São Bento, o

⁷⁴ Apesar da decisão do Conselho, Almicar Barbuy transferiu-se para o Palestra Itália.

clube se sentiu prejudicado e se indispôs com a direção da APEA. Por não ser atendido em seus reclames, liderou uma nova cisão, que levou à criação da Liga dos Amadores do Futebol (LAF) em 6 de janeiro de 1926, que se tornou a rival da APEA, pelo domínio político em torno desse esporte no Estado. Apesar de ostentar o termo amador, a questão sobre a profissionalização não foi o único pivô da crise.⁷⁵

Antonio Prado Junior, que havia ocupado a presidência da APEA em 1924, comentou seus dissabores com seu vice Lauro Gomes, que em conluio com outros diretores da entidade, apoiado pelo Palestra Itália e São Bento, impediram a realização de uma profunda reforma na liga, que resgatasse a “disciplina” e a “moralidade” e que, no ano seguinte, o novo presidente da liga passou a perseguir os jogadores do clube, punindo-os com suspensões arbitrárias.

Vários clubes como Independência, Atlético Palmeiras, Antartica, Britânia, Paulista de Jundiaí, Atlético Santista e Germânia, apoiaram o Paulistano, e mesmo o Corinthians ficou muito próximo de ingressar nas fileiras da LAF, como podemos observar em matéria do jornal *O Imparcial*, que explicou ter encontrado, por acaso, os presidentes Ernesto Cassano, do Corinthians, e Raul da Silva Campos, do Vasco da Gama, em uma conversa amistosa, na Rua Sete de setembro, no estabelecimento comercial deste:

Depois que ocorreu a primeira cisão na APEA, com a saída do Paulistano, procuramos nos manter nessa entidade, na expectativa de que a indisciplina, desordem e anarquia, chegassem ao fim. Procurei inclusive, influenciar outros clubes, para que juntos, tentássemos uma nova união e o fim dessa divisão, que só prejudica a família esportiva paulista.

Procurei os diretores do São Bento, vultos da chamada velha guarda, que acolheram carinhosamente minha idéia.

Entretanto, fui surpreendido, com a informação do local “OESP”, informando que o referido clube abandonou a APEA filiou-se a LAF. Com o apoio dos diretores do meu clube, resolvemos também afastar-se da APEA e buscar guarida junto a LAF.

Pretendemos seguir o exemplo da AMEA, principalmente na obrigatoriedade de instalações próprias e na prática de vários esportes. Procurei o sr Oscar Costa presidente da APEA e expus a situação.

Hoje fazem parte da LAF, o Paulistano, Germânia, Palmeiras, Antártica, Independência e Paulista de Jundiaí, todos possuem campos, sendo que o Germânia e o Palmeiras, cultivam esportes aquáticos. Com o ingresso do Corinthians, São Bento e Sílex, este um clube novo e muito bem organizado....com o apoio das Federações de Esgrima, Hipismo, Atletismo, Basquetebol e Voleibol, ficarão assim os amadores, com a melhor força esportiva de São Paulo.

O Imparcial (20.02.1927)

⁷⁵ No Rio de Janeiro também estava **estabelecida** uma anormalidade, com a existência de duas entidades: AMEA e METRO, cf. Antonio Jorge Soares (1999), Ronaldo Helal (1997) e Jorge Murad (2000).

Apesar dessa crítica aos desmandos anárquicos que, segundo o presidente do Corinthians, reinavam na APEA, o clube não rompeu com essa liga e optou por permanecer nessa entidade em apoio ao Palestra Itália. Essa decisão deveu-se à pressão dos conselheiros do clube, como insinuou o mesmo jornal dias depois.

Em 1927, alguns clubes que haviam apoiado a APEA e disputado o campeonato dessa liga no ano anterior, mudaram para a LAF, como São Bento, Sírio, SC Internacional e Sílex, fato característico de que as posições ou interesses não estavam bem definidos.

A crise entre a LAF e a APEA representou também uma tensão entre o Palestra e o Paulistano. Em junho de 1927, os dirigentes palestrinos fizeram vários ataques a Antônio Prado Júnior, acusado de autoritário e “que pretendia apenas o poder de mando, por ambição e vaidade”. Destacou o tratamento indigno dispensado ao Sírio e o Antártica pela LAF – que abandonaram essa liga e voltaram para APEA – e, em especial, saudou o Corinthians, classificado como clube de “responsabilidade e passado glorioso”, cuja diretoria iria se reunir para decidir-se sobre a sua situação, conforme descrito nos jornais em junho de 1927⁷⁶.

Dentre as principais críticas tecidas pelos dirigentes do Palestra Itália aos regulamentos da LAF, constava o “autoritarismo” que permitia ao presidente da entidade tomar medidas punitivas aos clubes associados, sem necessidade do aval de um conselho deliberativo.

O jornal *A Estampa Esportiva* adotou um discurso idêntico em relação ao que classificou de “absurdos imperialistas” que constavam nos estatutos da liga:

...E que as palavras sinceras do Palestra Itália, encontrou echo no meio dos esportistas que ainda não perderam as esperanças de melhores dias..Há porem uma barreira e repitimo-o, a ambição e a vaidade, irmanadas para o fim único de mando da imposição e superioridade...os clubes da LAF não toleram mais os regulamentos que:

Artigo 38º – a diretoria da LAF poderá impugnar os nomes de qualquer pessoa que possam figurar como membros diretores das instituições filiadas...

Artigo 39º - Compete igualmente a diretoria da liga, rejeitar os nomes dos amadores que pretendem sua inscrição, não sendo a mesma obrigada a dar qualquer explicações dos motivos absurdos...*A Estampa Esportiva* (06.06.1927).

Nessa disputa entre as duas ligas, a LAF inicialmente se mostrou mais eficaz que sua rival, inclusive contou com a simpatia do jornal *O Estado de São Paulo*. Entretanto, o

⁷⁶ Nos regulamentos da LAF, conferimos algumas ambigüidades, como a definição de que é uma entidade aberta a todas as raças e classes sociais, mas o atleta devia provar sua profissão. Entretanto, o item que provocou grande debate foi o de proibir o acesso à liga de dirigentes “sem caráter”, isto é, o presidente da LAF podia intervir nos clubes filiados, se não concordasse com a escolha dos dirigentes, que claramente remete aos conflitos políticos, como uma das bases do rompimento.

Fanfulla, *Estampa Esportiva*, *O Imparcial* e o *Diário da Noite* tomaram partido da APEA e criticaram inúmeras vezes a postura dessa entidade e do seu presidente Antonio Prado Júnior.

Os dirigentes da APEA e da LAF buscaram o apoio da Confederação Brasileira de Desportos (CBD) e da Associação Metropolitana de Esportes Atléticos (AMEA), como a visita de Antônio Prado Júnior ao Vasco da Gama: “O ilustre sportmen Antonio Prado Júnior, presidente do CA Paulistano e da Liga de Amadores de São Paulo e atual prefeito do Distrito Federal, visitará amanhã, o suntuoso estádio do Vasco da Gama, em São Januário, que estão quase completadas” (*A Platéia*).

A visita amigável foi talvez uma estratégia utilizada por Antônio Prado Júnior, que era aliado político do presidente Washington Luiz. Em razão de sua posição privilegiada no governo federal, teria tentado, de acordo com o jornal *A Estampa Esportiva*, influir na decisão da AMEA, em prol da LAF, utilizando meios pouco louváveis:

O presidente do Fluminense Dr. Arnaldo Guinle, recém chegado da Europa, participará da reunião promovida pela AMEA, que contara com os sete fundadores...discutirão o atual estágio do futebol paulista, visto que a crise estabelecida entre a APEA e a LAF, tem tido desdobramentos...noticiamos que a AMEA pretende fazer uma sindicância para saber qual das duas é a mais eficaz do ponto de vista material e esportivo. Se indicar a LAF e der seu apoio, estará se insurgindo contra a Confederação Brasileira de Desportos, a quem cabe tal missão...confidenciou-nos um diretor esportivo na capital, que o sr Antonio Prado Júnior, prometeu auxiliar com 300 contos, o Torneio Mundial de Tênis, que será realizado na capital...como se vê, há interesses a se defender por todos os meios.
A Estampa Esportiva (27.01.1929)

Essa situação contrariou todas as expectativas de uma possível pacificação, como havia noticiado os jornais *Fanfulla* (01.12.1928), *A Gazeta* (4.12.1928) e *A Platéia* (01.12.1928), todos com base na entrevista do enviado da CBD, Dr. Renato Pacheco, que informou ter recebido da APEA e da LAF a concordância com as propostas elaboradas por uma comissão presidida por ele.

Novamente *A Gazeta* (19.04.1929) noticiou o encontro de notáveis conselheiros dos principais clubes paulistas, como Gastão Rachou, Francisco de Vivo, Guilherme Machado Kwall e Afrânio Lesse, que redigiram um manifesto em prol da pacificação.

A crise entre a duas ligas não pode ser resumida à discussão em torno do profissionalismo no futebol, visto que elas buscaram o apoio da CBD, a entidade máxima no cenário esportivo nacional, que defendia a manutenção dos esportes amadores. Mesmo tendo tomado a decisão de apoiar a APEA, a CBD nessa ocasião puniu atletas e dirigentes do Corinthians e Palestra Itália, como na sessão ocorrida em 13.01.1928, em que abriu inquérito contra Guido Giacomelli, considerado carecedor das atribuições para o desempenho de

qualquer cargo esportivo e suspendeu por seis meses o atleta Fernando de Castro (Palestra Itália), por ter burlado a lei de transferência de amadores (LMTD)⁷⁷

Esse litígio só foi decidido quando a CBD e a AMEA tomaram partido da APEA, que enfraqueceu definitivamente a LAF. A última tentativa de Antonio Prado Júnior, de acordo com sua entrevista, anos depois, foi sondar a direção da AMEA, sobre a possibilidade da criação de uma confederação independente em oposição à CBD.

O Diário da Noite, de 1929, publicou a entrevista do secretário-geral da LAF, Virgílio Guimarães, sobre as conversações mantidas com a AMEA, para a criação de uma nova entidade esportiva. O jornal duvidou dessa afirmativa e criticou duramente a proposta: “Então é possível que sejam filiados à Federação de Atletismo e de Tênis quatro ou cinco clubes, que com as mesmas cores, os mesmos estatutos e os mesmos homens, pretendam exterminar a CBD, somente porque esta não lhes reconhece sua liga de futebol?” (16.01.1929)

Explicou ao leitor a situação peculiar que se encontravam os esportes, em virtude dessa crise: o Paulistano, Atlético Palmeiras, Germânia e Independência tinham seus direitos garantidos por serem clubes filiados à CBD, mediante as federações de Tênis e Atletismo; entretanto, no futebol, eles eram dissidentes.

Novamente os meios de comunicação trouxeram à baila essa crise e a LAF, mais uma vez, foi criticada por sua atitude. Como não obteve o reconhecimento da CBD, procurou filiar-se diretamente à Federação Internacional de Futebol e não teve sucesso. *O Diário da Noite* acusou a LAF de ter recusado, por orgulho, a proposta de pacificação da CBD e da APEA:

....A perspectiva de filiação a uma entidade internacional, é que salvará a sua causa. Mas essa filiação não é possível, porque existe um acordo com a Federação Sul Americana de Futebol, que proíbe qualquer nova entidade no continente....Recentemente foi aplicada uma multa ao Celta de Vigo, por ter jogado em Santos, contra uma equipe não filiada e da LAF. Foi uma ação conjunta da FIF e da CBD...portanto, em que se assentará as bases futuras da LAF? *Diário da Noite* (16.01.1929)

Apesar do apoio recebido, a relação da APEA com a CBD não evoluiu para outro patamar, visto que, em 1930, quando foi disputada a primeira Copa do Mundo de Futebol no Uruguai, o presidente apenano, Elpidio de Paiva Azevedo, proibiu que os atletas paulistas tomassem parte da disputa.

Usualmente, a questão do amadorismo x profissionalização é interpretada como o ponto central da disputa entre a APEA e a LAF, como também o motivo específico do

⁷⁷ Informações constantes nos arquivos da FPF.

Paulistano em abandonar a prática do futebol competitivo. Entretanto, na carta em que formalizou sua despedida, como nas entrevistas aos meios de comunicação *A Gazeta* (09.01.1930) e *O Estado de São Paulo* (12.01.1930), Antonio Prado Júnior levantou uma série de fatores e não mencionou especificamente o “profissionalismo marrom”. Concentrou sua análise nos “desmandos”, “incompetência” e “irregularidades técnicas”, que havia tentado corrigir.

Ele fez algumas considerações sobre os “regulamentos” de inscrição dos jogadores, que, mesmo discordando, preferiu aceitar quando foi presidente da APEA. Por isso, a reforma dos estatutos dessa entidade, em 1924, teria sido no intuito de atender aos interesses de outros clubes, como o Palestra Itália. Afirmou que, em muitas ocasiões, seu espírito foi aberto às negociações e que, quando criou a LAF em 1926, pôde finalmente perseverar em sua visão sobre os esportes.

Por mais que tenha “negociado”, de acordo com suas palavras, com os dirigentes de outras agremiações, ao fim da entrevista, não pôde esconder sua origem “aristocrática”, quando recriminou que, no futebol atual, pessoas de pouquíssima valia social estavam cada vez mais presentes na assistência.

Devemos considerar ainda que sua atitude não foi um consenso entre os associados e conselheiros do Paulistano. Aproveitando a situação de crise da Atlético Palmeiras, vários elementos influentes dessas agremiações reuniram-se em 27 de janeiro de 1930 e criaram um novo clube:

....reuniram-se à Praça da República, 28 sócios da AA Palmeiras e do CA Paulistano, para o fim especial de fundarem um novo clube, que representasse condignamente a cidade de São Paulo, em competições esportivas...seguiu-se a eleição da primeira diretoria...Presidente Dr.Edgar de Souza, Vice-Presidente Dr.Alberto Caldas, 2ºvice Gastão Rachou, 3ºvice Dr.Benedito Montenegro....1ºtesoureiro João da Cunha Bueno, Conselho Fiscal Dr.Samuel Toledo Filho....também foi formado o Conselho Deliberativo, com Julio Mesquita Filho, Marcelo Paes de Barros, Luiz Marcondes de Moura, Rubens Salles, Manuel Carlos Aranha, Luiz Fernando do Amaral...Este novo clube, obterá como seu campo oficial a antiga chácara da Floresta, atualmente ocupada pela AA Palmeiras....*A Gazeta* (28.01.1930)

Os nomes que formaram essa nova agremiação eram pessoas com nítido destaque social: empresários, bacharéis e políticos. Foi realmente um legítimo herdeiro dos clubes de elite, mas, assim como seus pares, enfrentou graves problemas de ordem econômica e

nafragou em uma crise financeira, pouco tempo depois. De suas cinzas, surgiu o São Paulo Futebol Clube, que ocupou o lugar do Paulistano (como adversário e clube de elite)⁷⁸.

Acreditamos que se reproduziu no Paulistano a criação de um discurso heróico de resistência: a manutenção do amadorismo no futebol e nos esportes, levado até as últimas consequências, preferível a reconhecer a derrota no universo político do futebol, como também ocorreria com a derrubada das oligarquias, das quais fazia parte a família Prado.⁷⁹

Devemos avaliar também que a proposta de adoção do profissionalismo não era um consenso entre os associados e conselheiros de vários clubes (e não apenas no Paulistano), visto que o Sírio, Germânia, Palestra Itália, Corinthians e Portuguesa de Desportos formaram-se facções, que tentaram impor seu ponto de vista. Assim, essa disputa não ocorreu somente entre as ligas, mas também no interior das agremiações.

Verificamos em nossa pesquisa que, apesar de ser um tema pertinente ao futebol, foi a partir de 1930 que o embate entre amadores e profissionais ganhou um espaço privilegiado nos meios de comunicação.

Ironicamente, a AMEA e a CBD, que haviam preterido a LAF, foram, no início da década seguinte, abalados pela criação, no Rio de Janeiro, da Liga Carioca de Futebol (LCF), que deu o passo inicial no processo de profissionalização do futebol no Brasil. A LCF recebeu imediato apoio do Corinthians e Palestra Itália, que criaram uma nova liga em São Paulo, em oposição à APEA.

A década de 1930 trouxe para o Corinthians algumas mudanças. A primeira, e mais fácil de ser detectada, se encontra na Constituição da diretoria de 1930, quando Felipe Collona, procurou a intermediação dos irmãos Wladimir de Toledo Piza e Alarico de Toledo Piza, pertencentes a uma “boa” família paulistana, para comporem com o empresário Alfredo Shurig uma chapa que correspondesse aos novos caminhos que o clube trilhava.

Fontes oficiais do Corinthians celebram Alfredo Shurig como um dos grandes doadores em sua história. Por isso, em homenagem ao seu mecenas, o estádio do Parque São Jorge foi batizado com o seu nome. Ele foi vice-presidente na gestão de Felipe Collona e depois logrou a presidência do clube em 1930.

A diretoria apresentou a seguinte composição:

⁷⁸ A participação na APEA do São Paulo Futebol Clube da Floresta foi espetacular, alcançando o título em 1931 (vice em 1930, 1932, 1933 e 1934), já que o time tinha por **base** grandes valores que haviam atuado no Paulistano e no Palmeiras.

⁷⁹ A historiografia do **futebol** analisa a **história** do Paulistano e de Antonio Prado, sob o prisma da intransigência elitista e **da** defesa dos esportes amadores. Os interesses e conflitos para o predomínio político nos esportes, de um personagem com fortes ligações com a oligarquia dominante, foi relegado a um plano secundário. Segue nos anexos carta de despedida do CA Paulistano.

Presidente Alfredo Schurig
 Vice-presidente Dr. Alarico de Toledo Piza
 Secretário geral Dr. Wladimir de Toledo Piza
 1º Secretário Antônio Maurício Romano
 2º Secretário Matheus Gravina
 1º Tesoureiro Avelino de Souza Sampaio
 2º Tesoureiro Manoel de Araújo Cunha
 Diretor de futebol Oswaldo Amaral Pacheco⁸⁰

Antoninho de Almeida (1976) e Lourenço Diaféria (1982) ainda citaram, em suas respectivas obras, outros nomes que fizeram parte dessa diretoria: Pedro de Souza, diretor de bola ao cesto; José Ribeiro Saraiva, diretor de atletismo; Carlos Braga Júnior, diretor de remo; José Dias Soares, diretor de ginástica, e Fortunato dos Santos, diretor de natação, que aponta o Corinthians como um clube poliesportivo, filiado à Associação Paulista de Esportes Atléticos, Federação Paulista de Atletismo, Federação Paulista de Natação, Federação Paulista de Remo e Federação Paulista de Bola ao Cesto. É um dado significativo que o aumento paulatino da oferta de diferentes modalidades esportivas, atividades físicas e de lazer para os associados, que pode ser verificado pelo número de diretores, transformou o espaço do clube em área de convívio social e esportivo tão importante quanto o futebol. Ainda nessa gestão se iniciou a publicação da Revista Corinthians.

Essa composição aponta as novas classes sociais que dominaram os clubes “populares”. Dessa forma, os antigos operários, confeiteiros e alfaiates são agora apenas associados, e os cargos de direção foram ocupados por pessoas de estratos sociais mais elevados. Esse fenômeno se iniciou por volta da década de 1920, sugerindo uma importância crescente dos clubes frente à sociedade.

Também merece destaque o fato de o jornal *O Estado de São Paulo*, que raramente publicava o resultado de uma eleição em clubes de futebol, ter informado o seu leitor sobre o pleito ocorrido no dia 14 de fevereiro de 1933, para a formação do Conselho Deliberativo, órgão responsável pela escolha do presidente da entidade, cuja vitória coube novamente a Alfredo Schurig.

“Na assembléia ordinária do Corinthians, **realizada no dia 14 do corrente**, foram eleitos conselheiros efetivos para o corrente ano os seguintes esportistas: **Alfredo Schurig**, Alberto Wilmers, Alberto Monteiro, **dr. Alarico Piza**, Avelino Carlos Sampaio, Abílio Francisco Coutinho, Antonio Sá Ferros, Antônio Maurício Romano, Antonio da Silva Coelho, Antonio Chinaglia, Antonio Guedes Paiva, **Antonio Vicente da Silva**, Antonio Gonçalves Leite Mont’Serrat, Antonio Gonçalves, **Antonio Joaquim dos Santos**, **Carmo Carnevalle**, **Ernesto Cassano**, Francisco Sigolo, dr. Francisco Xavier Paes de Barros Filho, dr. Floreste Bandeché, Gabriel K. Schawrtz, Jayme Pinto Villela, João Antonio Machado, dr. João Leite

⁸⁰ Anais do Sport Clube Corinthians Paulista.

Bastos, João Alfredo Gemignano, José de Freitas Gouveia, José Maria Marques Junior, José das Neves Pinhão, José Nunes Costa, José Pacheco de Medeiros, **dr. João Baptista Maurício**, José Joaquim, Albino Pereira, **dr. José Tipaldi**, José Vicente Antunes, José Avollo, José Dias Soares, Julio Ferreira Miguel, Julio Francisco de Sá, Julio dos Santos Ribeiro, Manuel Fonseca, **Manuel Correcher**, Manuel Salgado Seça, Manuel de Araújo Cunha, Manuel de Oliveira Bastos, **Matheus Gravina**, Oswaldo Ameral Pacheco, **Pedro de Souza**, Theotosio Luiz Collaço, Virgínio Montanarini, **dr. Wladimir de Toledo Piza**.

Conselheiros suplentes – Agostinho do Santos Ramos, Antonio Basílio, **César Nunes**, Euclydes de Moura, Francisco Avelino Barreto, Francisco Strans da Rocha, Francisco Pires, Guilherme de Carvalho, João da Silva, José Ferreira de Souza, Luiz Ferreira, Lúcio de Souza Paiva, **Manuel Nunes Borjas**, Manuel Rodrigues, Salvador Impeliceri. (grifo nosso)

Comissão de contas – Efetivos – Henrique Apparício Delgado, Henrique Garcia, Alfredo de Carvalho. Suplentes - Álvaro G Vasques, Angelo Rinaldi, Odilon Paes de Barros.” *O Estado de São Paulo* (17.02.1933)

Em sua pesquisa sobre o Palestra Itália, Renato de Campos Araújo (1996) destacou que esse clube sofreu certo preconceito por parte da cobertura do “OESP”, devido a sua origem humilde ligada aos italianos. Esse pressuposto fica ainda mais interessante, se compararmos com o relevo dado às eleições de 1933 no Corinthians, que também era um clube popular ligado aos “italianos” e “espanhóis”. Em nossa análise, isso foi possível, porque a diretoria foi composta por pessoas oriundas dos estratos superiores, que provavelmente possuíam relações sociais com os editores desse jornal. Essa suposição baseia-se ainda no fato de que, quando ocorreu a crise que culminou com o pedido de demissão desse grupo dirigente, o *OESP* tomou com veemência sua defesa, como veremos adiante.

O acesso aos cargos administrativos de pessoas bem posicionadas financeiramente aponta uma relação particular em virtude do “profissionalismo marrom”, na medida em que a remuneração dos atletas repousava muitas vezes na generosidade dos mecenas, que freqüentavam o clube. Esse fato pouco se alterou com o advento do profissionalismo, pois muitas vezes os “prêmios” ou a complementação dos salários continuaram a serem bancados pelos dirigentes ou associados, que aponta a importância de médios e grandes empresários nessas entidades.

É nessa fase que os jornais noticiam de forma direta o embate entre “amadores e profissionais” e que esteve presente até 1942, quando *A Gazeta* informou que alguns clubes do Sul estavam discutindo a volta ao amadorismo. Encontramos dezenas de informações, entre 1930-1934, sobre as resoluções tomadas pela CBD e as ligas estaduais, para tentar pacificar as duas correntes.

Segundo Sussekind (1998), Helal (1997) e Caldas (1982), a discussão sobre a implantação do profissionalismo no Brasil ocorreu em função do êxodo de atletas para a

Europa, que buscavam melhores condições de vida. Esses autores destacam que, apesar da crescente popularização do futebol, sua base organizacional ainda se mostrava inadequada para acompanhar o seu desenvolvimento.

Um artigo do jornal *O Correio Paulistano*, de julho de 1930, citado por Fabio Franzini, explanou sobre a situação conflituosa existente na manutenção do denominado “falso amadorismo”:

É muito raro, mesmo raríssimo, o clube que possui em sua integridade todos os elementos que praticam o sport pelo sport, unicamente visando seus próprios benefícios. Não, nada disso, a maioria é profissional, desse profissionalismo mascarado de amador...
(*apud* FRANZINI, 2002, p.61)

O debate entre a profissionalização do futebol ou manutenção do *status* de amador também foi discutido entre os atletas. Segundo ainda o mesmo autor, alguns deles tentaram organizar uma entidade de classe:

Não contentes com o sistema de inscrição pela APEA, os signatários da presente lista, depois de acurado estudo da questão, resolveram a exemplo do que se faz nos principais centros civilizados, agregar-se para em caráter associativo, defenderem seus interesses, já bastantes conspurcados, pelos que se dizem mentores do futebol paulista...d)conseguir que a APEA adote o sistema de inscrição por campeonato e)evitar terminantemente que os clubes tratem os jogadores como mercadorias, porquanto clubes há que, se receberem pedidos de passe, pedem indenizações as vezes exorbitantes, à revelia do próprio jogador, que se torna mercadoria, uma espécie de objeto, que se vende no mercado.
(*Gazeta Esportiva*.1932 *apud* FRANZINI, 2002, p.62)⁸¹:

Em dezembro de 1931, encontramos pesadas críticas sobre a atitude da direção da APEA, por ter ampliado, em dezoito meses, a duração do mandato dos próprios dirigentes (*A Gazeta*: 3.12.1931). Nessa agitação, o presidente dessa liga, Elpidio de Paiva Azevedo, teria pedido demissão, por não conseguir conciliar as duas correntes de clubes filiados a essa entidade: os amadoristas e os profissionais, conforme a *Folha da Noite* (07.03.1932).

O mesmo jornal, dias depois, indagou por que não estabelecer o profissionalismo nos esportes. Justificou essa posição, afirmando que a especialização havia matado o amadorismo e que o futebol devia seguir o exemplo do boxe, que estava se profissionalizando:

⁸¹ Em nossas pesquisas, encontramos o mesmo jornal, na data de 29 de fevereiro desse ano, informando que os líderes dessa tentativa eram os jogadores Goliardo, Gabardo e Frittoli do Palestra *Itália*.

Um jogador tem tanto valor no gramado, para a atração do público, como tem Greta Garbo no cinema, são cartas de indiscutível valor no baralho de diversões públicas....uma vez que o jogador precisa atuar, para adquirir experiência e aumentar sua qualidade técnica...trata-se de uma transação de negócios. *Folha da Noite* (12.03.32)

A polêmica continuou como objeto de interesse. *A Gazeta* (21.03.1932) anunciou que, de acordo com os dirigentes apeanos Elpidio de Paiva Azevedo e Fares Dabargue, estavam sendo providenciadas algumas alterações no estatuto para satisfazer às exigências dos dois grupos e evitar uma outra cisão.

Essa discussão se arrastou por todo ano, e *O Correio de São Paulo* noticiou as alterações realizadas na APEA (devido ao advento do profissionalismo), como a abolição da lista de inscrição perpétua de jogadores (15.12.1933). Em todo mês de dezembro anunciou algumas tentativas de pacificação entre os dois grupos. Entrevistou o dirigente do Fluminense Arnaldo Guinle, sobre o mesmo conflito que havia ocorrido no Rio de Janeiro, e ele ventilou que o presidente Getúlio Vargas, interessado em promover uma competição poliesportiva nacional, teria instruído Luiz Aranha para mediar as tensões⁸².

Essa crise no Rio de Janeiro atingiu seu auge, quando, em 23 de janeiro de 1933, os presidentes do Vasco, Fluminense, Bangu e Flamengo romperam com a Associação Metropolitana de Esportes Atléticos (AMEA) e fundaram a Liga Carioca de Futebol (LCF), primeira entidade a aceitar oficialmente o profissionalismo nesse esporte⁸³.

Após a adoção do profissionalismo no Rio de Janeiro em janeiro de 1933, alguns times de São Paulo seguiram o mesmo exemplo dois meses depois. Estes criaram a primeira liga de futebol profissional no Brasil (Federação Brasileira de Futebol) que não foi reconhecida oficialmente pela CBD, órgão máximo do esporte na época, crise que se arrastou até 1937, quando esta reconheceu oficialmente o futebol profissional.

Podemos avaliar as discussões sobre a criação de uma liga que defendesse a tese da profissionalização do futebol, mediante análise de documentos referentes aos encontros entre representantes dos clubes cariocas e paulistas em 1934, que debateram a pacificação nos meios esportivos nos dois Estados. Dentre os principais articuladores, estavam o Bota Fogo, Vasco da Gama, Palestra Itália e Corinthians, como podemos perceber nesta raríssima ata, fornecida pelos familiares de um dos dirigentes participantes dessa reunião: Ernesto Cassano.

A primeiro de dezembro de 1934, reunidos os senhores Victor de Moraes representante do C.R Vasco da Gama, Carlos Martins da Rocha do Bota

⁸² Luiz Aranha assumiu a presidência da CBD de 05.09.1936 até 28.01.1943

⁸³ O América e o São **Cristóvão** também apoiaram essa idéia e somente o Bota **Fogo** teria se mostrado contrário a esse processo. Por essa razão, o campeonato carioca de 1933 foi disputado por duas ligas: a **AMEA**, cujo vencedor foi o Bota Fogo e a LCF, que teve como campeão o Bangu.

Fogo F.C., ambos do Rio de Janeiro, e o senhor J.B.Maurício do S.C.Corinthians Paulista e Raphael Parisi do Palestra Itália de São Paulo, estando ainda presente os senhores Valentin Bonome e Ítalo Adami do Palestra Itália e José Martins Cesta Júnior, Ernesto Cassano, José de Almeida e Silva e Luis Pasqua do Corinthians, para tratar das bases para a pacificação do futebol paulista e carioca, após amplas discussões, resolveram o seguinte:

O S.C.Corinthians Paulista e o Palestra Itália, solidários com a atitude do C.R.Vasco da Gama, resolveram promover em São Paulo, a pacificação.

Para a pacificação, o S.C.Corinthians Paulista e o Palestra Itália, procuraram os demais clubes da Divisão de Fundadores da Associação Paulista de Esportes Atlético.

No caso de ser conseguida a pacificação com a adesão dos demais clubes, fica estabelecido que o S.C.Corinthians Paulista e o Palestra Itália se desfiliarão da APEA e criarão em São Paulo, uma nova entidade, que será imediatamente reconhecida pela Confederação Brasileira de Desportos.

O Bota Fogo FC e CR Vasco da Gama, se responsabilizam pelo fiel cumprimento dos compromissos assumidos pela Confederação Brasileira de Desportos com o SC Corinthians Paulista e o Palestra Itália, de conformidade com as cartas em poder destes clubes. [grifo nosso]

São Paulo, 01 de dezembro de 1934.

As citadas cartas em poder dos clubes eram referentes à garantia de crédito num banco idôneo, para as partidas entre as equipes. No dia 5 do mesmo mês, a Confederação Brasileira de Desportos confirmou, por carta endereçada ao Corinthians, a garantia do valor estipulado na reunião ocorrida entre os clubes paulistas e cariocas. A discussão sobre a adoção do profissionalismo era de suprema importância para alguns clubes, que haviam crescido materialmente graças ao sucesso obtido nos campos de futebol⁸⁴.

Para diversos autores, a adoção do sistema profissional foi um marco para o fim da escravidão no futebol brasileiro, na medida em que os jogadores negros conquistaram novos espaços, e o futebol profissional deixou de ser apenas para o branco bem-nascido. Os clubes passaram a compreender que deveriam investir na contratação de grandes valores para que o público afluísse, caso contrário, era impossível manter os sócios e torcedores.

Em 1935 e 1936, com a Liga Paulista de Futebol (LPF) em oposição à APEA, novamente o campeonato regional foi disputado por duas ligas:

APEA

1935 Portuguesa – Ypiranga

1936 Portuguesa – Ypiranga

LPF

1935 Santos – Palestra Itália

⁸⁴ Segue anexa cópia da Ata e da carta enviada pela CBD (assinada por Luiz Aranha), que nos permite uma observação importante: essa entidade negociou o reconhecimento imediato da LCF e LPF, mesmo tendo demorado mais tempo para o reconhecimento da profissionalização no futebol.

1936 Palestra – Corinthians
 1937 Corinthians – Palestra
 LFESP
 1938 Corinthians – São Paulo FC.

De acordo com o relatório apresentado à diretoria da Liga Paulista de Futebol, em março de 1936, referente ao balancete de suas atividades, desde sua fundação até dezembro de 1935. Encontramos em sua primeira página observações referentes à pacificação do futebol paulista, com a criação da LPF em fevereiro de 1935, mas as discussões se arrastaram de janeiro até setembro desse ano, para a formação da diretoria executiva. Na composição da diretoria provisória, constam os nomes de Paulo Machado de Carvalho, Ítalo Adami, Ernesto Cassano, João Batista Maurício, Gastão Rachou, Raphael Parisi, entre outros.

Dentre o contrato firmado para a fundação da LPF, verificamos algumas cláusulas:

1º....assinam os representantes da Confederação Brasileira de Desportos, os senhores Carlos Martins da Rocha, Pedro Baldassari...Valentim Bonomo e Ricardo Rodrigues Moura pela Liga Bandeirante de Futebol, Raphael Parisi e Ítalo Adami pelo Palestra Itália; J.B.Mauricio e Ernesto Cassano pelo Corinthians e Paulo Machado de Carvalho pelo São Paulo Futebol Clube.
 -O São Paulo FC entrará na liga com os mesmos direitos dos fundadores Palestra Itália, SC Corinthians e CA Juventus.

8º Em todos os jogos do campeonato, os sócios dos clubes contendores terão ingresso grátis no campo onde os jogos se realizem.

Finaliza-se o mesmo documento, outorgando ao Palestra Itália e Corinthians preservarem todos os direitos constantes do pacto feito com a CBD, o Vasco da Gama e o Bota Fogo, que aceitaram a transferência dos direitos da Liga Bandeirante de Futebol para a nova entidade⁸⁵.

Outro ponto significativo é que não encontramos nessas atas o nome de alguns homens fortes do futebol paulista, que haviam dirigido a liga estadual (APEA) durante a década de 1920 e início dos anos 1930, que, provavelmente, foram excluídos dessa nova entidade.

A pacificação ocorreu somente em 1937, quando se disputou um único campeonato, patrocinado pela LPF, que, em 1938, modificou sua nomenclatura para Liga de Futebol do

⁸⁵ Encontramos também nesse documento a menção honrosa feita aos recém-fundados: São Paulo Futebol Clube e os Estudantes de São Paulo, classificados como agremiações que denotavam um futuro brilhante e promissor. Com a incorporação do Estudantes, o São Paulo FC ocupou, nos anos seguintes, o lugar do Paulistano como principal oponente do Corinthians e Palestra.

Estado de São Paulo (LFESP), apesar de nova alteração para Federação Paulista de Futebol, em 1936, foi o último ano em que ocorreram competições promovidas por ligas rivais.

A discussão sobre o tema, ainda foi possível rastreá-lo em 1942, quando alguns clubes da região Sul estavam propondo a volta do amadorismo no futebol. Entretanto, nesse momento decisivo nos anos 1930, José Renato de Campos Araújo (1996) destacou a posição radicalmente contrária do “OESP”, em relação à profissionalização no futebol, pois entendia que “desvirtuava a essência desse esporte”.

Dos diversos artigos abrangendo sobre esse assunto, é oportuno apontarmos para o nosso objetivo, que *O Estado de São Paulo* deixou transparecer em seu editorial, às vésperas da partida Palestra Itália x Corinthians em 1933, uma afinidade com os que defendiam a manutenção do amadorismo:

CAMPEONATO PROFISSIONAL

O Palestra Itália e o Corinthians Paulista, rivais desde 1917, vão disputar, no Parque Antarctica, o torneio do segundo turno. No do primeiro, o branco e preto, não obstante ter o concurso de laureados, como Feitiço, Carlos e outros, foi derrotado pela diferença considerável de 4 pontos. Agora, a agremiação do Parque S. Jorge não possui esses laureados, e, além do mais, se encontra em posição inferior na tabela, o que não acontece ao seu poderoso adversário, que figura na vanguarda. Se desta feita o Corinthians Paulista se conduzir de maneira a que a sua derrota seja por menos pontos, obterá um sucesso, de grande alcance moral. No fim de contas, não é lícito esperar muito de um clube que ao curto espaço de oito meses, atravessou duas crises graves, provocadas pela indisciplina de futebolistas assomados. Resta ainda, para tornar este torneio o mais atraente da tarde, a tradição da rivalidade. Terá ela alguma influência no ânimo dos jogadores. Os críticos entendem que não. Não desejamos desmentir os críticos bem intencionados.

Continua a análise desse embate, criticando duramente os jogadores atuais “que trocam de time com uma enorme rapidez” e cobraram dos atletas um respeito pelo clube. Essa observação denota certa idealização do passado, em que os jogadores tinham amor à camisa. Por isso, relembram que a rivalidade entre Palestra e Corinthians iniciou-se justamente quando alguns jogadores do alvinegro se transferiram para o time dos italianos e termina se perguntando: Pois se a simples transferência de dois jogadores, do Corinthians para o Palestra, determinou uma rivalidade, que dura há dezesseis anos – imaginem o que não se passará nas demais sociedades, que possuem elementos contumazes em manobras dessa natureza?⁸⁶

O mesmo editorial:

Por cautela preferimos, aludindo a rivalidade antiga, existente entre os dois clubes, recordar um pouco do nosso passado futebolístico, comparando-o ao presente. Porque nasceu semelhante rivalidade?

⁸⁶ Essa parece ser uma tônica constante do jornalismo esportivo ou mesmo dos amantes do futebol: visualizar o passado como uma época em que os grandes craques vestiam apenas uma única camisa.

Porque dois ou três defensores do Corinthians, depois da entrada deste para a Associação Paulista, foram ingressar nas fileiras do Palestra Itália, sociedade que havia reunido os campeões dos arrabaldes, de descendência italiana. Um fato banalíssimo que na atualidade se repete, com uma frequência constrangedora. Os campeões modernos na sua maioria, mudam de clube com a mesma facilidade com que mudam de roupa. Eles timbram mesmo em se destacar pela volubilidade. Quem sabe se também não esta aí nessa qualidade dos nossos jogadores, uma das causas dos incidentes, que despertam tantas polêmicas? [grifo nosso] Pois se a simples transferência de dois jogadores, do Corinthians para o Palestra, determinou uma rivalidade, que dura há dezesseis anos – imaginem o que não se passará nas demais sociedades, que possuem elementos contumazes em manobras dessa natureza? O caso é muito interessante e daria azo a divagações mais largas. Mas não é oportuno insistir nesse assunto, ingrato para todos aqueles que, como nós, pregam a necessidade da harmonia e da solidariedade.”
O Estado de São Paulo (05.11.1933)

Essa análise sobre a situação do futebol brasileiro foi coincidentemente escrita para o editorial de domingo, dia da partida desastrosa do Corinthians, perante seu principal rival, o Palestra Itália, que aplicou a maior goleada na história desse clássico paulista e que foi o estopim para a revolta de torcedores do alvinegro, que promoveram a invasão da sede do clube.

A administração de Alfredo Schurig foi vítima da violenta revolta por parte dos torcedores liderados por alguns associados. Nas palavras de Lourenço Diaféria (1982), “apesar todo seu passado de doação”, esse dirigente não sobreviveu a dois confrontos contra os italianos do Palestra. O primeiro embate que azedou a relação da torcida com a diretoria ocorreu em 7 de maio e terminou com a derrota por 5 x 1. Mas o pior estava reservado para os jogos finais do campeonato.

De acordo com o mesmo autor, sobre esse fatídico ano para o Corinthians:

Os fracassos da equipe de futebol do Corinthians no ano de 1933 nos campeonatos disputados, **não conseguiram ser contrabalançados** pela administração zelosa de Alfredo Schurig que havia reformado a “fazendinha” e colocado as contas em dia. Em 5 de novembro de 1933, enfrentou o Palestra Itália no Parque Antártica, com quatro gols de Romeu Pellicciari, **os** italianos do **palestra** venceram a partida por 8x0, sem contarmos o jogo do segundo quadro, também vencido pelo Palestra com o placar de 4x0, saldo de doze gols, **isso** foi demais para os torcedores que invadiram a sede do clube que funcionava... ocasionando uma confusão generalizada.
 (DIAFÉRIA, 1982, p.64)⁸⁷

⁸⁷ Corinthians: Onça, Rossi e Bazani (Nascimento); Jango, Brancário e Carlos. Carlinhos, Baianinho, Zuza, Chola e Gallet. Palestra Itália: Nascimento, Carneira e Junqueira; Tunga, Dulla e Tuffy; Avelino, Gabardo, Romeu, Lara e Luís Imparato. Gols: Romeu Pellicciari (4), Gabardo (3) e Imparato. Muitos jornalistas

No dia seguinte, foi distribuído no clube derrotado um manifesto redigido pelo Comitê dos Cinco, que exigia a demissão coletiva da diretoria:

Corinthianos! Reunamo-nos hoje as 21 horas, na sede social, para exigir por incompetência a demissão coletiva da Diretoria que está atualmente dirigindo nosso clube, e entrega de todos os poderes ao Comitê dos Cinco: José Aparício Delgado, Manoel Nunes (Neco), Almícar Barbuy, Pedro Grane e Ciasca....

São Paulo 6 de novembro de 1993
Corinthianos! só uma vassourada nos salvará!⁸⁸

Na mesma data, outro panfleto foi colocado nas paredes do clube, mas em apoio ao presidente Alfredo Schurig e o grupo de diretores:

Corinthianos!
O momento não comporta hesitações. Todos a postos e prontos para atender todo e qualquer apelo do nosso amado Corinthians. Deixemos as mesquinhas rugas pessoais de lado, que até agora serviram para nos enfraquecer...A nenhum de nós nessa hora é lícito deixar de prestar solidariedade aos dirigentes de nosso Corinthians.

Um Corinthiano.⁸⁹

A manifestação convocada pelo “Comitê dos Cinco” contra a administração de Alfredo Schurig surtiu o efeito desejado, pois os meios de comunicação noticiaram no dia seguinte esse episódio, como o jornal *Folha da Noite*, que estampou em suas páginas as circunstâncias que envolveram a invasão da sede do clube:

“A torcida do Corinthians exigiu a demissão de sua diretoria”:
As conseqüências do fracasso do campeão do Centenário frente ao Palestra Itália – Uma grande manifestação de desagrado à diretoria demissionária – os bolentins espalhados pela cidade – Uma junta provisória para dirigir o clube – A palavra de Almícar – Uma tentativa de empastelamento da sede do Corinthians.
Folha da Noite (07.11.1933)

A notícia, que abarcou uma página inteira, iniciou com “há muito existia nos meios corinthianos, certa prevenção contra a diretoria que ontem solicitou sua demissão”,

apontam que foi nessa partida que Romeu Pellicieri, atacante palestrino da época, proferiu a frase: “É melhor vencer o Corinthians do que ganhar o campeonato”.

⁸⁸ A cópia do panfleto foi obtida com o senhor Ernesto Cassano. Na época foi publicado no jornal *Folha da Noite*. Segue sua íntegra nos anexos.

⁸⁹ A cópia do panfleto foi obtida com o senhor Ernesto Cassano e segue sua íntegra nos anexos.

transparece certo tom de crítica ao grupo dirigente, assumindo uma posição contrária a Alfredo Schurig. Observaram, ainda, que o técnico era apenas treinador, na medida em que não escolhia o time titular e não possuía o comando da equipe, e a diretoria esportiva é que exercia esse papel.

Procuraram com os sócios descontentes mais informações sobre o episódio da invasão e publicaram trecho do boletim intitulado “Comitê dos Cinco”, que havia sido distribuído pela oposição. Esse documento, assinado por José Aparício Delgado, Manuel Nunes (Neco), Almícar Barbuy⁹⁰, Pedro Grane e Ciasca, exigia a entrega do poder a esse comitê, até que fossem realizadas novas eleições, finalizava com a frase “Corinthians! só uma vassourada nos salvará!”

Completava o jornal que a sede situada na Rua José Bonifácio, nº 33 foi invadida por cerca de quinhentas pessoas e que os comerciantes locais, temerosos das arruaças provocadas por pessoas que não eram torcedores, mas que se juntaram a esse grupo, queixaram-se às autoridades, que prontamente enviaram o subdelegado Parisi, que foi impedido de entrar no local pelos manifestantes, dessa forma foi necessário o envio de mais vinte soldados sob o comando do tenente Fontes. Após encontro com uma comissão formada pelos torcedores e representantes da diretoria, chegou-se a um acordo e a massa retirou-se do local.

O jornal *O Estado de São Paulo* também divulgou informações sobre a invasão da sede do Corinthians, mas ao contrário da *Folha da Noite*, preferiu demonstrar seu desagrado com essa atitude, destacando a injustiça dos manifestantes para com a diretoria e a deselegância desse tipo de ação:

“UMA ATITUDE LAMENTÁVEL DE UM GRUPO DE SÓCIOS DO CORINTHIANS

Ontem, à noite, pouco antes de encerrarmos os serviços, chegou-nos a notícia de que a rua José Bonifácio em polvorosa. Imediatamente tratamos de averiguar o que sucedia.

Um grupo de sócios do Corinthians Paulista, calculando em mais ou menos 500 pessoas, dirigiu-se a sede do seu grêmio, à rua José Bonifácio 197, afim de solicitar a demissão coletiva da diretoria, em virtude do revés sofrido, anteontem, pelo quadro de futebol desse clube, no jogo contra o Palestra Itália. **Esse gesto, já por si bastante deselegante e, principalmente injusto, tomava, logo após a chegada do referido grupo à sede do Corinthians, proporções imprevistas e bastante lamentáveis.** [grifo nosso] Parte desse grupo tentou invadir a sede o que, com certeza, teria conseguido, não fosse a ação enérgica da polícia....a tempo pode evitar as conseqüências desastrosas das depredações que alguns sócios do Corinthians pretendiam levar a efeito.”

⁹⁰ Almícar Barbuy foi procurado pelo jornal e informou desconhecer o boletim em questão e que não havia participado de sua redação, revelou que tinha sido procurado pela diretoria demissionária para assumir a função de treinador, meses antes da derrota **perante o Palestra**.

O Estado de São Paulo (07.11.1933)

No dia 8 de novembro, em nota distribuída aos jornais, a diretoria fez sua defesa, apresentando os motivos do fracasso e ao mesmo tempo suas realizações. Dentre os principais problemas enfrentados por essa administração: a falta de recursos, por contar com um quadro reduzido de sócios (cerca de quinhentos), que estavam no ano de 1932 quites com suas mensalidades. Apontou ainda a profissionalização do futebol e a falta de verba para contratar atletas de qualidade ou mesmo pagar as prestações dos terrenos onde se localiza o estádio. O presidente, com o primeiro tesoureiro Avelino Cardoso Sampaio, teriam feito inúmeras contribuições. Apesar dessa situação lastimável, afirmam que com o gerenciamento sério, muitos dos problemas foram sanados e aos poucos o Corinthians estava se afirmando como um clube poliesportivo, com enorme sucesso em modalidades que era apenas coadjuvante, como bola ao cesto e atletismo, destacando que, a partir dessas alterações, cresceu o número de sócios.

A Diretoria do Esporte Club Corinthians Paulista aos seus sócios e ao público esportivo de São Paulo.

...Se tínhamos milhares de sócios e o clube fornecia elementos para a prática de todos os esportes, urgia trazer para o convívio social as respectivas famílias, e assim por iniciativa do Dr. Wladimir Piza, criamos o Departamento Social, que tantos e tão grandes resultados trouxe ao engrandecimento do Corinthians...passou a ser freqüentado pelos familiares dos sócios.

Entretanto, o grande problema que havia atizado a ira de parcela dos torcedores contra a diretoria, foram os resultados negativos no campeonato. É interessante verificarmos que muitas das polêmicas presentes e que foram utilizados como argumentos de defesa pela diretoria demissionária, são questões que nos permitem repensar o “romantismo” presente nos meios esportivos e no senso comum, que buscam, no passado idealizado, uma época de ouro repleta de craques, que jogavam por amor à camisa do clube:

...Agora voltemos ao futebol, somos injustamente acusados de impormos penas de suspensão a vários jogadores. De fato, o fizemos, mas somente aos indisciplinados e em benefício do clube e dos demais jogadores...na excursão feita em Uberaba, o jogador Feitiço após discutir com seu companheiro, tentou agredi-lo com uma caderada...a punição para o Brito, jogador jovem e de grande potencial, iludido falsamente, acreditou que era insubstituível e deixou de comparecer aos treinos, entregando-se a uma vida desregrada a ponto de indignar os próprios colegas de trabalho...Jahú que constantemente não compareceu as partidas, alegando problemas físicos, foi examinado por vários médicos que nada constataram sobre sua saúde, confidenciou a um amigo que sua doença era falta de dinheiro (mesmo ganhando quatrocentos mil réis) e após sofrer as penalidades, declarou para o Presidente Alfredo

Schurig que enterrou o time, porque queria que Boulauger jogasse no lugar de Carlinhos.

Ainda completa, em tom indignado, que atletas, como Ratto e Mamede, foram multados por terem atuado por outro clube e que o primeiro havia também declarado que estava sendo explorado, quando na realidade o prêmio por vitória estava sendo bancado pelo Dr. Alarico Piza e outros diretores. Finalmente, queixaram-se que a derrota perante o Palestra Itália deveria ser atribuída ao fato de que jogadores importantes estavam sem condição de jogo, que desfalcaram o elenco.

Mesmo com todas as explicações, poucos dias depois dessa derrota desastrosa, a tensão aumentou e obrigou a realização de uma reunião emergencial para discutir os atos de selvageria que ocorreram após o jogo, como a invasão e a destruição da sede. De acordo com a ata lavrada no dia 8 de novembro, a diretoria pediu demissão coletiva:

Com a presença dos diretores acima, reuniu-se hoje, pela última vez a Diretoria do Sport Clube Corinthians Paulista, eleita pelo Conselho Consultivo e Deliberativo, em 18 de fevereiro de 1933, resolve o seguinte: 1º Renunciar coletivamente... por absoluta e unânime solidariedade aos nossos distintos colegas Dr. Alarico Toledo Piza e Oswaldo Amaral Pacheco, respectivamente Vice-presidente e Diretor de futebol, insultados e **desacatados** por sócios torcedores... 3º Deixar de aplicar penas aos sócios: Joaquim Pinto Valente, Antônio Guedes Paiva, José Alexandre, Henrique da Cruz Correia, Emilo Santoro, José Maria Marques Júnior, **João Applugiese**, Leopoldo Fernandes, José Penha Semper, Júlio Ciofi e Romeu Ferrara, elementos indisciplinados, principais chefes da rebeldia, das vergonhas e arruaças de domingo.⁹¹

Para encerrar o mandato da diretoria demissionária, foi escolhido João Batista Mauricio, que já havia presidido o clube em situação semelhante, no caso envolvendo Ricardo de Oliveira em 1915.

Encontramos no jornal *OESP* interessante artigo sobre o pedido de demissão de Schurig, na medida em que norteou sua análise sobre os fatos sucedidos, conjecturando sobre as mazelas do futebol no Brasil e o grave defeito inerente aos amantes desse esporte, que desconhecem a paciência e são partidários dos resultados imediatos, independentemente da ética e do compromisso esportivo.

Iniciou-se citando o documento elaborado pela diretoria demissionária que havia sido publicado no dia anterior. Claramente encontramos um componente importante nessa apreciação, a comparação dos então gestores do Corinthians, denominados “moços devotados e inteligentes”, referindo-se aos irmãos Toledo Piza e Alfredo Schurig, comparando-os aos

⁹¹ Cópia da Ata do Sport Clube Corinthians Paulista, fornecido pelo colaborador Lourenço Diaféria.

clubes Paulistano e Germânia, que visualizavam o futebol como um entretenimento “limpo e sério”, por isso, não podiam coexistir em harmonia com os amantes do futebol que se pautavam pelas vitórias a “qualquer preço”.

O CASO CORINTHIANS

Lemos ontem com toda atenção, o manifesto da diretoria do Corinthians Paulista, dando conta, aos sócios e ao público, da tarefa que realizou durante os dez meses da sua gestão. **É um documento interessante, que deve ser meditado por todos os esportistas sinceros. O veterano clube foi entregue, no princípio deste ano, a moços devotados e inteligentes, que pretenderam executar um largo programa de reformas. Não os obcecava o futebol, que se tornou o entretenimento, em São Paulo, e mesmo no Brasil, de certas pessoas "privilegiadas". Para vencer a crise, que assoberbava o grêmio, aqueles moços devotados e inteligentes quiseram criar uma base social, estável e sólida. E conseguiram em parte o que almejavam, pois o Corinthians Paulista se transfigurou numa verdadeira entidade de esportes atléticos. [grifo nosso]**

Mas os referidos diretores não foram felizes quanto à organização dos quadros futebolísticos. E não o foram exclusivamente porque levaram muito a sério a sua missão: eles pretenderam ser leais, estabelecendo a mais rigorosa disciplina. Daí os últimos fracassos do Corinthians Paulista nos campos. Os sócios, amantes do futebol, não perceberam que o trabalho da diretoria demissionária só daria resultado daqui a dois ou três anos. E talvez influenciados por inimigos do seu grêmio, realizavam aquela demonstração intempestiva e violenta.

Quem conhece a psicologia dessa gente, que vive morbidamente absorvida com o futebol, explica o caso: ela é partidária do sucesso imediato, seja por que forma for, adotando, aquele aforismo de um povo prático - "ganha nos campos, honestamente se pudeses, mas ganha sempre!" Essa maneira esquisita de encarar o esporte leva os indivíduos a excessos condenáveis.

Mas, qual o fim dos sócios rebelados? Acaso, depois da crise, queriam que os quadros futebolísticos saíssem vencedores em todos os torneios? Que se conservassem campeões a vida inteira? E porque não evitaram, por meio de manifestações tão ruidosas como as que levaram a efeito segunda-feira, o êxodo dos futebolistas que se fizeram do clube? Todos sabem que não foi à diretoria demissionária quem desfalcou os quadros de futebol: quem os desfalcou, com as suas intransigências, foram vários elementos, que se acham à frente da reação Corinthiana.

Enfim, este caso do Corinthians vem por a descoberto as mazelas do nosso futebol, que não pode se considerado mais um esporte limpo e sério. Nem com o falso amadorismo, nem com profissionalismo. Clubes tradicionais, como o Paulistano e Germania, já chegaram a essa conclusão. **E os esportistas devotados e inteligentes, ora retirados do Corinthians Paulista, hão de arrepender-se bastante, de ter perdido inutilmente, tempo precioso com o futebol.**

O Estado de São Paulo (09.11.1933)

A situação política palestrina não foi diferente no tocante à existência de conflitos entre grupos opositores, mas como estavam circunscritos aos italianos e descendentes, esse fato colaborou como elemento facilitador do acomodamento das tensões, para que não atingisse uma dimensão indesejada.

Em 1931 uma disputa entre facções rivais agitou os bastidores da agremiação e foi comentado pelos jornais da época. Essa crise, entre outros fatores, esteve relacionada com os sucessivos fracassos da equipe principal, que abalou o prestígio do então presidente Eduardo Matarazzo, que minimizou a atuação da oposição, denominada por ele, como “a turma do café”:

Em vésperas das eleições do clube alvi-verde fala á "Gazeta" o sr. Conde Eduardo Matarazzo, presidente do grande clube paulista

A vida interna do Palestra está atravessando um período agitado, ou, pelo menos, assim demonstram os fatos. As últimas atuações da turma principal no campeonato, os preparativos para as eleições da turma principal no campeonato, os preparativos para as eleições da nova diretoria tem movimentado os associados do alvi-verde. Os revezes do quadro, como é natural, causaram descontentamento a princípio. Retirados que foram os elementos visados pelos descontentes, o "onze" recomeçou desde ante-ontem sua série de vitórias, os jovens ganharam seus primeiros louros, correspondendo á confiança que lhe depositaram diretores e adeptos. Os palestrinos tiveram, pois, seu quadro novamente vitorioso, domingo último. O ambiente alvi-verde acalmou-se, não há nada como uma vitória... É o melhor elixir para curar males internos de clubes... No próximo dia 28 serão eleitos os novos dirigentes do clube.

Atendidos mais gentilmente nos escritórios da I.R.F.M, expusemos-lhe os motivos que nos levaram a procurá-lo para ouvi-lo. O presidente palestrino pôs-se logo a nossa disposição, com a fidalguia que tanto a distingue, aborda nos logo a "queima-roupa", o assunto. Em primeiro lugar, respondeu a nossa pergunta acerca das próximas eleições.

..."O Palestra não pode estar a mercê de meia dúzia de oposicionistas de café...Não preciso esclarecer quão importante e difícil é o atual momento da vida de nosso clube. O programa que nós nos impuzemos requer coesão, boa vontade, sacrifícios até. O nosso estádio poderá ser uma realidade, somente se nos assistirem, simpatia e solidariedade dos sócios e dos esportistas em geral... qualquer oposição, que careça de base, isto é, de seriedade, é estulta ou criminoso; por quanto se essa oposição se propõe criar dificuldades à realização do estádio, a consequência é lógica, e é uma só; eu não serei mais presidente do Palestra”.

“Mas, se os bons elementos, os sócios criteriosos, desejarem que eu continue no meu posto de sacrifício, eles hão de reconhecer que, ao meu lado, eu devo ter pessoas de reconhecida lealdade, isto é, as mesmas pessoas que me têm acompanhado até agora. Fora disto, não me seria possível aceitar novamente o cargo, que agora termina. É necessário que os sócios conheçam o meu pensamento, nesta emergência e aceitem os resultados da escolha que farão nas próximas eleições”.

Os Futuros Dirigentes

- Já está organizada a chapa oficial?

- Sim, se a vitória sorrir para a situação, como é certa, certíssima, os que irão dirigir os destinos do Palestra, depois do dia 28, ao meu lado, serão os seguintes:

Cav. uff. Domenico De Mattina, Armando Sestini, Federico Tomaselli, Duilio Frugoli, Alessandro Refinetti, Aldo Blumental, Adolfo Izzo, Michele Vaccaro, Renato Vescovini e Luigi Izzo.

- E a presidência?

- Fui novamente indicado para a presidência. Aceitarei mais uma vez este posto ao lado do que enumerei e continuarei empregando meus melhores esforços, sem pretensão alguma, em prol do Palestra. Prosseguirei cumprindo à risca o programa traçado. Isso se os palestrinos quiserem. Todos nós prosseguiremos com entusiasmo a obra iniciada, repito, tudo em prol do Palestra. Nada de mais atenderemos, senão que os associados decidam pelas urnas a quem irão entregar a direção do clube.

Aguardarei sereno e confiante o resultado das eleições. De minha parte não desejo iniciar nem vencer contra a vontade dos associados... Se eles estão com o clube, saberei mais uma vez fazer o possível, afim de trabalhar com entusiasmo, com proveito, em favor do progresso do nosso grêmio".

"Falam por aí que temos oposição para causar furor. São os oposicionistas do costume. Querendo trabalhar pelo Palestra criticando, sem razão, nos cafés, os diretores. Estes elementos, felizmente, são em número bem reduzido. Os verdadeiros palestrinos, os que querem ver o Palestra poderoso como sempre, foi e continuará a ser, perceber que trabalhar pelo clube não é discutir meramente".

- É verdade que foi anulado o projeto da reforma dos estatutos?

- Sim, houve irregularidade e daí a anulação dos mesmos....

Sobre a renovação do quadro futebolístico, o presidente Eduardo Matarazzo, foi sucinto:

- A direção fez o que todos os palestrinos desejavam: renovar a turma. Fizemos a vontade dos associados em primeiro lugar. Na verdade, era preciso tomar uma resolução franca e decisiva. Assim não podia continuar mais. A substituição dos velhos campeões pelos moços já está dando os primeiros frutos...Teremos, em breve, uma turma capaz de nos fazer esquecer completamente as derrotas que nos levaram à perda do campeonato. *A Gazeta* (22.12.1931)

O mesmo jornal publicou dias depois a carta recebida de um veterano dirigente palestrino, Ludovico Bachianni, que confirmou sua candidatura para diretor esportivo da chapa de oposição. Mas após criticar as duas facções, terminou por declarar sua desistência de concorrer nas eleições desse ano.

...tomo a liberdade de pedir um pouco de espaço para a publicação de alguns esclarecimentos que julgo indispensáveis para o sucesso das próximas eleições palestrinas. Não sei se estás ao par do mau estar que existe entre os associados do alvi-verde, e das tentativas, por parte de alguns grupos de sócios, de sugerir nomes em oposição à chapa oficial que será apresentada pelo atual conselho - diretor, nas eleições parciais do dia 28 do corrente. Algo, por certo, terá chegado aos nossos ouvidos, e como meu nome, com ou sem razão, foi lembrado e inserido na lista não oficial, com meu pleno consentimento, penso não ser de todo inoportunos os esclarecimentos a que acima aludi...Convidado por alguns amigos meus a trazer a minha contribuição a nova diretoria palestrina, como diretor esportivo, não hesitei em responder afirmativamente. .. Se estava disposto a aceitar as atribuições de um cargo na direção, estava bem longe de supor que o meu nome e o dos meus amigos significassem a abertura de hostilidades contra determinadas pessoas. As lutas eleitorais e relutivas insídias, desperdiçam o tempo que encontram e não aumentam nem o conceito e nem o poder do Palestra. O alvi-verde para sair da situação em que se encontra precisa, sobretudo, de paz, necessita superar toda divergência pessoal. É este o meu ponto de vista. Ora, apesar de levado, ou melhor, lembrado por diversos grupos de sócios descontentes com a atual direção, ou parte desta, dei logo a conhecer que não pretendia dirigir nenhuma luta, mas que era indispensável ao invés, ter o apoio de algum dos mais destacados nomes do Conselho ora em função, para ser possível desenvolver o imponente programa de ação que reputo imprescindível para a prosperidade esportiva e Social do Palestra.

Este meu "modo de entender" foi mal compreendido provocando mexerico inconvenientes e mesquinhos. Eis porque meu caro cronista, papelei para a vossa hospitalidade: para que meus amigos e as inúmeras pessoas que espontaneamente quiseram dar-me seu apoio estejam em condições de avaliar o meu gesto, isto é, a retirada de minha candidatura. Grato pela publicação, desta, e pedindo desculpas pelo incomodo - Ludovico Bacchiani. *A Gazeta* (26.12.1931).

As eleições para a vaga de doze conselheiros, (sendo um, para o Conselho Deliberativo) e a reforma do estatuto do clube, não transcorreu dentro da normalidade, pelo menos foi assim que entendeu a oposição. A contagem de votos apontou uma vitória esmagadora do grupo ligado a Eduardo Matarazzo:

Chapa oficial (votos)

Aldo Blumenthal 224 - Renato Vescovini 219 - Luiz Izzo 222 - Adolpho Izzo 223 - Cav. Estevão Margutti 224 - Conde Eduardo Matarazzo 225 - Cav. Uff. Domingos de Mattina 224 - Armando Sestini 222 - Rag Federico Tomaselli 224 - Alexandre Refinett 224 - Dulio Frugoli 221

Chapa da oposição (votos)

Angelo Cristoforo 67 - Henrique de Martino 67 - Dante Vagnoti 61 -Dr. Raymundo Marchi 68 -Roque de Lorenzo 74 -João Zerlini 68 - Luciano Marrano 71 - Ing. José Rocco 69- Hygino Pellegrini 72 - Angelo Mastandréa 68⁹²

Novamente os jornais foram procurados pelos associados descontentes, que fizeram pesadas acusações sobre a atuação da diretoria e insinuaram que as eleições foram fraudulentas e marcadas por várias irregularidades:

Fomos procurados por uma comissão composta de oposicionistas das eleições de ontem no Palestra, a qual nos veio entregar a seguinte declaração:

A oposição (minoría) considerou que as eleições do Palestra nulas, devido as irregularidades verificadas nos trabalhos da mesa que presidiu as mesmas, visto não verificar com critério e isenção de ânimo se os volantes eram ou não sócios e não controlar se ditos sócio votavam mais de uma vez, conforme alguns fizeram. Protestamos sobre estes fatos, mas não sabemos se serão tomados em Consideração como foi o de nosso protesto quando da eleição de Revisores de Contas, que foi anulada. Fizemos também constar outro nosso protesto acerca da hora inicial dos trabalhos e encerramento dos mesmos. Ainda que nossos protestos não sejam atendidos, as eleições foram vencidas por nós, da minoría (oposição), em vista do seguinte parágrafo único do artigo 23 dos Estatutos Sociais, que assim reza: " A minoría dos eleitores tem o direito de ser representada no Conselho Diretor, em razão de um por 1º Conselheiros, quando o número de pontos vagos não seja inferior a dez ou seus múltiplos".

As chapas oficiais não respeitaram o dito parágrafo, contendo antes nomes de candidatos a conselheiros do Palestra e, portanto, de acordo com os estatutos, essas chapas estão nulas. *A Gazeta* (29.12.1931)

Outro jornal se manifestou a respeito dos conflitos que foram detectados no Palestra Itália, *A Folha da Manhã*, que informou sobre as agitações de ordem social e esportiva:

⁹² Indicamos penas os candidatos mais votados cf *A Gazeta* (29.12.1931)

....um alto paredro alvi-verde, declarou a este jornal, que não falta dinheiro para que seja terminado as obras da construção do estádio e que os velhos elementos de forma alguma jogarão novamente no quadro principal.

O jornal declarava ainda, que essa era uma das cidades que mais se desenvolvia o futebol e que ela necessitava de campos e praças esportivas e que o palestra Itália, era sem duvida um dos clubes que mais se esforçavam para cumprir essa tarefa.

Questões Internas:

A razão disso, reside em questões internas, como sabem todas as obras estão sendo custeados com o dinheiro que se conseguiu com as subscrições abertas aos sócios.

Ora, um grupo de associados e entre eles, alguns que assinaram , tem feito uma campanha aberta contra a atual diretoria....mas as obras, que se encontram desaceleradas, foi por questões puramente técnicas.

...na assembléia de ontem, tivemos grande maioria, nós da chamada chapa oficial e mesmo que a oposição derrotada, venha requerer uma nova assembléia, temos certeza de nossa vitória.

Não falta dinheiro, para contratação de continuação das obras, por conta dos vários sócios capazes de auxiliá-lo. Sobre o time, consideramos o ataque frágil e a necessidade de fortalecer a zaga e o meio campo.a defesa paralisadas, consiste *Folha da Manhã* (30.12.1931)

Segundo as fontes oficiais palestrinas, duas correntes nesse período se digladiaram no interior do clube, uma que defendia a extinção do futebol dos quadros esportivos, pois era contrária ao profissionalismo que se aproximava e a outra, liderada pela família Matarazzo e Dante Delmanto, defendia a manutenção do futebol e a sua profissionalização (que já era extra-oficial). Entretanto, mediante observação dos meios de comunicação da época e as cartas enviadas aos jornais pelos associados, essa versão sobre a aliança Matarazzo-Delmanto, não se confirmou plenamente.

Doze anos depois, em 1943, uma matéria publicada no jornal *A Noite*, abordou a história do Palmeiras e mencionou a crise ocorrida em 1931, quando, segundo o articulista, o então Palestra Itália, se recuperou de sua decadência com a vitória de um grupo formado por jovens dirigentes, que se colocaram contra os velhos mandatários. Foi uma alusão ao embate contra o presidente Eduardo Matarazzo (1928-1932):

...o clube estacionou outra vez em 1928 e 1932, depois de sofrer uma forte crise no ano anterior, teve em 1932 uma grande reação. O valoroso e popularíssimo clube estava em 1931, com sua praça de esportes em estado precário...o quadro social reduzido ao mínimo...foi quando um grupo de moços, tomando as rédeas em abril de 1932, transformou toda estrutura...

A Noite (23.08.1943)

Nessa eleição, a oposição pode ter distribuído alguns panfletos, que faziam ataques pesados à chapa da situação, dos quais tivemos acesso a um fragmento, fornecido por

colaboradores: “a família Matarazzo se utiliza de um lençol freático que existe no subsolo do terreno onde se localiza a sede do clube para abastecer suas indústrias...não repassando qualquer benefício ao clube”.

Dante Delmanto foi eleito presidente e dentre as mudanças pontuais, mas que revelaram passos importantes em direção à nacionalização do clube, foi que as atas passaram a ser redigidas em português. Também foi em sua gestão, que o Palestra aliado ao Corinthians, encabeçou a luta pela profissionalização no futebol. O esquadrão foi remodelado e as vitórias, voltaram a sorrir, entretanto, os conflitos continuaram, mesmo com a sua reeleição em 1933.

Realizar-se hoje às 15 horas, uma assembléia eleitoral do Palestra Itália, para a escolha de 30 novos Conselheiros, 3 Revisores de Contas e 3 Suplentes de revisores de Contas e 3 Suplentes de Revisores de Contas, para dirigirem o club no triênio de 1934-1936. A mesa eleitoral será formada as 15 horas, seguindo-se a votação, cujo encerramento está marcado às 20 horas. *O Estado de São Paulo* (25.12.1933)

A eleição não transcorreu em sua normalidade e esse fato, foi explorado pelo *Diário Popular*, que informou sobre a demissão coletiva do Conselho Deliberativo no dia 15 de dezembro e a necessidade de se proceder um novo pleito, para o triênio 1934,1935 e 1936⁹³:

As eleições de ontem

Realizaram-se ontem as esperadas eleições do Palestra Itália. O pleito teve início às 15 horas, tendo sido organizada por aclamação a seguinte mesa: Presidente, Enrico de Martino; secretário, dr. José Rocco; escrutinadores, Fernando Fragali; dr. Bruno Puteri e Orlando Stefani. Verificou-se o seguinte resultado na apuração:

Dr. Dante Delmanto, 987 votos; Ludovico Bachiani, 911 votos; Alfredo Gioso 906 votos; dr. José Rocco, 898 votos; Guido del Favero, 897 votos; Angelo Cristoforo, 896 votos; Pedro Baldasari, 896 votos; Paschoal Sparapani, 895 votos; Benjamim Bevilacqua, 894 votos; dr. Fábio Ferré, 893 votos; Jeronymo Ippolito, 891 votos; dr. Francisco Patti, 890 votos; Enrico de Martino, 881 votos; Angelo Mastandréa, 897 votos; dr. Artur Tarantino, 877 votos; cav. Estevam Marguti, 877 votos; Francisco Petinati, 875 votos; Valentim Bonomo, 875 votos; prof. dr. Francisco Gayotto, 870 votos; Rogério Giorgi, 866 votos; Eugênio Minervino, 865; Cilolino Galucci, 864 votos; Alberto Ferrabino, 857 votos; Alberto Bonfiglioli, 855 votos; dr. João Minervino, 854 votos; Higino Pellegrini, 842; Luiz Forte, 815 votos; Dante Vagnotti, 807 votos; dr João de Guglielmo, 799 votos, e Odone Fioravanti, 788 votos... *Diário Popular* (29.12.1933)

A informação sobre a crise no Palestra em janeiro de 1934 foi alvo de discussão entre dois jornais, o *Fanfulla* e *O Correio de São Paulo*, que não economizaram nas farpas trocadas

⁹³ ...são convidados os associados a intervirem na assembléia eleitoral a realizar-se hoje para elegerem 30 novos conselheiros, ,3 revisores de contas e 3 suplentes de revisores de contas, para dirigirem a sociedade no treino de 1934, 1935 e 1936. *Diário Popular* (28.12.1933)

entre si. Com o título “*Ancora la pseudo crisi palestrina*”, o *Fanfulla* ironizou os meios de comunicação, que estariam criando uma boataria “*Ancora ieri, um solo giornale, pero si, é divertido a parlare di crisi palestrina....o collega vive é mal informato o é affeito de miopia incurable*”.

Em resposta a essa provocação, *O Correio de São Paulo* declarou que suas informações estavam baseadas em fontes confiáveis e que não aceitava a acusação de ser um periódico contrário ao clube, visto ter tomado sua defesa em várias ocasiões. Aproveitou para alfinetar o concorrente, classificando-o de “órgão oficial do Palestra” :

O órgão oficial do clube que sobrevive de suas relações com ele... Não somos o único jornal que contrariando o afirmado, apontou que existe uma crise e descontentamento na diretoria e no conselho do Palestra....o colega da Libero Badaró, não deve esquecer que o *Correio de São Paulo* foi o único jornal que defendeu o Palestra na campanha passada no profissional
O Correio de São Paulo(16.01.1934)

Como sugerirmos o predomínio da comunidade italiana no clube, funcionou como elemento de negociação das tensões e mesmo gozando de um grau idêntico de paixão esportiva que seus irmãos corinthianos, as mazelas internas foram preferencialmente resolvidas no interior da agremiação, ainda que algumas vezes, extrapolassem para os meios de comunicação. A composição étnica dos dirigentes dessas duas agremiações, pode ser verificada a partir dos documentos cartoriais sobre as eleições na década de 1930:

Grande Conselho

Presidente: Raphael Parisi (até 27/12/1938), Italo Adami (27/12/1938)

1º Vice-Presidente: Alberto Bonfiglioli

2º Vice-Presidente: Alberto Ferrabino

3º Vice-Presidente: Serafino Fileppo

Secretário – Francisco Pettinati

Direção Administrativa

Presidente: Ítalo Adami

1º Vice-Presidente: João Minervino

2º Vice-Presidente: Enrico De Martino

3º Vice-Presidente: Roberto Lagorio

Secretário Geral: Francisco Patti

1º Secretário: Arthur Amato

2º Secretário: Alduino Biagioni

1º Tesoureiro: Caetano Marengo

2º Tesoureiro: Hygino Pellegrini

Economo: Lourenço Cupaiolo

Diretor Geral de Esportes: Angelo Mastrandrea e Lorenzo Cupaiolo

Diretor de Pugilismo: Arrigo Bevilacqua

Revisores de Contas: Antonio Ricupero, José Orsini, Mario Luca

Revisores Suplentes: João Cucci, José Cuntro, Biagino Armentano

Massagista: Alfonso Celiberti⁹⁴

Em relação ao Corinthians, a partir de um dos poucos documentos restantes sobre a eleição do Conselho Deliberativo de 1935, verificamos uma multiplicidade étnica, inclusive com o primeiro candidato de sobrenome árabe, que conseguimos detectar, Jamil Assad, ao lado de outro associado importante na história do clube, o espanhol Vicente Matheus:

Chapa para eleição do Conselho Deliberativo:

Conselheiros com mais de 10 anos:

Brasileiros: Álvaro Gonçalves, Manoel Domingos Correia, Pedro de Souza, e Raphael Aparício Delgado.

Estrangeiros: Manuel Correcher, Manoel Gonzáles Rodrigues e Gervasio Luchesi.

Conselheiros com mais de 5 anos:

Brasileiros: Alfredo Ignácio Trindade, João Appugliese, Evaristo Correia de Toledo, Oreste Appugliese, Salvador Romano e Sílio Pellegrini.

Estrangeiros: Antonio da Silva Azevedo, Nicolau Gutierrez Portillo, Manoel Joaquim Junior.

Conselheiros com mais de 1 ano:

Brasileiros: Januário Montanari, Jamil Assad, Mario Henrique de Almeida, Raphael Oberdan de Nicola.

Estrangeiros: Gilberto Correia e Vicente Matheus⁹⁵.

Eleito presidente em 1935, Manuel Correcher é considerado uma das figuras folclóricas na história do clube e autor da célebre frase: “Com razón ou sem razón, o Corinthians é campeon”. Nessa data, o Palestra Itália, liderado por Rafael Parisi e Italo Adami, possuía em seus quadros dirigentes inúmeros indivíduos de origem italiana. Em breve, deveriam estar atentos às primeiras medidas nacionalistas do Estado Novo, que atingiu os interesses desses grupos.

O futebol no País é reconhecido pela sua relação particular, em que valorizamos as conquistas e não as *performances*. Invariavelmente, consagramos aqueles que levantaram os troféus. Nesse aspecto, a administração de Manuel Correcher foi um grande sucesso ao conquistar o tricampeonato paulista (1937, 1938 e 1939). A série vitoriosa foi interrompida justamente pelo rival, Palestra Itália, que ficou com o título de 1940.

Apesar de terem dominado o cenário esportivo paulista na década de 1930, verificamos que, internamente, a disputa entre facções no Corinthians se aprofundou e esteve intimamente ligada em 1940 e 1941, com o processo de intervenção no clube. E o Palestra

⁹⁴ Anais da Sociedade Esportiva Palmeiras **fornecidos** por Fernando Gallupo.

⁹⁵ **Segue**, nos anexos a lista completa dos candidatos para a formação do Conselho Deliberativo, que inclui nomes de Roberto Pasqua, César Augusto Nunes, Gero Martini e Manoel **Nunes**, entre outros.

Itália, mesmo apresentando fissuras internas, estas não atingiram uma intensidade exagerada, mas sofreu um destino semelhante ao seu rival em 1942.

Do outro lado do Atlântico, especificamente no velho continente, a segunda metade dos anos 1930 foi um período de tensão, no qual os diplomatas tentavam reorganizar o mapa europeu evitando o uso da força.

Benito Mussolini, o ditador italiano, afirmou-se como uma das grandes lideranças européias no período. A Itália havia conseguido sua expansão imperialista com a anexação da Etiópia, e o “Duce”, embevecido com seus êxitos, declarou seu auxílio moral, material e humano à causa fascista. De acordo com essa estratégia, apoiou os nacionalistas na Guerra Civil Espanhola.

Após três anos de um longo conflito interno, o generalíssimo Franco assumiu o poder na Espanha. Era a vitória dos nacionalistas sobre uma convergência de grupos progressistas formado por comunistas, anarquistas e liberais.

Em 1939, esses ditadores estavam alinhados ideologicamente com a Alemanha nazista, onde Adolf Hitler, em breve, desencadearia a Segunda Guerra Mundial, após seu acordo com a URSS.

A Europa poderia ter resolvido suas pendências com um jogo de futebol, mas recorreu ao método antigo que, por fim, se transformou em um conflito de proporções mundiais e envolveu indiretamente os italianos, espanhóis, alemães e japoneses no Brasil. Eles desfrutavam um micropoder no interior de seus clubes até 1941/1942, quando foram afetados pela legislação que impunha a “nacionalização” e a “fiscalização” dessas entidades esportivas, dentre as quais nos interessa especialmente: A Sociedade Esportiva Palmeiras e o Sport Clube Corinthians Paulista.

No segundo capítulo, analisamos os fenômenos internos e externos que serviram de base para as autoridades brasileira na construção do discurso nacionalista e sua ação repressora no período do Estado Novo.

O rompimento de relações diplomáticas com o Eixo (e as agressões sofridas) levou o governo brasileiro a tomar uma atitude mais drástica contra alguns grupos estrangeiros, que, de acordo com as autoridades, “fossem suspeitos de simpatizar com doutrinas de países que não tenham relações cordiais com o Brasil” (*O Correio Paulistano*, 04.04.1942), que estaremos abordando no capítulo final, quando analisarmos o processo de intervenção e nacionalização no futebol paulista.

CAPÍTULO 2

A MÍDIA E O DEOPS EM SÃO PAULO NA LUTA CONTRA OS SÚDITOS DO EIXO E A QUINTA-COLUNA

2.1 O Jogo

Os jornais estampavam em suas páginas do dia 31 de agosto de 1942 uma importante notícia:

O Brasil acaba de declarar o Estado de Guerra contra Alemanha e Itália. O Presidente Getulio Vargas denuncia os ataques sofridos pelo país, como uma agressão à uma nação soberana e pacífica, mas que não vai se subtrair ao seu destino e se acuar frente aos covardes atos de que foi vítima.
Diário da Noite (31.08.1942)

Alguns dias depois, em uma tarde de domingo do dia 20 de setembro, encontramos um cenário não muito distante dos ecos da guerra.

Uma multidão se ergue em um só brado: goooool, que ecoa pelo estádio, do Pacaembu, palco para a histórica partida que colocava em campos opostos: o São Paulo Futebol Clube, que agregava em torno de si nomes ilustres da sociedade paulistana, um clube denominado de “o mais querido” pelos jornais da época. Do outro, estava a Sociedade Esportiva Palmeiras, agremiação ligada à grande colônia italiana e que estava até então incluso nos chamados clubes e instituições ligados aos “súditos do Eixo”.

Naquele jogo decisivo, o então líder do campeonato, o Palestra de São Paulo, havia modificado novamente sua denominação durante a semana. Após algumas reuniões agitadas, nasceu a Sociedade Esportiva Palmeiras, um nome mais brasileiro. Foi composta uma nova diretoria para atender a legislação que obrigava a nacionalização dos clubes.

No dia do embate, o Palmeiras entrou em campo com uma enorme bandeira do Brasil, tendo a frente o recém-empossado e terceiro vice-presidente, sergipano e capitão das forças armadas, Adalberto Mendes.

A partida está descrita no livro “A eterna academia”:

O jogo foi no Pacaembu, perante um público de 45.913 espectadores. O primeiro gol foi do Palmeiras, o autor foi Cláudio, marcando aos 19 minutos do primeiro tempo. Mas Valdemar de Brito empatou para o São Paulo aos 24 minutos, no entanto Del Nero no final da etapa inicial, aos 42 min, fez 2 X 1 para o Palmeiras. O intervalo da partida foi marcado por uma tensão, já que a disputa estava acirrada e até mesmo violenta. Reiniciada a peleja, aos 14 minutos desse segundo tempo dramático, Ecthevarrieta fez o terceiro gol. Três minutos depois, o defensor são paulino, Virgílio foi expulso por uma entrada violenta. Aos 26 minutos, o São Paulo abandonou o campo e o juiz decretou, como permitia o regulamento, o fim da partida. (HELENA,1998, p.21)

Milhares de palmeirenses se abraçam e agitam as bandeiras verde e branca (o vermelho havia sido abandonado). A maioria emocionada entoava o canto da vitória. É a comunhão com um velho ídolo, renovado apenas no nome: não é mais Palestra, agora é Palmeiras.

De acordo com Claude Rivière (1997), o Pacaembu se transformou em um templo para os vitoriosos e o esporte pode parecer a nova religião do povo que, reunido nessas catedrais de betão que são os estádios, vivem um êxtase fora do tempo profano e cotidiano.

Este embate decisivo teve um significado especial, já que durante a semana que o antecedeu, os jornais fizeram campanha para que fosse evitado qualquer tipo de confronto ou hostilidade entre os torcedores, pois temiam que os ressentimentos da população em relação aos países do Eixo (devido aos ataques aos nossos navios) pudessem ser canalizados contra os italianos e seus descendentes, representados, nesse episódio específico, pelos simpatizantes da Sociedade Esportiva Palmeiras (ex-Palestra Itália).

Para compreendermos os motivos relacionados à alteração do seu nome e da antipatia contra os italianos, é necessário remetermo-nos à conjuntura política do Brasil e às conseqüências do rompimento das relações diplomáticas com os países do Eixo. Essa atitude afetou diretamente a vida de inúmeros descendentes e imigrantes, principalmente italianos, alemães e japoneses, que foram proibidos pelas medidas legais adotadas pelo governo do direito de participarem da vida social em várias esferas, inclusive das associações esportivas.

Desde os anos 30 o governo brasileiro estabeleceu uma série de leis concomitantemente a um projeto nacionalista que atingiu seu ápice em 1942, com o rompimento das relações diplomáticas com os países do Eixo. Ao analisarmos as medidas que levaram ao processo de nacionalização, especificamente em São Paulo, de instituições como Palestra Itália, Germânia, Hespânia, Dante Alighieri, Liceu Pasteur ou Corinthians, por exemplo, devemos entender o surgimento de dois inimigos. O externo, formado pelos países do Eixo e que esteve relacionado com a decisão de Getúlio Vargas em aliar-se aos Estados

Unidos e à Inglaterra. E, nesse contexto, a construção de um inimigo interno: os “súditos do Eixo”, formado por pessoas que representavam perigo à segurança do Estado e que se antepunham ao ideário nacionalista.

2.2 O Inimigo Externo: Os Países do Eixo

Desde a Revolução de 30, a modernização das Forças Armadas era um dos temas prioritários do governo. O Brasil importou grande parte de seu material militar da Itália e Alemanha entre os anos de 1936 e 1939. Isso se deveu mais aos aspectos comerciais que às simpatias políticas.

Desde 1936, a Alemanha e os Estados Unidos, juntos, eram responsáveis por mais de 50% das importações do Brasil. Contudo, possuíam, de acordo com Roberto Gambini (1961) e Antonio Pedro Tota (2000), propostas políticas e práticas comerciais diferentes.

Essa concorrência entre seus principais fornecedores, também se traduzia em uma guerra de bastidores. Stanley Hilton (1977) argumenta que as autoridades brasileiras enfrentavam um sério impasse, pois os métodos adotados pelos dois principais sócios comerciais eram antagônicos. A Alemanha nazista adotou uma variedade de práticas bilaterais restritivas que se chocavam com o programa "liberal" do governo Roosevelt.

Os alemães utilizavam o comércio baseado em marcos de compensação que evitava a utilização do dólar nos seus negócios bilaterais. Essa prática chocava-se com os interesses dos Estados Unidos, conforme os países que aceitavam essa negociação obtinham crédito para adquirir produtos alemães, ficando, dessa forma, presos ao mercado germânico.

Em 1937, o Brasil passou por uma experiência ditatorial quando foi estabelecido o Estado Novo. O autogolpe praticado por Getúlio Vargas recebeu o apoio de parcela expressiva da alta oficialidade, ao pressuporem que a busca de uma centralização política e militar não podia ser pensada separadamente, visto que alguns Estados, como o Rio Grande do Sul, possuíam uma Brigada Militar que rivalizava com o Exército. Eurico Gaspar Dutra, em entrevista concedida à Revista Manchete, afirmou que Vargas somente conseguiu implantar o Estado Novo, porque ele, Dutra, era o Ministro da Guerra, já que o presidente não tinha forças para tal ato, e que apoiou a ditadura porque estava cansado das humilhações impostas às Forças Armadas por Flores da Cunha e seus “provisórios”. Salientou, ainda, o perigo da infiltração comunista no exército e no País. (LEITE e NOVELLI, 1983, p.283)

Não foram somente os comunistas os alvos da ditadura. Em pouco tempo, políticos e militares liberais ou integralistas, como Plínio Salgado, Júlio de Mesquita, Armando Salles de

Oliveira, Artur Bernardes, Otávio Mangabeira, Lindolfo Collor e Euclydes Figueiredo, foram silenciados ou exilados.

Alemanha e Itália entenderam o Estado Novo como uma movimentação do governo Vargas em direção ao fascismo e, mesmo os integralistas, aplaudiram, com certo entusiasmo, as medidas tomadas pelo “novo governo”.

Inicialmente, os alemães consideraram positiva a criação do Estado Novo, mas com o fracassado Putsch Integralista e a prisão de seus membros, foram os americanos e ingleses que elogiaram a atitude de Vargas, tecendo considerações de que a ditadura brasileira tinha por objetivo evitar a infiltração nazi-fascista.

No exílio, Júlio de Mesquita, de acordo com John Foster Dulles, teria reclamado da posição do governo norte-americano frente à ditadura brasileira: “Roosevelt apoiava Vargas porque era mais conveniente lidar com um ditador do que com trezentos deputados”. (DULLES, 1979, p.204)

Muniz Bandeira atribui ao presidente Roosevelt e ao diplomata Cordell Hull a responsabilidade de evitarem que a relação Brasil-Estados Unidos se deteriorasse, mesmo com o Estado Novo em 1937 impedindo que o País evoluísse decisivamente na direção do Eixo. Essa análise considera que o golpe do Estado Novo era um indicativo da simpatia de Vargas pela Alemanha e Itália. Não se descarta essa hipótese, até porque os anos 30 foram marcados por uma série de ditaduras com inspiração no modelo fascista, mesmo que em alguns casos, como explica Eric Hobsbawm, fossem variações autoritárias submetidas a dirigentes direitistas ou reacionários, que foram no período rotulados de fascistas, como o regime da Polônia, Espanha, Portugal ou Grécia.(HOBSBAWM, 1996, p.127)

Porém, cabe questionar se devemos considerar que o golpe de 1937 no Brasil fosse levar automaticamente a um alinhamento com o Eixo, como sugere Muniz Bandeira, visto que Espanha franquista e Portugal salazarista, apesar de todas as semelhanças e simpatia para com os regimes alemão e italiano, não formalizaram uma aliança que os obrigassem a entrar no conflito mundial ao seu lado, prevalecendo os interesses internos sobre a diplomacia externa.

Ao insistirem nas relações comerciais entre o Brasil e a Alemanha como um indicativo das tendências políticas do governo Vargas, alguns autores deixam de levar em consideração que o fato de a Alemanha ser governada pelos nazistas não impediu que empresas norte-americanas mantivessem contatos comerciais com resultados econômicos significativos para os dois lados, como demonstrou Edwin Black em “IBM e o Holocausto” (2001) e Eric Hobsbawm na “Era dos Extremos”(1996).

Tomando por base as ações subseqüentes, é lícito considerar que havia uma preocupação dos Estados Unidos com os rumos políticos dos países da América Latina. Para Washington, a Alemanha nazista representava uma ameaça, mas os comunistas e a União Soviética, também eram outras fontes de perigo.

No plano comercial, a Alemanha era o terceiro maior exportador para o Brasil no ano de 1933 e, três anos depois, se tornou o principal fornecedor das necessidades brasileiras, atingindo seu auge em 1938. Até 1939 foi um grande parceiro comercial do País, inclusive o maior importador do algodão brasileiro e o segundo maior consumidor de café. Entretanto, o comércio entre os dois países declinou abruptamente em 1940, quando a Europa esteve envolvida na Segunda Guerra.

Os Estados Unidos, durante 1933-38, tiveram um pequeno crescimento, com dois saltos sucessivos nos anos seguintes, conseguindo deter mais de 50% das importações brasileiras em 1940. O imediato aumento das exportações norte-americanas para o Brasil, esteve relacionado com a queda do fluxo comercial nacional com os alemães. Ao mesmo tempo, o comércio bilateral Brasil-Estados Unidos aumentou, fato que teve reflexos nos laços diplomáticos e militares. Pode-se admitir que os anos de 1939 e 1940 podem ser considerados como marco para uma reorientação da política externa brasileira, que refletia a nossa dependência econômica em relação aos norte-americanos.

Os primeiros anos do conflito mundial foram marcados pelas vitórias fulminantes obtidas pelos alemães, como a invasão da Polônia, Noruega e França. Esse fato possibilitou que a marinha alemã e seus submarinos passassem a agir com maior facilidade no Atlântico, proporcionando o prolongamento das operações em alto-mar. Isso ameaçou os interesses dos Estados Unidos na América e no Extremo Oriente, já que o governo colaboracionista de Vichy colocou suas bases coloniais à disposição do Eixo. Prevendo um perigo iminente, os Estados Unidos trocaram cinquenta torpedeiros com a Grã Bretanha por bases na Terra Nova e no Caribe. (KITCHEN, 1994, p. 57)

Apesar de ainda contar com uma resistência política e mesmo popular contra a participação do país na guerra, em 1940 os Estados Unidos adotaram o serviço militar obrigatório. Em 5 de novembro, Franklin Roosevelt foi reeleito presidente e, em janeiro de 1941, enviou uma mensagem ao congresso pedindo a aprovação da Lei de Empréstimo e Arrendamento (Lend-Lease), que foi promulgada em 11 de março. Em discurso, Roosevelt declarou ser dever dos Estados Unidos assumirem o papel de arsenal da Democracia.

Com os desdobramentos do conflito, os Estados Unidos ampliaram seus interesses em relação à América Latina. De acordo com Fred Ellison, foi no período da “Política de Boa Vizinhaça” que ocorreram as primeiras aberturas para se estudar países como o Brasil, mas

era uma política isolada e poucos pesquisadores foram incentivados. Essa situação se alterou com a Segunda Guerra, quando se implementaram estudos no conhecimento de língua e cultura de outros países do continente. (MEIHY, 1990)

Apesar do relacionamento amistoso entre o Brasil e os Estados Unidos, Vargas recusou o convite para uma visita a Washington em 1941, o que, na ótica de Moniz Bandeira, deveu-se ao fato de o governo brasileiro estar premido pelas tensões existentes entre pró-fascistas e pró-aliados que se encontravam dentro do próprio governo. Sobre essa disputa, o mesmo autor argumenta que o ministro Oswaldo Aranha ameaçou pedir demissão, caso não se tomasse providência contra os espões do chefe de Polícia Filinto Müller que, segundo ele, seguiam seus passos e censuravam seu telefone. (BANDEIRA, 1973, p.286)

Os norte-americanos desejavam estabelecer bases aéreas e navais no Norte e no Nordeste do Brasil, o que fazia parte da estratégia defensiva do continente. Mas o clima de “indecisão” por parte do governo brasileiro tornava a situação cada vez mais delicada.

Nessa fase, os meios de comunicação norte-americanos não nutriam muita simpatia pelas lideranças brasileiras, visto que a revista “Friday”, no seu número de 8 de fevereiro de 1941, definiu Getúlio Vargas, Góes Monteiro e Filinto Müller como adeptos da Alemanha. O jornal Times Herald envolveu os nomes de Góes Monteiro e Eurico Gaspar Dutra como os chefes da corrente nazista no exército brasileiro. (LEITE e NOVELLI, 1983, p. 409)

Era possivelmente um exagero da imprensa, mas refletia o grau de desconfiança sobre o Brasil e, ao mesmo tempo, era uma versão que encontrava respaldo no posicionamento de inúmeros intelectuais sobre a “verdadeira” face do regime brasileiro.

Nelson Werneck Sodré e Moniz Bandeira, representantes de uma tradição marxista, apontam que o governo Vargas tinha um cunho fascista e pró-alemão, principalmente seus chefes militares, Eurico Gaspar Dutra e Góis Monteiro, que eram citados como simpatizantes do nazi-fascismo.

No Estado Maior, as vitórias dos nazistas eram comemoradas festivamente (...) e quando a esquadra inglesa interceptou o barco que transportava o armamento destinado ao nosso exército, o Ministro da Guerra propôs que se declarasse guerra à Inglaterra. (SODRÉ, 1985, p. 278)

Reforçando essa imagem, Moniz Bandeira destacou:

Um exemplo da enorme simpatia que gozavam os alemães junto aos altos dignatários militares do Brasil foi quando familiares e amigos do general Dutra aplaudiram a notícia da queda de Paris, quando ele interrompeu o jantar para ler o telegrama que o Itamarati acabara de receber e que Oswaldo Aranha lhe transmitiu. (BANDEIRA, 1973, p. 265)

O brasilianista S. Rose, em sua obra sobre o governo Vargas, utilizou os mesmos argumentos que Sodré e Bandeira para reiterar as simpatias pelo nazi-fascismo da cúpula militar brasileira:

Os Aliados estavam cientes das convicções de Eurico Gaspar Dutra. Ele era de opinião de que uma vitória alemã só poderia beneficiar o Brasil (...) Dutra não era apenas um admirador da máquina de guerra nazista, como em geral se afirmava. Em maio de 1940, recebeu condecorações do embaixador nazista por ordem de Herr Hitler. (ROSE, 2000, p. 178)

Para Rose, Góis Monteiro também é indicado como um perigoso inimigo da democracia: “Ele já era um dos pivôs do Plano Cohen e um franco admirador da nova Alemanha de Hitler”. (ROSE, 2000, p. 176-178)

Ainda em 1943, ocorreu uma troca de acusações entre os generais Manoel Rabelo e Eurico Dutra, este último acusado de fascistóide: “As suas simpatias pelos totalitários correm o mundo como certos, mas a nação não quer acompanhá-lo nessa direção”. (Almeida Jr., 1989, p. 230).

Thais Battibugli (2000) destacou em seu trabalho a análise de Robert Levine sobre a esquerda brasileira que classificava o governo Vargas como fascista. A rigor, esse autor de acordo com Battibugli, discorda dessa tese e considera que o regime imposto por Getúlio Vargas (como o proposto pelo Integralismo), deva ser reconhecido como autoritário, com sutis diferenças dos modelos italiano e alemão.

No debate historiográfico sobre o período, alguns pesquisadores defendem o chamado “duplo jogo de Vargas”, como Roberto Gambini (1961), que analisou a estratégia de Vargas frente às grandes potências, como atender aos norte americanos pela porta da frente e manter conversações com os alemães pela porta dos fundos.⁹⁶

Com essa mesma visão, Rose credita ao governo Vargas uma política externa extremamente dúbia, que norteou os rumos do Estado Novo: “Vargas também acreditava que jogando dos dois lados, poderia sair ganhando. Assim deu instruções para que Aranha engabelasse os americanos, desde que isso não prejudicasse os acordos dele com alemães e italianos”. (2000, p.176)

Francisco Corsi, Italo Tronca, Gerson Moura e Hélio Silva também analisaram a política varguista como um jogo duplo até que acontecimentos externos contribuíram para a decisiva virada da diplomacia brasileira em favor dos “Aliados”.

⁹⁶ Ana Dietrich (op.cit), prefere entender essa fase como uma estratégia diplomática de Vargas em relação as grandes potências.

A política externa ambígua estimulada por Vargas, sentiu o reflexo do ataque japonês a Pearl Harbor em 7 de dezembro de 1941, que decretou a entrada dos Estados Unidos na Segunda Guerra, tendo como consequência imediata para a diplomacia brasileira, diminuir os seus espaços de manobra, obrigando-a a abandonar a política de neutralidade que a havia caracterizado até esse momento. (CORSI, 2000, p. 71)

Com uma visão semelhante, Almeida Junior considera o fato de Getúlio Vargas ter uma extrema simpatia em relação aos governos de Benito Mussolini e Adolf Hitler:

“Em vários discursos dessa época, chegou a tecer elogios ao sistema fascista...as embaixadas da Alemanha e da Itália no Brasil agiam sem nenhum constrangimento, como verdadeiros focos de espionagem e propaganda”.(ALMEIDA Junior, 1989, p. 227)

Em abril de 1941, o governo norte-americano estendeu sua zona de segurança de forma a patrulhar o Atlântico Norte até 26 graus de longitude oeste. No dia 14 de agosto, foi assinada com a Grã-Bretanha a “Carta do Atlântico”. Aos poucos, o governo Roosevelt foi abandonando a neutralidade diante da guerra e preparando sua economia e suas Forças Armadas para um possível conflito em duas frentes, no Atlântico e no Pacífico.

Com a invasão da União Soviética em 22 de junho de 1941, a ameaça do Atlântico pelos alemães ficou momentaneamente em segundo plano nas preocupações do presidente Franklin Roosevelt, que podia voltar suas forças em direção ao Pacífico e fortalecer sua posição de potência hegemônica na América.

O Brasil não ficou imune a esse episódio, na medida em que a desconfiança do governo para com os grupos de esquerda esteve presente na ação policial, que pode ser avaliada na entrevista de José Maria Crispim para Carlos Frederico Correia da Costa:

Quando em 1941 ocorreu a invasão da URSS, fui preso em São Paulo porque estava ajudando a organizar o Partido... Eles estavam fazendo uma razia, pois acreditavam que essa agressão a URSS iria desencadear no Brasil uma grande agitação. (COSTA, 2000, p.290).

Ricardo Seitenfus (2003) define o período de julho de 1940 até dezembro de 1941, como “do sonho alemão à realidade americana”, momento esse que a diplomacia alemã, italiana e japonesa, percebem que era impossível esperar que o Brasil mantivesse sua neutralidade, caso os Estados Unidos fossem envolvidos no conflito.

Quando em 1942 o governo brasileiro definiu-se pelo apoio aos norte-americanos, essa escolha já se delineava desde 1940, momento que eles passaram a deter uma maior presença comercial no País e, aos alemães, só restava fazer promessas para o pós-guerra, que julgavam, naquela oportunidade, poder vencer. Assim, de um lado estava a promessa de um futuro possivelmente promissor e, do outro, a realidade de um “presente” que não podia ser ignorado.

Se Vargas e seus principais “fiadores” políticos no Exército, como são definidos Eurico Gaspar Dutra e Góis Monteiro por José Murilo de Carvalho (1996), fossem realmente chefes de uma “corrente” nazi-fascista, eles mudaram rapidamente de posição, já que, menos de um ano depois do ataque a Pearl Harbor, entraram em entendimento com o governo norte-americano e participaram dos preparativos para o envio de tropas para combater ao lado dos Aliados.

Invariavelmente autores marxistas destacam as inclinações ideológicas dos militares brasileiros em relação ao fascismo e especialmente ao nazismo, notadamente Eurico Dutra e Góis Monteiro. Evidentemente, existiu, entre os militares, uma simpatia pelos princípios do autoritarismo inerentes a tais sistemas. Essa admiração aumentou com as vitórias iniciais dos alemães na Segunda Guerra. Mas o caso brasileiro não foi um fato isolado na medida que, mesmo na Inglaterra e nos Estados Unidos, figuras importantes como Osvald Mosley, Joseph Kennedy, Charles Lindbergh, Harry Woodring, Herbert Hoover e John Foster Dulles foram seduzidos pelo discurso de ordem e disciplina do nazismo e do fascismo sendo, inclusive, contrários ao conflito com a Alemanha. Nos Estados Unidos, essa corrente constituiu o grupo “América em primeiro lugar”, que se articulou no intuito de pressionar o governo Roosevelt em manter-se neutro. (LUKACS, 1999).

O “isolacionismo” norte-americano ou o “neutralismo” brasileiro foram irremediavelmente comprometidos quando em dezembro ocorreu o ataque japonês a Pearl Harbor. Alguns dias depois, Alemanha e Itália declararam guerra aos Estados Unidos que, em virtude da situação, dividiram suas forças para a tarefa de patrulhar e salvaguardar seus interesses, ameaçados tanto no Oceano Atlântico, como no Pacífico.

Para Ítalo Tronca (1981) os Estados Unidos passaram a perseguir um duplo objetivo: conseguir a ruptura de relações comerciais e diplomáticas de todos os países americanos com o Eixo e garantir o monopólio de abastecimento de matérias-primas, consolidando os acordos para a defesa militar do continente.

Dentro do projeto de segurança continental, o Brasil era uma peça importante devido ao seu posicionamento territorial estratégico. O Alto Comando militar norte-americano

elaborou, em 1941, um plano de invasão ao Brasil, intitulado “Plano do Teatro de Operações do Nordeste do Brasil”.

Esse plano não saiu do papel, já que o Brasil optou em se posicionar ao lado dos Estados Unidos. Mas Vargas, em seu diário, não demonstrou muita satisfação com esse alinhamento automático e não nutriu grandes expectativas de que uma participação brasileira no conflito fosse útil para o País e para o seu próprio governo. No início de janeiro, uma crise se abateu sobre o governo brasileiro. Getúlio Vargas enfrentou a ameaça de demissão do general Góis Monteiro e do ministro da Guerra, o general Eurico Gaspar Dutra, que argumentavam contrariamente ao rompimento diplomático com os países do Eixo, destacando que o Exército era contrário a tal atitude, pois não estava adequadamente aparelhado para arcar com as consequências de tais atos. (VARGAS, 1995)

De acordo com Ricardo Seitenfus (2003), nos primeiros dias de janeiro de 1942, o embaixador Prüfer manteve contatos informais com líderes políticos e militares brasileiros, que descartaram a hipótese da ruptura das relações comerciais e diplomáticas entre o Brasil e a Alemanha. Os generais Góes Monteiro e Maurício Cardoso afirmavam que o Brasil não iria além de uma declaração de solidariedade pan-americana.

Apesar da discordância dos militares, em 28 de janeiro de 1942, seguindo as orientações da 3ª Reunião de Consultas dos ministros das Relações Exteriores no Rio de Janeiro, o Brasil rompeu relações diplomáticas com os países do Eixo. Como resposta, iniciou-se uma ofensiva submarina contra navios brasileiros.

Nesse aspecto específico, Góis Monteiro e Eurico Dutra tinham razão em suas objeções: o País não possuía recursos suficientes para fazer frente às represálias ítalo-germânicas, na medida em que seus submarinos passaram a atuar em águas territoriais brasileiras, provocando inúmeras vítimas entre civis e militares. Posteriormente, com o envio das tropas da Força Expedicionária para a Itália, essa situação ficou evidente, já que o transporte foi feito pelas naus norte-americanas. (SALUN, 2004)

Em 14 de fevereiro, o navio Cabedelo desapareceu misteriosamente e, dois dias depois, o Buarque foi colocado a pique por submarino alemão. Foi o início das hostilidades com os países do Eixo. A agressão nazista acirrou os ânimos da população estudantil do País, que se exaltou em repúdio à ditadura e em prol da democracia. Os estudantes, em passeata, pediram a guerra contra o Eixo. Em algumas capitais, ocorreram prisões de manifestantes que se aproveitavam para criticar o governo.

Em seu diário, o presidente Vargas escreveu que foi procurado por Góes Monteiro (chefe do Estado Maior do Exército) e pelo chefe de polícia do Distrito Federal, Filinto Müller, pois acreditavam que as manifestações ocorridas haviam sido instigadas por conspiradores comunistas, apoiados por elementos do serviço de inteligência da Inglaterra.

De acordo com Nelson Werneck Sodré, o General Dutra também creditou esses acontecimentos a grupos agitadores: “Os comunistas sob a capa da Democracia e unidos a verdadeiros democratas, iniciaram a agitação da oposição ao governo atual”. (SODRÉ, 1985, p. 286)

John Foster Dulles afirma que, em agosto, ocorreram novas manifestações populares lideradas pela União Nacional dos Estudantes (UNE), o (CBDU) e associações de estudantes universitários, que cercaram o Palácio da Guanabara e exigiram vingança contra o “nazi-fascismo”. Ocuparam ainda o prédio do Esporte Clube Germânia, na Praia do Flamengo, no Rio de Janeiro, transformando-o em sede da UNE.

Não foi um ato isolado os estudantes terem voltado sua ira contra uma entidade esportiva ligada a imigrantes alemães, que representava, nesse momento, o elemento mais próximo do regime nazista, para extravasar sua vingança. Em muitas capitais, clubes e instituições ligados aos descendentes dos países do Eixo foram alvos não só da ira popular, mas, principalmente, da ação coercitiva do Estado.

Apesar de ser um governo autoritário, contraditoriamente, o Estado Novo aceitou muito facilmente as manifestações que explodiram no País, permitindo, inclusive, que fossem noticiadas pelos meios de comunicação que estavam sob censura. Assim, podemos nos perguntar até que ponto, para Vargas, as pressões internas foram determinantes para o rompimento com o Eixo ou se usou as mesmas para seus próprios interesses políticos que, de certa forma, o encaminhavam ao encontro dos norte-americanos.

Rooney Cytrynowicz sugere que o governo mobilizou a oposição em torno da agressão ao País de forma que, ao encabeçar a luta contra o nazi-fascismo, neutralizava a oposição interna ao regime: “Mesmo quando se pediu a democracia, ela se tornou um brado genérico a favor da causa aliada e foi incorporada rapidamente pelo governo que passou a lutar integrado aos aliados pela democracia contra o nazi-fascismo”.(2000, p. 332)

É interessante a imagem criada por Levine a respeito de Vargas, de que este era um homem sem ideologias, que não se identificava com a esquerda radical ou com a extrema direita política. O presidente manteve a política externa de neutralidade até o ataque a Pearl Harbor, a despeito de fortes pressões internas. (LEVINE, 1980, p. 266)

Para muitos militantes de esquerda que participaram da oposição ao Estado Novo, como Pedro Paulo Albuquerque Suzano, entrevistado por Andréa Paula dos Santos, a posição do governo era bem definida: “O Brasil entrou na guerra e lembro-me que o povo exigiu e aplaudiu essa atitude. Vargas era reticente, porque tinha certa simpatia pelo Eixo, mas as manifestações, os movimentos populares e comícios foram elementos de pressão”. (SANTOS, 1998, p. 257)

As manifestações contra o Eixo ocorreram em várias cidades. Na capital paulista, a população se fez presente em atos públicos noticiados pela imprensa:

O povo de São Paulo manifestou ontem sua repulsa pelo Eixo, realizando entusiásticas passeatas pelas ruas centrais e reunindo-se num dos maiores comícios patrióticos já ocorridos na cidade. Folha da Manhã (21.08.1942)

Brasil! Brasil! Bradava a multidão no largo São Francisco, em grande comício promovido pelos estudantes. A Noite (24.08.1942)

Antônio Pedro Tota afirma que a aproximação entre o Brasil e os Estados Unidos, extrapolou os campos político e comercial, realizando-se também na esfera cultural:

O OCIAA (The Office of the Coordinator of Inter American Affairs) foi entregue a Nelson Rockefeller, o experiente e conhecido homem de negócios e que há muito, não só mantinha relações econômicas com a América Latina, como também relações culturais (...) o OCIAA tinha por objetivo disseminar a chamada política de boa vizinhança pelas outras 'Repúblicas Americanas'. Isso fez o governo norte-americano não medir esforços na mudança dos rumos de sua política exterior. (1987, p.200).

O Comitê Rockefeller encomendou a Walt Disney a criação de personagens promotores da Boa Vizinhança. Foi quando surgiu a figura do Zé Carioca⁹⁷, a personificação do brasileiro alegre e espirituoso. Seu papel era ser o anfitrião que apresentava nossas maravilhas ao Embaixador Pato Donald. Em setembro de 1943, estreava no País o filme “Alô, amigos” que, de acordo com o jornal “O Estado de São Paulo”, era uma homenagem aos brasileiros. Foi o primeiro filme a mostrar ao mundo a beleza de nossa paisagem e a graça de nossa música, com o “gozadíssimo” Zé Carioca.



⁹⁷“Alô Amigos”, 1943. Donald visita Copacabana, apresenta por Zé Carioca, junto com o samba. As músicas são de Zequinha de Abreu e Ari Barroso (OESP 15.091943).

A Missão Cultural Rockefeller trouxe ao Brasil um grande número de artistas, como Tyrone Power, Henry Fonda, Douglas Fairbanks Jr. e o próprio Walt Disney. Em sua visita ao País em setembro de 1942, Nelson Rockefeller discursou para uma seleta platéia. Estava acompanhado do embaixador Jefferson Caffery e sugeriu que o Brasil já participava do conflito ao lado dos Aliados:

O Brasil já vem fornecendo há muito, material bélico como manganês, mica e quartzo entre outros minérios. Temos a impressão de que a produção vai se desenvolver cada vez mais, é como se tivesse crescido a confiança mútua entre os dois países... *O Estado de São Paulo* (02.09.1942)

Na mesma edição, o jovem e experiente homem de negócios não esqueceu de mencionar, para deleite do público, que o interesse dos americanos sobre o Brasil era tão intenso que todos os livros editados nos Estados Unidos que faziam referência às belezas e à cultura brasileira haviam se esgotado rapidamente.

A Política da “Boa Vizinhança” não era apenas uma retórica no discurso de Nelson Rockefeller. Naquele momento, o interesse de Roosevelt por uma política para a criação de uma ampla aliança contra a influência do nazi-fascismo no continente era refletida no tratamento dispensado a Argentina, Brasil, Chile e México, considerados peças importantes nesse processo.

Alfred Hower descreveu as dificuldades encontradas por estudantes que quisessem aprofundar seu conhecimento em português nos Estados Unidos, antes do conflito mundial:

Naquela época em geral, não existiam muitas motivações para o estudo da América Latina em geral (...) sobre o Brasil em particular não havia quase nada...Tive sorte de poder participar dos primeiros seminários que foram dados aos professores de português nos verões da 1941 e 1942... o suporte econômico para estes cursos veio da Divisão Cultural da Fundação Rockefeller e do American Council of Learned Societies, que por essa época começava a se preocupar com o pouco conhecimento de línguas estrangeiras nos Estados Unidos. (MEIHY, 1990, p. 131)

No início de agosto de 1942, Getúlio Vargas sofreu um acidente de automóvel que provocou a fratura de sua mandíbula e o deslocamento de seu quadril. Mesmo em repouso, o presidente não podia deixar de se preocupar com os rumos que o País deveria estar tomando frente à guerra. Nessa fase, apareceram as primeiras fissuras no seu grupo de sustentação, inclusive nos rumos dos aparelhos de repressão, na medida em que os nazistas, fascistas, integralistas e os “súditos do Eixo” passaram a ser os inimigos, e os comunistas e liberais (os oponentes até então) tornavam-se aliados na luta contra o fascismo. Eram tempos complicados para um observador da época.

Em agosto, mais cinco embarcações brasileiras foram colocadas a pique, elevando para 972 o número de mortos, o que ocasionou certa comoção pública: entre as vítimas, estavam cerca de cem soldados e sete oficiais.

Com uma nova linha diplomática do governo, Vargas demitiu os auxiliares que não estavam afinados com essas diretrizes, como os “simpatizantes” do nazi-fascismo, Filinto Muller, Francisco Campos e Lourival Fontes. Aproveitando esse posicionamento do governo, o general Manoel Rabello fundou a “Sociedade Amigos da América”, formada por liberais, comunistas e intelectuais, que visava incentivar o esforço de guerra brasileiro contra o Eixo, além de identificar e denunciar os pró-fascistas dentro da burocracia estatal.

Getúlio Vargas alterou o seu foco de ação e trocou de aliados de acordo com os interesses de sua nova estratégia, isto é, buscou nos liberais e comunistas, que encarnavam as aspirações da população, o apoio para a guerra contra um inimigo comum: o nazi-fascismo. Para um regime ditatorial fundamentado na coerção e na censura à oposição, assimilou rapidamente essa virada política, na medida em que o aparelho repressivo continuou a funcionar, substituindo os comunistas e liberais pelos “súditos e simpatizantes do Eixo”.

Em 22 de agosto, o Departamento de Imprensa e Propaganda transmitiu que o presidente da República, após reunião com seu ministério e frente às agressões sofridas, reconheceu a situação de beligerância entre o Brasil e as nações agressoras, Alemanha e Itália.

Em 31 de agosto, segundo o Decreto nº 10.358, foi declarado o estado de guerra em todo território nacional. O estado de guerra contra o Japão só foi declarado em 6 de junho de 1945, mas desde 28 de janeiro de 1942, o Brasil havia rompido relações diplomáticas com Alemanha, Itália e Japão.

Os Estados Unidos conseguiram rapidamente o apoio do México (maio de 42) e do Brasil (agosto de 42). O Chile somente decidiu-se pela declaração de guerra em janeiro de 1943 e a Argentina, em janeiro de 1944. Dessa forma, considerando a eterna rivalidade entre brasileiros e argentinos, tornava-se importante para os norte-americanos reequipar e treinar as Forças Armadas do Brasil para garantir qualquer “aventura” ítalo-germânica no cone sul.

Na política interna, a guerra era uma realidade. As manifestações populares eram incentivadas e tinham muita importância para a criação de um sentimento cívico de união em torno da pátria agredida e da figura do seu presidente. O jornal “O Estado de S. Paulo”, trouxe, em sua edição de 02 de setembro de 1942, a manchete “A consagração de um chefe”:

Consagração como jamais teve um homem público brasileiro, consagração que basta por si só para projetar nas páginas da história de um grande povo a figura de um grande condutor, foi o que vimos emergir da festa religiosa que as crianças cariocas organizaram para agradecer a Deus pela restauração da saúde do Presidente Getúlio Vargas. *O Estado de São Paulo* (02.09.1942)

Frank McCann defende que os ataques alemães conseguiram sucesso onde a diplomacia norte-americana vinha encontrando dificuldades: alinhar o Brasil na luta contra o Eixo. Dessa forma, é possível que, sem as agressões, o Brasil teria demorado um pouco mais para definir sua estratégia e enfrentaria uma turbulência política. Assim, o ataque estimulou o apoio público para uma mobilização e um alinhamento franco com os Aliados, a ponto de enviar tropas para a Europa. O autor entende que, em setembro de 1942, o grau de compromisso brasileiro com o governo norte-americano estava tão estreito que Vargas confiou ao almirante Ingram a responsabilidade completa para a defesa do litoral brasileiro, com autoridade acima da marinha brasileira e das forças aéreas.

Em 28 de janeiro de 1943, em seu encontro com Roosevelt em Natal, quando ele voltava para os Estados Unidos depois de uma reunião com Winston Churchill em Casablanca, Vargas hipotecou seu apoio irrestrito e discutiu a possibilidade de remessa de tropas brasileiras para a África.

Frank McCann argumenta que:

O Brasil não se conformava com o papel de simples escudeiro dos Estados Unidos, papel que desempenhou na guerra de 1914-1918. Se a partilha do mundo estava muito além de sua capacidade econômica e militar, nem por isso ele renunciava a pretensão de ordenar o seu próprio subsistema, como agência do imperialismo norte-americano, ao Sul do Continente... o governo de Vargas decidiu levar as últimas consequências a participação do Brasil no conflito. Não se limitaria a franquear o território nacional às operações militares de forças estrangeiras. Pretendia mandar tropas ao campo de batalha para armar o Exército e fortalecer a posição do país nas conferências de paz. (1982, p. 95)

A participação no conflito acarretaria, na ótica dos mandatários brasileiros, algumas consequências, como adquirir o status de maior potência militar da América Latina e receber em decorrência disso os benefícios como principal aliado dos Estados Unidos no continente.

Os “Acordos de Washington”, assinados em março de 1942, selaram a aliança Brasil-Estados Unidos. Dentre os benefícios, constou o crédito de duzentos milhões de dólares e a transferência, para o governo brasileiro, da empresa inglesa Itabira Iron Ore, que permitiu a construção da Usina Siderúrgica de Volta Redonda e a fundação da Vale do Rio Doce. Os Estados Unidos também desenvolveram uma política de incentivo à produção agrícola que viesse suprir as necessidades de seu mercado. Dessa forma, a definição de uma

linha de cooperação econômica com os Estados Unidos exigia alinhamento no plano político-militar.

Os jornais novamente destacaram “a larga visão do presidente Vargas, que permitiu que o Brasil entrasse no conflito perfeitamente aparelhado para colaborar na derrota total do Eixo”. Nesse aspecto, apontavam a rápida adequação da economia nacional, mobilizando-a para o esforço de guerra:

...o encontro em natal não teve precedentes na história americana. Foi a primeira vez que um chefe do executivo dos Estados Unidos conferenciou em tempo de guerra com o chefe de outro governo americano, fora do território dos Estados Unidos. Foi um sinal evidente do importante papel que caberia ao Brasil desempenhar no esforço que levaria as Nações Unidas à vitória total sobre as potências nazi-fascistas.
James Clinton especial para *A Noite* (22.08.1943).

O discurso proferido pelo presidente da República Getúlio Vargas foi manchete nas páginas dos jornais, que reproduziram algumas partes em que foram salientadas as agressões injustas praticadas pelos países do Eixo contra o Brasil: Estamos em guerra, correndo seus riscos e sofrendo suas privações. Não tem sido pequeno o quociente do nosso tributo em vidas e bens perdidos, isso porém, não nos enfria o ânimo, ao contrário, exalta nosso ardor combativo. *A Noite* (23.08.1943)

Assim, em pouco mais de um ano, Vargas deixou de lado o seu ceticismo particular quanto ao conflito e decidiu tirar o máximo proveito político e econômico da relação especial que pretendia manter com seu grande aliado, o Tio Sam. A mesma mudança de atitude ocorreu com a cúpula militar, se levamos em conta as declarações dadas à imprensa sobre o papel do País na guerra.

Na edição de 31 de agosto de 1943, o jornal Folha da Manhã trouxe a declaração do ministro da Guerra, general Eurico Gaspar Dutra, que um exército brasileiro com recursos próprios lutaria ao lado das Nações Unidas contra as forças do Eixo, já que a intenção era de uma colaboração ativa no conflito.

O rompimento diplomático, seguido da declaração de guerra aos países do Eixo, refletiu-se de imediato nos assuntos internos do País, especialmente na retomada das medidas nacionalistas do governo Vargas, direcionadas para um inimigo: os “Súditos do Eixo”. Notemos que foi exatamente a partir do ano de 1942 que a mídia concentrou seu foco de

atenção nesse grupo específico, visto que nos três anos anteriores foram poucas referências sobre a repressão policial em relação a esses elementos⁹⁸.

Poderemos verificar adiante que a legislação que até então previa algumas brechas aos imigrantes e estrangeiros, permitindo uma participação na vida social e econômica do País, foi consideravelmente revertida em 1942, negando vários direitos, classificados de “regalias” por alguns jornais. Estes passaram a acompanhar as ações da polícia política, que teve fundamental papel na repressão a esses perigosos elementos.

2.3 O Inimigo Interno: Súditos do Eixo e a Quinta-Coluna

Com o rompimento dos laços diplomáticos entre o Brasil e os países do “Eixo”, seguido da declaração do “Estado de Guerra”, os jornais continuaram sua tarefa de propagar as decisões do governo brasileiro, alimentando os leitores na sua curiosidade pelo conflito, que começou a ser travado primeiramente no próprio solo do País:

Repressão as atividades antibrasileiras: Prosseguem com êxito as ações da Superintendência da Segurança Pública e Social, que detiveram mais uma importante personalidade japonesa, um bispo budista.
Correio Paulistano (14.03.1942)

Foi detida a irmã superiora do ex-hospital alemão, pois elementos estranhos, moravam no recinto.
Folha da Manhã (21.07.1942)

Inquérito sobre as atividades de espões nazistas em São Paulo, aponta para planos de sabotagem.
O Estado de São Paulo (14.07.1942)

Estão presos e afastados do convívio social, em regime humanitário no presídio da Imigração: 650 italianos, 200 alemães, 150 japoneses e 14 brasileiros.
A Noite (24.09.1942)

Os países do “Eixo” formaram o que as autoridades e a imprensa agruparam, como uma única entidade, o regime alemão, italiano e japonês, classificados como “nazi-fascismo”. Os imigrantes e seus descendentes também receberam um rótulo especial: súditos do Eixo, que facilitava o entendimento dos leitores e do público em geral, sobre quem eram esses inimigos internos, que deviam ser vigiados.

⁹⁸ Dentre os vários jornais pesquisados, é somente a partir de 1942 que encontramos uma grande quantidade de notícias sobre a ação policial contra espões e súditos do Eixo. Até essa data, são episódios isolados e esparsos que, posteriormente, tomaram corpo emblemático de uma ação conjunta e dirigida contra os interesses nacionais.

Embalados pelas agressões contra as naus brasileiras e o noticiário que alimentava a existência de inimigos infiltrados no País, populares confundiram o sentimento “antifascista” com uma certa animosidade contra os descendentes dos países do Eixo, que chegou a atingir clubes e associações esportivas ligados aos imigrantes. Um dos exemplos mais conhecidos ocorreu em 1942 na capital paulista, quando o Palestra Itália, um dos mais tradicionais times de futebol do País, fundado pela colônia italiana, teve que alterar seu nome para Sociedade Esportiva Palmeiras.

Outros clubes paulistas também foram vítimas dessa repressão policial, como o Sport Clube Germânia que se transformou no Esporte Clube Pinheiros e o Espéria, antiga Sociedade Italiana de Remo, que passou a chamar-se clube Floresta.

Não foi privilégio do Estado de São Paulo essa “caça aos inimigos”. Em Minas Gerais e no Paraná o mesmo ocorreu com clubes locais de origem italiana, como o Cruzeiro e o Colorado que ostentavam o nome de Palestra Itália. Segundo Maria Aparecida de Aquino (1995), o Palestra de Belo Horizonte, ainda em 1940, havia se transformado no Palestra Mineiro, mas devido às pressões subseqüentes trocava em 1943 sua denominação para Cruzeiro Esporte Clube. Mesmo o Corinthians, que não era ligado exclusivamente a um grupo imigrante considerado perigoso, também esteve sob a mira da ação repressora do governo, na medida que muitos sócios eram de origem italiana e espanhola.

O Estado Novo aproveitou-se desse contexto e utilizou, como um elemento de reforço na construção de sua idéia de homogeneidade, a imposição da “nacionalização” das associações, clubes e instituições de origem imigrante, como condição para que não tivessem suas atividades encerradas.

Para o olhar vigilante do Estado, a mudança de nome e a exclusão dos imigrantes dos quadros de direção eram os primeiros passos obrigatórios para demonstrar a opção pela busca da “brasilidade”, ao mesmo tempo abandonando qualquer atividade suspeita, já que continuariam sob a vigilância constante dos órgãos de repressão.

A partir de 1942 os jornais passaram a noticiar com ênfase os casos envolvendo as atividades da quinta-coluna, a antítese do nacionalista e do patriota, um elemento tão pernicioso que mereceu algumas considerações de nossas autoridades:

O Dr. Mac Dowel da Costa, procurador do Tribunal de Segurança Nacional, afirma que não hesitaria em pedir o fuzilamento dos acusados de espionagem contra o Brasil. A ação de tais, associados ao quinta coluna, é um perigo real e moral, que deve ser dissuadido com todo o rigor.
A Noite (12.03.1943)

A legislação brasileira estabeleceu a base legal para as medidas repressivas adotadas pelo governo Vargas, que usou o privilégio atribuído pela Constituição para anunciar novos decretos que versaram sobre a segurança do Estado.

Decreto lei 4.766 de 01 de outubro de 1942

Define crimes militares e contra a segurança do Estado:

O Presidente da República usando da atribuição que lhe conferem os artigos 171 e 180 da constituição decreta:

Art.28. Proferir em público ou divulgar por escrito ou por outro qualquer meio, conceito calunioso, injurioso, desrespeitoso contra a Nação, o Governo, o regime e as instituições ou contra agente do poder público.

O artigo 46, conseguir a fim de espionagem política ou militar, documento, notícia ou informação que, no interesse da segurança do Estado, ou no interesse político interno ou internacional do Estado, deva permanecer secreto.

Pena - Reclusão de oito a vinte anos.

1º Se O fato comprometer a preparação bélica do Estado ou das operações militares:

Pena-Morte grau máximo; reclusão vinte anos grau mínimo.

2º Se o fato for cometido no interesse do Estado em guerra contra o Brasil, ou de Estado aliado associado ao primeiro:

Pena-morte, grau máximo; reclusão de vinte anos grau mínimo⁹⁹.

O termo quinta-coluna foi forjado durante a Guerra Civil Espanhola e se popularizou no sentido de classificar “agentes infiltrados” na sociedade e que se moviam nas sombras. Requeriam uma categoria especial, pois não eram simplesmente “espiões” em busca de informações, mas um verdadeiro exército que se confundia com a população; podia ser um vizinho, um chefe ou um colega de trabalho.

Ernest Hemingway em sua peça intitulada “Quinta Coluna”, descreveu o perigo representado pelas atividades desses indivíduos e a repressão severa que era imposta aos elementos surpreendidos pelo Governo Republicano: o fuzilamento sumário.

...Com o correr do tempo, passaram a serem submetidos à justiça e condenados a trabalhos forçados ou dependendo da gravidade dos crimes

⁹⁹ Legislação Federal in: Revista Forense, outubro de 1942.

que houvessem cometido contra a República. Nos primeiros dias, entretanto, eram sempre fuzilados e mereciam isso, pelas regras da luta, e por certo o esperavam. (Hemingway, 1996, p. 8)

Às vésperas da entrada do Brasil na Segunda Guerra Mundial, foi necessário consolidar primeiramente o “front” interno, para livrá-lo de qualquer ameaça representado por espões e quinta-colunas. Essa atitude do governo Vargas requereu novas medidas jurídicas e policiais, que já constavam da sua pauta, mas que efetivamente foram colocadas em prática a partir de 1942.

2.4 - A Imprensa Paulista e o DEOPS no Front Interno

A construção de um ideal nacionalista não era exatamente uma novidade na história brasileira. Entretanto, dificilmente até o Estado Novo havia-se perseguido esse objetivo com tanto entusiasmo e afincamento pelas autoridades. O governo Vargas centralizou parte de suas energias na construção desse ideal que, no caso específico do País, buscou a valorização da cultura brasileira e a difusão da educação física e dos esportes como mecanismo de atrelamento aos interesses do Estado e a imposição da língua portuguesa na alfabetização dos jovens.

Essas medidas deveriam estar inseridas a um projeto mais amplo: a centralização política e o desenvolvimento industrial. Por isso, para diversos autores, a implantação do Estado Novo foi possível graças ao entendimento com setores militares e civis, que apostavam no desenvolvimento econômico, no controle sobre o operariado e o apaziguamento social, no fortalecimento das Forças Armadas e a integração do território nacional.

A justificativa do governo para o autogolpe praticado por Getúlio Vargas fundamentou-se no discurso sobre a incompatibilidade do sistema democrático com as necessidades do País, que ficava à mercê de interesses particulares que inviabilizavam a paz social, como podemos observar em uma de suas primeiras medidas constitucionais como ditador:

Decreto Lei nº37 de 02 de dezembro de 1937:

O Presidente da República usando das atribuições que lhe confere a Constituição em vigor, se teve em vista, além de outros objetivos, instituir um regime de paz social e de ação política construtiva.

Considerando que o sistema eleitoral então vigente, inadequado às condições da vida nacional e baseado em artificiosas combinações de caráter jurídico e exclusivo de dar as candidaturas e cargos eletivos aparência de legitimidade.

Decreta:

Art. 1º - Ficam dissolvidos nesta data, todos os partidos políticos:

2º São igualmente atingidas pela medida constante desse artigo as milícias cívicas e organizações auxiliares dos partidos políticos, sejam quais forem os seus fins e denominações.

Art. 2º - É vedado o uso de uniformes, estandartes, distintivos e outros símbolos dos partidos políticos e organizações auxiliares.¹⁰⁰

A legislação determinava que partidos e organizações de qualquer matriz ideológica eram contrários às aspirações populares encarnada pelo Presidente da República. Durante o período ditatorial, Getúlio Vargas buscou criar condições para exercer uma hegemonia, aproveitou-se de situações particulares na tentativa de consolidar-se junto à sociedade. Nesse aspecto, ressaltou dois momentos: a criação das leis trabalhistas ao buscar o apoio da classe trabalhadora, e em 1942, com a declaração de guerra aos países do Eixo, quando tentou reunir em torno do Estado a “nação brasileira”, manuseando claramente a oposição entre o elemento “nacional” e o “estrangeiro”, que naquele momento significava a cristalização de um inimigo visível, representado pela quinta-coluna e os “súditos do Eixo”.

Essa temática foi abordada inicialmente em 1938, quando a postura do governo apontou para um projeto autoritário de unidade nacional. Getúlio Vargas iniciou seu combate contra as ideologias “estranhas” e as influências externas, que foram usadas como pretexto para a repressão sobre o comunismo e aos elementos ameaçadores do projeto nacionalista:

Questão étnica e cultural – grupos de imigrantes e seus descendentes que mantinham suas tradições e costumes, não estando plenamente adaptados à cultura brasileira, dificultando sua plena assimilação.

Questão política – grupos que mantinham ligações ou atitudes colaboracionistas com partidos políticos e associações que eram considerados ideologicamente contrários ao projeto nacionalista.

Dentro desses grupos estavam os italianos, japoneses, alemães, árabes, judeus, comunistas, militares das organizações fascistas, nazistas, integralistas e quaisquer outros elementos considerados inimigos em potencial.

Nos primeiros meses de 1938 foram tomadas medidas para proteger o “corpo social”, mediante decretos presidenciais que objetivaram resguardar os interesses pátrios frente ao fluxo migratório. Utilizando o discurso “higienista” que alcançou relativo sucesso naquele período, o governo ansiava precaver-se contra a entrada de indivíduos hostis ou considerados

¹⁰⁰ Legislação Federal in: Revista Forense, outubro de 1937

inadequados socialmente. Estipulou quotas para a entrada dos imigrantes e vedou a utilização de nomes estrangeiros para os estabelecimentos comerciais ou associações. Esta foi talvez a primeira medida sobre esse tema, retomado em 1942 com novos dispositivos legais.

Decreto Lei nº406 de 4 de maio de 1938

Dispõe sobre a entrada de estrangeiros no território nacional.

Art.1º - Não será permitida a entrada de estrangeiros de um ou de outro sexo:

I) Aleijados, inválidos, mutilados, cegos ou surdo-mudos.

II) Indigentes, vagabundos, ciganos ou congêneres.

Capítulo VIII

Art.42- Nenhum núcleo, centro ou colônia, ou estabelecimento de comércio ou indústria ou associação nelas existentes, poderá ter denominação em idioma estrangeiro.¹⁰¹

Esse decreto não se ocupou de especificar quais grupos “raciais” deveriam sofrer maior restrição, na medida em que definiu a quota pelo número de imigrantes que haviam entrado até esse momento no País. Todavia, o discurso embutido na Lei, aponta na direção de que ciganos, indigentes ou vagabundos fazem parte de um mesmo universo constituído por indesejáveis, que devem ter negado qualquer pedido de visto para ingresso.

Foi um período repleto de decretos que legislaram sobre diversas áreas, dos quais estamos abordando os que tenham maior relevância para a presente pesquisa. Getúlio Vargas não se limitou a reprimir os partidos e os movimentos políticos: tanto a direita liberal, quanto os integralistas e, principalmente, os comunistas foram considerados perniciosos para o País. Provavelmente baseado nas tentativas frustradas de levante armado em 1935 (Intentona Comunista) e 1938 (Putsch Integralista), o governo resolveu endurecer as penalidades cabíveis frente a qualquer nova tentativa de desestabilização política ou atentado contra a vida do presidente. Nota-se que o Decreto-Lei nº431, estipulou claramente a pena de morte aos que infringissem ou causassem dano à ordem social. A adoção da pena capital tinha por objetivo desestimular tais atos.

Decreto Lei nº431 de 18 de maio de 1938

Define crimes contra a personalidade internacional, a estrutura e a segurança do Estado e contra a ordem social.

¹⁰¹ Legislação Federal in: Revista Forense, maio de 1938

Serão punidos na forma dessa lei os crimes contra a personalidade internacional do Estado.

Art.2º - Caberá pena de morte nos seguintes crimes:

1)Tentar submeter o território da Nação ou parte dele, à soberania de Estado estrangeiro.

4)Tentar com o auxílio ou subsídio de Estado estrangeiro ou organização de caráter internacional a mudança da ordem política ou social estabelecida na Constituição;

5)Tentar subverter por meios violentos a ordem política e social, com o fim de apoderar-se do Estado, para o estabelecimento da ditadura de uma classe social.

9)Atentar contra a vida ou a liberdade do Presidente da República.¹⁰²

O Estado Novo buscou sufocar todos os focos considerados perigosos. Dessa forma, instituições, clubes, partidos, associações e sindicatos foram vigiados ou fechados, principalmente porque representavam locais de reuniões que poderiam ter finalidade política. De acordo com esse critério avaliativo, inúmeras lojas maçônicas foram vítimas do olhar inquiridor do Estado.

O escritor e maçom José Castellani (1996) aponta que somente as lojas situadas no Distrito Federal conseguiram manter seu funcionamento, apesar da oposição do general Newton Cavalcanti, que aconselhava o encerramento forçado de todas as atividades em nível nacional. Em São Paulo, por exemplo, a loja Piratininga teve as portas fechadas, de acordo com o livro de Atas nº 45 em 20 de outubro de 1937. O mesmo destino teve a loja Fé e Perseverança, de Jaboticabal, em 29 de outubro de 1937. Nas folhas finais constam os seguintes termos:

Tendo sido por ordem das autoridades do país, fechados os templos maçônicos e interrompidos nossos trabalhos...

Em virtude da Lei Federal editada pelas autoridades do país, foi fechada toda maçonaria brasileira e por esse motivo, fica de hoje em diante fechada esta loja, até ulterior deliberação.(CASTELLANI, 1996, p. 34)

Por volta de 1940, as lojas receberam autorização para o seu funcionamento; . Entretanto, muitos livros de registros e arquivos haviam sido confiscados pelas autoridades.

José Castellani (1996) chama a atenção para o fato de que o Estado Novo foi implantado em novembro de 1937, mas os templos maçônicos sofreram uma intervenção antes dessa data. Segundo o autor, poderia ser um mero erro de registro ou a articulação repressora do Estado Novo já estava sendo colocada em prática. Sobre esse mesmo fato, Elizabeth Cancelli (1992) defende que era preeminente exercer o controle sobre todas as

¹⁰² Legislação Federal in: Revista Forense, maio de 1938

sociedades que fugiam ou que eram invisíveis ao “olhar do Estado”, já que algumas lojas maçônicas foram denunciadas de estarem infiltradas por comunistas.

A repressão não distinguiu classe social. Se a maçonaria era freqüentada por grupos de classe média, o mesmo não podemos dizer da Frente Negra Brasileira que, nesse período, estava organizada como partido. Clovis Moura (1987) argumenta que seus membros estavam tentando criar uma entidade cultural, mas o Estado Novo não via com bons olhos qualquer vida associativa, temendo atos subversivos. Assim, o jornal “A Voz da Raça” deixou de circular em 1938 por ordem das autoridades. Como o governo alardeava a necessidade de reprimir as organizações estrangeiras, não foi surpreendente que incluísse as células do Partido Nacional-Socialista presentes, principalmente, na região sul do Brasil.

Ana Dietrich (2007) indica que, na década de 1920, a ideologia nazista aportou no sul do Brasil com alguns imigrantes que desembarcaram nesse período. Em relação à propaganda oficial do Partido Nazista, foi criada em 1931 uma ramificação do Ausland-Organisation der NSDAP (Organização do Partido Nacional-Socialista para o exterior), surgido em 1928 com o objetivo de disseminar suas idéias e, ao mesmo tempo, combater os detratores e críticos do regime alemão.

De acordo com Stanley Hilton (1983), desde a ascensão dos nazistas ao poder, o Serviço Secreto Alemão (Abweher) montou uma rede de espionagem na América Latina, principalmente no cone sul. No Brasil, foram criadas dez células no sul e sudeste. Desde 1935, recrutaram sistematicamente homens de confiança para fazerem parte de seu grupo de espionagem.

O Partido Nazista colaborou na fundação de algumas organizações de caráter cultural (e político) no Rio Grande do Sul e Santa Catarina, já que o governo brasileiro, até o golpe do Estado Novo, não havia tomado medidas mais sérias para combatê-las.

Para Ana Dietrich (2007), o principal disseminador de organizações nazistas no Brasil foi o adido cultural alemão Hans Henning von Cossel que por meio da Ausland-Organization obteve resultados significativos até sua expulsão do País.

Stanley Hilton salienta que o governo italiano estava atento ao cone sul e aos seus descendentes na América. Luiz Sparano, adido comercial do Brasil na embaixada da Itália, em Roma, declarou: “O Eixo olha para o Brasil como um futuro aliado e ponto de apoio em toda América do Sul”. (Hilton, 1983, p. 35).

As comunidades de súditos dos países do Eixo representavam por volta de 10% da população brasileira — com cerca de quatro milhões de italianos, concentrados principalmente em São Paulo; oitocentos mil alemães, concentrados no Sul, e duzentos mil

japoneses, espalhados pelo campo — podiam representar uma ameaça para o Brasil. (Dulles, 1979, p. 192)

João Bertonha (1998) defende que a OVRA (polícia política italiana), tenha mantido grupos de espionagem no Rio de Janeiro e em Natal, durante os anos de guerra. Assim como os nazistas, as autoridades fascistas italianas utilizaram-se de clubes e agremiações para fazerem propaganda do regime. Desde 1923, teriam sido fundados, em diversas localidades brasileiras, principalmente em São Paulo, instituições fascistas para arrebanhar simpatizantes. O mesmo autor sugere que alguns sócios do Palestra Itália utilizaram as dependências do clube para fazer propaganda fascista, mas não cita nomes ou fontes.

O Estado Novo procedeu à intervenção federal nos Estados, buscou impor não só a autoridade do presidente sobre os governadores, mas também a do Exército sobre as polícias estaduais. O controle federal significava também a criação de normas e regulamentos de cunho nacional, inclusive o sistema educacional recebeu uma atenção especial.

O Governo Federal, ao propor combater energicamente as atividades nazistas no sul do País, estabeleceu uma série de práticas consideradas antinacionais. Como também objetivava a construção de uma homogeneidade nacional, proibiu o ensino de línguas estrangeiras para crianças menores de quatorze anos e a obrigatoriedade do português nas escolas. Somente em agosto de 1945 é que foi revogada a Lei que proibia as edições de jornais de língua estrangeira no Brasil. Mais essa permissão foi restrita ao francês, inglês e espanhol; outros idiomas aguardaram novas deliberações.

Com a ditadura se consolidou a intervenção federal no sistema de ensino. No Rio Grande do Sul, as escolas particulares ficaram sob a supervisão do Estado e, em Santa Catarina, ocorreu situação semelhante, pois cerca de 25% da população falava alemão.

Entretanto, medidas mais drásticas contra os “estrangeiros” só foram tomadas a partir do final de 1941, quando o Brasil reformulou sua política externa e rompeu relações com os países do Eixo no ano seguinte. Nessa época é que os agentes nazi-fascistas e seus “asseclas”, que até então não ocupavam grandes espaços na mídia, foram “descobertos” e as autoridades policiais prestaram seus inestimáveis serviços ao País, combatendo-os, como já fizera anteriormente com os comunistas.

Os meios de comunicação foram peças importantes para o regime de Vargas, que procurou impedir qualquer atuação política independente. Por isso, não apenas a grande imprensa ficou sob a vigilância e a censura do Estado Novo, como foi proibida a circulação de jornais editados em língua estrangeira, ligados aos partidos políticos ou mesmo associações. Para o controle sobre os meios de comunicação, o Estado Novo contou com os

préstimos do DIP (Departamento de Imprensa e Propaganda), que veiculavam na imprensa escrita e falada as informações e a propaganda oficial.

Marilena Chauí(1986) defende que o controle sobre os meios de comunicação, a interferência nas organizações sindicais e os benefícios concedidos aos trabalhadores, objetivavam evitar complicações ocasionadas pelas desigualdades sociais; um problema insolúvel para o tipo de governo estabelecido no País.

A partir da declaração de guerra do Brasil aos países do Eixo, o governo iniciou a repressão contra elementos considerados quinta-coluna, que poderiam estar prejudicando os interesses do País, por meio de espionagem ou sabotagem. Até o final da guerra, os imigrantes e descendentes de italianos, japoneses e alemães, foram considerados como “súditos do Eixo”, portanto inimigos que deveriam ser localizados e vigiados, tarefa do qual participou ativamente o DEOPS e a própria população, inclusive mediante declarações, pois o inimigo podia estar infiltrado em qualquer local:

Inquérito policial impressionante sobre a ex-diretora do conservatório, que demonstra a influência dos elementos fascistas na direção daquele estabelecimento de ensino, vários professores serão indicados na investigação policial determinada pela Superintendência da Ordem Política.
A Noite (08.12.1942)

Ainda no ano seguinte os jornais continuavam a noticiar a prisão e o grande trabalho de investigação que desenvolviam as autoridades. A imprensa escrita e a falada foram estimuladas pelo governo para que suas matérias enfocassem questões políticas e policiais. Claro que por política externa devemos entender a crítica aos países do Eixo, e por política interna, a atuação de nosso governo no combate aos subversivos e a preparação para enfrentar os problemas resultantes do conflito.

Foram comprovadas graves irregularidades na Escola Alemã da Vila Mariana, que funcionava como um centro de propaganda nazista, os professores foram indiciados.
Folha da Manhã (17.08.1943)

Funcionava na Vila Mariana uma escola totalmente nazista, o hino brasileiro era cantado com a saudação hitlerista, cânticos, escrituração, avisos e comunicados eram feitos e regidos em alemão – eram 746 alunos germânicos e 46 brasileiros, 14 professores e mais 9 pessoas apontadas como culpados pela polícia... Um dos seus professores era subchefe da juventude Hitlerista no Brasil
A Noite (17.08.1943)

A preocupação com as células nazi-fascistas existentes no País se tornou um tema relevante no direcionamento das ações do sistema repressivo do governo, principalmente na região sul.

A comunidade japonesa também sofreu o impacto por tais medidas. A imprensa nipônica foi banida; revistas e livros foram confiscados por policiais. De acordo com Aquino (1995), Dezem (2000) e Moraes (2000), os japoneses foram os que mais sentiram o peso da perseguição e do preconceito contra os chamados “súditos do Eixo”. Assim, não é estranho que tenha surgido, no meio dessa comunidade, uma entidade secreta, Kôdôsha, que mais tarde se transformaria na Shindo Remmei, a liga dos seguidores do caminho dos súditos, que usaram a violência na própria comunidade para silenciar os derrotistas.

Entre as atitudes mais severas tomadas contra a colônia japonesa, está a sua evacuação do litoral paulista, fato noticiado em vários jornais. Para qualquer estrangeiro e, em especial, aos súditos do Eixo, era necessário fazer o pedido de salvo-conduto para dirigir-se ao litoral. Somente para os italianos era fornecido um cartão permanente, desde de que aprovado e comprovado ser uma pessoa idônea pelo DEOPS. Nesse período (1942-44), a imprensa paulista apresentou em suas páginas um número semelhante de casos que envolviam atitudes “antibrasileiras” por parte de japoneses e alemães, pouco superior ao número de casos envolvendo italianos e brasileiros.

Rooney Cytrynowicz defende que a maior pressão exercida sobre os japoneses está ligada à construção de uma idéia de nacionalidade brasileira em São Paulo, que era dirigida contra o grupo culturalmente mais diferente, em que se exigia uma assimilação que pretendia sua destruição cultural. (2000, p. 171)

No mesmo período, fato semelhante ocorreu nos Estados Unidos. Os imigrantes japoneses foram aprisionados em campos de concentração e vítimas de uma maior perseguição do que os ítalo-germânicos. Vários sobreviventes apontam que as características físicas e o preconceito contra os orientais estimulavam o medo pelo desconhecido, já que para os japoneses era impossível negar sua identidade, ao contrário de italianos e alemães, que podiam misturar-se mais facilmente à população.

A relação entre o Estado Novo e os meios de comunicação, a partir de 1942, é um tema interessante para se explorar, visto que as páginas dos jornais passaram a veicular, com grande ênfase, as manifestações populares e a ação repressiva do sistema policial.

Apesar de ser um governo de caráter autoritário e de controlar os meios de comunicação, podemos deduzir que houve interesse de sua parte para que os jornais publicassem as manifestações populares em 1942. Ainda podemos pressupor que interessou na realização das mesmas, pois em nenhum momento encontramos referência às medidas

repressivas sobre os manifestantes. Também devemos nos atentar aos objetivos de Getúlio Vargas ao expor tão abertamente a ação do DEOPS nesse período, inclusive nos questionando porque não usou anteriormente a imprensa com a mesma intensidade quando na repressão aos comunistas. Pode ter sido uma questão técnica, já que não havia em 1937-38 estabelecido um controle efetivo sobre os meios de comunicação. Mas não se descarta a possibilidade de uma nova estratégia: utilizá-la como arma política no combate à quinta-coluna e na mobilização popular em seu favor.

O controle da imprensa pelo Estado Novo deu-se não apenas pela censura, mas também pelas pressões de ordem política e econômica. O DIP censurava qualquer notícia que mostrasse descontentamento ou oposição ao regime. Nessa ótica, é interessante a afirmação de Capelato:

O chefe do Estado Novo propôs estabelecer relação direta com as massas e levar em conta suas aspirações para ganhar – lhes o apoio. Norteadas por essa preocupação, o governo erigiu a imprensa em órgão de consulta dos anseios populares. Durante o regime autoritário, os meios de comunicação cumpriram esse papel, além disso, divulgaram as atividades e qualidades do chefe e seus auxiliares.
(CAPELATO, 1999, p.174)

A mesma autora ressalta que Getúlio Vargas nomeou pessoas para trabalharem nas redações de jornais que sofreram intervenção direta do governo, como também os converteu em órgãos de propaganda do regime.

Nesse sentido, podemos pressupor que havia o consentimento do governo para a veiculação de informações sobre as manifestações populares que, de certa forma, legitimava a declaração de guerra ao Eixo. A partir desse episódio, nos indagamos sobre o porquê das medidas nacionalistas tomadas em 1942.

Acredito que as questões levantadas estejam relacionadas ao projeto “nacionalista” ao caracterizar “os inimigos” como traidores da pátria (quinta-coluna, espiões, súditos do Eixo) centrando-se no perigoso foco formado pelas colônias italiana, alemã e japonesa.

A repressão sobre esses elementos poderia ser uma forma de se fortalecer politicamente com o apoio popular, manipulando o discurso sobre o nacionalismo e reafirmando a construção de uma identidade nacional ao reeditar medidas que objetivavam a nacionalização de escolas, clubes, hospitais, empresas comerciais e associações, como já ocorrera em 1937 e 1938.

Essa nacionalização pressupunha, entre outros fatores, a exclusão de estrangeiros na direção de instituições e associações, como a mudança do nome. As medidas “nacionalizantes” já estavam presentes desde 1937, mas foi com o rompimento das relações

diplomáticas com o Eixo, em 1942, que foram reforçadas. Contou com o apoio direto, inclusive de ex-vítimas como os comunistas e liberais, no combate aos agentes nazi-fascistas (e quinta-coluna), e, indiretamente, os usou (como também foi usado), no sentido de afirmar a união popular em torno da luta contra o agressor estrangeiro.

Em seu trabalho, Ana Dietrich destaca que o principal fomentador das atividades nazista no Brasil, Hans Von Cossel, era conhecido das autoridades e, mesmo assim, não foi perseguido. Ainda estipula que a repressão aos alemães no País se concentrou no período de 1942-45. Seguindo esse raciocínio, é importante verificarmos que na mídia imprensa antes dessa data, raramente encontramos alusão ao trabalho policial preventivo ou de investigação sobre os elementos que seriam classificados como “súditos do Eixo”.

Tucci Carneiro, ao mencionar a repressão instalada no País imediatamente após a instauração do Estado Novo, afirma que:

Tanto o medo quanto a censura, funcionam como poderosos instrumentos de controle social, emanando, cada qual ao seu modo, energia que por sua vez, colabora para a sustentação de sistemas autoritários. ...Para garantir a ordem, segundo conceito gerenciado pelos homens de Estado, necessitava-se apontar culpados. No caso do governo Vargas, comunistas, anarquistas, negros, ciganos e japoneses transformaram-se em focos de vigilância oficial.

(CARNEIRO, 1999, p. 335)

Em 1942, podemos acrescentar a esse grupo os mais recentes inimigos em questão: a quinta-coluna e os súditos do Eixo:

Combate à ação dos súditos do Eixo em São Paulo, foi detido mais uma importante personalidade japonesa, um monge budista que portava mapas estatísticos do número de estrangeiros registrados no país.

Correio Paulistano (18.03.1942)

Desmantelada rede de espionagem nazista no Brasil... as conclusões do inquérito instaurado pela polícia brasileira para apurar as atividades de elementos suspeitos de exercer espionagem sob o controle de Berlim.

O Estado de São Paulo (07.02.1943)

A repressão ao inimigo interno foi uma ação importante. Usando a cidade de São Paulo como exemplo, cerca de 900 pessoas foram presas e centenas responderam a processo ou estavam sendo averiguadas pelos órgãos policiais somente no ano de 1943.

Os números apontam para a idéia de que o governo levou a sério o tema da “guerra interna”, ainda mais que, em meados de 1943, Getúlio Vargas encontrou-se ligeiramente acuado. Alguns aliados haviam sido demitidos (Filinto Muller, Francisco Campos e Lorival

Fontes, considerados simpatizantes do Eixo), outros mudavam de lado (Osvaldo Aranha) e um de seus principais fiadores no exército, Góes Monteiro, fora para a Argentina.

Como era um experiente político, provavelmente percebeu a diminuição de espaço para a continuidade do seu governo em um período pós-guerra. Mas onde buscar sustentação e novos aliados? No povo, que devia confiar na ação policial e judiciária movida contra os “temíveis inimigos internos”, e nos comunistas e liberais, que se uniriam na luta contra o nazi-fascismo, apoiando Vargas, mas não ao regime ditatorial.

Era necessário desmascarar os inimigos internos que podiam estar infiltrados nas colônias italiana, japonesa e alemã no Brasil usando clubes, escolas e instituições para tramar contra o governo. Era uma pergunta que só podia haver uma pronta resposta: a ação do DEOPS.

Entre as primeiras notícias que informaram ao público sobre a atuação do inimigo em território nacional em São Paulo, tivemos o jornal “Correio Paulistano” que em sua edição do dia 20 de março de 1942 felicitou as autoridades por terem investigado e apreendido material de propaganda nazista. Ressaltou ainda a dificuldade de assimilação cultural dos elementos envolvidos:

É fora de dúvida que os alemães e japoneses nazistas constituem um perigo para os interesses nacionais, havendo portanto a necessidade de uma ação preventiva e repressiva por parte da polícia, a mais enérgica possível...Por outro lado, as observações efetuadas provaram igualmente que os nazistas não se assimilam e vivem principalmente dentro de nosso Estado, uma vida completamente à parte da comunidade nacional. Considerando-se uma raça eleita. Aqui no Brasil, devido à benignidade de nossas leis com relação à permanência de estrangeiros, eles vinham se sentindo ligeiramente à vontade para agir e ao rompimento dos laços diplomáticos e comerciais com os adeptos de Hitler, iniciaram uma ofensiva criminosa, como a sabotagem do navio “Windhuck” no porto de Santos.

Finalmente contra a ação dessa gente, a polícia adotou medidas salutares, chefiadas pelo major Olinto de França, Superintendente de Segurança Política e Social, auxiliado pelo delegado de Ordem Política, o sr Ribeiro da Cruz.

Correio Paulistano (20.03.1942)

Nessa data não havia ocorrido a declaração de guerra aos países do Eixo, mas as atividades contra espões e a quinta-coluna se fizeram presentes nas matérias que eram publicadas pela imprensa. Ao ressaltar a benigna legislação brasileira em relação aos estrangeiros, que teria permitido sua ação em nosso território, isso parece ser um indicativo de que ela deveria ser endurecida para combater energicamente esses elementos subversivos, o que se confirmou com novas medidas restritivas aos estrangeiros no País.

Os meios de comunicação se revelaram armas de extrema importância no combate à quinta-coluna, espiões e súditos do Eixo, fosse mediante uma cobertura dos casos ou mesmo atuando como uma fonte de denúncias.

Dentro dessa perspectiva, utilizamos jornais impressos (entre os anos de 1942 até 1945). A partir dos nomes de pessoas ou empresas noticiadas, procuramos os casos mais pertinentes e iniciamos uma nova pesquisa nos prontuários do DEOPS. Esses documentos escritos permitem compor um painel da ação do aparelho repressivo sobre os novos inimigos. Importante notar que, ao adentrarmos o ano de 1942, os “tradicionais” adversários, os liberais e, principalmente, os comunistas, deixam de ser o objetivo essencial das autoridades policiais, que passam a consumir seu tempo de investigação e repressão contra a quinta-coluna e os espiões.

Entre cerca de setenta matérias extraídas dos jornais paulistas desse período, encontrei os prontuários referentes ao processo do DEOPS de alguns casos que mostram uma ligação entre a informação repassada ao público e ao aparelho de repressão. Isso provavelmente tinha um objetivo, o de demonstrar o perigo que assolava o País e, ao mesmo tempo, aglutinar em torno do governo todas as forças políticas e sociais na luta contra esse hediondo criminoso. Percebemos que a atuação policial ocorreu em várias esferas sociais, como escolas, hospitais, empresas e clubes de futebol, que podemos acompanhar por alguns exemplos:

Apresentado erroneamente como agente da polícia, Rosário Caltabiano foi qualificado nos jornais “Folha da Manhã” e “A Noite” como funcionário público simpatizante do Eixo, que violou vários artigos da Constituição e colocou em perigo a ordem social. Ainda foi denominado pela imprensa como perigoso agente quinta-coluna.

Como agravante de sua culpa, salienta-se no julgamento que o mesmo é de descendência italiana e que não está quite com o serviço militar. Nas primeiras informações sobre o processo, a Folha da Manhã apontou que o acusado era um elemento dissolvente de nossas aspirações de disciplina e utilizou parte do relatório enviado pelo Tribunal de Segurança Nacional, que havia apresentado provas referentes ao seu desprezo pelo Brasil, e de manter relações financeiras com diplomatas italianos.

A primeira notícia sobre o caso data do mês de agosto e detalha sobre a prisão de Rosário Caltabiano; a segunda, é de dezembro, e especifica questões relativas ao andamento processual. Essas duas notas são indicativas de que a mídia acompanhava o desenrolar dos julgamentos. “Foi preso funcionário policial, simpatizante fanático do Eixo...manifestava abertamente suas preferências e criticava atos do governo, que visam a segurança nacional”. *Folha da Noite* (28.08.1942)

Rosário Caltabiano, sub-delegado da 5 circunscrição policial desta capital por determinação do Superintendente de Segurança Política e Social, major Olynto de França, foi processado pelo

delegado Américo de Figueiredo da Ordem Política, em virtude de que esse policial é simpatizante fanático do Eixo, pois é um elemento dissolvente de nossas crescentes aspirações de disciplina...*Folha da Manhã* (01.12.1942)

DEOPS ¹⁰³

Rosário Caltabiano ou Rosário Salvador Pugliese Caltabiano -46 anos

Nacionalidade: Brasileira

Est.civil: casado

Profissão: comércio

Caltabiano trabalhava na Cassio Muniz & Cia. Crimes: “Difamação contra nosso presidente da república, alardeando ainda que, caso seja preso poderá gastar dinheiro para se defender, esperando a revanche na virada quando porá tudo em pratos limpos”

No relatório foi acusado de simpatizante fanático do Eixo.

O investigador Fulgêncio da Costa Ramos, encarregado destas averiguações, concluiu no relatório fl. 2 que o acusado não só menoscaba de tudo quanto se relaciona com nosso país, como também critica acerbamente os atos de nosso governo...”

- “Oito dentre as testemunhas que depuseram têm íntima e constante convivência com o acusado, porquanto todas trabalham na firma Cassio Muniz & Cia,m (...) a 1ª, 2ª, 3ª, 5ª, 6ª, 7ª, auxiliares; a 4ª interessado e a 9ª sócio principal.”

- “A certeza que decorre de todos esses depoimentos é convincente, corroborando, nos mínimos detalhes, as informações colhidas no relatório inicial. Apenas o chefe da firma, Hélio Cassio Muniz de Souza, guardando em escrúpulo todo de conveniência, assegura que na época do rompimento das relações entre o Brasil e as potências totalitárias, para cá, nunca mais pôde, o depoente, verificar nem mesmo ouvir dizer que Rosário Caltabiano ainda persiste em manifestações da natureza que vinha tendo, isto é, propagar o regime fascista.

- “A assertiva desse testemunho constitui, entretanto, um ponto isolado no mérito da prova. E, para contrariá-lo, basta levantar que a uns dois meses atrás e, conseqüentemente depois de isolar o Brasil das potências totalitárias, o acusado sustentou acalorada discussão com a 7ª testemunha, afim de prevalecer seu ponto de vista...”

- “A conclusão serena e insofismável a que chegamos, de que o acusado é um elemento dissolvente das nossas crescentes aspirações de disciplinas, coesão e civismo repousa:

- a) na sua descendência italiana;
- b) na sua falta de calor cívico, ocupando um cargo político sem estar quites com o serviço militar;
- c) na sua incontinência para com a pátria comum e de desprezo para com nossa gente;
- d) nas suas relações de amizade íntima, até o último momento, com o representante consular italiano, banido, adquirindo dele por 11:000\$000 as utilidades mais custosas da sua residência em São Paulo - documentos juntos.”

Junto ao prontuário, encontra-se o recorte do jornal *A Gazeta* de 02 de fevereiro de 1943, informando que Rosário Caltabiano foi absolvido por falta de provas e ausência de testemunhas.

A utilização de colegas de trabalho como testemunha de defesa ou acusação foi muito comum nos processos analisados. Outro fator interessante é que as matérias elaboradas pelos jornais geralmente descreviam o réu como culpado pelos crimes que era acusado. Se estivéssemos utilizando apenas a imprensa como base para um levantamento estatístico sobre a ação da quinta-coluna no País, com certeza seria bastante volumoso. Mas percebemos que

¹⁰³ DEOPS – Prontuário 39.935 – 1942. (Rosário Caltabiano)

muitos casos envolveram atos isolados, como a prisão, julgamento e condenação de Rui Barbosa Campos.

Advogado e funcionário público municipal, Rui Barbosa teve seu nome associado aos crimes contra a segurança do Estado e propaganda pró-Eixo nos jornais “A Noite” e “Folha da Noite”. As informações repassadas ao público indicavam um indivíduo perigoso e que nutria simpatias pelo regime nazista, inclusive fazendo propaganda aberta de seus ideais:

O advogado Rui Barbosa Campos, funcionário público declarou que sua pátria de coração é a Alemanha nazista e que desde menino considerava-se alemão, essas foram as palavras do advogado brasileiro que se tornou extremado adepto do hitlerismo ...foi denunciado, preso e demitido de suas funções e será processado pela Ordem Pública. Folha da Noite (21.10.1942)

O processo movido contra Rui Barbosa indicou um cidadão comum que, tomado por fervor ideológico, proclamava suas simpatias pelo nazismo, o qual explicou se tratar de uma confusão, na medida que era a cultura alemã o motivo de sua identificação com aquele país.

Foram arroladas testemunhas que teriam presenciado seus arroubos “germanófilos” no local de trabalho. De acordo com seus delatores, menosprezava a participação brasileira e dos Estados Unidos no conflito. Familiares que participaram do julgamento como testemunhas de defesa, clamaram que o réu era um indivíduo desequilibrado emocionalmente e, por essa razão, não se devia dar crédito às suas palavras.

Analisando o processo e a matéria dos jornais, não foi possível identificar os autores da denúncia. Deve-se ressaltar que, como em outros casos, Rui Barbosa não foi processado por atos de espionagem ou sabotagem, mas de propaganda verbal pró-Eixo.

DEOPS ¹⁰⁴

Rui Barbosa de Campos -33 anos

Filiação: Paulo Barbosa de Campos e Ana de Almeida Campos

Est.civil: casado

Nacionalidade: brasileiro

Religião: ateu

Profissão: advogado, funcionário da Prefeitura de São Paulo

19/10/42 - DEOPS - Elemento perigoso a Segurança Nacional (processado). Em 25/10/42 foi apresentado na Casa de Detenção pelo Delegado de plantão na Superintendência de Segurança Política e Social e à disposição do Tribunal de Segurança Nacional;

Posteriormente foi removido encaminhado ao Departamento de Assistência aos Psicopatas para ali ficar em observação.

“Bacharel, este se acha submetido a processo em consequência da fervorosa profissão de fé nazista, acompanhada de idéias anti-brasileiras...“suas idéias, sentimentos, atitudes, reiteradamente manifestadas são todas aberrantes.”

¹⁰⁴ DEOPS – Prontuário 45.245 – 1944. (Rui Barbosa Campos)

“(…) considerando que ele se prontifica a morrer pelo que considera seu ideal, tal qual verdadeiro mártir, tudo isso sem a consciência da repulsa que sua conduta provoca no ânimo dos patrícios, levamos à conclusão que o examinado não é um indivíduo normal, mas um psicopata - psicopata fanático.”

“É adepto do pangermanismo (idéia prevalente) manifesta consciente seu pendório, mesmo quando sua pátria está em luta com a Alemanha, e ainda que isso ponha em risco sua própria vida (...) considerado um fronteiro, um demi-fous, indivíduo que nem é bem normal, nem bem alienado”

“O fato que deu lugar ao processo a que responde o examinado ocorreu na repartição em que este trabalha. Ao entrar (...) foi molestado por outro funcionário na presença de terceiros. Ao invés de repelir a afronta, se dirigiu à sua secção e ditou à dactilógrafa um ofício que (...) fez profissão da fé nazista, declarando-se disposto até ao sacrifício pela Alemanha.”

- testemunho: Paulo Barbosa de Campos irmão de Rui Barbosa

Segundo ele, seu irmão foi nomeado promotor público de Itapetininga mas só ficou no cargo por 8 dias, voltando para São Paulo para se dedicar aos estudos da filosofia de Hegel. O mesmo ocorreu quando nomeado delegado de Brotas. Ainda de acordo com o irmão, Rui Barbosa apreciava a “filosofia desde o tempo de estudante.”

Exame Mental

“Quando interrogado sobre sua profissão de fé nazista, disse que professava simpatias pela ciência e cultura alemãs, nada tendo a ver com questões de regime, etc...e isto se deu quando era possível externar qualquer simpatia em 1937/38, continuou com essas simpatias mais pela cultura e ciências alemãs que politicamente ‘sendo altamente contrário ao regime nazista e amando seu país, estando disposto a morrer pelo Brasil, se chamado a cumprir seu dever. Nega hoje, idéias contrárias ao Brasil, tem apenas admiração pela ciência e cultura alemãs, patrimônio da civilização, porém é contrário ao nazismo.”

Afirmou que pelo fato de ter estudado a língua alemã, criou no local de trabalho certa rivalidade, e sob forte pressão, reagiu da maneira referida.

No manicômio continuou a proferir a fé nazista, que ia de encontro ao seu depoimento. Disse que o fizera porque não queria ser considerado alienado: “se eu fosse pela negativa, me considerariam doente, então fiquei na afirmativa, para esse fim”, mudando de opinião após refletir seus atos.

Disse também que “no momento de sua profissão de fé nazista encontrava-se exaltado, exaltação passageira, alucinação passageira.”

Diagnósticos e conclusões

“Rui Barbosa de Campos, ao fazer profissão de fé nazista e tomar outras atitudes semelhantes, o que motivou a interferência das autoridades que o processaram - agiu sob influência de condições anômalas de sua personalidade, que se pode **classificar de psicopática: é o paciente portador de uma personalidade psicopática do tipo fanático e sua atitude prolongada enquadra-se no grupo das reações psicopáticas.**” [grifo nosso]

O réu Rui Barbosa de Campos foi condenado a um ano de reclusão, considerado grau mínimo para a infração cometida. Seu alvará de soltura data de 20 de dezembro de 1944, após cumprir oito meses de prisão. Observa-se que como estratégia de defesa, o réu argumentou que as acusações sobre sua conduta foram motivadas por pessoas que nutriam inveja de sua posição profissional. No segundo momento alegou-se que se tratava de um doente mental, mas o tribunal considerou os fatos apresentados como suficientes para a sentença pronunciada.

O exemplo a seguir teve características semelhantes ao anterior. O estudante Guido Zagari foi detido e investigado pela sua posição favorável aos países do Eixo. Os colegas de escola foram testemunhas de acusação e insistiram que a postura do réu havia sido marcada por declarações desfavoráveis aos países Aliados. O fato ocorreu no ambiente escolar, denotando a importância que as autoridades policiais tinham com o trabalho de repressão aos súditos do Eixo e à quinta-coluna, visto que as denúncias partiam dos mais variados locais e eram investigadas com afinco. Portanto, não era letra morta à legislação que definiu quais crimes cometidos contra os interesses pátrios que deveriam ser penalizados. Os decretos de 1938 e 1942 sobre estrangeiros possibilitaram aos jornalistas apresentarem Guido Zagari como quinta-coluna¹⁰⁵.

Fazia propaganda do fascismo no Ginásio Independência, o estudante Guido Zagari que não acreditava no afundamento dos navios brasileiros, sem dúvida esse perigoso jovem deve explicar seus atos...foi denunciado pelos próprios colegas que se irritaram quando ele se recusou a cantar o hino nacional, dessa forma os alunos protestaram e o quinta colunista foi preso.

Folha da Noite (02.12.1942)

O Jornal *A Noite* da mesma data teceu comentários sobre esse jovem infrator, caracterizando-o como um italiano que conservava no sangue a trágica influência que as “balilas” de Benito Mussolini exerciam sobre os fascistas. Acrescentou ainda que, obstante a pouca idade, o pequeno italiano irradiava maldade e que parecia cumprir instruções superiores entre os colegas mais jovens. A matéria aventava a possibilidade de existir uma grande rede que estava agindo nas sombras, mas as investigações apontaram para outro caminho: era apenas mais um caso isolado de atitude antinacionalista.

DEOPS¹⁰⁶

Guido Zagari Cilento
Data de nascimento 13/01/1923

Ficou detido no DEOPS de 01.12.1942 até 07.12.1942.

Aluno do Ginásio Independência até 01.12.42, quando foi preso por ter se manifestado contra os interesses do Brasil...não nega que em meados de agosto, por ocasião em que no ginásio tocavam o Hino Nacional Brasileiro, recusou-se a princípio levantar-se em sinal de respeito, tendo no entanto obedecido quando agarrado pela gola de seu paletó por colegas, teria então declarado inofensivamente que desejava a vitória da Alemanha e Itália.

A primeira testemunha Eudaldo Silva Neto. 23 anos. Brasileiro. Estudante.
Declara que:

¹⁰⁵ Principalmente os decretos lei nº431 e nº 406 de 1938 e 4.716 de 1942

¹⁰⁶ DEOPS – Prontuário 15.910 – 1942 (Guido Zagari Cilento)

...foi procurado por seu colega Mario de Andrade, o qual lhe fez sentir que no colégio havia um aluno de nome Guido Zagari Cilento que era de origem italiana e que se pronunciava a favor dos países totalitários, costumando dizer que todas as notícias favoráveis aos aliados e publicados na imprensa eram forjados...não quis acompanhar os colegas quando tocou o Hino Nacional.

A segunda testemunha Mario de Andrade. 21 anos. Brasileiro. Funcionário público.

...escutou em voz alta, Guido Cilento discutir com um amigo e declarar-se como um quinta-coluna e que o Brasil estava comprado pelos ingleses.

Sétima testemunha Sebastião Alves de Souza. 24 anos. Brasileiro. Professor.

...soube que Guido recusou-se a levantar-se quando tocava-se o Hino Nacional Brasileiro e crê que Guido seja um ardoroso simpatizante dos países do eixo.

A primeira testemunha Edualdo Silva Neto. 23 anos. Brasileiro. Estudante.

Declara que:

...foi procurado por seu colega Mario de Andrade, o qual lhe fez sentir que no colégio havia um aluno de nome Guido Zagari Cilento que era de origem italiana e que se pronunciava a favor dos países totalitários, costumando dizer que todas as notícias favoráveis aos aliados e publicados na imprensa eram forjados...não quis acompanhar os colegas quando tocou o Hino Nacional.

A segunda testemunha Mario de Andrade. 21 anos. Brasileiro. Funcionário público.

...escutou em voz alta, Guido Cilento discutir com um amigo e declarar-se como um quinta-coluna e que o Brasil estava comprado pelos ingleses.

Sétima testemunha Sebastião Alves de Souza. 24 anos. Brasileiro. Professor.

...soube que Guido recusou-se a levantar-se quando tocava-se o Hino Nacional Brasileiro e crê que Guido seja um ardoroso simpatizante dos países do eixo.

Foram ouvidas várias testemunhas, entre professores e estudantes, e o relatório final em 20 de janeiro de 1943 pediu o arquivamento do processo, que foi assinado pelo presidente do Tribunal de Segurança Nacional. Os três episódios são representativos de investigações sobre pessoas que não eram agentes infiltrados, espiões ou que cometeram atos de sabotagem, mas pesaram sobre eles a acusação de discursarem a favor do “Eixo”, que os colocavam em uma situação perigosa: membros da quinta-coluna, fato que motivou colegas a denunciarem seus atos. Os que colaboraram com o sistema policial e cumpriam com o seu dever patriótico, provavelmente procederam dessa maneira porque acreditavam que as autoridades tomariam as medidas cabíveis e estavam estimulados pela propaganda oficial.

Com base nessa documentação, acredito que a exposição na imprensa sobre a repressão e a existência do perigo de inimigos infiltrados objetivou criar o clima de nacionalismo e revanche contra o Eixo, assegurando que a sociedade civil encontrasse no governo seu defensor nessa terrível batalha.

A participação da população na luta contra a quinta-coluna pode ser observada nas notícias seguintes:

Roque Teixeira de 23 anos, funcionário da Indústria Martins Ferreira, comunicou ao seu patrão que um estrangeiro que trabalhava na mesma empresa, manifestava-se abertamente contra o Brasil e que iria denunciar o perigoso elemento às autoridades...ligou para a rádio patrulha que fez a prisão do acusado...seu colega de trabalho Antônio Bilhes de 21 anos, censurou Roque Teixeira pela sua atitude e foi esbofetado e a briga foi interrompida pela ação policial que encaminhou-os para a delegacia.

A Noite (27.08.1942)

Na tarde de ontem, pouco depois das 17 horas, Meyer Hans, casado, alemão, despachante de algodão, quando passava pelo Largo do Café foi acusado pelo seu ex-empregado o polonês Geraldo Kantowickz, de haver a tempos rasgado a bandeira nacional. Imediatamente várias pessoas avançaram contra Meyer Hans...apesar de suas explicações sofreu várias agressões...algo pior foi evitado com a chegada de policiais da guarda civil...Depois das providências, Meyer Hans foi removido para a Delegacia de Ordem Política e Social.

Folha da Manhã (25.08.1942)

Os dois casos envolveram acusações por parte de colegas de trabalho, com agravante do episódio referente a Meyer Hans, em que os transeuntes resolveram tomar a justiça em suas mãos. Este fato, descrito como um linchamento, pode ser exagero da imprensa ou apontar que a população estava convicta do direito de vingança contra atitudes de lesa-pátria.

Roque Teixeira, delator do colega de trabalho e agressor de outro que o censurou por sua postura, revela que no ambiente profissional as ações de vigilância estavam presentes, mesmo que alguns discordassem dessa atitude, fato que levou à refrega entre Roque Teixeira e Antônio Bilhes.

Em algumas ocasiões, as matérias veiculadas na mídia antecederam a ação policial e chegaram a sugerir a necessidade do envolvimento das autoridades para averiguação dos fatos. Essa situação é indicativa de que a imprensa não recebia apenas informações do aparelho repressivo, mas que também exercia sua cidadania ao combater a quinta-coluna:

O inimigo é hediondo, escorregadio e difícil de ser apontado. Se alguém lhe fala da brutalidade dos regimes que hoje escravizam a Alemanha, Itália e Japão, ele se volta encolerizado...o inimigo é um recalcado e quando menos se espera, ele extravasa sua ira...Vitória Guimarães de cor preta, doméstica, precisa de uma refeição e como qualquer outra pessoa entrou no restaurante a rua 12 de outubro na Lapa...ao invés de ser atendida, foi insultada e colocada à socos para fora pelo garçom. A indefesa mulher dirigiu-se ao proprietário pedindo explicações, este argumentou sou italiano e aqui só entra gente de minha raça e ainda vociferou: -sou quinta coluna sim, sua negra suja.

O fato é por si só eloquente e dispensa comentários. Agora só falta a polícia agir. *Folha da Noite* (26.10.1942)

Sobre essa passagem não foi encontrada informação nos prontuários do DEOPS, já que não constava no jornal o nome do proprietário envolvido nessa situação de preconceito racial, ao contrário dos próximos casos que englobaram pessoas físicas e jurídicas, cujos desdobramentos puderam ser acompanhados nos processos que se seguem: “Escândalo envolvendo empresa de origem alemã apontou para a existência de um ninho de espiões e quinta colunas, que se escondiam para tramar contra o país...A ação das autoridades se faz comparecer para resolver o enigma”. *Folha da Manhã*.(02.11.1942)

Em 01 de outubro de 1942, foi organizada uma diligência ao Banco Germânico da América do Sul (em liquidação), situado à Rua Álvares Penteado nº 121, no qual realizou-se a abertura de diversos cofres que abrigavam diferentes objetos. As primeiras investigações levaram as seguintes conclusões¹⁰⁷:

Quando começou a guerra foi criada com base na antiga Associação Alemã de Senhoras, um comitê para mandar agasalhos para a Alemanha...Para esse fim, reuniram-se muitas senhoras da colônia alemã, no antigo Deutsches Krankenhaus (Hospital Alemão) para angariar roupas e dinheiro...atualmente devido o bloqueio feito pela Inglaterra, esse dinheiro deve ser empregado para fins de propaganda do Partido Nazista...afinal é sabido que o casal Schaeideich são nazistas fervorosos e não merecem a confiança de maneira alguma... Max e o já conhecido Sprengberg, foram os organizadores da nazificação do ex-Hospital Alemão, Escola Alemã e a Câmara do Comércio Alemão.

Dentre os primeiros relatórios expedidos, foram citados treze funcionários do Banco Germânico e um do Banco Transatlântico como fervorosos nazistas, que fervilhavam o ambiente de trabalho com sua propaganda contra o Brasil:

Frederich Karl Richard Stroeber, alemão, não gosta do Brasil porque acredita que na Alemanha a vida é melhor. O Fervoroso adepto do nazismo deseja a vitória alemã...não perde a oportunidade de criticar os brasileiros, tachando-se de imprestáveis.

Wittich Tejas Hacker, brasileiro e simpatizante dos países do Eixo, que chegou a declarar que nunca empunharia armas contra a Alemanha, para ele superior ao Brasil.

Walmor Barcellos, brasileiro e simpatizante do Eixo, dava como certa a vitória da Alemanha e do nacional-socialismo. Não perdia a oportunidade para ridicularizar o nosso país e as nossas autoridades

Mario Orestes Orsini, brasileiro, sempre se alegrava com o afundamento de navios brasileiros, exclamando mais um! Três das testemunhas ouvidas o apontaram como fervoroso simpatizante do nazismo.

¹⁰⁷ Prontuário do DEOPS 25.414 – Banco Germânico da América do Sul

João Rossi, brasileiro, funcionário do Banco Transatlântico. A primeira testemunha o qualificou como nazista e mau brasileiro, que se vangloriava de ter feito o serviço militar na Itália...nenhuma outra testemunha fez qualquer menção a João Rossi.

No relatório foram denunciados quatorze funcionários do banco como nazistas convictos e que estavam em desacordo com os interesses nacionais, visto que, apesar de trabalharem sete brasileiros no estabelecimento, todos conversavam em alemão, exultavam pelas vitórias obtidas pelos nazistas sobre os Aliados e pelo afundamento dos navios brasileiros.

Outro grupo de investigação policial denominado por “turma B” procedeu à apreensão de documentos no escritório dos bancos e na residência de alguns envolvidos, chegando à conclusão que, dentre os denunciados por crimes hediondos, encontravam-se os maus brasileiros e os “terríveis” quinta-colunas: João Rossi, que segundo testemunhas perseguia aqueles que não tinham as mesmas idéias, e Walmor Barcellos, rotulado como nazista roxo e perigoso, além de atrevido.

Concluiu-se que todos os indiciados eram simpatizantes do regime totalitário, fazendo comentários favoráveis ao Eixo. Com a ruptura de nossas relações diplomáticas essas manifestações partidárias arrefeceram. Mas é inadmissível que tivessem mudado de idéia somente pelo fato de que o Brasil se declara contra aqueles países.

São Paulo 07 de abril de 1943.

Foram realizadas diversas buscas nos dois bancos, que resultaram no confisco de material de propaganda nazista que era distribuído no litoral paulista, fato decisivo na prisão de diversos funcionários e pessoas que mantinham ligações com essas empresas, como Hans Kidor, Guido Magagna, Friederich Karl Storbes, Friederich Georg Groch e Joahan Oesterman.

No relatório enviado pelo “grupo B” para o DEOPS, encontramos novas indicações que confirmavam possíveis atitudes que se chocavam contra os interesses nacionais:

Friederich Karl Storbes, alemão, nazista fanático. Vive a espionar brasileiros que trabalham no banco, dando conta de sua missão a Osterman, Fala alemão dentro e fora do banco.

Fritz Edgar Kunze, brasileiro e filho de alemão. Diz abertamente que apesar de ser brasileiro tem verdadeira paixão pelo regime nazista. Discute e faz abertamente propaganda do Eixo.

O relatório dedica especial atenção para alguns brasileiros que trabalhavam no banco, utilizando uma linguagem ríspida e classificando-os como perigosos elementos que precisavam ser vigiados e punidos exemplarmente:

Brasílio Duarte. Brasileiro, mas é mais alemão do que qualquer outro. Persegue ferozmente a todos os seus colegas que não compartilham com suas idéias. Critica abertamente os atos de nossas autoridades, com verdadeiro sarcasmo. Elemento passível de severo corretivo.

Guido Magnana. Brasileiro, filho de italianos. Péssimo em toda extensão da palavra. Temível propagandista do Eixo e tenaz perseguidor de seus colegas contrários aos seus ideais. Como o anterior, maior punição seria conveniente ser aplicada a esse indivíduo que abjura sua própria nacionalidade.

Ao final de exaustiva investigação, as autoridades não foram capazes de instaurar um inquérito final, mesmo que alguns acusados tenham sido detidos nos presídios durante o andamento do trabalho policial.

Outro processo semelhante implicou onze funcionários da rádio Tupy e centralizou-se na figura de Spartaco Rossi, diretor artístico da empresa e acusado de insultar o Brasil.

A primeira informação sobre o caso caracterizou-o como um lastimoso processo em torno de renomado músico que escondia sua doentia simpatia pró-fascista :O inimigo pode estar em qualquer lugar, às vezes pessoas insuspeitas são aquelas que estão tramando com os países do Eixo....usavam uma importante estação de rádio para propagarem sua doentia ideologia. Folha da Manhã.(04.10.1942).

Foi aberto inquérito em 03 de outubro de 1942 pelo delegado do DEOPS, Manoel Ribeiro da Cruz¹⁰⁸:

Primeira testemunha – João França Junior, chefe da orquestra de dança
Declara que:

Spartaco Rossi, de nacionalidade italiana e casado com uma alemã, exercia a função de diretor artístico e freqüentemente insultava o Brasil e os brasileiros em público, causando revolta entre os funcionários brasileiros da emissora.

Nabor Caíres de Brito, o “capitão Frank” que escrevia crônicas sobre assuntos de guerra, exaltando os Aliados, teve seu jornal falado cortado por ordem do sr.Rossi...que exaltava as potências totalitárias e dizia que quem mandaria no mundo seria a Alemanha com o auxílio da Itália...o sr. Rossi mantinha amizade com cidadãos alemães no idioma deles.

Segunda testemunha – José Luiz da Silva Pinto. Português e músico.
Declara que :

¹⁰⁸ Prontuário DEOPS 47.058 - Rádio Tupy e seus funcionários.

Deixou a emissora por perseguição do sr. Rossi; que fazia propaganda em favor do Eixo, fato que ocasionou divergências e discussão na rádio. Foi ameaçado pelo sr. Fernando Berti (amigo de Rossi) que disse : “de tanto você torcer pelas democracias, um dia vai aparecer morto”. ...o sr Rossi fala perfeitamente o alemão.

Quarta testemunha – Pascoal de Lászio. Brasileiro. Músico

Declara que:

O sr. Rossi mandou tirar as bandeiras americanas e brasileira do auditório, o sr. Rossi brigou por causa dos Aliados...fala o idioma alemão e conversa por telefone neste idioma.

As testemunhas seguintes negam as versões apresentadas e argumentam que a retirada da bandeira era em obediência ao decreto do governo federal que proibia a exibição da bandeira nacional como ornamento, e que haviam sido hasteadas somente para a comemoração do aniversário do presidente Roosevelt.

Quinta testemunha – Moacir Saldanha da Gama Coelho. Brasileiro, funcionário federal e locutor.

Declara que:

O sr.Spartaco mandou retirar as bandeiras do Brasil e dos Estados Unidos do auditório, mas que o mesmo nunca injuriou a bandeira nacional; nega todas as acusações feitas ao sr.Rossi.

Sétima testemunha: Rui Ataíde Aranha. Brasileiro, chefe do Departamento Comercial da rádio.

Declara que:

Exalta as qualidades do sr.Spartaco; os músicos que o denunciaram não cumpriam com suas funções e por isso foram demitidos...o Capitão Frank foi dispensado porque deixava de fazer os programas.

Nona testemunha – Caio de Almeida. Brasileiro. Jornalista.

Declara que:

Faz um ótimo juízo do sr. Rossi...o capitão Frank foi demitido por faltar muito e por isso quer vingança contra o sr. Rossi. Quem denuncia o sr.Rossi quer vingança por ter sido demitido.

Nos meses seguintes foram ouvidas novas testemunhas, inclusive a principal “vitima” de perseguição, o Capitão Frank:

Décima primeira testemunha: Nabor Caíres de Britto (Capitão Frank). Brasileiro.

Declara que:

Foi demitido este ano, dois meses antes do Brasil criar o Estado de beligerância com a Itália e a Alemanha, deixou a emissora por motivos particulares, sua função na rádio era escrever o boletim de guerra...antes do rompimento com as nações do Eixo, seu diretor Armando Bertoni, transparecia tendências favoráveis aos países do Eixo, mas que depois do rompimento, nunca o ouviu se manifestar ao seu favor, o mesmo se aplica a Aurifebo Simões, que foi simpatizante do nazi-fascismo até o rompimento com esses países.

O prontuário informa que o caso foi arquivado em 17 de agosto de 1943 em virtude dos elementos serem insuficientes para mandá-lo a julgamento.

Uma situação presente nos dois episódios é a denúncia dos citados por aparentes motivações pessoais, fato que não era novidade, já que nos meses que antecederam o Estado Novo, muitos acusados de comunistas ou propagandistas dessa ideologia, estavam envolvidos em desavenças particulares com os denunciantes.

Nesse mesmo caso, encontramos nos arquivos do DEOPS duas cartas enviadas pelo músico José Guaíba Afonso da Costa para Spartaco Rossi, ameaçando denunciá-lo como quinta-coluna se não executasse suas músicas na rádio:

...De mim o senhor nada tem a recear, mas tudo tem a temer do meu ilustre, robusto e valente cunhado, o Dr. Manoel de Oliveira Moreira que ocupa importantíssimo cargo na polícia...Se o sr. Não quiser tocar minha ópera no rádio, tenha a santa paciência, porque será mantido na cadeia, como quinta-coluna, a mesma sorte terá seu irmão Ítalo Scaramujo. Vamos menino, decida-se de uma vez...o Brasil está em guerra contra o Eixo sem rodas, e quem é quinta coluna vai para a cadeia, não tem choro e nem vela.

O delegado responsável intimou os senhores José Guaíba e seu “robusto cunhado”, para prestarem depoimento sobre a veracidade das informações contidas nas cartas apreendidas:

José Guaíba, o autor dos escritos intimidatórios, argumentou que não pretendia ferir ou agredir Spartaco Rossi e que seu procedimento foi motivado na falta de palavra do mesmo, que havia se comprometido em executar suas peças na rádio. Frisou, em seu depoimento, que desconhecia se o acusado era simpatizante do Eixo ou quinta-coluna.

Manoel de Oliveira Moreira, funcionário público e cunhado de João Guaíba, negou qualquer participação nessa trama. Creditou a mesma aos problemas emocionais que haviam levado anteriormente seu parente a ser internado no hospital do Juqueri por anormalidade mental.

Dessa forma, a delação, que é uma estratégia de domínio e vigilância do Estado (autoritário ou democrático), esteve presente na vida cotidiana de milhares de pessoas no Brasil, principalmente entre os anos de 1935-45, quando a sombra do comunismo, e depois da quinta-coluna, foram marcos norteadores das autoridades policiais e judiciárias. O front interno foi usado como propaganda por diversas empresas, que salientaram a sua importância:



O Estado de S. Paulo (13.07.1943)

Nessa luta doméstica, em que a mídia, a polícia e a população se movimentavam unidos para combater a quinta-coluna e os súditos do Eixo, estiveram envolvidos o Sport Clube Corinthians Paulista e a Sociedade Esportiva Palestra Itália. Essa situação não foi um fato isolado, na medida em que outros clubes, escolas, hospitais e empresas passaram por um destino idêntico. No caso dos dois clubes mais populares da capital paulista na época, foram cerca de duzentas e cinquenta pessoas atingidas em seus direitos; especificamente sobre o Palestra Itália ocorreu também a mudança de sua denominação. Esse fato não se aplicou ao Corinthians; mesmo não sendo um nome brasileiro, mas ao contrário do clube dos italianos, ficou sob intervenção de um agente indicado pelo Estado.

Em relação a esses eventos, buscamos mediante a utilização da História Oral, experiências e versões que podem ser observadas nos capítulos seguintes: “Palestra Itália: Tudo Buona Gente?” e “Corinthians: Um Súdito do Eixo?” Os entrevistados foram divididos em duas colônias, na primeira, estão os colaboradores identificados como torcedores do Palmeiras, formado por atletas, sócios e dirigentes que vivenciaram o período. A segunda é voltada para os torcedores do Corinthians, como sócios, dirigentes e jornalistas esportivos.

O capítulo final versa sobre os anos de 1940 e 1942, onde utilizamos conjuntamente diferentes tipos de documentos, como as entrevistas dos colaboradores, os decretos federais, a

mídia, prontuários do DEOPS e os arquivos dos clubes, buscando compreender as forças históricas que influenciaram duas agremiações importantes como o Palmeiras e o Corinthians a construírem, de maneira diferente, uma relação particularizada sobre o mesmo fenômeno: o processo de nacionalização. Em um clube, é uma história cultivada e lembrada, e no outro, silenciada e apagada.

CAPÍTULO 3

PALESTRA ITÁLIA: QUINTA COLUNA?

3.1 – RELATOS E ENTREVISTAS TRANSCRITAS E TRANSCRIADAS.

A História Oral tem uma atuação na tradição historiográfica baseada na análise do passado como um fenômeno que tem continuidade. Por seu perfil democrático, se fundamenta no direito social e, nesse contexto, está ligada ao exercício da cidadania, fato que tem um significado importante, pois é a própria humanização da vida social.

A partir das observações efetuadas por José Carlos Sebe Bom Meihy (2005), a história oral não só oferece uma mudança de conceitos de história, como também garante sentido social a vida dos entrevistados e leitores, que passam a entender a seqüência histórica e sentem parte do contexto em que vivem. Marc Bloch (1997) afirmou que não estudamos o “passado pelo passado”, mas é necessário inserir o homem no seu tempo. Nesse sentido, Lucien Febvre (1992) analisou que tanto a Revolução Francesa em si, como o homem, seus desejos, sentimentos e interesses, são objetos da história. Meihy, em suas pesquisas, tem corroborado com essa visão ao defender a valorização do homem e o processo de humanização da história:

A história é feita pelas pessoas comuns, com sentimentos, paixões, idealizações... todos são personagens históricos, o cotidiano e os grandes fatos ganham equiparação na medida em que se traçam para garantir a lógica da vida coletiva. (MEIHY, 2005, p.20)

Dessa forma, autonomia, valorização e transformação social são elementos presentes no processo de pesquisa para os trabalhos com a oralidade. Ela é enriquecedora para a compreensão de qualquer fenômeno, inclusive no campo esportivo (como o futebol) e não se resume a trabalhar com o espetáculo, o jogo ou campeonato, mas também o seu significado para quem participa como atleta, dirigente, jornalista ou torcedor.

Para Paul Thompson (1992), o historiador social pode, mediante a utilização da história oral, conceder às pessoas comuns a possibilidade de expressarem suas histórias, que não estão contidas nos registros documentais. Recentes estudos sobre a oralidade têm destacado a importância de valorizar as narrativas como “experiências”.

A partir dessa posição, consideramos que as narrativas contidas nessa pesquisa compreendem as “experiências” e “versões” de diferentes colaboradores sobre um mesmo

fenômeno histórico: o processo de nacionalização/intervenção da Sociedade Esportiva Palmeiras e do Sport Clube Corinthians Paulista, em um projeto de História Oral Híbrida..

O Núcleo de Estudos em História Oral (NEHO) tem advogado, ao longo do tempo, uma relação respeitosa e de valorização ao colaborador, reconhecendo a existência de uma questão de poder, que aproxima as discussões entre a oralidade e o processo de mediação. Este último pode ser observado nos trabalhos de Maria Borqué Torremorrell (2003). O NEHO propõe uma relação de autoridade diferente das velhas práticas, que consideravam a entrevista como o produto final. O debate sobre esse fato altera o metabolismo do poder de comando da pesquisa, até os limites do seu uso. A moderna história oral delega muita atenção ao depoente, dando-lhe o direito de veto e censura da própria fala.

O narrador assume o papel de personagem essencial no projeto, que implica um jogo de autoridade, onde o poder de uso da entrevista não depende apenas do diretor do projeto. Diferentemente do jornalista ou de outras formas de utilização da história oral, em que o entrevistado muitas vezes não recebe ciência do trabalho final. Reconhecemos que o procedimento de “transcrição” não é a derradeira etapa, pois existe a necessidade da devolução que, em última instância, revela um compromisso com o colaborador. De acordo com essa perspectiva, algumas das entrevistas que compõem esse trabalho realizaram-se em mais de uma sessão e todas passaram pelo crivo final de cada colaborador.

Para o antropólogo Gilberto Velho (2001), não existe vida social sem memória e esta sofre mudanças e transformações, que fazem com que possa haver alterações de ênfase e de destaque, mas sempre existe um referencial básico misto de valores e crenças que sustenta a comunicação entre indivíduos e grupos. Essa comunicação pode ser entendida como parte constitutiva das identidades que, de acordo com Zygmunt Bauman (2002), em nosso mundo contemporâneo marcado pela diversidade, algumas são de nossa própria escolha; outras são infladas e lançadas por pessoas em nossa volta. Bauman discorre sobre a existência de comunidades de vida e de destino, cujos membros vivem juntos numa ligação absoluta e outras que são fundidas unicamente por idéias ou por uma variedade de princípios.

José Carlos Sebe Bom Meihy e Fabíola Holanda (2007), afirmam que estamos submetidos a uma multiplicidade de pólos identitários que, dentre outros, sugere a questão étnica, de classe e de faixa etária. Assim, ao focalizarmos a mudança de nome Palestra-Palmeiras, no momento em que ocorreu uma campanha “nacionalizante” do Estado — apoiada pela repressão policial no combate à quinta-coluna e aos “súditos do Eixo” —, percebemos que foi um episódio marcante para uma colônia que encontrava em um clube como o Palestra Itália um local de recreação e de manutenção dos seus traços culturais.

Essa comunidade de destino era formada por torcedores marcados pela identidade palestrina (que não era só o clube, mas as tradições culturais dos vários grupos de imigrantes italianos e seus descendentes) que o compunham. Eles foram submetidos ao perigo de verem encerradas as atividades do clube e o confisco de seu patrimônio.

A construção de uma identidade “palestrina” se alimentou no discurso de vítima quando o clube Palestra Itália esteve ameaçado de intervenção policial, com a possibilidade de fechamento e confisco de patrimônio. Se existiu uma vítima, necessariamente temos um algoz. Nesse contexto, prevalece nas narrativas dos colaboradores um “discurso comum” em relação à suposta “conspiração” do São Paulo Futebol Clube com as autoridades, objetivando a apropriação do patrimônio palestrino. Esse rival, assume um papel de destaque nessa memória coletiva, na medida em que a repressão do DEOPS e o Estado Novo, se tornam atores coadjuvantes e em raras ocasiões, estão presentes nas narrativas.

A repressão em relação ao Germânia e, principalmente, ao Palestra Itália, devido a importância desse clube, é um fato conhecido não apenas por torcedores palmeirenses, mas também pelos adversários, que se transformou em um marco da própria história dos esportes no Brasil. Entretanto, na cidade de São Paulo, outro clube “popular”, o Corinthians, também sofreu uma intervenção, mas na “seleção” do que deve ser lembrado, isso ficou mais forte no Palestra, ao passo que, no Corinthians, tornou-se uma história apagada.

Essa situação, embute um conceito que, de acordo com os psicanalistas e antropólogos, como Roberto DaMatta(1994), pode apontar uma característica peculiar da cultura brasileira: o esquecimento seletivo e o desejo de um passado idealizado por meio do esquecimento do que é considerado ruim.

Analisamos no capítulo anterior os fatores externos e internos que criaram as condições para uma política repressora sobre os “súditos do Eixo”, dessa forma, centramos-nos agora, nas narrativas orais, formada por entrevistas dos personagens envolvidos direta ou indiretamente no processo de nacionalização\intervenção nos clubes de futebol em 1942, quando centenas de pessoas foram afetadas por serem classificadas como “súditos do Eixo” e foram excluídos de seus direitos associativos.

Roteiro das Entrevistas:

Como se optou pela utilização de um Núcleo Documental heterogêneo, no intuito de explorarmos diferentes aspectos sobre o processo de nacionalização\intervenção do Corinthians e Palmeiras, escolheu-se para a realização das entrevistas, a História Oral Temática. Dessa forma, não elaboramos um roteiro para norteá-las, já que os colaboradores, sabiam de nossas intenções e o tema que pretendíamos abordar. Eram as experiências (individuais\familiares) em relação ao período de 1940-1942 e as versões sobre o processo de

nacionalização no Governo Vargas em relação aos dois clubes. Não foi utilizado um questionário, os colaboradores narraram suas histórias e buscamos redirecionar nossa conversa quando sentíamos necessidade de retornar ao tema.

Os colaboradores foram divididos em duas colônias e houve uma pergunta de corte específica para cada uma delas. Para a Colônia formada pelos torcedores do Palmeiras: o significado da mudança do nome do clube e os efeitos desse episódio para os seus torcedores (individual/coletivo). Já a Colônia formada por torcedores do Corinthians: Os efeitos da deposição de Manuel Correcher e a intervenção do governo no clube.

As entrevistas não seguiram um padrão, mas atenderam necessidades logísticas e a disponibilidade dos colaboradores, assim, algumas foram entrevistas completas, com vários encontros e estão disponibilizadas neste capítulo 3 e capítulo 4. Já os relatos que não ultrapassaram 10 minutos e que foram realizadas por telefone ou um pequeno diálogo, foram inseridos ao longo do trabalho..

Comunidade de destino – Torcedores com forte ligação emocional\profissional com os clubes Sociedade Esportiva Palmeiras e Sport Clube Corinthians Paulista.

Foram formadas duas colônias e suas decorrentes redes:

Colônia – Torcedores do Palmeiras.

Rede 1 – Atletas e torcedores que vivenciaram o período:

Justificativa : A partida entre Palmeiras e São Paulo de 1942, é um ponto culminante do processo que levou a nacionalização do clube, dessa forma, a possibilidade de entrevistar atletas e torcedores que presenciaram o evento, é motivo suficiente para justificar a escolha desses colaboradores, que contribuíram com suas percepções, experiências e versões sobre o episódio.

Rede 1A – Formada pelos colaboradores:

Oberdan Catani.

Um dos maiores ídolos na história do Palmeiras, participou do jogo de setembro de 1942 quando ocorreu a mudança de nome do clube. Foi conselheiro na década de 1990. Concedeu entrevista ao autor em junho de 2000 e apresentou durante jantar comemorativo aos ex-atletas palmeirenses, os colaboradores Renato Violani, Gustavo Pauli e Olavo Realli. .

Olavo Realli.

Portador de uma tradição familiar, viveu na época da guerra no interior paulista. Em virtude dos cargos administrativos que exerceu no clube nos anos 1990, foi peça importante para o contato com ex-atletas. Foi apresentado por Oberdan Catani e concedeu entrevista ao autor em junho de 2000.

Renato Violani.

Atleta profissional do Palestra Itália e Portuguesa de Desportos nos anos 1930 e 1940. De origem italiana, vivenciou os momentos decisivos de 1942 e manteve atividade social no clube durante toda vida. Concedeu entrevista ao autor em agosto de 2000 em companhia do amigo Gustavo Pauli.

Gustavo Pauli.

Atleta profissional do Palestra Itália nos anos 1930, atuou em diversas equipes amadoras. Possui ligação afetiva e intensa atividade social com o clube. Concedeu entrevista ao autor em agosto de 2000 na companhia do amigo Renato Violani.

Augustinho Zaccaro.

A partir da citação do seu nome pelo colaborador Oberdan Catani, procuramos pela lista telefônica e conseguimos contatar esse colaborador, que era responsável pela organização da torcida palestrina na década de 1930 e 1940. Esteve presente no jogo decisivo de 1942 e foi diretor de esportes amadores, concedeu entrevista ao autor em março de 2001.

Rede 1B – Formada pelos colaboradores:

Antônio Rago.

Reconhecido músico e torcedor palestrino, foi morador do tradicional recanto italiano, o Bexiga. Prestou serviço militar durante a Segunda Guerra Mundial nos quartéis de fronteira. Concedeu entrevista ao autor em junho de 2000.

Marco Espósito.

O colaborador foi apresentado nas dependências do Parque Antártica pelo jornalista Fernando Razzo Galuppo. Torcedor associado desde a década de 1930 e frequentador assíduo do clube, concedeu entrevista por telefone em junho de 2006.

Francisco Gracioli.

Morador do bairro Mooca, concedeu entrevista durante a demolição de sua antiga residência na região em dezembro de 2006. A conversa foi durante aproximadamente quinze minutos e foi **realizada** graças à intervenção de um amigo comum, vizinho do colaborador desde o início da década de 1970.

Rede 2- Torcedores associados e não associados que conviveram com a memória familiar e a tradição do clube.

Justificativa: A mudança do nome Palestra Itália para Palmeiras, é um episódio de grande importância na história do clube e em narrativas familiares. Dentro dessa perspectiva, procuramos torcedores que tenham uma vivência familiar e uma relação de poder, afetiva ou profissional com o Palmeiras.

Rede – Formada pelos colaboradores:

Luis Gonzaga Belluzzo.

Professor universitário, político, empresário e com passagem na administração pública. Tem larga vivência na política interna do Palmeiras e foi candidato à presidência do clube. Concedeu entrevista ao autor em agosto de 2004.

Edna Lotufo, Ednir Lotufo e Evani Lotufo.

São filhos do dirigente Leonardo Lotufo que presidiu a sessão na qual se realizou a troca do nome Palestra para Palmeiras. Foram contatados a partir de pesquisa junto a lista telefônica. O primeiro colaborador dessa família, Ednir Lotufo, foi quem apresentou suas irmãs (Edna e Evani) ao autor. Propuseram que a entrevista fosse realizada conjuntamente na residência da sra. Edna Lotufo em janeiro de 2007.

Roberto Delmanto.

Filho do presidente Dante Delmanto, concedeu entrevista ao autor em agosto de 2007 em seu escritório de advocacia. O colaborador foi localizado a partir da busca pelo sobrenome na internet, quando identificamos o site referente ao empreendimento familiar, que foi iniciado pelo patriarca e dirigente palestrino na década de 1930.

Rede 1 – Atletas e torcedores que vivenciaram o período.

3.1.1 - Oberdan Catani : Estou feliz de falar sobre minha experiência, porque sempre é bom recordar a vida de um atleta que está aqui na Sociedade Esportiva Palmeiras há cinquenta e oito anos. Nasci no interior de São Paulo, em Sorocaba, onde jogava futebol e trabalhava em uma fábrica de bebidas, minha função era fazer entregas com uma caminhonete e por isso viajava muito para São Paulo, Curitiba e Rio de Janeiro, por volta de 1937.

Naquela época, Sorocaba era uma das regiões com maior produção de laranja e cebola do Estado, nós trazíamos os produtos para vendê-los no mercado municipal, mas não pensava em largar essa atividade e arriscar a sorte no futebol.

Meu irmão Artur era um zagueiro de boa qualidade técnica e jogava no segundo quadro do Palestra Itália. Um amigo chamado Miguel Pascareli, sugeriu que eu fizesse um teste no clube, concordei, e em 1940 participei do treino numa terça feira, mas como iam

jogar no domingo seguinte contra a Portuguesa, realizamos apenas alguns exercícios e voltei para o interior.

O Palestra sofreu uma derrota e os dirigentes ficaram interessados em contratar novos atletas e como havia demonstrado algumas qualidades, me convidaram. Imagine, eram quatorze goleiros fazendo teste e fui o único escolhido.

Como estava em Sorocaba à diretoria procurou por telefone meu outro irmão chamado Mauro que morava em Santo André e foi ele que anunciou a novidade. Assinei contrato como amador e joguei no segundo quadro do time. Foi uma carreira maravilhosa e durante muitos anos fui titular na equipe principal.

Mudei para Santo André, onde morei com meu irmão de 1940 até 1943. Para ir ao campo de treinamento do Palmeiras, era necessário seguir a pé até o Largo do “Ipiranguinha” e pegar um ônibus até o mercado municipal, depois subia a ladeira Porto Geral e tomava o bonde no Largo São Bento até o Largo Pompéia. Não era como hoje em que os jogadores possuem carro importado, não se ganhava muito dinheiro e o meu primeiro contrato como atleta foi de trezentos e cinquenta mil réis por mês.

Oberdan Catani é um nome de origem italiana e tive a infelicidade de “pegar” o tempo da guerra, já que entre 1942 e 1948 não foi disputado nenhum campeonato mundial. Como era um bom atleta, tenho certeza que teria realizado o sonho de estar presente em uma Copa do Mundo, na medida em que atuei como titular da seleção paulista de 1941 até 1952.

Relembrando o período da guerra, dizem que o São Paulo Futebol Clube queria se apossar do Parque Antarctica. Nessa época tínhamos um diretor de pulso forte chamado Artur Amato, que junto com outros torcedores e diretores, ficaram de prontidão para repelir alguma tentativa de invasão. Eu particularmente não acreditava que a torcida e os dirigentes do São Paulo iam tomar essa atitude, mas a guerra teve muita influência, inclusive na mudança do nome para Palmeiras. As pessoas comentavam sobre a questão envolvendo o Germânia, o Espéria e a Portuguesa, mas não acredito que iam se apropriar do patrimônio do clube, provavelmente fosse especulação dos jornais.

Durante a fase mais crítica da repressão sobre o clube, nós ficamos concentrados em Poá, foram vários dias como se estivéssemos presos, inclusive os que não tinham ascendência italiana, como o Cláudio, o Junqueira, Zezé Procópio, Og Moreira, Lima e o Villadone que era uruguaio. Mas os que eram descendentes de italiano, como eu e o Valdemar Fiúme, quando soubemos da mudança do nome, choramos de emoção e tristeza.

Hoje acredito que a alteração foi benéfica, por que o Palmeiras não é mais um clube de italianos e temos torcedores fanáticos de toda etnia e região do país, antigamente

não, na minha época era diferente. A mudança de nome emocionou os jogadores, e os dirigentes fizeram uma reunião que serviu para nos motivar... Foi maravilhoso, porque uniu ainda mais o time. Assim, “morreu Palestra e nasceu Palmeiras campeão” foi um dos dias mais felizes da minha vida, já que disputei aquela final contra o São Paulo e vencemos a partida.

Foi um jogo muito tenso, houve um rebuliço por causa de um pênalti a favor do Palmeiras. O Luizinho não deixou a cobrança ser efetuada e paralisou a partida, os jogadores do São Paulo ficaram dentro do campo, mas não fugiram. A situação não se definia e o juiz esperou o tempo regulamentar se esgotar e decretou a vitória para o Palmeiras.

Mas como disse a mudança de Palestra para Palmeiras foi benéfica, porque até hoje nós como palmeirenses ainda somos marcados como time de colônia, imagine se ainda fosse Palestra Itália. Os jornais tratam de forma pejorativa o Palmeiras, veja que as informações sobre o Corinthians, São Paulo e Santos sempre estão na primeira página... Não adianta, ainda existe uma marca de time de colônia, isso é histórico.

Sempre me perguntam do caso da “geladeira”, que se tornou uma das lendas do futebol. Isso ocorreu em 1947. A nossa linha de zagueiros era formada pelo Zezé Procópio, Caiera e Turcão, eram beques de grande qualidade e ficamos oito jogos sem sofrer um gol.

Então, iríamos enfrentar o Corinthians no fim do mês, mas naquela semana almocei com minha esposa em um restaurante na Avenida Brigadeiro Luís Antônio e fiquei sabendo que uma empresa em sua propaganda, anunciava que daria uma geladeira para quem fizesse gol no Oberdan. Mas passamos em branco novamente em outro jogo e ganhamos um “bicho extra”. O Turcão comprou uma geladeira e marcou a data da entrega. No jogo do Corinthians, estávamos ganhando por dois à zero, quando o Neco cruzou a bola na área e bateu no joelho do Turcão... gol contra, mas com um gol do “Canhotinho” ganhamos de 3x1.

No dia seguinte a geladeira chegou à casa do Turcão e os vizinhos viram descarregar a mercadoria, então um jornalista inventou a história de que nós combinamos o gol para dividirmos a geladeira.

Hoje em dia as torcidas são muito violentas, na minha época não havia essa bandalheira, era maravilhoso porque os torcedores traziam suas bandeiras, ostentavam a camisa do time e nós tínhamos um chefe de torcida, chamado Agostinho, que é pai do maestro Zaccaro. Ele era um sujeito “batuta”.

Meu pai era italiano e minha mãe era brasileira, veio muito moço para o Brasil e morou em Sorocaba, mas morreu quando eu tinha dez anos de idade, deixou um pequeno negócio que foi administrado pelos meus irmãos. A família era muito grande, dez pessoas

(sendo oito homens e duas mulheres), mas todos souberam “tocar” a vida. Meu pai tinha um braço apenas e fez muita coisa, me proporcionou uma infância maravilhosa.

3.1.2 - Gustavo Pauli : Nasci em Franco da Rocha, perto do Juqueri e em 1922 mudei-me para a região da Lapa. Em 1935 jogava na várzea quando fui convidado para atuar no Palestra Itália. Nesse ano o Santos foi campeão e no ano seguinte participei do quadro titular do time palestrino e conseguimos o título paulista. Mas encerrei minha carreira rapidamente.

Sempre compareço ao Parque Antártica com o meu amigo Renato. Lembro que jogamos uma vez no nordeste, naquele tempo era difícil jogar nessa região, porque não tinham estradas e a viagem era feita por barco costeiro. Também atuei duas vezes no Rio de Janeiro, uma contra o América e outra contra o Vasco em 1935.

Naquele período havia um profissionalismo disfarçado, mesmo quando estava na várzea, alguns clubes pagavam os atletas, dois amigos meus: o “Dula” e o “Matias” viviam desse expediente.

Eu trabalhava como mecânico e profissionalmente foi apenas dois anos como atleta. Fui funcionário de uma empresa de vidros e depois de uma estrada de ferro que era dos ingleses e cheguei a jogar no time ligado aos empregados dela, o SPR, inclusive onde me aposentei.

Não havia jogos de futebol à noite, por causa da iluminação e a maioria das partidas ocorria nas tardes de domingo. O meu primeiro jogo como profissional foi contra o time do Santos, marquei o Araquem Patuska, um grande craque da época.

Quando era jovem cheguei a jogar pelo Corinthians, mas tive uma decepção. Treinei no clube e cheguei a disputar algumas partidas no segundo quadro, mas como era muito difícil o trajeto, perdia um dia de serviço, o que era inviável.

Hoje o repórter pode entrar no campo para entrevistar os jogadores, naquele tempo não era assim, ficavam acompanhando as partidas em cima das árvores para visualizar melhor. O Parque Antártica estava localizado no interior de um bosque e era cercado por árvores, não havia essa quantidade de prédios como hoje. Muitas pessoas entravam pela Rua Turiassú e para não pagar ingresso se esgueiravam pelo taquaral e pulavam uma cerca, assim tinham acesso ao campo.

Meu pai e minha mãe eram italianos, éramos dez irmãos, duas mulheres e oito homens. Todos jogaram na várzea, dois deles o Gregório e o Pixinguinha (você conheceu)¹⁰⁹, atuaram pela equipe da empresa Melhoramentos, era uma época que tinha pouco serviço e as firmas trabalhavam apenas três dias por semana. O gerente era um jogador do Germânia, que depois foi juiz de futebol da federação, chamava-se Strobel. A equipe formada por funcionários dessa empresa era muito forte e chegamos a vencer o time da fábrica Matarazzo, que contava com um pessoal que atuava no Palmeiras. Eu participei dessa partida e a direção da empresa permitiu que jogasse pelo time durante dez anos, mesmo não trabalhando mais nela.

Como amador joguei durante muitos anos, inclusive participei do campeonato de clubes de bairro organizado pelo Jornal “O Dia” em 1937, no qual o time da Lapa foi vencedor. Na época da guerra nós morávamos na região desde 1923, meu pai era um “oriundi” e chegou ao Brasil em 1917, na minha casa somente os meus pais eram italianos, os filhos tinham nascido todos no Brasil e por isso minha família não teve “problemas” com as autoridades, acredito por sermos adaptados aos costumes brasileiros.

O Germânia havia perdido seu campo (que hoje é da Portuguesa), era um clube de origem alemã. Tentaram fazer a mesma coisa com o Palmeiras, mas tinha um diretor chamado Adalberto Mendes de Moraes, veio do Rio de Janeiro e era oficial do exército, quando quiseram se apropriar do Parque Antártica, esse homem salvou o Palmeiras.

Na partida final do campeonato de 1942, o Adalberto Mendes entrou no campo junto com os jogadores, carregando uma enorme bandeira brasileira, deram uma volta ao redor do gramado para demonstrar que era um clube brasileiro. Dizem que o São Paulo tinha do seu lado um capitão chamado (não me lembro bem), acredito que Porfírio da Paz e “arrumava para tirar as coisas”, mas o Adalberto Mendes era mais “forte”.

3.1.3 - Renato Violani: Nasci na cidade de São Paulo no Bosque da Saúde, onde morei até os sete anos de idade e depois mudamos para Barueri, aos quatorze anos voltamos para a capital. Foi nessa época que comecei a jogar futebol em uma equipe amadora na Água Rasa e posteriormente no Bosque da Saúde, então fui para o Juventus e em 1943 para o Palmeiras e encerrei a carreira na Portuguesa, onde fiquei por dez anos.

¹⁰⁹A entrevista foi realizada na residência do colaborador e havia sido combinada durante um jantar de confraternização de ex-atletas do Palmeiras, nesse contexto conheci Pixinguinha que estava acompanhado o irmão. Concedeu entrevista ao autor em agosto de 2000.

No Palmeiras minha passagem não foi maravilhosa, pois tive vários problemas com o joelho e fui submetido a cinco cirurgias que atrapalharam meu desempenho. O time do Palmeiras era muito bom e tinha jogadores de alto nível como o Villadone, Valdemar Fiúme, Lima, Og Moreira e o Oberdan.

Minha família sempre foi muito envolvida com o futebol, nós somos descendentes de italianos e alemães. Meu pai e meus tios jogavam nos clubes de várzea da Saúde, foi quando me apresentaram com um par de chuteira, meião, tornozeleira e caneleira... E ainda rezaram para mim, foi assim que começou minha carreira esportiva. Eles torciam pelo Palmeiras, como eu, mas quando comecei a jogar profissionalmente isso modificou, já que você cria certa simpatia pelo time que está defendendo, gosto do Juventus, mas torço pelo Palmeiras e a Portuguesa.

Quando era garoto assistia aos jogos no Parque Antártica que era utilizado inclusive pela Portuguesa. Algumas pessoas dizem que se a Portuguesa mudasse de nome voltaria a crescer em termos de torcida, não acredito, porque quem é corintiano, palmeirense ou santista, torce pelo time independente do nome, o mesmo se dá com a lusa. O que falta é título, é ser campeão para atrair a juventude.

A primeira vez que estive em um estádio de futebol foi em 1933 e nunca vou esquecer, foram na realidade dois jogos em um só dia, era chamado de rodada dupla. Na preliminar Corinthians e Santos e no principal Portuguesa e Palestra (empate por dois gols), eram as equipes que possuíam os melhores times do Brasil.

A Portuguesa foi campeã em 1935 e 1936 pela Liga Amadora de Futebol, já que havia duas entidades, a outra era a ÁPEA, pela qual jogava o Palestra.

Uma grande diversão familiar era escutar música e notícias pela rádio em casa, isso em 1938. Meu pai acompanhava o noticiário pelos jornais. Meu primo possuía um rádio de galena, era colocado no ouvido e só uma pessoa podia escutar.

Voltei de Barueri e morei com o meu tio na Lapa, meu pai morava na Água Rasa onde era funcionário da viação. Comecei a trabalhar pela redondeza de segunda até sábado, no domingo ia para casa do meu pai. Meu tio não gostava, queria que ficasse com ele, assim estava dividido entre duas casas.

Quando me casei aluguei uma casa na Lapa, pois era uma região com muitos italianos, veja os nomes das ruas: Aurélia, Espártaco, Martorélia, Caio Graco, Fabra, todos de origem italiana.

Trabalhei durante muito tempo em uma empresa chamada Melhoramentos que pertencia a uma família de origem alemã. Outra família importante era os “matarazzos” que era de origem italiana e possuíam muitas indústrias. Havia inúmeros imigrantes

enriquecidos que eram proprietários de empresas famosas de louça, serralheria e outras atividades.

Aqui na região da Lapa havia mais italiano que português, tive um tio que foi ameaçado na Praça de Sé em 1942, precisou se ajoelhar e pedir desculpas (não tinha feito nada) estava indo trabalhar e justamente naquele dia teve uma manifestação contra o Eixo, pegaram-no para passar um corretivo, mas ainda bem que não aconteceu nada grave.

Na minha casa eram todos brasileiros e não podiam fazer nada contra a gente. Veja o Matarazzo, que passou a administração da empresa para seu filho Francisco que era brasileiro, pois ficou com medo de ser expropriado. Dizem que tentaram fazer isso com a família Martinelli... Escutávamos alguns boatos, sei apenas que os italianos e alemães não tinham força política, por isso passaram por algumas situações constrangedoras e determinadas pessoas se aproveitaram desse fato.

Sobre a guerra, tinha as notícias dos jornais (mas eram poucas fotos). Meu pai comprou um rádio na época. Minha família e os vizinhos se reuniam para ouvir as novelas e as notícias, havia curiosidade para saber como o conflito estava se desenvolvendo na Europa, mas tínhamos noção de que as informações eram censuradas e ficávamos em dúvida no que acreditar.

Houve um racionamento de gêneros alimentícios, recebíamos uma espécie de selo que era um cartão para fazer compras (eram filas enormes), o macarrão vinha da Argentina de navio e parece que até a farinha estava em falta, assim era necessário estar às quatro horas da manhã na porta da padaria. Mas se você não estivesse cadastrado e com um cartão de racionamento, podia esquecer.

Não me recordo se houve falta de feijão e arroz, mas acredito que muitos produtos eram mandados aos soldados de outros países, a situação era complicada e ainda tinha os “blackouts”, quando apagavam todas as luzes.

Estreei na Portuguesa em 1945 onde fiquei por dez anos, joguei com o Julinho e o Djalma Santos que começaram como amadores no Canindé e em 1948 subiram para o primeiro quadro.

Antigamente os torcedores ficavam todos juntos e não havia problema, separavam-se apenas por causa das alegorias, pois cada torcida tinha a sua. Em geral ficavam todos na arquibancada e era raro ocorrer uma briga, às vezes tinha uma pequena confusão, mas era fato isolado. Os amigos saíam juntos do bairro, brincavam entre si e torciam por times diferentes, havia certa educação e respeito. Você podia ir acompanhado da família, esposa, filhos, mãe ou namorada e fazer piquenique.

Os repórteres não tinham acesso ao campo, mas conseguiam entrevistar os jogadores e tinha um fotógrafo em particular, que vendia as fotos dos jogos e dos atletas, não sei se trabalhava para algum jornal. Uma vez ele entrou no campo e pediu para ficarmos em formação, éramos doze jogadores. Para chegar ao gramado teve que pular uma grade no campo (não havia alambrado) depois saltou por uma valeta de água, bateu as fotografias e voltou para o seu lugar.

Hoje um jogador de futebol ganha muito dinheiro, naquela época não era um salário tão alto, dizem que o São Paulo e o Palestra eram os clubes que tinham o melhor ordenado padrão.

3.1.4 - Agostinho Zaccaro: Eu sou paulistano, nasci no bairro do Cambuci em 1916 e tornei-me sócio do Palmeiras em 1929, como era uma pessoa comunicativa, anos depois me tornei chefe de torcida. Nós nos reuníamos toda semana com outros torcedores (são-paulinos, corinthianos e santistas) para combinarmos o que iríamos fazer no dia do jogo. Existia uma harmonia entre as torcidas, era muito comum nos dias de jogos levarmos sanduíches e fazermos piquenique. Muitas vezes dividíamos com os amigos e cada família era encarregada de providenciar algum alimento. Era um tempo delicioso, em que as torcidas possuíam alegria e demonstravam boa conduta, não é como hoje em dia em que propaga o vandalismo.

Havia um diretor do Palestra de sobrenome “Raiola”(tinha uma cara de azeitona), na época chefiava a festa de San Genaro, de grande tradição italiana, depois de muitos anos meu filho que é maestro (Zaccaro) passou a ser o responsável.

Na época do governo de Getúlio Vargas ocorreram muitos problemas com os “palestrinos”, você não podia falar que era italiano, que já te chamavam de quinta-coluna. Esses fatos aconteceram principalmente em 1942, quando justamente o time do São Paulo “fugiu” do estádio do Pacaembu, onde se realizou a partida que decidiu o título paulista daquele ano. Ganhávamos por 3x0, quando o grande astro são paulino, o “senhor” Luizinho ficou envergonhado com a derrota e resolveu comandar a retirada do time...nós ficamos no estádio e comemoramos a vitória, foi um grande triunfo.

Na semana que antecedeu o jogo houve uma série de boatos sobre uma possível invasão da torcida do São Paulo que pretendia junto com a sua diretoria apossar-se do Parque Antártica. Ficamos incomodados com essa situação, escolhemos algumas pessoas para montarmos guarda na entrada do clube. Algumas informações contraditórias sugeriam que

usariam tratores para derrubar os muros e destruir todo o patrimônio. Ficamos a semana toda de guarda, fazendo revezamento.

Nesse contexto, surgiu o Adalberto Mendes que era um dos diretores de futebol do clube, como havia toda onda de protesto contra tudo que era italiano ou alemão, agravado pelo fato de estarmos disputando o título paulista, ficou combinado que o time entraria em campo com a bandeira brasileira. Naquele dia estava todo mundo querendo destruir nossa torcida, mas fomos tão felizes, que ganhamos a partida e para não “fazer feio” o Luizinho retirou-se do campo.

Nós realmente acreditávamos que poderiam se apropriar do Parque Antártica, derrubar nossa sede e fechar o clube. Vários diretores, como o Dr. Pellegrini, conclamaram os torcedores para defenderem o Palestra Itália. Mas felizmente nada ocorreu, entretanto ficou certa rivalidade contra o São Paulo, uma grande mágoa por tentarem se aproveitar da situação. Para muitos palestrinos o grande inimigo não é o Corinthians.

A primeira partida que assisti foi entre o Palestra Italia e Vasco da Gama (ganhamos por 6x0), por volta de 1930 ou 1931. No princípio a colônia italiana ficou chateada com a mudança do nome (Palestra/Palmeiras), houve inclusive pressão por parte de alguns associados que discordavam, mas foram obrigados a aceitar, já que se corria o risco de um perigo maior, como aconteceu com o Germânia.

Como era chefe da torcida me apelidavam de “maestro”, naquele dia, esperamos em silêncio a entrada do time em campo. Carregavam uma bandeira enorme do Brasil e isso teve um efeito extraordinário, porque os adversários que estavam vaiando e jogando copos no gramado tiveram que ficar em silêncio, porque não podiam desrespeitar a bandeira nacional.

Toda torcida possuía seu hino, nós tínhamos uns três ou quatro e o mais famoso era conhecido pelo seguinte refrão: “A nossa turma é gol é gol é gol, é do Patriarca é Palestra, arca arca arca”, isto porque naquele tempo nós tínhamos a sede na Praça Patriarca.

Trabalhei no mercado municipal por cinquenta e quatro anos, praticamente a vida toda, na época a maioria dos palestrinos eram de origem italiana, não havia espanhol ou negro, inclusive o primeiro jogador meio “escurinho” foi Oggi Moreira, coitado, a “turma pegava no pé”, não podia cometer erros. Felizmente era um bom jogador.

O Palmeiras teve grandes artilheiros, como o Mazzola (era tão bom que foi contratado para jogar na Itália), era um “goleador raçudo”, não é como hoje que tem um monte de jogador com um nível técnico ruim e que correm por dinheiro.

A torcida fazia muita bagunça (não confundir com baderna) e a própria polícia dizia que não havia brigas graves, apenas casos isolados. Estávamos toda semana no estádio, não havia violência e tínhamos uma rixa saudável com os espanhóis do Corinthians, quem

ganhasse possuía o direito de fazer chacotas com o derrotado, eram brincadeiras ingênuas, como deixar um pacote de macarrão (simbolizando a vitória palestrina) na umbreira das portas. Na Mooca moravam italianos e espanhóis, mas conviviam pacificamente e o futebol era um fator de união, não de divergência.

Era difícil em uma mesma família pessoas torcerem por agremiações diferentes, havia uma união até mesmo no futebol, o pai era corinthiano a família inteira seguia o exemplo.

Alguns jornais no período se notabilizaram pela cobertura esportiva, como “A Gazeta”, “O Esporte” e o “Fanfulla”, este por ser italiano foi fechado durante a guerra, por questão política.

Em 1943 entrei como sócio do Palmeiras, cheguei a ser conselheiro na gestão do Delfino Fachina e fui encarregado da seção de “malha” e “bocha”, que eram jogos de grande aceitação em São Paulo. Havia muitos clubes de pequeno porte espalhados pela cidade para essas atividades, mas com o tempo perderam prestígio e espaço.

Meu jogo inesquecível foi justamente contra o São Paulo em 1942, porque nos chamavam de traidores, que não ficaríamos livres por muito tempo. As colônias italiana e alemã foram muito prejudicadas. Nas reuniões do clube sempre havia alguém vigiando, porque consideravam que estrangeiros eram perigosos.

Na verdade, acredito que a rivalidade com o São Paulo é maior do que com o Corinthians. O São Paulo apesar de toda a propaganda de clube de elite, “não tinha onde cair morto”, enquanto nos anos quarenta o Palmeiras e Corinthians já possuíam um patrimônio bancado com suor e trabalho. O do São Paulo foi obtido mediante ajuda do governo.

No Palmeiras existe muita alegria, que é uma característica dos italianos como podemos atestar por algumas festas conhecidas, como Casaluce, San Vito, San Genaro e a Acheropita.

A colônia italiana tinha muita ligação com o futebol, que era um fator de agregação da comunidade, dos parentes e amigos. Crianças, adultos e velhos podiam assistir sem receio e da mesma forma namoradas e mães também estavam presentes. Muitas famílias esperavam um jogo de futebol para se reunirem, podiam extravasar sua alegria com cantos, palmas, gritos, danças e depois voltavam todos juntos, era uma grande festa.

3.1.5 - Olavo Realli: Meu nome é Olavo Realli, nasci em Itatinga, no Estado de São Paulo, uma cidade que fica a 220 km da capital. É uma cidade pequena com dezesseis mil habitantes, entre Botucatu e Avaré. Ainda jovem mudei-me para São Paulo e uma das

primeiras providências que tomei quando cheguei à capital foi ficar sócio do Palmeiras. Eu já tinha emprego, era funcionário da Estrada de Ferro Sorocabana, então não tinha aquela preocupação de chegar e ficar desempregado. Mudamos para São Paulo no dia 31 de março de 1950, em 19 de Abril tornei-me sócio do Palmeiras, portanto faz muitos anos.

Eu era muito jovem, tinha 21 anos, nasci em 1º de junho de 1928, completei 70 anos, não sou mais criança e por incrível que pareça ainda tenho disposição para oferecer meu trabalho ao clube. Ainda tenho outras atividades, como Secretário Geral da Associação dos Sicilianos do Brasil do qual sou sócio há muito tempo.

Como meu país e avôs são sicilianos, exerço a atividade de secretário nas reuniões da associação que ocorre periodicamente no Circolo Italiano.

Na minha cidade natal, oitenta por cento dos habitantes eram de origem italiana: meu pai, meu avô e minha irmã mais velha são todos italianos. Tenho algumas fotografias da família, inclusive uma das minhas filhas quer reproduzir essas fotos e colocar em um quadro de lembrança, em que aparece minha irmã quando tinha um ano de idade, chegou da Itália no colo da minha mãe.

A tradição italiana estabelece que os jovens obedeçam os parentes mais velhos, o avô mandava em todos, no filho, na nora, nos netos e até hoje ainda tem um pouco disso, não muito, mas ainda tem resquício dessa tradição. As famílias italianas respeitam os anciões, o “nono” como se diz.

Eu morava em uma fazenda na região de Itatinga e lembro perfeitamente dessa época, já que estávamos preocupados por causa da guerra. Meu pai, meu avô como italianos e o resto da família, sofria as consequências do conflito e éramos hostilizados por vizinhos. As crianças na escola também padeciam, porque a maioria era de origem italiana e sofriam ofensas.

Meus familiares eram obrigados a ir à delegacia todo mês para assinarem uma lista de presença e tinha aquela “pecha” de Quinta Coluna, que poderia estar se comunicando com estrangeiros em detrimento dos Estados Unidos e do Brasil. Se não comparecessem à delegacia, os policiais buscavam as pessoas em suas residências. Mas o meu pai e meu avô não “cuidavam disso”, o objetivo deles era apenas labutar e sustentar a família. Papai trabalhava por conta própria, era carpinteiro e possuía alguns funcionários que prestavam serviço, pegava obras por empreitada e as executava com o auxílio dos empregados e de meus dois irmãos mais velhos. Não ficou rico, mas felizmente criou todos os filhos.

Nós já nascemos palestrinos, pois esse sentimento passava de uma geração para outra, como era adolescente e tinha quatorze anos de idade, era natural que não conhecesse o “mundo”, mas tinha noção de algumas fatalidades.

Na época da guerra ficamos chateados com a pressão que faziam sobre os italianos e então ocorreu à mudança de nome do time, como eu não sabia avaliar adequadamente a situação, fiquei deprimido e pensava com meus os botões, “Ó meu Deus, porque eu fui ser palmeirense, porque torcer para o Palestra”, depois essa angústia terminou, Palestra ou Palmeiras é mesma coisa.

Diziam que pessoas ligadas ao São Paulo pretendiam invadir as dependências do clube, se apossar das propriedades e que fizeram grande pressão junto à federação. De acordo com os mais velhos e que participaram desse evento, tentaram mesmo se apoderar do nosso patrimônio, mas encontraram forte reação. A história é conhecida: o Major Adalberto Mendes foi nomeado vice-presidente do clube. Ele se livrou dessa ameaça trocando o nome para Palmeiras.

Para falar a verdade, não posso atestar a veracidade da história em relação ao São Paulo, se fizeram com má intenção. Mas hoje avalio que fizeram um grande bem para o Palmeiras, pois se o clube tivesse ainda o nome de Palestra Itália, em minha opinião, não teria vinte por cento da torcida que tem. Com a alteração do nome nós não perdemos aquela raiz da colônia italiana, como também ganhamos o nome brasileiríssimo de Palmeiras, com as cores verde e branca.

Hoje em dia temos japoneses, espanhóis, negros e mesmo índios torcedores do Palmeiras, é um clube diversificado e até no nordeste contamos com uma torcida enorme, visto as correspondências que recebo, uma média de trezentas cartas por semana de todo o Brasil.

A primeira partida que assisti foi do Palmeiras em 1945 (não morava na capital), mas vim passear em São Paulo, não me recordo porque meu pai me trouxe e a partida ocorreu no Pacaembu entre Palmeiras e Corinthians pela taça cidade de São Paulo. É uma lembrança muito forte... o Oberdan que hoje é nosso amigo e estava na Pizzaria Carmella (que você conheceu)... Eu era fã do Oberdan, mas só o conhecia pelas fotografias e figurinhas ou pelas transmissões esportivas irradiadas, diziam que quando entrava em campo pulava com o pé direito no gramado para dar sorte.

Nesse dia, quando o time do Palmeiras adentrou o gramado, o Oberdan vinha à frente, parou e pulou com o pé direito e fez o sinal da cruz... Senti um calafrio no corpo, me arrepiou todo e não acreditava que estava vendo o Oberdan e o time do Palmeiras na minha frente, porque só ouvia pelo rádio.

No interior quando era criança, sentia essa emoção e por isso quando recebo cartas de garotos dos mais variados estados do Brasil, acredito nas suas narrativas, quando afirmam que se emocionam ao verem o Palmeiras na televisão. Eu me arrepiei inteiro no

Pacaembu. Esse jogo por sinal, lembro claramente que foi 1x1. O Palmeiras que precisava do empate foi campeão da taça cidade de São Paulo.

Até essa data acompanhava os jogos pelo rádio, só que vou ser sincero, nós não tínhamos nem rádio, pois era um aparelho muito caro, então meu pai e os amigos se aglomeravam em um bar e ligavam no último volume, punham uma extensão com um pequeno alto falante e ficavam em frente, no jardim ouvindo o jogo do Palestra e outras partidas. O mesmo ocorria quando jogava a Seleção Paulista contra a Seleção Carioca já que naquela época era uma rivalidade enorme. Acompanhávamos os jogos da Seleção Brasileira contra os argentinos e uruguaios, me recordo que imaginávamos como seria o estádio de São Januário ou o Pacaembu, somente o rádio podia oferecer isso, a imaginação.

O jogo final de 1942 foi transmitido pelo rádio e eu estava numa padaria que pertencia aos irmãos “Josué”, nessa época por causa da guerra preferíamos ficar em companhia de outros italianos. O placar foi de 3x1 para o Palmeiras e a partida foi interrompida aos dezenove minutos do segundo tempo por causa de um pênalti e podíamos fazer o quarto gol, já que o Etchevarrieta era excelente cobrador. Mas o time do São Paulo abandonou o campo e o jogo foi encerrado. O Palmeiras foi campeão, por isso que diz até hoje: “morreu o líder e nasceu o campeão”.

Naquela época teve uma repercussão muito grande, como você sabe é muito famosa a fotografia do Palmeiras com o Capitão Adalberto Mendes segurando a bandeira brasileira e adentrando ao gramado do Pacaembu. O Oberdan está segurando outra ponta da bandeira e é um episódio emocionante, motivo de orgulho para nós palmeirenses. Essa fotografia está exposta na sala dos troféus, quando nasceu o Palmeiras e o clube foi se popularizando.

Quando me mudei para São Paulo em 1950, nunca tinha visto no interior um torcedor negro e me assustei quando na capital conheci vários negros que eram torcedores do time.

Quando era funcionário da Estrada de Ferro Sorocabana (onde me aposentei), foi que pela primeira vez vi um negro palmeirense. Aquilo para mim foi uma surpresa enorme e ele contou-me sua história: a mãe trabalhava numa casa de família italiana, era viúva e ele era “menininho”. Essa família tinha um jogador que foi do Palestra, chamava-se Barcelona, era ponta direita, mas não atingiu o time principal, entrava esporadicamente no segundo quadro. Hoje o clube é dividido em categorias e não mais em quadros. Por influência do meio familiar começou a torcer pelo time. Como eu não conhecia a cidade de São Paulo, em dia de jogo ele me acompanhava desde Santo André até a Cantareira e então íamos para o Pacaembu.

Hoje é comum encontrar torcedores negros, mas naquela época não. Assim eu brinco que o negro evoluiu muito, por isso que agora eles são palmeirenses, mas isso é apenas brincadeira.

Na época, fui morar com um irmão, na mesma região que trabalhava, a Cantareira. Depois me casei e em 1974 comprei um apartamento na Lapa, onde moro até hoje, na Rua Faustolo, para ficar perto do Palmeiras... meu sonho era morar perto do Palmeiras, consegui realiza-lo e estou feliz.

3.1.6 - Antônio Rago: Eu sempre fui palmeirense, pois os filhos tinham que seguir o rumo dos pais. Essa educação esportiva já vinha de berço. No tempo que era garoto ainda se chamava Palestra Itália e independentemente de ter ocorrido à troca de nome ainda sou palmeirense, pois o clube continuou o mesmo.

Conheci alguns atletas, porque como fazia muitos shows era comum aparecerem para se divertir. Inclusive em Bueno Aires, quando estava me apresentado, o Palmeiras fez uma excursão e nos encontramos em “terras” Argentina.

Trabalhei em Buenos Aires por volta de 1936, um ano depois da morte de Carlos Gardel e visitei seu túmulo. Voltei para a Argentina em 1975, nessa fase a televisão já estava dominando os meios de comunicação e antigamente era o rádio, o que era muito diferente.

Nasci no bairro mais conhecido de São Paulo: o Bexiga, na Rua Conselheiro Carrão nº 178. Essa casa nós vendemos porque na época ia ser tombada como patrimônio histórico. Segundo funcionários da prefeitura, existe um decreto do qual vou ganhar uma rua com o meu nome quando morrer, mas isso é coisa banal.

Morei no Bexiga até os 26 anos de idade, quando casei e fui morar na minha própria casa (porque antigamente a gente morava com os pais). Até hoje frequento muito o bairro, ainda tenho amigos que gostam de tocar, são músicos e isso nos aproxima. Como sempre foi um reduto italiano, esse traço era muito marcante em casa.

Sou músico profissional, claro que aposentado, mas viajei para muitos países, principalmente Uruguai e Argentina. Quando comecei a tocar profissionalmente, era muito jovem e tinha que ter autorização dos meus pais para viajar.

Eu já estava casado quando aconteceu à guerra, como sou descendente de italiano, fomos pego de surpresa. Houve certo preconceito, melhor acho que o termo repressão tem mais sentido. Existiam muitos italianos radicados no Brasil e em outros países, que foram surpreendidos politicamente quando o Japão, a Itália e a Alemanha formaram o Eixo.

Essa reviravolta nos atingiu, pois na época da guerra, nós viramos vilões e esse preconceito atingiu também o Palmeiras. Ora, o Palmeiras foi atacado por isso. Eu também ouvi muita coisa que não deveria ser ouvida, mas deixa para lá.

Sabe, muitos italianos e seus descendentes gostavam do Mussolini, sabíamos que era um ditador, mas utilizemos como exemplo o Fidel Castro em Cuba, muitos defendem que é um bom governo. O Mussolini pegou a Itália em um grande “bagaço” e conseguiu resolver alguns problemas, dessa forma, o crescimento do país refletiu aqui no Brasil, que foi motivo de orgulho. Depois ocorreu a aliança com a Alemanha, mas isso é outra história e todos sabem como terminou.

Nos anos 40, o Bexiga era um bairro bem freqüentado, as cantinas italianas faziam grande sucesso, é claro que havia locais considerados mais nobres, pois quando a pessoa tem dinheiro é natural que procure lugares sofisticados. Mas o bairro continua sendo o mesmo e parece-me que vamos ter algumas transformações, visto que dezenas de casas foram tombadas como patrimônio cultural, uma das quais foi minha residência quando garoto.

Na época da guerra havia um pouco de discussão entre os descendentes de italianos, mas se estavam no Brasil, todos tinham que ser brasileiros. Inclusive cheguei a ser convocado para a guerra, mas só atuei como músico na fronteira.

A orquestra formada por soldado estava a serviço do serviço do exército, fazíamos baile e o único problema é que não podia entrar mulher, mas era necessário divertir a rapaziada, isso foi em 1945.

Recebi cartas de agradecimento das missões militares americanas, pois tínhamos que nos apresentar no clube deles também, não era problema, afinal como disse, estávamos cumprindo nossas obrigações com o serviço militar.

Eu já estava casado em 1942 quando o Brasil passou para o lado dos Estados Unidos, tudo que tinha relação com italiano ou alemão ficou sob suspeita... dessa forma, não foi surpreendente que ficassem desconfiados do Palestra Itália, que “pagou o pato” nessa história.

Ocorreu a mudança do nome para Palmeiras e de acordo com alguns boatos tentaram se aproveitar da situação para roubar o patrimônio do clube. Com a guerra apareceram vários aproveitadores, por isso pode ser uma história verídica.

Era uma época diferente, a relação do público com os artistas tinha uma outra dimensão. Como não havia televisão, os shows eram transmitidos pelo rádio ou ao vivo, quer dizer, para você ver um artista, tinha que ir ao teatro. Hoje não, a televisão abriu essa possibilidade, mas é um desastre terrível, a programação esta cada vez pior.

Faz muitos anos que participei de uma homenagem a Laura Cardoso, uma das estrelas da novela Esperança, porque ela nasceu e cresceu na Bexiga (na rua Rui Barbosa), o grupo escolar que estudou quando criança foi o Colégio Maria José onde minha irmã era professora.

Essa festa que participei, trouxe recordações de quando comecei a trabalhar como músico, porque meu pai não aceitou facilmente essa idéia, mas rapidamente consegui um salário maior que o dele, que era comerciante. Meu filho, o Antônio Rago é professor e um bom violinista, mas sempre disse para ele, que a música fosse apenas um hobby, que fizesse parte da vida, mas que tivesse outra profissão.

Rede 2- Torcedores associados e não associados que conviveram com a memória familiar e a tradição do clube.

3.1.7 - Luiz Gonzaga Belluzzo; Nasci em São Paulo no final de 1942, exatamente um mês depois do Palmeiras ter mudado seu nome de Palestra Itália para Palmeiras. Isso ocorreu no dia 20 de setembro e eu nasci no dia 29 de outubro. O Palmeiras foi campeão paulista nesse ano, aliás, um fato curioso é que todos os filhos do meu pai, meus dois irmãos, também nasceram nos anos que o Palmeiras foi campeão: 1944 e 1947, portanto a nossa ligação com o Palmeiras vem de berço.

Meu pai nos tornou sócios do clube apesar de morarmos no interior, por volta de 1947, depois de uma interrupção, voltei em 1951, mas sempre frequentei clube e nadava na piscina do Palmeiras quando estava visitando a capital.

No tempo em que tinha um “campinho” atrás do campo de futebol (este não tinha sido reformado), era utilizado pelos sócios para lazer e sua localização privilegiada era contígua ao muro da Rua Turiassú.

Eu jogava futebol e a primeira vez que assisti uma partida profissional foi em companhia do meu pai, era o último jogo do campeonato de 1947. O Palmeiras já era campeão e atuou contra o Comercial. Eu era muito pequeno, tinha cinco anos e se me lembro bem, teve um placar de 5x0 para o Palmeiras.

A partir dessa data comecei a frequentar as partidas de futebol e o Palmeiras. Meu pai sempre teve muitas relações dentro do clube, particularmente como advogado que era sua

profissão. Foi diretor jurídico e responsável por parte dos estatutos que foram refeitos em meados dos anos sessenta, se não me falha a memória durante o mandato do Dr. Nelson Pessoto.

Meu pai entrou na administração do Palmeiras pelas mãos do Delfino Facchina, isso já no final dos anos cinquenta e depois foi diretor jurídico na década seguinte.

Meu bisavô chegou da Itália em 1888, era vêneto e trabalhou com uma família importante. Meu filho conseguiu encontrar o registro da chegada dele no Museu da Imigração. Desembarcou em 1888 e foi trabalhar em Jaú na fazenda do Almeida Prado. O meu avô nasceu no Brasil, logo depois da chegada da minha bisavó que já estava grávida e casou-se com uma italiana.

Somente a imigração podia ter produzido essa situação, minha avó era calabresa e meu avô vêneto. Meu pai faz parte da segunda geração, morava em Bariri que é perto de Jaú no interior de São Paulo.

Em 1933 iniciou o curso de direito na capital. Portanto, a memória que eu tenho do Palmeiras já é dos anos trinta, mas conheço todos os episódios importantes desse período, já que papai gostava de contar as peripécias do time. Ele se formou em direito em 1938 e se tornou delegado de polícia, exerceu essa atividade até 1947, foi nessa fase que nasci e passei a maior parte do tempo no interior. Por isso ouvia as partidas pelo rádio, que foi o primeiro veículo de massa que transmitiu jogos de futebol. Você tem o futebol antes e depois do rádio. A primeira Copa do Mundo foi transmitida em 1938 por um locutor chamado Carlinhos.

A partir de meados dos anos trinta é que o futebol virou realmente um fenômeno dinâmico, devido à participação ativa das massas que acompanhava os jogos pelo rádio. Os jovens de hoje não tem noção de como era o futebol pelas ondas do ar, você tinha que usar a imaginação.

Isso também dava um caráter mágico ao futebol. A visão do jogo, dos jogadores, a relação com os atletas era diferente e foi banalizada pelas imagens via televisão. Eu me vestia para copiar o Oberdan Catani (fui goleiro quando era pequeno e depois jogava na linha), mas os ídolos eram, ou melhor, são sempre mitificados. A distância era muito grande entre o atleta e o torcedor, você ouvia o nome dele no rádio, era uma coisa um pouco olímpica, eram figuras quase que sagradas.

Hoje com os programas esportivos pela televisão, você pode acompanhar as explicações dos atletas que são entrevistados, mas naquela época era uma outra realidade. Sabíamos por exemplo, que os jogadores do Palmeiras e os atletas de um modo geral se reuniam no Ponto Chic, quando vínhamos para São Paulo, passávamos nesse lugar na esperança de encontrar algum ídolo.

O Ponto Chic é localizado na região central, perto da avenida São João, era um ponto de encontro conhecidíssimo. Lembro-me que uma vez meu pai me levou lá e encontramos o “Canhotinho”, que era um jogador do Palmeiras, campeão da Copa Rio, era muito admirado pela torcida.

A televisão alterou esse panorama, porque você tinha que construir essa imagem na cabeça, então o ambiente do futebol era diferente. O futebol era ao mesmo tempo, mais próximo na forma de organização, no treinamento, nos métodos de treinamento e nos regimes disciplinares do futebol de várzea. Por outro lado, a relação atleta\torcedor adquiriu um sentido moderno, de cultura de massa.

Podemos usar como exemplo o jornalista Milton Neves, que sempre relembra que na década de sessenta ouvia os jogos (do Atlético MG) em Muzambinho pelo rádio. O indivíduo morava no interior e qual era a relação que tinha com um time que nunca viu jogar, apenas ouviu...mas na realidade viu (na sua imaginação).

A relação com o time se estabelecia mediante o rádio e na verdade o jogo era falado, isso é engraçado na história, pois quando alguém te contava o jogo, reproduzia praticamente o que os locutores diziam. Era o jogo visto pela visão do locutor e muitas pessoas os imitavam, reproduziam as passagens do jogo e esse aspecto é muito interessante para ser explorado.

Acompanhei a Copa Rio de 1951 quando o Palmeiras foi campeão mundial interclube. Desde 1938 não havia copa do mundo e quando o Brasil se ofereceu para sediar a copa de 1950, passava por um período de esperanças em relação a sua situação econômica e social, por isso a derrota para o Uruguai não foi apenas um fato esportivo, teve um significado maior.

Com a eleição de Getúlio Vargas, o país estava em um processo de industrialização e urbanização. Era a possibilidade de conquistar o título mundial, correspondia a uma auto-afirmação do país, por isso é que teve essa dramaticidade... não foi só por causa do futebol,

mas o Brasil estava num espírito de progresso, de avanço, muita discussão acerca do desenvolvimento nacional e a derrota (que uruguaiois chamam de maracanaço) atingiu em cheio a nação.

A vitória do Palmeiras na Copa Rio no ano seguinte foi de certa forma um consolo, o time entrou em campo com a bandeira brasileira. A volta para São Paulo demorou vários dias, porque era feito por trem e em todas as paradas, as pessoas estavam lá para ovacionar a equipe.

A torcida do Palmeiras era a segunda maior de São Paulo, chegava a rivalizar com a torcida corintiana e era formada basicamente por descendentes de italianos. Uma boa parte da massa operária e trabalhadora de São Paulo era de origem italiana, a capital paulista era fortemente influenciada por eles. O São Paulo Futebol Clube possuía uma torcida pequena e que cresceu nos últimos anos, acredito que isso ocorreu porque o Palmeiras ficou esse período na fila e quando o time tem esse desempenho ruim é difícil “segurar” os filhos.

Um amigo, o João Manoel brincava comigo e dizia que a torcida do Palmeiras era formada por operários qualificados. Quando ocorreu esse episódio da mudança de nome, o Palmeiras jogou com o São Paulo na decisão e ganhou o título. Eu conheci o “Piolin” (temos um grau de parentesco, na verdade pelo lado materno). Ele era zagueiro do São Paulo e me contou à história desse jogo que foi de grande tensão (poucas pessoas sabem, mas os corintianos apoiaram o Palmeiras). Lembremos que muitos eram descendentes de italianos, então é um momento único da história em que as duas torcidas se uniram contra o São Paulo.

Para muitos palestrinos o grande rival era o São Paulo. É celebrada na história do clube a fotografia do time entrando em campo com a bandeira brasileira, escorados na autoridade do capitão Adalberto Mendes.

O Getúlio Vargas esteve um tempo indeciso entre a Alemanha e os Estados Unidos, mas em 1942 ocorreu muita hostilidade, depredação de bens italianos; então era uma situação muito difícil de ser avaliada.

Minha família morava em Bariri nessa época, por volta de oitenta da população era descendente de italianos, metade talvez fosse palmeirense, então não havia clima de perseguição.

A obrigação do Palmeiras em alterar seu nome, foi uma trama para se apropriar dos seus bens, esse era um dos objetivos do São Paulo. Quem promoveu essa campanha foram os diretores do São Paulo, e o Geraldo José de Almeida, um locutor de rádio.

Afirmavam que o clube era formado por pessoas que eram colaboradores do Eixo, provavelmente deviam existir simpatizantes do fascismo no clube (muita gente no Brasil apoiava a Alemanha e Itália), mas isso foi motivo de aumentar a pressão sobre o time.

Muitos palmeirenses foram ao Parque Antártica para defender o patrimônio do clube. Eu imagino que em 1942 o Palmeiras fosse mesmo um time muito popular por causa desse acontecimento, porque pegou muito na massa essa idéia da perseguição etc.

O Adalberto Mendes era alagoano. É muito difícil fazer uma investigação sobre os motivos que levaram a defender o Palmeiras. Aparentemente tomou uma atitude de defesa por razões de justiça, de defesa do mais fraco que estava sendo hostilizado. Na verdade o fascismo era pensado como uma resposta ao colapso da economia e ao caos social que foi produzida pela grande depressão. Para muitos indivíduos afetados por essa crise, pequenos negociantes, grandes empresários, trabalhadores urbanos entre outros, avaliaram o fascismo, de acordo com a proposta coletivista dos anos vinte e trinta como uma resposta ao socialismo soviético e devemos lembrar que esse movimento não foi um fenômeno exclusivo italiano, na França e Inglaterra havia um contingente de simpatizantes fascistas, como o Oswald Mosley.

A Alemanha e os Estados Unidos adotaram uma política econômica muito parecida para superar suas dificuldades, baseada em uma forte presença do Estado.

Mas voltando à questão do Palmeiras, houve um oportunismo, digamos, do São Paulo de tentar aproveitar essa situação e aumentar o seu patrimônio.

Claro que isso é passado, mas deixou algumas marcas. Analiso o Corinthians como um clube (e torcida) que vivem entre uma euforia mais exuberante e a decepção total. Eles oscilam entre esses dois extremos, é um fenômeno próprio de uma torcida meio infantilizada.

Todo jogador que chega é considerado craque, já a torcida do São Paulo tem a característica de sempre se achar que são os melhores, claro que são mais organizados. A torcida do Palmeiras é ao mesmo tempo apaixonadíssima, acho que de todas é a mais passional. O Corinthians é coisa de massa, não tem muita cara...é mais explosiva.

A torcida do Palmeiras tem essa peculiaridade: é apaixonada, irascível e ao mesmo tempo capaz da crítica e da auto-ironia. Isso é um fato engraçado que se podia presenciar ao assistir os jogos do time no alambrado do Pacaembu ou do Parque Antártica com os velhos corneteiros, alguns eram muito famosos, tiravam um sarro do juiz, do adversário, do time, você morria de rir.

Infelizmente, estamos perdendo essa capacidade de auto-ironia que a torcida do Palmeiras tinha, de crítica, às vezes até exagerada, mas era uma característica saudável. Uma das perdas que o Palmeiras teve com essas administrações mais recentes, foi o cerceamento no Parque Antártica da ação dos corneteiros durante a presidência do Mustapha Contursi, acabou-se a liberdade que havia para se reunir e criticar.

Isso é próprio da ditadura, que acentuou o lado pior que nós italianos temos que é excessivamente individualista, mesquinho, uma coisa meio ranzinza e provinciana. Mas ao mesmo tempo temos essa liberdade, essa capacidade de rir e fazer humor. Tem o lado do italiano que acredita que ficou rico, tem o sapato sempre brilhando e se acha o máximo. Nós somos críticos porque temos noção de uma estrutura cultural muito rica, que vem desde Roma e passou pelo Renascimento. Então, é uma superposição de camadas culturais. Então esse indivíduo é capaz de olhar o mundo com certa ironia. É a fenomenologia do espírito italiano, mas infelizmente o que está prevalecendo no Palmeiras é o provincianismo.

Nos anos quarenta e cinquenta a maioria dos sócios era da classe operária, geralmente qualificada e que estavam conseguindo subir na escala salarial, havia uma diferenciação na classe média. O Palmeiras era predominantemente a classe média que era sócia, os italianos que tinham ascendido. Na arquibancada ou na geral, encontravam-se pessoas de todas as condições. Eu não gostava de assistir futebol nas numeradas, preferia ficar na arquibancada no meio da multidão. Então fui notando a mudança de composição da torcida. Anteriormente predominavam os descendentes de europeus, principalmente italianos, mas essa composição étnica se alterou com o tempo.

A migração nordestina ao contrário do que dizem, não trouxe torcedores somente para o Corinthians, muitos optaram pelo Palmeiras, até porque tradicionalmente no seu elenco desde os anos cinquenta tivemos inúmeros jogadores nordestinos (Valdemar, Zequinha, Gildo, Jorge Mendonça, Vavá e Rinaldo são exemplos).

À medida que a migração foi mudando a composição da torcida, transformou definitivamente o Palmeiras em um clube brasileiro, mas de origem italiana. Veja a Portuguesa que não conseguiu vencer o estigma de time de colônia.

Historicamente, talvez tenha sido um benefício mudar de Palestra para Palmeiras, foi quase trinta anos como Palestra e depois mais de sessenta anos como Palmeiras. Existe certa identidade italiana ainda presente no clube, que não se resume somente ao futebol, mas inclui o lazer e que congrega toda uma identidade.

Os italianos, os imigrantes da península, quando vieram para o Brasil, não eram italianos. A unificação da Itália tinha acabado de ocorrer, portanto possuíam um sentimento regional muito forte, eram bareses, napolitanos, calabreses, vênnetos...o Palestra é um aspecto muito importante, era um locus de identificação dos imigrantes, muitos não tinham em mente a unidade política italiana, esse imaginário e essa identidade foi sendo construída aqui. Por isso o Palmeiras não é um simples clube.

Acredito que teve uma função de congregar os italianos, de permitir essa identificação e através da vitória no futebol, afirmar sua identidade. Repare os mais jovens com ascendência italiana, é impressionante como tem essa referência, ainda que não saibam às vezes se expressarem.

Na minha família, esse sentimento “italiano” é muito forte porque meu pai insistia muito nessa questão, não que meu pai fosse particularmente cioso da sua italianidade, ele se integrou muito, mas o fato é que até os anos 40 e 50 havia certa discriminação contra o “italianinho”. Meu pai para casar com minha mãe, que pertencia a uma família tradicional (Pereira Lima), foi uma dificuldade, porque os irmãos dela protestaram contra tal união.

Essa discriminação foi desaparecendo à medida que muitos italianinhos foram ficando ricos. É assim que desaparece o preconceito, porque contra o argumento financeiro, desaparece paulatinamente a base das diferenças sociais que o geraram.

3.1.8 - Edna Lotufo, Edneide Lotufo e Ednir Lotufo:

Edneide Lotufo: Quando nascemos o papai já era sócio do Palmeiras e se não me falha a memória, isso ocorreu quando tinha 14 anos de idade e ainda se chamava Palestra

Itália e depois mudou para Palestra de São Paulo e finalmente Palmeiras. O primeiro cargo dele foi como diretor de esportes, depois foi tesoureiro nos anos 1930 e durante a gestão do Rafeal Parisi e Ítalo Adami, chegou a ser vice- presidente. Como teve cargos importantes, muitos dos investimentos do clube passavam em suas mãos. Na realidade a primeira função foi de diretor de departamento de tênis na época do Enrico de Martini.. Meu pai jogava tênis e participou de vários campeonatos.

Edna Lotufo : Nós estudávamos no Colégio Madre Cabrini e como papai era bem situado financeiramente, a família dispunha de motorista que nos levava uma vez por semana ao Parque Antártica. Encontrávamos papai e passeávamos pelo clube, tomávamos lanche e sorvete, dessa forma, nossa ligação era de muito afeto em relação ao clube. Devemos levar em consideração que o papai foi um grande benfeitor e ocupou diversos cargos, assim teve uma vida de dedicação ao Palmeiras.

Edneide Lotufo: Frequentávamos as festas no clube, havia uma vida social intensa e era um local que compareciam muitas pessoas elegantes e conceituadas. Mais a minha carreira de frequentadora parou cedo por que aos 19 anos eu me casei e a partir de então, acabou-se os bailes. Claro que havia muitas festas, as eleições por exemplo, eram precedidas de expectativa, mas eu não tinha mais interesse, pois estava muito ocupada com a vida de esposa e mãe.

Ednir Lotufo: Minhas irmãs foram grandes jogadoras de tênis, mas eram campeonatos disputados entre os sócios, jogava-se com as amigas. Era uma função social e muitas pessoas que jogaram tênis comigo, tornou-se amigo ou pelo menos conhecido, mas eu não era um grande atleta, disputei uns campeonatos, mas não me sai muito bem.

O que marcou muito durante os anos de guerra, foi o episódio conhecido, em que os italianos, alemães, japoneses foram perseguidos. Era uma vergonha e todos sabem que o Palestra Itália alterou o seu nome, justamente por causa das pressões que foram feitas . Lembro-me que papai ficou muito aborrecido, pois fazia parte da diretoria em 1942, quando tiveram que alterar a denominação para Palmeiras. Ele, junto com o Adalberto Mendes, é que estavam à frente do clube quando ocorreu esse processo.

Edna Lotufo: Eu saí da escola Madre Cabrini com 15 anos de idade e ainda estava ocorrendo a Segunda Guerra Mundial. No colégio às vezes tinha alguma brincadeira ou provocação com a gente, chamavam de “italianinha”, apelidavam de “colar de macarrão” e algumas vezes chegávamos chorando em casa.

Ednir Lotufo: Eu lembro que papai chegou a ser detido e obrigado a ir até a delegacia. Não chegou a ser preso, mas teve que prestar esclarecimento, porque estava uma situação muito conflituosa. O Brasil havia rompido relações diplomáticas com a Alemanha e a

Itália e como o Palestra era um clube freqüentado por italianos, muitos sócios foram encaminhado para a delegacia e tiveram que prestar depoimento.

Meu pai e alguns amigos, ficaram revoltados com a situação, inclusive naquele jogo do Palmeiras contra o São Paulo, houve uma confusão entre os torcedores dos dois times. Foi uma discussão acirrada, mas não houve agressão. A policia apartou os torcedores e foram todos levados para a delegacia, mas como ninguém tinha antecedentes criminais, eram trabalhadores honestos e bem situados financeiramente, foram todos soltos. Mais foi uma época muito triste, o capitão Adalberto Mendes teve uma participação maravilhosa, era amigo do papai. Ele entrou no Pacaembu segurando a bandeira do Brasil para mostrar a torcida do São Paulo que nós éramos brasileiros.

Edneide Lotufo: Na diretoria do São Paulo tinha o general Porfírio da Paz e o Paulo Machado de Carvalho. Na verdade eles fizeram uma guerra contra o Palestra Itália, como nós já comentamos, tinha mudado seu nome para Palestra de São Paulo. Depois não quiseram que fosse Palestra e as autoridades pressionaram para que fosse realizada outra alteração. Não entendíamos porque disso, pois a palavra palestra não é italiana. De qualquer forma, para satisfazer as exigências legais, resolveu-se mudar para Palmeiras.

O presidente na época era o Ítalo Adami, mas como era italiano, estava licenciado e por isso o papai e o Adalberto Mendes é que ficaram a frente dessa empreitada. A guerra afetou muito o cotidiano das pessoas. Em uma ocasião, por exemplo, fomos ao circo do palhaço Arrelia, que era um artista muito conhecido. Como era amigo de nossa família, nos presenteou com ingressos para as cadeiras cativas. Nossa casa era freqüentada por muitas pessoas, como atletas, artistas e empresários. Em determinada ocasião, um japonês se apresentou fazendo malabarismo com bolas e o coitado não acertava uma, por que o público começou a vaiar assim que entrou no palco. Isso porque era japonês e o Brasil estava em guerra contra o Eixo. Então meu pai, com toda a sua educação, mas com muita energia, se levantou e fez um discurso, chamou a atenção das pessoas que ficaram perplexas e emudecidas, na medida em que era um senhor que impunha respeito. Ficou um silêncio geral e sem querer acabou defendendo o malabarista. Alguns ainda tentaram uma reação, mas outras pessoas começaram a aplaudir.

Houve muita discriminação na época, não sei se foi por uma questão da guerra, que os ânimos se acirram contra os italianos (e também japoneses e alemães) ou se havia realmente um sentimento anterior, que veio a tona nesse momento.

Ednir Lotufo: No bairro em que morávamos, todos sabiam que papai era diretor do Palestra e a nossa casa foi apedrejada. Como tínhamos uma boa situação financeira, sempre morávamos em casas bonitas e confortáveis. Na rua Polidoro, por exemplo, jogavam pedras

nos vidros e chegaram a murchar o pneu do carro de papai, talvez se não fosse diretor do clube, quem sabe nada disso teria acontecido.

Edneide Lotufo; Não é pelo fato de ser nosso pai, mas ele foi um herói. No clube é um nome muito conhecido e as pessoas que conviveram na época, sabem das dificuldades e de sua valentia para enfrentar as autoridades. Quando ocorreu a mudança de nome do Palestra, as reuniões foram presididas por ele, pois havia uma pressão enorme, dizem que queriam se apropriar do patrimônio do clube.

Mas, quem tramou essa situação, não foram os corinthianos, até porque esse clube, não se manifestou contra nós. O único que tentou alguma coisa, foi o São Paulo... dizem que o Porfírio da Paz chegou a tentar invadir o Palestra com a cavalaria e meu pai se postou na frente, como era um moço bonito e bem de vida, não se amedrontava por qualquer coisa. Ficou nos portões da sede social e esperou a cavalaria. Nesse ínterim foram aparecendo os torcedores que haviam escutado essa notícia pelo rádio. Juntou-se uma multidão em frente aos portões para impedir que invadissem o Parque Antártica. Isso não foi dito pelo meu pai, mas por várias outras pessoas. Um vizinho nosso estava presente e narrou essa história. Ele contou que os torcedores se postaram a espera da cavalaria e quando esta chegou, disseram para eles, “daqui vocês não vão passar”. Os policiais ficaram temerosos de ocorrer um conflito maior, pois estava aumentando o número de pessoas e os dirigentes do clube foram aplaudidos pela coragem. Foi quando decidiram mudar o nome da equipe pela primeira vez, para Palestra de São Paulo, já que em grego, é um termo que significa ginásio de esportes. Mas depois houve mais pressões e mudou para Palmeiras.

Papai nasceu São João da Boa Vista e veio jovem para São Paulo, onde estudou com outro dirigente palestrino da época, o Mario Bene, formou-se em ciências econômicas. Trabalhou muito, era um homem de personalidade forte, austero e dono da verdade, quando dizia que era verde, não adiantava discordar, era uma pessoa com convicção. Tinha uma família enorme, eram onze irmãos, dos quais quatro eram homens.

Ednir Lotufo: O meu pai foi pioneiro de luminoso aqui no Brasil, foi o primeiro, por que não existia a light na época. Meu pai era economista, foi contador do Paulo Machado de Carvalho da MAC Ltda, que era a sigla de Machado, João Batista do Amaral e o outro que não lembro o nome. Eles tinham uma pequena empresa que já fabricava um tipo de indicador visual de luminoso com lâmpadas incandescentes por dentro e era, de porcelana, já que naquele tempo não existia o acrílico. Resolveram vender a empresa e o meu pai comprou, só que mudou o sistema e trocou o nome para São Paulo Ltda, dessa forma, aproveitou a clientela do Raneizone, Prada, Cury e outros, que compravam para colocar nas lojas. Então

ele criou um sistema mais moderno e em seguida trouxe o néon para o Brasil, acredito que foi a primeira firma da América Latina a trabalhar com esse tipo de material.

Edna Lotufo: Naquela época era um fato corriqueiro os dirigentes tirarem dinheiro do bolso para dar aos jogadores. Lembro que escutávamos conversas dos adultos, que falavam de jogadores que podiam estar na “gaveta” do adversário, isso é, receberem suborno para entregar a partida. Então meu pai falava, como não tenho prova, é melhor pagar um prêmio extra para animar o jogador.

Tem um caso específico, que nós conhecemos, era um jogador que freqüentava nossa casa. Papai suspeitou de que estava recebendo dinheiro para fazer corpo mole e então conversou com o jogador e as coisas se resolveram. Sabíamos que era um assunto desagradável, mas ficávamos ouvindo a conversa dos mais velhos e compreendíamos a situação.

Havia um amigo nosso, o Mantovani que dizia aos jogadores: “olha, por cada gol que você marcar eu te dou um dinheiro do meu bolso”. Era um “bicho extra”, pois já havia a premiação oficial, além do salário. Claro que meu pai, não contava para os filhos ou para minha mãe, ficamos sabendo de outra forma, mas era muito comum isso., o dirigente colocar dinheiro do bolso. Hoje me parece que é ao contrário.

Cada diretor tinha particularmente um jogador que eles se consideravam como padrinho dele, isso é, os jogadores ficavam sob os cuidados dos dirigentes, que tomavam conta não somente do atleta, mas também da família. Lembro-me como se fosse hoje, de um jogador argentino (Villadone) que tinha uma esposa lindíssima. Quando o time viajava para disputar uma partida, algumas esposas ficavam como “visitas” em nossa casa, isso era muito normal, pois os maridos não queriam que ficassem sozinhas.. Cada dirigente tinha o seu protegido, era comum o diretor ou conselheiro bancar um dinheiro extra, acredito que era uma prática comum, visto que os jogadores não ganhavam uma fortuna como hoje, não era o suficiente para proporcionar uma vida de regalias.

Edna Lotufo: Gostávamos muito das histórias, já que meu pai era muito badalado e nós também éramos badaladas. Ele tinha cadeira cativa no Palestra, em dias de jogo ou em festividades, tínhamos um local reservado para a família. Estávamos sempre acompanhando papai e quando não aparecíamos, por alguma situação, as pessoas perguntavam das crianças. Assim, devido a situação privilegiada dele, realmente nos sentíamos especiais, o pessoal do clube nos mimava o tempo todo. A nossa relação com o Palmeiras vem desde criança e as lembranças afetivas com papai, nos remetem inúmeras vezes, a nostalgia desse período.

Ednir Lotufo: Eu fui ao Palmeiras com o meu pai, quando ele já estava em cadeira de rodas, coloquei-o no banco da frente do carro, junto com minha esposa e fomos ao clube.

Os portões foram abertos e muita gente o reconheceu, chamavam pelo seu nome, foi muito emocionante, ele chorou várias vezes.

Havíamos arrumado sua roupa esmeradamente, afinal tinha sido um homem bonito, que sempre andava com elegância, por isso, estava de terno, mas com um boné cobrindo a cabeça, já que aquele dia estava muito frio. Essa cena inclusive, esta no livro do Palmeiras, a ultima visita feita pelo glorioso Leonardo Lotufo.

Edna Lotufo: Para o meu pai, aquela visita ao Palmeiras foi emocionante, por isso chorou muito. Claro, que foi visitar um lugar em que passou parte de sua vida, com imponência, vitorioso e tempos depois, você volta, doente, quase cego e desenganado pelos médicos, sabendo que sua vida esta no fim...é um fato triste, que indubitavelmente, traz muitas recordações.

Á pouco tempo fui ao Palmeiras com uma prima para almoçar, ficamos conversando com o guia, ele nos disse que as fotos de todos os presidentes estavam expostas no salão nobre, onde estão os troféus. Vimos a fotografia do Higino Pellegrini, falei para a minha prima e para os outros presentes, que ele havia sido um grande amigo de meu pai, foi quando o guia me perguntou quem era papai. Disse o nome dele, Leonardo Lotufo, e acrescentei que sua foto não estava no mural, pois na verdade como foi vice-presidente e só assumiu a presidência como interino, não podia fazer parte da galeria dos presidentes.

Com o Ermelindo tivemos muita amizade, ele foi goleiro do Palmeiras, não era um grande atleta e foi reserva. Então saiu do Palmeiras e jogou no Rio de Janeiro. Como jogador, não conseguiu notoriedade, mas era um sujeito alegre, festeiro e muito humilde

3.1.9 - Roberto Delmanto : Sou advogado criminalista como meu pai, aliás minha mãe ainda está viva, tem 92 anos. Este ano seria centenário de papai, se ainda estivesse vivo. Mas comemoramos 70 anos da fundação do escritório de advocacia, que foi fundado por ele.

Papai nasceu em 1907, na cidade de Botucatu, era filho de Pedro Delmanto e Maria Delmanto. Ele se entusiasmou pela carreira de advogado ainda muito jovem, quando assistiu uma sessão do grande júri. Veio para a capital paulista cursar o bacharelado em direito, nessa época, estava ocorrendo grandes transformações políticas no Brasil, era a Revolução de 1930. Como era um democrata, rapidamente se inspirou nesse discurso. Foi um aluno excelente e ganhou uma bolsa de estudo, poderia inclusive ter ingressado no Itamarati, mas a advocacia criminal, era o seu grande sonho.

Trabalhou José Adriano Marrey Junior, avô do atual secretário da justiça de São Paulo, e por coincidência, o escritório era ao lado do Parque Antártica. O que sei, é que por

volta de 1931 havia uma forte discussão no Palmeiras, já que havia um grupo que pretendia acabar com o futebol. E tinha uma outra corrente ligada à família Matarazzo que desejava a preservação do futebol. Portanto buscaram na colônia italiana, jovens que tivessem determinadas qualidades de liderança e disposição. Dessa forma, meu pai acabou sendo escolhido. Eles queriam um jovem justamente para caracterizar essa renovação que o Palmeiras precisava. E o meu pai foi eleito, apesar de muito jovem. Mas tinha uma personalidade marcante e exerceu a presidência.

Não era um grande conhecedor de futebol, mas compensava por ser bom administrador e soube escolher os auxiliares. Assim, construiu-se um grande time, que foi campeão várias vezes. Além de contratar um excelente treinador, também tinha um ótimo “olheiro” que era uma pessoa de confiança e que percorreu o interior, as várzeas, médias e pequenas cidades, procurando descobrir valores promissores. E o Palmeiras acabou formando duas equipes, A e B, que eram equivalentes em qualidade.

Meu pai, foi um dos primeiros defensores do profissionalismo, pois teve que vencer internamente a corrente que pretendia o fim do futebol no clube. Na época, era teoricamente amador, mais os atletas recebiam um auxílio do clube, que era difícil de ser contabilizado e podia até ser mal entendido. Então, junto com outros dirigentes de São Paulo e do Rio de Janeiro, instituíram o profissionalismo no futebol. Na realidade, outros dirigentes como o Rafael Paris e o Ítalo Adame foram muito importantes. Meu pai foi presidente com 28 anos de idade, isso entre 1931-1935.

Defendeu que o clube não podia fazer camuflagens na contabilidade para justificar o auxílio dado aos jogadores. Também, as atas, que até então eram todas regidas italiano, passou a ser escrita em português. Na época houve uma grande discussão, se as rádios podiam transmitir as partidas de futebol, pois havia medo de um esvaziamento do estádio. Meu pai e outros pensavam ao contrário, então foi um dos primeiros dirigentes esportivos a concordarem com a transmissão de uma partida de futebol.

Posteriormente elegeu-se deputado, pelo Partido Democrático, mas foi cassado com a ditadura do Getúlio Vargas. Então, voltou-se unicamente para a advocacia e nunca mais se desligou. Não quis mais concorrer a nenhum cargo político ou no clube. Era uma carreira promissora de advogado, tudo que ele fez pelo Palmeiras, granjeou reconhecimento, mas quando foi cassado, viu-se sem recursos. Portanto, fundou esse escritório e com muito trabalho, reestruturou-se.

Mas a escolha de sua carreira, levou-o a abandonar a política no clube, foi uma opção profissional. Mas mesmo assim, quando o Palmeiras perdia, alguns amigos, passavam

pequenos trotes. Durante a Segunda Guerra Mundial, os italianos já estavam totalmente integrados, então eu não posso dizer que minha família sofreu algum abuso, mas sabemos que ocorreu uma forte pressão sobre alguns elementos. Talvez os alemães e japoneses foram mais afetados. De certa forma, a colônia italiana tinha também vários indivíduos que fugiram do fascismo, por isso, relacionar automaticamente italiano e fascismo, não é correto.

CAPÍTULO 4

CORINTHIANS: SÚDITO DO EIXO?

4.1 RELATOS E ENTREVISTAS TRANSCRITAS E TRANSCRIADAS.

Colônia - Torcedores do Corinthians.

Justificativa: Por ser um dos clubes que formam o núcleo dessa pesquisa, procuramos torcedores associados e não associados, jornalistas esportivos, dirigentes e conselheiros que pudessem contribuir com suas narrativas para a elaboração do presente projeto. Dividimos essa colônia em duas redes específicas:

Rede 1 – Jornalistas esportivos com trabalhos escritos sobre o Corinthians.

Ao escolhermos o Corinthians como um dos clubes que formam o núcleo dessa pesquisa, foi natural que procurássemos no meio jornalístico, os profissionais que são declaradamente corintianos e que escreveram livros e artigos sobre o clube. Como trabalhamos com a temática da repressão e a campanha de nacionalização, buscamos nessa colônia, “experiências” e “versões” em relação ao tema.

Formada pelos colaboradores:

Juca Kfourri.

Jornalista esportivo e autor de diversas obras sobre o Corinthians. Apresentador de programa na área dos esportes na rádio e televisão. Concedeu entrevista ao autor em março de 2005, indicou outros colaboradores, como Celso Unzeltte e Lourenço Diaféria.

Celso Unzeltte.

Jornalista e professor universitário, orientador de diversas pesquisas na área dos esportes. É autor de obras sobre o futebol e do Manual do Corinthians. Concedeu entrevista ao autor entre outubro de 2004 e março de 2005.

Lourenço Diaféria.

Jornalista, ensaísta e escritor, foi autor do livro “Coração Coritnhiano”, no qual utilizou diversos documentos cartoriais fornecidos pela diretoria do clube. Algumas cópias foram apresentadas ao autor, mas devido aos problemas de saúde do colaborador, não pudemos continuar com a entrevista, que foi realizada em abril de 2005.

Rede 2- Torcedores associados e não associados que conviveram com a memória familiar e a tradição do clube.

Justificativa: O processo de intervenção e deposição do presidente Manuel Correcher é um episódio importância na história do clube. Dentro dessa perspectiva, procuramos torcedores que tenham uma vivência afetiva com o clube e familiares de antigos dirigentes.

Formada pelos colaboradores:

Ernesto Cassano e Janete Perrota Cassano.

A partir do sobrenome, contatamos o colaborador em questão pela lista telefônica. É neto do presidente Ernesto Cassano e junto com sua esposa, concedeu entrevista em janeiro e junho de 2007. Forneceu ao autor, uma série de documentos e jornais sobre a história do Corinthians, que pertencem ao acervo particular da família.

Emanoelita Correcher.

A colaboradora foi encontrada com base em uma pesquisa realizada na lista telefônica, na qual procuramos algum familiar de Manoel Correcher, utilizando o sobrenome como referência. Por questões pessoais, preferiu realizar a conversa por telefone (maio de 2007) e enviou pelo correio fotos e recortes de jornais relacionados ao seu pai. Por motivos de saúde não conseguimos realizar a continuidade da entrevista.

Gabriel Otamendi.

Militante político de origem espanhola, relatou ao autor nas dependências da USP em setembro de 2005, como se tornou torcedor do clube. Foi apresentado ao autor por Gustavo Lopes.

Joanira Custodio do Nascimento.

Concedeu entrevista nas dependências do clube em junho de 2006. Foi membro da torcida organizada camisa 12 na década de 1970, estava acompanhada dos filhos e netos quando conversamos por quinze minutos sobre sua identificação com o clube.

Jocélio Avelino Piedade.

Concedeu entrevista em maio de 2006, durante partida de futebol realizada no Pacaembu. Migrante nordestino, corinthiano desde 1940 e motorista aposentado, foi apresentado ao autor pela colaboradora Joanira Custódio do Nascimento.

Rede 1 – Jornalistas esportivos com trabalhos escritos sobre o Corinthians.

4.1.1 - Juca Kfour: A profissionalização do futebol ocorreu no Brasil em 1933 como uma resposta absolutamente natural às mudanças que vinham ocorrendo, mas para muitos indivíduos ligados a esse esporte foi um grande impacto. De qualquer maneira era uma necessidade na medida em que atletas brasileiros estavam sendo contratados por clubes europeus.

Atualmente esse mesmo fenômeno está ocorrendo em uma escala muito maior, existe uma conversão de rota. Com o fim da lei do passe, que á grosso modo podemos comparar com a questão da escravatura no país (uma das últimas nações a abolir o trabalho escravo).

A lei do passe era um instrumento idêntico, que prendia o atleta ao clube, nesse caso o Brasil também foi um dos últimos países onde o futebol que é um esporte consagrado, a reformular completamente essa relação profissional.

O Brasil ainda mantinha a lei do passe, outro grande centro esportivo que é a Europa desde a década de noventa havia sido extinta essa legislação que deixava o atleta à mercê dos dirigentes esportivos que comandavam o clube.

Então se pensarmos na história do futebol brasileiro, o processo de profissionalização nos anos vinte e trinta e a “lei Pelé”, tiveram importância para a mudança estrutural dos clubes, que são ainda extremamente arcaicas.

Apesar de serem dois momentos distintos, o primeiro é a profissionalização, com todas as suas amarras e discussões depois à sua regulamentação no governo de Getúlio Vargas. Nossa legislação esportiva era herdeira de um período ditatorial. Nesse contexto posso comparar a Lei Pelé, com as devidas proporções a Lei Áurea desses profissionais que foram enfim sacramentados em 1933 com o reconhecimento do jogador de futebol como uma atividade profissional e depois nos anos 90, com o direito desse indivíduo de procurar as melhores ofertas e condições de trabalho.

Essa questão está relacionada à modernização do gerenciamento esportivo do país, já que defendo a transformação dos esportes profissionais e dos clubes em empresas. Isso explica o fato de ser um severo crítico do “profissional do futebol”, ou seja, do “cartola” no sentido pejorativo.

O futebol se transformou em grande negócio. Algumas pessoas afirmam que gostavam mais do futebol quando era romântico e não tinha propaganda nas camisas ou nos estádios. O João Saldanha ficava indignado com as placas de propaganda nos estádios, dizia que era poluição do espetáculo. Ele era uma pessoa esclarecida, mas isso nos dá uma idéia de qual a linha de raciocínio de dirigentes que possuem metade da capacidade intelectual do Saldanha.

O João Saldanha foi um “velho” comunista, trabalhamos juntos em alguns jornais de esquerda, por isso minha formação denota um olhar crítico sobre a estrutura antiquada que permeia nossos esportes,

Com o advento do futebol e sua transformação em uma mercadoria altamente lucrativa, chegamos em um momento que não podemos concordar que “amadores” estejam na direção dos clubes, na gestão das federações etc.

Eu sempre ponho os amadores entre aspas porque na verdade o amadorismo da nossa gestão só interessa uma parte: “o lado dos amadores que não são cobrados profissionalmente, que vivem do futebol, que enriqueceram fabulosamente a custa do futebol e que levam os clubes à ruína”.

Eu compreendo, mas não concordo e crítico incessantemente que neste mundo dos “negócios” que se transformou o futebol, não temos no Brasil uma gestão profissional de clubes e federações.

Essa gestão profissional, ainda mais com as novidades das parcerias é um fato que precisa ser revisto imediatamente, afinal somos o grande país exportador de talentos. Atualmente apareceram alguns “empresários” interessados em investir no futebol e tratam com nossa velha estrutura. O Corinthians é um grande exemplo, a empresa MSI enviou um representante (Kia) para estabelecer contatos com o presidente do clube o “senhor” Alberto Dualib, sobre uma parceria e deu no que deu... uma grande crise existe base para desconfiar sobre a origem e os interesses desses investidores.

Para começar, o presidente do Corinthians não fala uma palavra em inglês, não entende como no mundo dos negócios internacionais, são feitas as transações financeiras. É um mundo globalizado, repleto dos chamados paraísos fiscais que escondem riquezas obtidas de forma ilícita.

Como detentores de cargos importantes, presidentes de clubes que movimentam milhares de dólares anualmente, podem ainda ser indivíduos que tem uma visão e um conceito de administração ultrapassado, com horizontes limitadíssimos? São dirigentes antiquados e que não estão adaptados ao século XXI, existe um descompasso muito grande entre a necessidade de uma gestão empresarial dos clubes e a visão arcaica dos grupos que estão à frente de toda essa estrutura.

Esses dirigentes são provincianos, o Palmeiras poderia ter conquistado muito mais títulos com a parceria da Parmalat, mas o próprio presidente Mustapha Contursi e seu método de atuação como “cartola”, foi um fator prejudicial. Talvez o São Paulo e o Santos sejam um pouco mais profissionais no trato administrativo.

De um modo geral, os dirigentes são provincianos e esse é o quadro do futebol brasileiro, por isso inúmeros clubes considerados grandes, estão em uma situação de penúria.

Se você comparar com a Europa, vai perceber que remanescem nomes que datam dos anos de 1960 e 1970, mas a gestão, os conselhos administrativos estão nas mãos de uma geração mais nova. Então digamos, o título honorífico pode estar com os “velhinhos”, mas quem dirige é o pessoal da nova geração, que administra profissionalmente e de maneira transparente.

Claro que isto não é a resposta para acabar com a corrupção no futebol, porque a corrupção ocorre em todas as áreas, mas é necessário ter o mínimo de instrumentos para controlar isso. Pelo menos ter a consciência de que não se pode matar a galinha dos ovos de ouro.

Cada clube tem uma feição própria, sempre acreditei que o Corinthians era historicamente o mais popular da capital, o time de massa. Nos anos vinte e trinta não existiam pesquisas, era uma coisa mais de “olhômetro”.

Nas décadas de 40 e 50, talvez a frequência nos estádios fosse maior eventualmente de indivíduos de descendência italiana e espanhola, com poder aquisitivo mais alto que o “povão”, que então era ligado ao Corinthians. Não há dúvida que há um fenômeno de crescimento corintiano nos anos do jejum, quer dizer 1954-1977, tem uma coisa meio masoquista do torcedor, da paixão pelo Corinthians.

Desde criança, nunca se discutiu quem é que tinha maior torcida em São Paulo. E a torcida do Palmeiras acabou sendo superada pela do São Paulo, por isso é surpresa o comentário sobre os jornais apontarem em 1942, que o Palestra Itália fosse um clube mais popular que o Corinthians.

O Corinthians tem essa marca de o time mais brasileiro, mas é interessante que o próprio nome contradiz essa tese, já que é de origem inglesa.

Meu pai tinha certo orgulho, minha paixão pelo Corinthians foi herdada dele, que sempre comentava:

- clubes brasileiros não precisam de jogadores estrangeiros. O nosso jogador é o melhor do mundo.

Meu pai não era um nacionalista, dizia pelo sentido do futebol brasileiro não ter necessidade, pela qualidade dos atletas de importar jogadores. Isso remete a discussão de hoje sobre a “argentinização” do Corinthians, que acredito ser uma questão perigosa, porque está virando uma discussão xenófoba.

Contratam-se grandes jogadores estrangeiros, ótimo... acho ruim que tantos atletas brasileiros estejam atuando na Europa, porque gostaria de vê-los aqui no País, mas as pessoas não criticam a “brasileirização” do Barcelona, o time da Catalunha. Ele, possui um apego

muito grande as suas tradições, mas você não encontra catalães de um modo geral, criticando os craques estrangeiros.

Meu pai é brasileiro e meu avô era libanês, trabalhava como caixeiro viajante. Mas sobre as questões que estão ligadas aos processos do governo Vargas contra alguns imigrantes, o Lourenço Diaféria, tem algumas informações sobre o assunto, aborda inclusive a deposição de diretores do Corinthians nesse período. Mas é um tema que não tenho grande conhecimento, apesar de ter despertado minha atenção.

4.1.2 - Celso Dario Unzelte: Nasci em 27 de fevereiro de 1968, sou jornalista formado desde 1989 e parte desse tempo atuando no campo dos esportes, no futebol e mais especificamente na sua história. Ser corintiano está relacionado à tradição paterna. O Corinthians em suas origens foi um clube de operários, fundado por cinco trabalhadores do Bom Retiro e que possuía características eminentemente populares. Rapidamente se transformou em um clube importante e podemos perceber esse fenômeno, quando clubes de várzea foram batizados em sua homenagem e não mais aquele clube inglês com o mesmo nome.

É importante destacar que nos seus primeiros anos de vida, surgiu uma crise com a federação, pois com o seu crescimento não havia mais espaço em um campeonato de várzea, assim foi aceito na LPF após um pequeno torneio eliminatório. Em seu interior conviveram e convivem grupos sociais muitos distintos, mas lembremos que atualmente é cobrado um valor em dinheiro dos torcedores para assistirem os jogos treino, que significa uma outra relação com o time.

O clube tem em sua história períodos de grande sacrifício, essa marca é muito importante, pois existem versões que atribuem o crescimento de sua torcida ao “jejum” de 1955-1977, mas também tivemos outro período sem conquistas (1941- 1951) são dez anos que o clube não venceu nenhum torneio e o número de simpatizantes aumentou.

Tem uma passagem muito interessante no livro do Boris Fausto, que narra a sua infância no bairro do Pacaembu, os pais eram comerciantes imigrantes judeus e lembra que nos anos 40, costumava ir com os amigos até o Pacaembu vibrar com a entrada em campo dos times, já que durante muitos anos o São Paulo e o Corinthians não venciam muita coisa. Então porque a vibração? O futebol tem uma mística muito importante, onde a derrota ou a falta de vitória, não é suficiente para um indivíduo abandonar o clube

Os fluxos migratórios para São Paulo, propiciaram o aumento do número de torcedores, mas antes desse fenômeno tivemos os imigrantes espanhóis, que dominaram o clube durante algum tempo. O Corinthians é na verdade um caldo de cultura, já que havia ainda os portugueses e os italianos que estiveram presente na sua fundação até a criação do Palestra Itália.

Mas não podemos considerar o Palmeiras como uma dissidência do Corinthians, é um grupo de italianos que por ventura talvez até tenham pertencido aos quadros do Corinthians, mas você não tem nomes. De concreto existe apenas o caso do jogador Bianco Gambini, campeão pelo Corinthians (1914) e que foi o autor do primeiro gol da história palestrina.

Em termos de mídia, os jornais reforçaram a imagem de “sofredor” nas épocas de jejum, principalmente entre 1954-1977. O Corinthians teve uma exposição muito grande na imprensa, mediante um fato negativo que é não ser campeão. Interessante que a falta de conquistas possibilitou uma exposição maior do que se por ventura tivesse conquistado vários títulos. Isso ocorreu porque anualmente, quando se iniciava o campeonato paulista, os jornalistas perguntavam: Será dessa vez que o Corinthians vai ser campeão?

Podemos lembrar de algumas marchinhas de carnaval: “doutor eu não me engano, meu coração é corintiano”, que faziam grande sucesso, principalmente por ser um período ditatorial em que era proibido utilizar temas políticos, então as composições se inspiravam em outros fatos, principalmente para o campo do anedotário, do qual fazia parte a situação do Corinthians, que era motivo de chacotas....mas criava um dilema: falem mal, mais falem de mim. Dessa forma era divulgado o “jejum” corintiano e cada vez os torcedores (e os adversários) ficavam na expectativa. Será esse ano que vamos ser campeões?

Hoje é muito difícil você escrever um texto sobre os vinte e cinco anos do título de 1977 e explicar para os jovens que o título paulista era tão comemorado e importante quanto um título mundial. O futebol criou uma “cultura futebolística”: o que é ser corintiano? Os clubes possuem suas características culturais, feições próprias: o Grêmio é raça, o São Paulo tem um futebol bonito, o Palmeiras é cadenciado e o Corinthians é aquele drama do último minuto, do último lance..., as gerações passam e até hoje quando vou a um estádio de futebol fico sentado esperando o gol até o último minuto, como meu pai fazia há cinquenta anos atrás. Ficou aquela história que para o Corinthians, o título é sempre mais sofrido.

Meu pai era corintiano, somente minha filha não atendeu essas orientações e virou são-paulina, mas o futebol tem muito desse fenômeno: o pai sempre quer que o filho herde essa paixão pelo clube. E o corintiano tem essa marca muito forte, que é viver intensamente as alegrias e tristezas do clube. Como é a maior torcida de São Paulo, temos representantes em todas as classes sociais. O Flamengo é um fenômeno nacional e o Corinthians, acredito que é mais regional, entretanto tem essa coisa “maluca”, é um clube muito lembrado, porque parece o “malufismo”, como sempre é candidato, quando tem eleição é bem cotado, mesmo que perca todas. O Corinthians tem algo parecido, por ser um clube sempre exposto na mídia, também é o mais lembrado, quando se fala do futebol paulista.

A colônia sírio-libanesa teve por muito tempo o Esporte Clube Sírio que parou de jogar futebol em meados dos anos 30, mas no basquete obteve grandes conquistas na década de setenta. Essa colônia ficou órfã de futebol, pode-se perceber que muitos atletas que jogaram no clube nos anos 30 eram da baixada santista (que não possuía clubes de prestígio) e também abriu as portas para as pessoas de origem árabe, como o goleiro Tufy (goleiro galã) e o Cury que tem parentesco com o presidente do Santos, Atiê Jorge Cury. Então jogadores como esses que foram marcantes, acabaram atraindo a simpatia da comunidade árabe para o Corinthians.

Mesmo empresários que não gostavam de futebol, viam na doação para o clube uma estratégia de marketing. Era um mecenato que retornava como prestígio, por isso alguns empresários árabes como os Nagib, Salen e Itufiqui contribuíram para a melhora do Parque São Jorge. Na formação do clube dificilmente encontramos algum árabe, essa comunidade vai estar presente, vinte anos depois, principalmente filhos de libaneses, que encontramos até hoje. Portanto acabaram fazendo companhia aos espanhóis e italianos. De acordo com a lenda: “os bons italianos ficaram e os maus foram para o Palestra”.

Existe um pessoal muito antigo que ainda está no parque São Jorge, inclusive desfrutando de prestígio como Nesi Cury, um árabe de 80 anos, mas não podemos esquecer o Whadi Helu, que foi uma figura muito marcante.

O futebol também sempre teve uma ligação política, nos anos 1930 e 1940 ficou famoso o presidente Manuel Corracher, um administrador vencedor e que ganhou os títulos de 1937, 1938 e 1939. Gozava de certa influência nos “bastidores” e cunhou uma célebre frase: “con razón ou sin razón, Corinthians ten siempre razón”.

O Lourenço Diaféria abordou essa questão em seu livro. Em 1942 realmente ocorreu uma intervenção que atingiu as federações esportivas, os bastidores do poder, que desencadeou uma disputa política e que acabou sendo afetado pelo decreto presidencial que proibiu a participação de estrangeiros na direção dos clubes. O mesmo ocorreu com o Jabaquara (antigo Espanha). Alguns elementos descontentes aproveitaram essa situação para derrubar o Manuel Corracher, que era espanhol e esse embate deixou algumas marcas internas.

Escrevi os almanaques do Palmeiras e do Corinthians publicados pela Editora Abril Cultural. Ao escrever o do Palmeiras, me lembrava de todos aqueles jogos (que eu acompanhava para torcer contra, quando era garoto), queria saber onde o Palmeiras estava jogando. Esta é uma relação que eu não tive com o São Paulo. Um grande amigo de nome Marcelo Cirillo, que é médico e historiador amador do Palmeiras, afirma que em 1942 quando ocorreu a mudança de nome, realmente aconteceu à pressão do São Paulo, que hipoteticamente estaria interessado no terreno do Parque Antártica, na medida em que o Canindé (que o São Paulo se apropriou e hoje é da Portuguesa) pertencia a um clube alemão chamado Guarany, que depois mudou de nome, era um clube de ginástica e o São Paulo sonhava em repetir o mesmo feito em relação ao Parque Antártica.

O Palestra Itália havia alterado seu nome para Palestra de São Paulo, mas a palavra Palestra (que é de origem grega) estava tão associada ao Palestra Itália, que todos identificavam como uma referência aos italianos. A segunda alteração, pois as autoridades não estavam satisfeitas com a primeira, levou a mudança para Sociedade Esportiva Palmeiras, uma vez que faz referência a uma árvore tropical e também a um clube que já existia a Associação Atlética das Palmeiras.

Existem algumas indicações de que a postura do Corinthians foi exatamente ao contrário, parece que correu um jogo para arrecadação de fundos e o Corinthians foi o único clube que mandou seus representantes, justamente por causa das raízes históricas, pois ainda havia muitos italianos no Corinthians que não aceitavam essa posição e a pressão sobre o Palmeiras.

Mas acredito que uma das maiores, senão a maior epopéia de um clube brasileiro foi à tomada do Rio de Janeiro em 1976. Devemos lembrar que ir para Santos naquela época era terrível, por causa das estradas. imagina então o Rio de Janeiro! Quantas famílias tinham

carro? Era raro. Foram setenta mil pessoas que tomaram literalmente o Maracanã, nas condições da época.

Dos fundadores do Corinthians, talvez o único que consiga contato é com a família do Antônio Pereira, que foi o último a morrer, era um pintor de paredes. Entretanto com o crescimento do clube, principalmente para ser aceito nas competições oficiais, era necessário o apoio de figuras socialmente aceitáveis, quer dizer, gente com dinheiro. Surgiram nesse cenário, indivíduos como o Dr. Ricardo Oliveira que depois foi presidente e o Dr. João Batista Maurício que é um dentista, também depois presidente do Corinthians. Existe também a atuação do Alcântara Machado (pai do Antônio Alcântara Machado) que foi considerado “Presidente de Honra do Corinthians” e tem uma foto na galeria dos presidentes. Foi ele, que encaminhou as negociações junto a Prefeitura de São Paulo, para que o Corinthians conseguisse o aluguel do seu primeiro campo que é a Ponte Grande, onde hoje está localizada a Ponte das Bandeiras. Então são figuras que foram entrando justamente para viabilizar aceitação do clube, pessoas como os irmãos Toledo Pizza, que eram médicos e oriundos de uma família importante da capital.

No Palmeiras também ocorreu uma situação semelhante, inclusive devido sua localização privilegiada e a relação que teve com a família Matarazzo. O apoio de membros desse clã contribuiu para compra do terreno, reforma e outros melhoramentos que foram feitos com o auxílio também de outros associados bem posicionados financeiramente, claro que de origem italiana. Que de certa forma, é que aconteceu durante muito tempo com a Portuguesa.

Naquela época havia os benfeitores, pessoas que colocavam dinheiro no clube e emprestavam seu prestígio, hoje essa situação mudou, o futebol é um negócio. Acontece, que determinados indivíduos estão se beneficiando dessa relação, principalmente dirigentes inescrupulosos.

O futebol não é apenas uma forma de lazer, ocorreu uma grande transformação e os dirigentes sabem disso, mas falta capacidade administrativa e visão estratégica. São administrações antiquadas e que tem contribuído para o processo de falência dos clubes. Os diretores não são remunerados, o que é um erro, pois não podemos cobrar dele uma posição profissional, quando deveria ser uma atividade integral, por isso temos essa relação amadora.

O mesmo ocorre com os jovens talentos (dos times de base), rapidamente esses meninos estão presos a um empresário. Qual o problema? Não ocorreu o fim da lei do passe? Mas é necessário adequarem-se as leis, estrutura-los, escolher pessoas capacitadas para acompanharem os garotos e criar uma relação que permita ganhos satisfatórios para os dois lados.

Quando o Corinthians comprou o Sócrates, gastou uma fortuna, mas em alguns jogos houve recordes de renda e rapidamente estava pago o montante usado no investimento. Atualmente a bilheteria não é mais importante, foi substituído por outras fontes, como direitos de televisão, de marketing, venda de produtos, existe um grande potencial para ser explorado. Falta profissionalização do “gerenciamento esportivo”.

Rede 2- Torcedores associados e não associados que conviveram com a memória familiar e a tradição do clube.

4.1.3 - Ernesto Cassano e Janete Perrota Cassano.

Ernesto Cassano: Nasci no Cambuci em 22 de setembro de 1940 e estudei grande parte da minha infância no Colégio Nossa Senhora da Glória. Morei nessa região até 1960, quando me mudei para o bairro da Aclimação.

Minha família viveu muito tempo junto, morávamos todos em uma casa muito grande no Cambuci, perto de uma chapelaria extremamente conceituada na época, a Ramenzoni, que vendia palhetas, chapéus e bonés.

A primeira vez que fui ao estádio de futebol, estava com meu tio, o Luiz Del Greco que era casado com a irmã do meu pai e eu devia ter aproximadamente dez anos. Mas era uma partida do Palmeiras e pensei comigo, ele está querendo me desviar, afinal como meu avô e meu pai, eu também torcia para o Corinthians. Então, percebi que meu coração já havia decidido, era realmente corintiano.

Na minha família, havia uma rivalidade, já que esse meu tio e um primo (que infelizmente viajou), pois possui uma memória melhor que a minha e poderia lembrar de muitas passagens. Enfim, era uma briga saudável, por exemplo, em dia de jogo do Corinthians e Palmeiras, na segunda-feira o quintal da casa estava cheio de jornal estampado para todo lugar, era o meu tio que protagonizava essas galhofas. Mas ele ficava bravo quando o Palmeiras perdia. Entretanto quando o derrotado era o Corinthians, ficava provocando com pequenos gestos. Isso era coisa de família, esse meu primo é muito corintiano, mas os outros puxaram o pai.

O meu avô, o Ernesto Cassano (era napolitano) foi presidente do Corinthians, acredito que se tornou associado do clube em 1915 e exerceu várias funções, como vice-presidente, tesoureiro, diretor e foi uma vida de muita dedicação. Por essa razão, temos muitas fotografias, jornais, cópias de documentos e cadernetas. Ele era uma pessoa muito zelosa e participou ativamente da vida social e política do Corinthians até 1940, quando ficou doente e aos poucos teve que se desligar. Ele faleceu em 4 de novembro de 1954 e a *Gazeta Esportiva* prestou uma homenagem nessa data, ao publicar uma nota sobre os considerados grandes benfeitores do clube, Shuring, Giacomelli, Cassano e Bandechi. Tenho esse artigo no álbum, foi escrito pelo Tomás Mazzoni. Em 1974, eu e minha esposa fomos convidados para uma solenidade no Corinthians, era uma placa em homenagem ao meu avô, pois foi na sua administração que se iniciou a compra do Parque São Jorge.

Janete Perrota Cassano: Foi um jantar muito elegante, aliás nossa família sempre teve uma relação. Meus parentes, a maioria sempre foi palmeirense. O primeiro que imigrou para o Brasil, foi Michel Arcanjelo Perrota, meu avô. Já meu pai, Savério Perrota, casou-se com Maria Ripalda, que havia conhecido no navio. Eu e o Ernesto nos casamos em fevereiro de 1961.

Ernesto Cassano: Meu pai Domingos Cassano, na realidade nunca se interessou muito pelo futebol e todos esses arquivos que foram passados para mim é uma herança de família. Mas como meu avô, dedicou muito de sua vida para o clube, a família ficou em um segundo lugar, fato que marcou bastante meu pai. Afinal, quando meu avô deixou de frequentar o clube, já estava doente e veio a falecer pouco tempo depois. Talvez por isso, papai não teve relação afetiva com o Corinthians, mas guardou todos os álbuns do meu avô.

Essa situação refletiu em certa distância do meu pai com o clube, até que gostava do Corinthians, mais acredito que sou uma figura mais fanática que ele, pois embora corinthiano, a vida toda teve um resquício, talvez uma pequena mágoa, pois a relação do meu avô com o clube, ocupava em demasia seu tempo e isso o distanciou da família. Papai, muito jovem ainda, assumiu a responsabilidade de toda a família.

O meu avô é um nome respeitado até hoje no clube, quando eu era criança, ficamos algumas vezes hospedados em uma pensão no litoral, que pertencia a um jogador chamado De Maria, que foi amigo do Almir Barbury, mas isso foi por volta de 1950.

O Corinthians foi um rival para a família de papai, mas mesmo assim, guardaram todo o acervo que havia sido colecionado. De vez em quando releio esse material e aos poucos descobri coisas interessantes e que nos esclarece mais sobre a sua história. Podemos perceber por exemplo, que nesses primeiros documentos o símbolo era diferente e que foi

modificado. Mas havia outras questões, como algumas agremiações só podiam entrar pessoas de alto nível, não queriam aceitar que o Corinthians participasse dos campeonatos oficiais, pois era um clube de várzea. Então com muito esforço conseguiu disputar o certame e ao contrário do que pensavam acabou sagrando-se vencedor. Acredito que começa nessa história a idéia de ser um clube que sempre tem de superar os obstáculos para atingir sua meta.

CAPÍTULO 5

SPORT CLUBE CORINTHIANS PAULISTA E SOCIEDADE ESPORTIVA PALMEIRAS: INTERVENÇÃO E NACIONALIZAÇÃO.

5.1 – FUTEBOL E POLÍTICA :OS ANOS DE 1939-1942

Em 1939, os ecos do conflito na Europa chegaram de imediato ao Brasil. Mesmo que fosse um assunto do além-mar, as comunidades étnicas no país, que estivessem indiretamente envolvidas, como alemães, italianos, franceses, ingleses, poloneses ou judeus, entre outros, buscaram nos jornais e nos noticiários radiofônicos informações sobre o desenrolar da guerra.

O Brasil não esteve implicado nesses primeiros anos de violência, que rapidamente se transformou em um conflito de proporções mundiais, mas, pela importância das nações litigantes, tornou-se um tema de discussão e de posicionamentos ideológicos diferentes no público brasileiro.

Os jornais analisados neste trabalho permitem afirmar que, até 1942, não havia, por parte da mídia impressa paulista, uma campanha contra ou favor de um dos lados beligerantes, situação essa que se modificou a partir do rompimento diplomático brasileiro com os países do Eixo em 1942.

Na fase de 1939-1941, não encontramos pronunciamentos das autoridades ou parcialidade das matérias veiculadas, visto que o governo brasileiro era um mero observador, mesmo que, no seu interior, ministros e notários estivessem divididos em suas preferências.

Pela expressiva importância da comunidade germânica e italiana no país em relação ao pequeno número de ingleses e franceses, é natural que uma parcela da população estivesse com seus sentimentos aflorados e que sua simpatia a levasse a torcer pelo país de origem. Possivelmente as instituições e clubes ligados a essas comunidades abrigavam em seu interior grupos mais exaltados e que provavelmente fizeram propaganda de sua causa¹¹⁰.

O governo federal, de acordo com algumas medidas legais preventivas, havia estabelecido a proibição de atividades políticas aos estrangeiros no país, mas permitiu que estes pudessem, em suas associações e escolas, celebrarem as datas nacionais, como estipulou o Decreto-Lei nº 383 de 18 de abril de 1938:

¹¹⁰ No capítulo dois, pudemos observar alguns casos em que os indivíduos processados pelos **DEOPS** alegavam que eram favoráveis ao Eixo, até o rompimento das ligações com o Brasil.

Veda aos estrangeiros a atividade política no Brasil e dá outras providências.

Art.1º - Os estrangeiros fixados no território nacional e os que nele se acham em caráter temporário não podem exercer qualquer atividade de natureza política nem imiscuir-se, direta ou indiretamente, nos negócios públicos do país.

Art. 2º - É lhes vedado especialmente:

1)Organizar, criar ou manter sociedades, fundações, companhias, clubes e quaisquer estabelecimentos de caráter político, ainda que tenham por fim exclusivo a propaganda ou difusão, entre os seus compatriotas de idéias, ações ou normas de partidos políticos do país de origem.

Art. 3º - É lícito aos estrangeiros associarem-se para fins culturais, beneficentes ou de assistência, filiarem-se a clubes e quaisquer outros estabelecimentos com o mesmo objetivo, bem assim reunirem-se para comemorar suas datas nacionais ou acontecimentos de significação patriótica.¹¹¹

Essa situação se alterou com o desenrolar do conflito, como indicou Ana Dietrich (2007) em sua tese sobre a “tropicalização do nazismo”, que vem ao encontro dos trabalhos de João Fábio Bertonha (1999) e Viviane Terezinha (2000). Esses autores admitem uma guinada no direcionamento das atividades do DEOPS em relação aos grupos de orientação fascista e nazista, principalmente a partir da eclosão da Segunda Guerra Mundial.

Nesse ponto se inicia uma parte importante na história da Sociedade Esportiva Palmeiras e do Sport Clube Corinthians Paulista, que está ligado ao Estado Novo e o envolvimento do Brasil na Segunda Guerra. Esse último fato influenciou algumas medidas que impactaram a estrutura política nacional, dentre as quais podemos ressaltar as diversas atitudes que objetivaram o fortalecimento do nacionalismo, mediante ações políticas, administrativas, culturais e econômicas, acompanhadas de uma série de medidas legislativas, que atingiram inclusive os esportes.

Em 1938, algumas decisões tomadas pelo governo Vargas afetaram as colônias imigrantes no país. No Rio Grande do Sul e Santa Catarina, onde estavam concentrados colonos alemães, algumas normas e leis foram regulamentadas, como a proibição de propaganda política estrangeira, obrigatoriedade do ensino em português nas escolas primárias, e exigiu-se que todas as escolas adotassem um nome luso-brasileiro. A imprensa nipônica foi banida, revistas e livros foram apreendidos pela polícia, e o mesmo destino teve os jornais italianos. Essas medidas estabelecidas pelo decreto de abril de 1938 tinham por

¹¹¹ Legislação federal in: Revista Forense, maio de 1938.

princípio a busca da homogeneidade nacional, e a nova Constituição, no seu segundo artigo, proibiu qualquer atividade política, contrária aos interesses do Estado.

Observando os decretos presidenciais, podemos encontrar algumas pistas sobre o processo lento e paulatino, que aos poucos foi cerceando a vida social dos estrangeiros no país, como Decreto-Lei nº406, que, dentre outros temas, legislou sobre a entrada de imigrantes no Brasil, mas também regulamentou o uso de nomes em empreendimentos particulares:

Decreto Lei nº406 de 4 de maio de 1938

Dispõe sobre a entrada de estrangeiros no território nacional.

Capítulo VIII

Art.42- Nenhum núcleo, centro ou colônia, ou estabelecimento de comércio ou indústria ou associação nelas existentes, poderá ter denominação em idioma estrangeiro.¹¹²

Essa ordem não se aplicava aos clubes de futebol ou empresas que funcionavam externamente aos núcleos de colonos, por isso podemos admitir que as determinações legais de 1941 e 1942, que obrigaram, entre outros, a nacionalização do Palestra Itália, foram possíveis, porque nesse período o peso da Segunda Guerra e o rompimento com o Eixo trouxeram em definitivo a construção de um inimigo externo (países do Eixo) e interno (súditos do Eixo), que contribuíram na ampliação do discurso e na radicalização de uma política nacionalista.

Nos dois primeiros anos do conflito mundial, Palestra Itália e Corinthians estavam centrados em suas disputas esportivas e indiferentes como entidades aos assuntos políticos externos. Era uma situação idêntica aos outros clubes, que possuíam quantidade expressiva de associados de origem imigrante, que gozavam de plenos direitos associativos. O desenrolar da guerra trouxe reflexos diretos para essas pessoas e clubes, incluindo importantes alterações na estrutura administrativa em submissão aos imperativos decorrentes do posicionamento brasileiro na Segunda Guerra Mundial em 1942, que culminou na nacionalização dessas instituições.

O Corinthians, desde 1935, tinha como presidente o espanhol Manuel Correcher e até aquela data, nenhum dirigente do clube havia ficado tanto tempo no cargo, foram seis anos consecutivos, com inúmeras conquistas.

¹¹² Legislação Federal in: *Revista Forense*, maio de 1938.

Provavelmente o seu estilo “popular”, aliado às frases de efeito, tenha colaborado para que ficasse marcado como um presidente folclórico, que, de certa forma, tornou-se uma característica do clube, que contou, em seus quadros administrativos nas décadas seguintes, com personagens como Alfredo Inácio Trindade e Vicente Matheus, que contribuíram, entre outros fatores, para consolidar a identificação do Corinthians como um clube popular.

Os títulos obtidos pela administração Correcher apaziguaram a grande torcida corinthiana e não encontramos por parte dela, pelo menos nos jornais analisados, referência a críticas ou hostilidades ao presidente. Essa relação não foi tão bucólica nos bastidores político do clube, que nos faz levantar a hipótese de que a queda do presidente Alfredo Shurig, em 1933, não foi resultado exclusivo das sucessivas derrotas nos gramados esportivos, mas teve como ponto nevrálgico o embate entre grupos pelo domínio do clube, fato que continuou presente na política interna de forma tão ostensiva, que resultou na intervenção pelas autoridades em 1941.

O Palestra Itália, nesse mesmo período (1935-1941), teve como dirigentes máximos Rafael Parisi e Ítalo Adami, este esteve envolvido na transição em 1942, para Higino Pellegrini, que vivenciou a mudança do nome para Sociedade Esportiva Palmeiras, que, de certo modo, foi um fator de união entre dirigentes, sócios, jogadores e torcedores em defesa do clube.

O processo de intervenção\ nacionalização foi vivenciado de maneira oposta pelas duas equipes; enquanto, no Palestra Itália, foi erigida uma saga vencedora em relação aos atos opressores do Estado e se transformou em um episódio digno de lembrança, no Corinthians esse mesmo fenômeno esteve pautado pelo apagamento.

Numa análise na documentação disponível na Federação Paulista de Futebol e nos jornais da época, percebe-se que foram os dois clubes mais importantes no cenário estadual e gozavam de grande influência nos bastidores esportivos. Equipes como o Santos, São Paulo e Portuguesa, raramente conseguiram na década de 1930 se oporem a essa dupla de ferro, pelo menos até 1943, quando essa hegemonia foi definitivamente quebrada.

Esse predomínio no campo pode ser dimensionado se utilizamos como exemplo apenas as ligas em que ocorreu a participação dos dois clubes, entre 1920 e 1939, cujos campeões foram: 1920–Palestra Itália; 1921–Paulistano; 1922, 1923 e 1924–Corinthians; 1925– São Bento; 1926 e 1927–Palestra; 1928, 1929 e 1930–Corinthians; 1931–São Paulo da Floresta; 1932, 1933 e 1934– Palestra; 1935–Santos; 1936– Palestra; 1937, 1938 e 1939–Corinthians.

Também se disputavam com entusiasmo os campeonatos envolvendo os chamados segundos quadros, em que podemos conferir que, entre 1920-1939, Palestra e Corinthians também mantiveram uma hegemonia: 1920–Palestra; 1921–Corinthians; 1922 e 1923–Palestra;

1924,1925 e 1926-Corinthians; 1927, 1928,1930,1931,1932-Palestra; 1933-São Paulo da Floresta; 1934-Palestra; 1935-Santos; 1936-não ocorreu; 1937-São Paulo Raywail; 1938-São Paulo FC; 1939-Corinthians.

A Copa do Mundo de 1938 na França foi um marco para o futebol brasileiro, pelo fato de justamente ter conseguido, pela primeira vez, a formação de uma equipe que venceu o bairrismo e os interesses das federações, em prol de uma unidade nacional, bem ao estilo da proposta de integração do Estado Novo.

Não sabemos exatamente até que ponto a seleção brasileira foi usada como objeto de propaganda do governo sobre uma pretensa integração, mas fato importante é que os jornais e os analistas esportivos defenderam essa versão e o selecionado nacional, assim como os jogos disputados receberam ampla cobertura da imprensa.

O selecionado foi formado majoritariamente por atletas que atuavam no Rio de Janeiro, excetuando quatro que eram ligados a clubes paulistas. Não houve a convocação de nenhum jogador mineiro, baiano ou gaúcho, pode-se argumentar que os melhores estavam em clubes cariocas, que justificaria essa primazia. A seleção brasileira adquiriu por iniciativa do Estado o *status* de símbolo da integração nacional, inclusive mediante pressões sobre as ligas e confederações.¹¹³

Ao visualizar o samba, o futebol e o carnaval, como elementos constitutivos da identidade nacional, foi traçada uma política que atendesse ao objetivo de fomentação e controle do governo sobre essas expressões culturais.

Em seu trabalho sobre o carnaval, José Carlos Sebe (1986) discorre sobre a institucionalização das escolas de samba em 1935 e a padronização do espetáculo nos anos seguintes. Nesse mesmo sentido, Antonio Pedro Tota(2000) e Rooney Cytrynowickz(2000), em relação ao samba, destacaram o processo de domesticação que ocorreu, notadamente na adequação das letras para alguns temas pertinentes aos interesses do Estado. E mesmo a capoeira, que havia sido uma marca de resistência ao sistema escravocrata, foi incorporada como um símbolo nacional.

O futebol não escapou a essa sina; nesse sentido, esteve inserido em um projeto mais ousado por parte do governo Vargas, o controle sobre amplos aspectos da vida cultural do país, criando-se mecanismos necessários para atingir essa meta. Jorge Helal (1997, p.50)

¹¹³ **Goleiros:** Batatais (Fluminense) e Walter (Flamengo) **Zagueiros:** Domingos da Guia (Flamengo), Jaú (Vasco), Machado (Fluminense) e Nariz (Botafogo) **Médios:** Zezé Procópio (Botafogo), Brito (América-RJ), Martin Silveira (Botafogo), Brandão (Corinthians), Afonsinho (São Cristóvão) e Argemiro (Portuguesa Santista) **Atacantes:** Roberto (São Cristóvão), Lopes (Corinthians), Romeu Pelliciani (Fluminense), Luizinho (Palestra), Leônidas da Silva (Flamengo), Niginho (Vasco), Perácio (Botafogo), Tim (Fluminense), Hércules (Fluminense) e Patesko (Botafogo) **Técnico:** Ademar Pimenta

aponta que nessa época o futebol tornou-se o símbolo maior de integração nacional e uma das importantes fontes de identidade cultural do país.

As disputas entre clubes e federações eram um problema em relação ao qual as autoridades, no período do Estado Novo, resolveram encontrar uma equação, visto que no discurso oficial a educação física e as práticas esportivas eram temas candentes.

Dentre as primeiras medidas do Estado Novo em relação aos esportes, destacou-se o Decreto-Lei 526\1938 referente à criação do Conselho Nacional de Cultura, no qual se subordinou a educação física. Posteriormente com o Decreto-Lei 3.199, instituiu-se a Comissão Nacional de Desportos.

Coube ao governo paulista um dos passos iniciais na regulamentação dos esportes, com a criação da Diretoria de Esportes do Estado de São Paulo (DEESP), que solidificou o nome do capitão do exército Sylvio de Magalhães Padilha, como autoridade máxima no cenário esportivo estadual¹¹⁴. Foi um ato ligado ao governo estadual, na figura do interventor Adhemar de Barros, que, mediante o Decreto 10.409 de 4 de agosto de 1939, oficializou os esportes profissional e amador em São Paulo.

O Doutor Adhemar Pereira de Barros, Interventor Federal no Estado de São Paulo, usando de suas atribuições e de acordo com o deliberado no Departamento Administrativo do Estado de São Paulo em seção de 10 de agosto de 1939, considerando que:

De uma orientação racional da prática de esportes, só podem advir benefícios para as agremiações esportivas atualmente existentes no Estado, considerando ainda, que ao Estado cumpre, naturalmente, orientar essa modalidade de educação física, com objetivo de concorrer para o seu maior desenvolvimento, considerando mais que, sob esse ponto de vista, é aconselhável que o Estado promova a propaganda e a mais ampla vulgarização dos esportes, a fiscalização da prática esportiva, especialmente nas competições, torneios, exibições ou reuniões em que se cobrem ingressos ou quaisquer outras taxas aos participantes ou assistentes; Finalmente, que a centralização dessas atribuições em um órgão técnico especializado permite ao Departamento de Educação Física do Estado desenvolver melhor as suas outras numerosas atribuições:

Decreta:

Artigo 1.0 - Fica criada a Diretoria de Esportes do Estado de São Paulo, diretamente subordinada a Interventoria Federal

Artigo 2.0 - À Diretoria de Esportes competirá:

- a) orientar a prática esportiva em todas as agremiações de esporte;
- c) fiscalizar a prática esportiva, especialmente as competições, torneios, ou reuniões em que se cobrem ingressos ou quaisquer outras taxas aos participantes ou assistentes;
- e) organizar e patrocinar provas, competições e exibições esportivas,

¹¹⁴ Sylvio de Magalhães Padilha era conhecido nos meios esportivos, havia sido campeão brasileiro de atletismo e representou o país nas Olimpíadas de Los Angeles (1932) e Berlim (1936). Como diretor de esportes, foi um dos personagens envolvidos diretamente nas decisões sobre a nacionalização e intervenção dos clubes paulistas em 1941 e 1942.

- f) estabelecer as condições técnicas para a construção de estádios e campos de esportes;
- h) promover o registro de todas as entidades e organizações esportivas do Estado;
- j) estudar e promover a previdência contra acidentes esportivos.

Parágrafo único - Passarão a ser de competência exclusiva da Diretoria de Esportes os serviços já existentes no Estado, que se relacionem diretamente com os estipulados nas alíneas do presente artigo.

ADHEMAR DE BARROS

Edgard Baptista Pereira.

Cassiano Ricardo

Diário Oficial do Estado (04.08.1939)

No cenário regional, outro ponto importante da relação entre política e futebol foi a construção do estádio municipal do Pacaembu, obra vultosa e que foi inaugurada na gestão do interventor Adhemar de Barros e do prefeito Prestes Maia, que contaram com a presença do presidente Getúlio Vargas e do interventor do Distrito Federal, Ernani do Amaral Peixoto, no dia 27 de abril de 1940.

Considerado o mais moderno da época na América do Sul e com capacidade para 70 mil pessoas, assim como o estádio do São Januário no Rio de Janeiro, o Pacaembu também foi palco de manifestações políticas e festas promovidas pelo governo, como nas comemorações do dia do trabalhador ou nos atos de repúdio aos ataques praticados pelos submarinos alemães e italianos em 1942.

Não foi coincidência que Palestra Itália e Corinthians tenham sido as equipes escolhidas para a inauguração dessa importante obra, representando o futebol paulista. Provavelmente a opção deveu-se à popularidade, aos títulos conquistados e à influência na federação dos dois clubes. Ironicamente os times que representaram o futebol “Bandeirante” em 1940 foram os que sofreram o processo de nacionalização em 1942, e que, dentre as apresentações de atletismo, a delegação mais entusiástica, de acordo com a mídia, foi a do Clube Germânia, outra entidade que sofreu idêntico destino.¹¹⁵

No sábado, de acordo com *O Estado de São Paulo* de 27 de abril de 1940: “... Depois da homenagem que lhe será prestada pelos prefeitos de São Paulo, o Presidente da República inaugurará hoje, às 15 horas, o Estádio Municipal de São Paulo”. No dia seguinte, *O Diário Popular* (28.04.1940) informou que: “Neste domingo, com torneios de esgrima, natação, futebol e pugilismo, iniciam-se hoje as atividades esportivas que marcam a inauguração do estádio de São Paulo... As 14 horas - futebol - No campo - Palestra Itália vs. Curytiba F.C., do Paraná, As 16 horas - E.C Corinthians Paulista vs. Club Athletico Mineiro, de Minas Gerais”.

¹¹⁵ Na inauguração do Pacaembu, realizou-se um torneio que reuniu Palestra, Corinthians, Coritiba e AtléticoMG., com a vitória dos times paulistas, a final ocorreu no domingo seguinte 05 de maio de 1940: Palestra 2 x 1, para um público avaliado em 60 mil pessoas.

O governo Vargas, de acordo com sua política centralizadora, criou um órgão tutelado pelo Ministério da Educação e Saúde, com o objetivo de fiscalizar e regulamentar a vida esportiva no país. Segundo Plínio Negreiros (1998), a oficialização do esporte, consubstanciada em abril de 1941, estava de acordo com os ideais do regime imposto em 10 de novembro de 1937, já que parcelas significativas de esportistas e educadores afirmavam que a harmonia social, a disciplina, a educação moral e cívica deveriam se constituir nos pilares básicos da organização dos esportes no país.

Com uma análise semelhante, Ronaldo Helal (1997) aponta que em 1942 os clubes de futebol se atrelaram involuntariamente ao governo federal, como parte do programa centralizador do presidente Getúlio Vargas, baseado no Decreto-Lei 3.199 de 14 de abril de 1941, que criou o Conselho Nacional dos Desportos (CND). Destaca, ainda, que entre os vários objetivos do CND, estava o de fiscalizar e incentivar a prática dos desportos no país. A sua criação colocou o futebol como uma prática importante e ao mesmo tempo construiu uma estrutura, que utilizava o futebol como parte integrada aos interesses políticos, que durou até 1988, quando foi extinta pela nova Constituição.

A imprensa acompanhou com muito interesse as medidas do governo Vargas, e o jornal *Correio Paulistano* procurou a opinião de Gastão Soares de Moura, presidente da Liga de Futebol do Rio de Janeiro, sobre as novas diretrizes:

O decreto do Presidente Getúlio Vargas veio solucionar definitivamente as complicações que enfrentávamos constantemente nos setores esportivos. Tem tudo de bom que se podia esperar. É um trabalho de valor, e os seus elaboradores merecem a gratidão de todos aqueles que vivem em contato com os esportistas. A lei traz grandes vantagens aos clubes, facilita a questão financeira das agremiações, um dos problemas que mais preocupações tem dado aos seus dirigentes. A regulamentação dos esportes... o referido decreto do Chefe do Governo, entre outras coisas benéficas, serve como barreira intransponível para os caprichos daqueles que vivem trabalhando na confusão para usufruir posições destacadas no cenário dos esportes. Agora não teremos mais receio de cisões e guerrilhas que somente entravava de forma considerável a boa marcha do trabalho em prol da elevação dos esportes brasileiros.

Correio Paulistano (14.04.1941)

A combinação futebol e projeto nacionalista é uma temática importante para nosso trabalho, porque as intervenções no Corinthians e no Palestra Itália foram possíveis graças a essa junção, que na esfera política se aprofundou com o rompimento do Brasil com os países do Eixo em janeiro de 1942.

O teor do discurso nacionalista na criação do CND em 1941 foi direcionado também na defesa dos atletas brasileiros, em face da concorrência dos jogadores provenientes principalmente da Argentina e Uruguai. Na entrevista concedida pelo presidente da federação

carioca ao jornal *O Correio Paulistano*, encontramos referência a esse tema, envolvendo a proteção dos jogadores brasileiros em relação aos seus congêneres estrangeiros que atuavam no país.

UMA OPORTUNIDADE PARA A RENOVAÇÃO DE VALORES

A campanha em prol da renovação de valores encontrava certa dificuldade nos seus objetivos. Nunca poderia ser feito um trabalho perfeito harmonioso e completo, enquanto existissem as facilidades para a inclusão de elementos estrangeiro nas equipes. O dirigente de um clube vacilava entre o jogador nacional e o estrangeiro. O elemento vindo de outras plagas oferecia oportunidade para uma maior curiosidade do público e o resultado era ser o elemento nacional deslocado para o segundo plano.

Nunca a campanha para a renovação de valores poderia chegar ao seu objetivo visado. Com a criação do Conselho Nacional de Desportos e dos benefícios que advirão, surge a oportunidade para o aproveitamento dos valores nacionais em todos os setores.

Correio Paulistano (14.04.1941)

O atleta estrangeiro deveria ter sua documentação analisada pelos órgãos federativos e do Ministério do Trabalho, que na realidade já estava expresso de maneira semelhante, quando o Estado Novo tomou as primeiras medidas de cerceamento contra os estrangeiros que se encontravam no país, mas foi a primeira vez que se imiscuiu nas atividades esportivas. Mas a convivência dos jogadores estrangeiros continuou a correr normalmente, até porque havia já uma longa tradição da contratação desses elementos nos países vizinhos.

Os meios de comunicação foram profícuos na exposição de pareceres favoráveis à criação do CND; obviamente com a censura existente, era pouco provável que eles pudessem publicar opiniões contrárias.

Em relação aos estrangeiros que possuíam cargos administrativos nessas entidades, sentiram as primeiras mudanças, na medida em que o CND legislou sobre a participação deles na vida esportiva dos clubes, como podemos perceber no artigo 23 do Capítulo II. Este definiu que, se autorizado pela confederação a que o clube estivesse filiado, não havia impedimento para o exercício de qualquer função.

O jornal *O Correio Paulistano* ofereceu ao leitor a íntegra do texto enviado pelo ministro Gustavo Capanema ao presidente Getúlio Vargas, em que expôs os motivos da necessidade da criação do Conselho Nacional de Desportos e que foi lido na cerimônia de oficialização do decreto que o criou:

...Vem todavia os desportos nacionais ressentindo-se da falta de organização geral e adequada, que lhes imprima a disciplina necessária à sua correta prática, conveniente desenvolvimento e útil influência na formação espiritual e física da juventude brasileira...Não se deve ainda esquecer a tendência verificada entre nós como em outros países, a profissionalização de grande número de atividades desportivas, fato determinado por circunstâncias imperiosas e tornado por isso mesmo inevitável, mas que precisa ser objeto da máxima atenção dos responsáveis pela educação nacional, visto como não se pode deixar de reconhecer que somente o amadorismo desportivo constitui processo educativo por excelência, merecendo portanto do governo amparo especial e orientação conveniente. É de notar também que no domínio das práticas desportivas, não raro podem implantar-se certos elementos de desnacionalização e esta verificação é de molde a exigir medidas que, eliminando tais elementos, conservem os desportos permanentemente como um dos meios de educação física da mocidade, e como uma viva expressão da energia nacional.

Por tais motivos, é que, no ano passado, tive ensejo de propor a V. exa. à criação de uma comissão especial destinada a estudar o problema dos desportos e propor ao governo um plano de sua organização. A comissão, constituída de elementos civis e militares de significativa expressão intelectual e cívica, apresentou a este ministério um valioso trabalho em que a difícil matéria foi convenientemente resolvida e disciplinada... e passem a ser como o deseja e quer v. exa. um poderoso instrumento de educação da juventude de nosso país”

O Correio Paulistano (14.04.1941)

Para Plínio Negreiros (1998), o discurso de Gustavo Capanema evidenciou que o princípio norteador do projeto para a criação do CND foi da necessidade de um órgão que fiscalizasse e regulamentasse as atividades esportivas em consonância com o projeto nacionalista e centralizador do Estado Novo.

Para os diversos clubes brasileiros que tinham sua gênese ligada à atuação de elementos de origem estrangeira, que fizeram do Brasil sua nova pátria e em muitos casos exerciam funções administrativas nessas entidades, não foi uma decisão de todo trágica, visto que existiam brechas importantes na legislação, que amparavam a sua inserção na vida social dos clubes.

Dessa forma, não havia motivos para que o Palestra Itália ou mesmo o Germânia tivessem maiores problemas com as federações, pois estavam resguardos pela lei. Assim, os problemas enfrentados pela administração de Manuel Correcher no Corinthians não podem ser justificados exclusivamente por uma questão da legislação nacionalista, como ficou marcado na história oficiosa do clube. Nessa perspectiva torna-se fundamental analisarmos por diversos ângulos o processo que esteve envolto o Corinthians e quais as causas de uma intervenção por determinação do capitão Sylvio Padilha, diretor do DEESP.

O CND é citado em diversas obras que analisaram a relação entre o governo Vargas e os esportes, mas devemos destacar, dentre os seus vários capítulos e artigos, aqueles que são

de providencial interesse para nosso trabalho e que fizeram referência aos estrangeiros, pois contrariamente ao que se propaga, não podemos considerar que fossem medidas realmente draconianas:

14 de abril de 1941

Getúlio Vargas
Gustavo Capanema

REGIMENTO DO CONSELHO NACIONAL DE DESPORTOS

CAPÍTULO I

DA CONSTITUIÇÃO DO CONSELHO NACIONAL DE DESPORTOS

Art. 1º O Conselho Nacional de Desportos (C.N.D.) tem por fim orientar, fiscalizar e incentivar a prática dos desportos em todo o país, na forma do decreto-lei n. 3.199, de 14 de abril de 1941.

CAPÍTULO II

DAS ATRIBUIÇÕES DO CONSELHO NACIONAL DE DESPORTOS

Art. 10. E' da competência do C.N.D.:

2º, superintender a prática de todas as atividades desportivas realizadas no país, assistido pelos órgãos especializados do Ministério da Educação e Saúde e com a cooperação dos conselhos regionais de desportos;

3º, vigilar o funcionamento das entidades desportivas, afim de lhes assegurar disciplina constante, administração correta e funcionamento regular;

20º, intervir, por meio de agente da sua escolha, em qualquer entidade desportiva que, comprovadamente, se tenha afastado dos princípios inscritos na legislação desportiva do país;

CAPÍTULO IX

DAS DISPOSIÇÕES GERAIS E TRANSITÓRIAS

51º As diretorias das entidades desportivas serão compostas de brasileiros natos ou naturalizados, os seus conselhos deverão constituir-se de dois terços de brasileiros natos ou naturalizados pelo menos

Parágrafo Único: Poderá o Conselho Nacional de Desportos abrir exceção para o estrangeiro radicado no país, com relevantes serviços prestados à comunidade brasileira em geral ou aos desportos nacionais em particular.

...autorizar a participação de estrangeiros na administração das entidades desportivas, mediante informação da confederação a que estiverem filiadas por maior número de desportos;¹¹⁶

Até essa data, parecia que o governo havia resolvido a situação esportiva brasileira, ao criar um órgão específico para o seu controle e organização, inclusive com relação aos estrangeiros que participavam dos diversos clubes no país. Lembremos que a legislação

¹¹⁶ Conforme o *Diário Oficial da União* (16-04-1941), disponível em sua íntegra no Senado Federal (serviços de informação) ou no www.cesec.org.br, que é um resumo do DOU.

estivera se ocupando desses casos, como o já citado Decreto-Lei nº 383 de 18 de abril de 1938, no qual podemos encontrar no seu terceiro artigo:

Art. 3º - É lícito aos estrangeiros associarem-se para fins culturais, beneficentes ou de assistência, filiarem-se a clubes e quaisquer outros estabelecimentos com o mesmo objetivo, bem assim reunirem-se para comemorar suas datas nacionais ou acontecimentos de significação patriótica.

Ou mesmo o CND que em seu parágrafo 23º do Capítulo II :

23º, autorizar a participação de estrangeiros na administração das entidades desportivas, mediante informação da confederação a que estiverem filiadas por maior número de desportos;

Percebemos que o citado parágrafo admite a possibilidade de diálogo e negociação com os clubes, cujos dirigentes fossem estrangeiros, esta situação só foi alterada a partir do ataque japonês a Pearl Harbor e a constituição da aliança Brasil-Estados Unidos. Nessa fase, a conjuntura se modificou e as leis se endureceram em relação aos estrangeiros, principalmente aos súditos do Eixo, fato que atingiu associações, empresas e clubes, como o Palestra Itália e Corinthians, este já sob processo de intervenção¹¹⁷.

Independentemente dos novos critérios que passaram a nortear os esportes, os certames transcorreram sem maiores traumas, o campeonato paulista de 1941 foi disputado entre os meses de março e outubro, período em que, apesar de todos os problemas políticos, o Corinthians sagrou-se campeão.

A última partida da equipe foi justamente contra o Palestra Itália. Bastava um empate para atingir a marca de vinte e três jogos sem perder, já que o título estava assegurado desde a penúltima rodada. O jornal A Gazeta anunciou o embate em que se esperava grande concorrência do público, pois se o Palestra não podia impedir a conquista de mais um título pelo seu rival, pelo menos manteria a taça dos invictos.

Mais uma vez se enfrentam as equipes do Palestra e Corinthians...se o Palestra não tem mais como alcançar o título, pode ao menos, oferecer a sua torcida a manutenção da taça de invencibilidade...ao Corinthians, que realizou uma campanha brilhante, pode entrar para a história do campeonato com uma dupla vitória, o título de campeão invicto.

A Gazeta (12.10.1941)

Mesmo derrotado, o Sport Clube Corinthians Paulista obteve o título paulista e a entidade realizadora desse campeonato, a Federação Paulista de Futebol, havia sido reorganizada em dezembro. A classificação final do campeonato desse ano apontou nas

¹¹⁷ Ver Portaria 942 do CND/DEESP de 03.02.1942, citado nesse capítulo.

primeiras colocações: 1º - Corinthians; 2º - São Paulo; 3º - Portuguesa; 4º - Palestra Itália e 5º - Santos¹¹⁸

O contexto apontava para um acomodamento das tensões, mas uma grande virada ocorreu no ano de 1942, que foi, de modo geral, um período crítico para os clubes, inclusive com a atuação sistemática dos agentes policiais em relação às entidades que tivessem ligação com os imigrantes, principalmente quando fossem súditos do Eixo.

Rapidamente os reflexos da entrada dos Estados Unidos na guerra chegaram ao Brasil com consequências na política interna e externa e, por decorrência, na vida social de inúmeros imigrantes e seus descendentes.

De acordo com as informações observadas nos arquivos do DEOPS sobre o Palestra Itália, a vigilância sobre o clube começou a ser registrada em janeiro de 1942, atendendo às exigências do Governo Federal, em decorrência da Segunda Guerra Mundial. No prontuário do Corinthians, verificamos que as primeiras anotações datavam de junho de 1940, destacando a quebra da ordem pública e ameaças de agressão física. E que o processo de intervenção foi realizado por órgãos ligados ao Governo Estadual¹¹⁹.

O delegado Elpílio Soares iniciou oficialmente a sindicância sobre o Palestra Itália e instruiu os agentes policiais a acompanharem as reuniões da diretoria. O secretário-geral Paschoal Giuliano prestou depoimento no DEOPS (12682) e comprometeu-se a cumprir algumas determinações, que na realidade eram aplicáveis a todas as agremiações:

a) comunicar à Delegacia Especializada de Ordem Pública a realização de todas as reuniões, com antecedência de três dias, para a presença de autoridade ou de seu representante;

b) não permitir a audição de estação de rádio exterior, no recinto;

c) presidir qualquer reunião fora do recinto da sociedade(...)

No dia 21 de janeiro de 1942, foi feita uma intimação do DEOPS à Sociedade Esportiva Palestra Itália, representada novamente pelo secretário-geral Paschoal Walter Bairo Giuliano, que entregou uma lista com os nomes das pessoas que formavam a diretoria do

¹¹⁸ *Estes se tornaram os chamados cinco grandes clubes de São Paulo e que até a década de 1970, seriam as agremiações hegemônicas no Estado.*

¹¹⁹ Isso não significa que os “secretas”, como eram chamados os agentes policiais disfarçados, não estivessem vigiando o clube. Era fato notório a presença desses indivíduos em diversas agremiações e entidades, já que desde a implantação do Estado Novo, o governo utilizou esse expediente para vigiar e coibir qualquer indício de ameaça.

clube, composta quase que exclusivamente por brasileiros natos, com exceção dos cargos secundários da administração.

O Palestra nesse período estava dentro das normas exigidas até então pelo CND, que havia estabelecido a obrigatoriedade de os diretores serem brasileiros e o conselho composto por dois terços de brasileiros natos ou naturalizados.¹²⁰ É justamente em 1942 que a legislação esportiva vai se radicalizar em relação à participação de estrangeiros nos clubes, como reflexo das medidas nacionalistas do governo Vargas.

Diretoria do Palestra Itália:

Presidente Italo Adami – brasileiro e industrial.

Vice-presidente Hygino Pellegrini – brasileiro e comerciante.

Segundo vice João Giannini – brasileiro e industrial.

Terceiro vice Savério Mandetta – brasileiro e funcionário federal.

Secretário geral Paschoal Giuliano – brasileiro e advogado.

Primeiro secretário Edmundo Scala – brasileiro e médico.

Segundo secretário Alduino Biagioni – nascido em San Romano (Itália), funcionário estadual e brasileiro por declaração.

Primeiro Tesoureiro Leonardo Lotufo – brasileiro e industrial.

Segundo tesoureiro Roberto Lagório – italiano e comerciante.

Economista Attilio Ricotti – italiano e industrial.

Diretor geral de esportes Caetano Marengo – italiano e comerciante.

Prontuário - mediante carta ao DEOPS (12.682), verifica-se que a diretoria é composta por brasileiros natos, exceto os cargos secundários de administração.

Em 29 de janeiro foi encaminhada outra carta ao DEOPS, em que a diretoria informou o pedido de demissão dos cargos que ocupavam, por serem de nacionalidade italiana, Roberto Lagório, Caetano Marengo e Attilio Ricotti, além de Alduino Biagioni, mesmo sendo brasileiro por título declaratório.

No cenário nacional, realizou-se no Rio de Janeiro a reunião entre diversos representantes dos países do continente, que deveriam discutir a possibilidade de um posicionamento comum perante a agressão sofrida pelos Estados Unidos, assunto acompanhado atentamente pela imprensa.

Os jornais paulistas também estavam preocupados com os meandros do meio esportivo, visto que os meses de janeiro e fevereiro de 1942 foram de intensa movimentação nos clubes que estavam sob a mira do DEOPS. Na realidade era uma consequência do próprio momento histórico por qual passava a diplomacia brasileira, que havia se decidido pelo rompimento com os países do Eixo.

¹²⁰ O artigo 51 possui o parágrafo único que estabelece a exceção para os estrangeiros que tenham serviços prestados à comunidade (*Diário Oficial da União*-16-04-1941), disponível sua íntegra também no Senado Federal (serviços de informação) ou www.cesec.org.br. Segue nos anexos a íntegra do capítulo.

Nessa época os dirigentes do Corinthians e Palestra se movimentaram no intuito de adequarem os estatutos a novas regras esportivas, fato que recebeu ampla divulgação nos meios de comunicação:

SPORT. C. CORINTHIANS PAULISTA

Reunem-se amanhã o Conselho Deliberativo para tratar de assuntos de suma importância para vida interna do Clube.

Para essa reunião é solicitado o comparecimentos dos conselheiros às 10 horas a sede social. (palavra ilegível) à rua São Jorge. 777.

O Estado de São Paulo (16.01.1942)

O Diário de São Paulo também informou sobre a reunião que deveria discutir as propostas de reforma dos estatutos do Palestra Itália:

REUNIÃO IMPORTANTE DO GRANDE CONSELHO DO PALESTRA

O Grande Conselho do Palestra reunir-se-á no dia 2 de fevereiro, segunda feira próxima, na sede social, às 21 horas, ocasião e que serão tratados assuntos de grande importância para a vida do clube do Parque Antarctica. A ordem do dia estabelecida para essa reunião foi a seguinte:

1-Leitura da ata anterior

2-Assuntos de interesse da sociedade

3-Várias

Diário de São Paulo (01.02.1942)

Em seu trabalho sobre Imigração e Futebol, José Renato de Campos Araújo (1996) mencionou uma nova portaria editada pelo CND (Portaria 2\942) que atingiu diretamente os clubes com nomes de origem estrangeira ou que estivessem ligados aos grupos imigrantes. Essa lei exigiu a necessidade de nacionalizar os nomes dos clubes, prevendo que as sociedades esportivas que não se adequassem nos termos da legislação, bem como as estrangeiras, sofrerão intervenção, serão fiscalizadas ou mesmo terão cassados os seus registros de funcionamento. Destaca, ainda, que proibiu os eventos esportivos de se tornarem locais de manifestações de nacionalidades, cabendo às forças públicas estaduais a responsabilidade da manutenção da ordem.

Essa resolução do CND foi, na realidade, uma diretriz aos órgãos reguladores estaduais, visto que a aplicação dessas medidas foi mediante a portaria publicada no *Diário Oficial do Estado* (03.02.1942), assinada pelo capitão Sylvio Magalhães Padilha, que representava também o Conselho Regional de Desportos (CRD) ligado ao CND.¹²¹

Diretoria de Esportes

Resoluções do Diretor: Portaria n.2

Atendendo a que o Governo tem maior interesse em manter a ordem e assegurar os direitos e garantias de vida e de propriedade a todos os cidadãos de qualquer nacionalidade;

que é propósito do Governo assegurar todos os direitos dos cidadãos e das sociedades nacionais e estrangeiras que não colidam com os interesses e a segurança brasileira;

que a situação internacional, até mesmo para a garantia da ordem e dos interesses dos cidadãos, exige medidas de fiscalização das atividades dos indivíduos e das sociedades...e ainda mais as instruções que me foram afetas, resolvo:

As sociedades esportivas que não se nacionalizaram nos termos da legislação em vigor, bem como as estrangeiras, serão dirigidas, fiscalizadas ou mesmo terão cassados os seus registros por esta Diretoria, de acordo com as conveniências;

As sociedades que tenham sócios estrangeiros, brasileiros naturalizados ou brasileiros de ascendência estrangeira, serão fiscalizadas, não só no que diz respeito às suas atividades como a sua economia. [grifo nosso]

Estas disposições poderão ser aplicadas a qualquer sociedade.

As referidas terão o alvará de funcionamento suspenso ou negado quando algum dos membros da Diretoria, estrangeiro ou brasileiro, não parecer suficientemente zeloso dos interesses nacionais; [grifo nosso]

É proibido:

h) ter na suas sedes retratos, bustos ou alusões a membros dos governos estrangeiros dos estados cujas relações diplomáticas tenham sido rompidos pelo nosso Governo;

i) comentários, na sede ou no recinto social de fatos referentes à situação internacional, bem como da propaganda política, filosófica ou ideológica.

São Paulo, 2 de fevereiro de 1942.

(Cap. Sylvio de Magalhães Padilha – Diretor)¹²²

Imediatamente, a diretoria e o conselho do Palestra Itália se reuniram para implementar as alterações que objetivavam cumprir as novas regulamentações:

DEMITIU-SE A DIRETORIA DO PALESTRA E FOI INSTITUÍDO O REGIME PRESIDENCIAL

¹²¹ Em alguns trabalhos verificou-se uma confusão entre as portarias do CND e do DEESP.

¹²² As medidas federais e estaduais de janeiro-fevereiro de 1942 sugeriram o afastamento dos estrangeiros dos cargos de direção, administração e de conselheiros, mas não mencionavam a proibição de continuarem a exercer suas atividades como sócios, mesmo que ameaçassem com a possibilidade de fiscalização.

ÍTALO ADAMI DIRIGINDO O ALVI-VERDE – DEMISSÃO DE CONSELHEIROS E REFORMA DOS ESTATUTOS

O Grande Conselho do Palestra, como fora amplamente divulgado, realizou, na noite de anteontem, uma importante reunião, para tomar várias medidas atinentes com a situação atual e para respeitar a recente portaria do DEESP, que não permite a presença de esportistas estrangeiros na diretoria ou no conselho dos clubes nacionais.

DEMISSÃO COLETIVA DA DIRETORIA

O conclave foi iniciado com a presença de numerosos conselheiros do prestigioso clube do Parque Antarctica, e a primeira resolução surgida foi a demissão coletiva apresentada pela direção do alvi-verde, que assim, preparou um ambiente fácil para a boa marcha dos trabalhos.

REGIME PRESIDENCIAL COM ÍTALO ADAMI

Prosseguindo nos trabalhos, os conselheiros resolveram instituir o regime presidencial a exemplo, do que já fizeram os demais clubes da capital. O esportista Ítalo Adami foi, então, eleito para presidente do Clube por unanimidade dos presentes. Está, pois, de parabéns o alvi-verde, porque Ítalo Adami tem sido um dos baluartes do clube e, possuindo largo prestígio nos meios esportivos, poderá desempenhar seu papel com facilidade.

REFORMA DOS ESTATUTOS

Os conselheiros também resolveram nomear uma comissão composta de cinco membros para a Reforma dos estatutos do Palestra, para, assim, o clube ficar enquadrado com as leis esportivas do país. Os esportistas escolhidos para formarem a comissão da reforma dos estatutos foram: Pasqual W.B Giuliano, Eugênio Malzoni, Artur Tarantino, Francisco Gayoto e Mário Beni.

DEMISSÃO DE CONSELHEIROS

Vários conselheiros do alvi-verde, por serem estrangeiros, já solicitaram demissão dos respectivos cargos, que futuramente, serão ocupados somente por brasileiros natos.

O grande conselho também mudará de nome, pois será transformado em conselho deliberativo, ainda de acordo com a regulamentação dos esportes, e esse órgão terá, como o grande conselho, 80 membros de acordo com o número de associados do Palestra.

Diário de São Paulo (04.02.1942)

As reformulações continuaram e, em 27 de março, a diretoria do Palestra Itália optou, após algumas discussões mais inflamadas, em alterar também o nome do clube para Sociedade Esportiva Palestra de São Paulo, que foi mantido até a reunião em setembro do mesmo ano, quando mudou definitivamente para Sociedade Esportiva Palmeiras.

Ainda de acordo com seu novo estatuto, o Palestra de São Paulo constituiu-se como uma sociedade civil de caráter privado, sem fins lucrativos, com a finalidade de promover, difundir e aperfeiçoar a prática da educação cívica e dos desportos em geral, intensificando a cultura moral, artística, cívica, recreativa e educacional dos associados que a compõem.

Com essas modificações, a diretoria esperava adequar-se às exigências da legislação que possuía um caráter nacionalista. A opção por um entendimento interno levou ao afastamento dos conselheiros de origem estrangeira. De acordo com a documentação cartorial utilizada (atas, prontuário do DEOPS e jornais), o clube conseguiu realizar suas reformas sem suscitar nenhuma ruptura interna, que nos remete à comparação com o seu rival Corinthians, cuja destituição do presidente Manoel Correcher esteve relacionada com a intervenção no clube pela Diretoria de Esportes do Estado de São Paulo, antes mesmo das leis mais coercitivas outorgadas em 1942.

Nesses meses iniciais, o Brasil e outros países da América Latina romperam relações diplomáticas com o Eixo, a partir desse posicionamento, iniciaram-se os ataques aos navios brasileiros por submarinos alemães e italianos. As mortes em decorrência dessas agressões provocaram o acirramento do ânimo popular contra o Eixo e seus descendentes, inclusive em relação às associações, sociedades e instituições fundadas por esses grupos no país.

Em março de 1942, após os ataques dos submarinos alemães e italianos, a população promoveu manifestações, no Rio de Janeiro, atacaram lojas de propriedade de alemães. Em São Paulo, Santa Catarina, Rio Grande do Sul e Pernambuco, também ocorreram atos de protesto contra esses ataques.

Outras agressões foram feitas, mas o estopim foi no mês de agosto, quando mais cinco embarcações foram atacadas no litoral brasileiro por submarinos alemães e italianos. Novamente uma grande multidão saiu às ruas clamando vingança, e em várias capitais ocorreram novos ataques contra lojas e escritórios germânicos. Em 22 de agosto, o governo comunicou que o país estava em guerra contra Alemanha e Itália; contra o Japão ainda era extra-oficialmente, pois não havíamos sofrido nenhuma agressão que justificasse a guerra, apesar de os japoneses também passarem a ser considerados inimigos.

As pressões e os interesses políticos e econômicos levaram o governo a impor uma rígida fiscalização sobre as atividades culturais e sociais ligadas aos grupos imigrantes, considerados inimigos em potencial ou “quinta coluna”, por meio do Ministério do Exército.

Essa atitude atingiu diversas empresas e instituições com nomes de origem estrangeira ou que estivessem ligados aos grupos imigrantes. Encontramos nos jornais

informes sobre a nacionalização do nome de diversas empresas que funcionavam na capital paulista. Estas entidades comerciais apresentaram ao público sua nova designação e, em determinados casos, reafirmaram sua fidelidade ao país, como a Casa Alemã, que preparou um texto sobre a história da empresa e seu compromisso com o público:

A velha Casa Alemã que há quase sessenta anos vem procurando corresponder a lisonjeira preferência com que tanto tem distinguido a nobre gente da cidade que a viu nascer, sente-se agora na contingência de encerrar a primeira longa fase de suas atividades, para iniciar uma nova, sob nova designação. Levam-na a tal, as inelutáveis injunções do grave instante que passa e outras razões preponderantes e naturais, que se vêem seus atuais dirigentes que compreendem não mais poder manter o antigo título de sua casa comercial e desejam dar ao povo, que tanto devem, uma necessária explicação...os atuais dirigentes da Casa Alemã, continuadores desde 1909, da obra honrada e fecunda dos seus criadores...substitui o título Casa Alemã pelo de Galeria Paulista de Modas. *Correio Paulistano* (05.04.1942)

Outro importante magazine também procurou adequar-se aos novos tempos, o Mappin:

Moda Infantil

Grandes estilos de trajes para crianças em linho de tonalidade crua, com mimosos bordados de cores vivas, modelos importados para as idades de 03 até 10 anos.

Casa Anglo-Brasileira
Sucessora do Mappin Stores.
A Noite (19.10.1942)

Escolas e hospitais também foram obrigados a se nacionalizarem, em situações específicas. Este processo foi acompanhado pela ação das autoridades, que variou da intervenção, fechamento e, em casos mais graves, o confisco dos bens. Dentre alguns exemplos mais conhecidos, podemos citar, na capital paulista, o Dante Alighieri, Hospital Alemão, Circolo Italiano de São Paulo e o Liceu Pasteur.

O Clube Espéria (antiga Sociedade Italiana do Remo), fundado em 1889, já havia alterado sua denominação em 15 de abril para Clube Floresta. Em 29 de janeiro de 1942, o Dr. João de Lorenzo, presidente do clube, anunciou ao subchefe de ordem social, que havia substituído, no dia anterior, dois membros da diretoria que eram de origem estrangeira, o

segundo presidente José Pironnet, que é brasileiro por título declaratório e o primeiro tesoureiro José Andreotti, que é argentino. (Prontuário 13.571)¹²³

Os clubes de futebol, sob a vigilância do DEOPS, eram obrigados a enviar ofícios requisitando permissão para viajarem, quando deveriam atuar fora da cidade. Mesmo o cidadão comum, o estrangeiro residente no país, também tinha que pedir autorização, para empreender uma viagem. O pedido era examinado e caso aprovado, o DEOPS expedia um salvo-conduto.

As reuniões nos clubes também tinham de ser anunciadas com semanas de antecedência; caso fossem aprovadas, eram acompanhadas por um agente policial. Nesse sentido, as cartas enviadas ao DEOPS, com pedidos de salvo-condutos, permissão para realizar reuniões ou solicitar o comparecimento de autoridades policiais nas reuniões, sempre terminavam afirmando que o “assunto” era de interesse social do clube, não discutindo e não fazendo uso da política.

De acordo com Plínio de Campos Negreiros (1998), o Esporte Clube Germânia estava na mesma situação que o Palestra Itália e outros clubes no Brasil, mas o Germânia fazia questão de manter uma maior proximidade com suas raízes européias, dando preferência ao ingresso de sócios de origem alemã e seus descendentes. O acesso aos prontuários do DEOPS confirma o fato de que os alemães sofreram uma maior interferência do que os italianos, já que a preocupação do governo com as células nazistas no país era muito forte.¹²⁴

Entretanto, o Sport Club Corinthians Paulista, como outros clubes, também esteve sob a vigilância policial. No dossiê sobre o Corinthians encontramos referências sobre as desordens e brigas entre os conselheiros, durante a demissão de sua diretoria em 1940 e repetindo-se em 1941, mas no ano de 1942, aparentemente a situação interna estava pacificada. Portanto, podemos cogitar que a deposição de Manuel Correcher não teve sua origem na legislação nacionalista, visto que a intervenção ocorreu meses antes da criação do CND, em abril de 1941, e do rompimento diplomático do Brasil com a Itália e a Alemanha no ano seguinte.

Dentro dessa ótica, levantamos uma pergunta intrigante: por que nas várias versões apresentadas por jornalistas, torcedores e dirigentes e na história oficiosa do próprio clube, Manuel Correcher foi vítima do governo Vargas, por ser espanhol de nascimento e esteve

¹²³ Entretanto, notamos que os jornais ainda utilizavam o antigo nome Clube Espéria.

¹²⁴ Ver: Dietrich, A.; Alves, E.B. e Perazzo (1997) e Perazzo (1999).

sujeito aos imperativos da legislação? Seria uma história considerada de menor importância e por isso relegada às sombras do esquecimento?

Para Maurice Halbwachs (1990), a memória é seletiva, e talvez, como pretendemos dialogar, as resistências internas não foram suficientemente heróicas para tornarem-se um marco do clube, ou mesmo os traumas ligados a essa ruptura tenham convenientemente sido esquecidos.

Ao analisarmos os prontuários do DEOPS sobre o Corinthians e o Germânia, percebemos que são mais volumosos do que os produzidos sobre o Palestra. Esse fato permite algumas questões: a idéia de que o Corinthians, por ser um clube “popular” (mesmo tendo a diretoria composta por vários sobrenomes espanhóis e italianos), não teria sido “incomodado” pelas autoridades, como a “equipe dos italianos”. Outro ponto é o volume do prontuário do Germânia e Corinthians, em relação ao Germânia, é coerente refletirmos que o medo “alemão” era superior ao italiano, mas o que o Corinthians teve no seu interior, que suscitou inclusive uma intervenção?

Evidentemente os súditos do Eixo foram os alvos preferenciais, mas apesar de a nacionalização ter sido direcionada em torno de repressão sobre italianos, japoneses e alemães, como a proibição de conversas em outros idiomas ou mesmo a interdição de jornais em língua estrangeira, não foi aplicado exclusivamente aos países do Eixo, visto que o francês, inglês ou o espanhol estavam na mesma situação. É conveniente mencionar que somente em agosto de 1945 é que foi revogada a lei que proibia as edições de jornais de língua estrangeira no Brasil, mas essa permissão foi válida somente para esses três últimos idiomas.

5.2 Sport Clube Corinthians Paulista: O Processo de Intervenção

No início desta pesquisa, buscamos, no Arquivo do Estado de São Paulo, informações contidas no prontuário do DEOPS em relação à Sociedade Esportiva Palmeiras, que era naquele momento o principal clube que focalizávamos no processo de nacionalização. Quando deparamo-nos com o prontuário do Sport Clube Corinthians Paulista, foi surpresa

observarmos que o seu volume era superior ao do Palmeiras, devido ao período mais longo de anotações, que nele pudemos encontrar.

Ao procurarmos em *sites* ligados a torcedores do Sport Clube Corinthians, encontramos referência sobre Manuel Correcher:

O Getúlio descobriu cedo as virtudes do esporte e criou a Confederação Brasileira de Desportos, que teve como carro chefe o futebol. Quando o Brasil entrou na guerra contra o Eixo, o conflito atingiu em cheio o nosso futebol.

Alguns clubes tiveram que mudar de nome (o Palestra Itália virou Palmeiras) ou foram dissolvidos, e os estrangeiros afastados da direção dos clubes, o que atingiu o Corinthians. Seu presidente em 1941, era o imigrante espanhol Manuel Correcher. Foi afastado e assumiu seu lugar o capitão do Exército Airton Salgueiro de Freitas.

Corinthianos e esportistas em geral, ficaram revoltados com a violência. Correcher de fato travava uma guerra pela conquista de títulos e em sua gestão foi campeão paulista em 1937, 1938 e 1939.

www.citadini.com.br

Alguns entrevistados foram sucintos em sua análise sobre esse período:

“No meu livro, tem uma passagem específica ao Manuel Correcher, que enfrentou as hostilidades do governo na época, que estava em guerra contra a Itália e a Alemanha, era o período da ditadura Vargas e que proibiu os estrangeiros de exercerem atividades nos clubes de futebol”.

(Lourenço Diaféria, junho.2003)

O colaborador, Celso Unzelte, também fez uma relação entre Manuel Correcher e o governo Vargas, mas cogitou que a oposição ao então presidente aproveitou-se da situação para derrubá-lo:

“O futebol também sempre teve uma ligação política, nos anos 30 e 40 ficou famoso o presidente Manuel Corracher, um administrador vencedor e que ganhou os títulos de 1937, 1938 e 1939. Gozava de certa influência nos ‘bastidores’ e cunhou uma célebre frase: ‘con razón ou sin razón, Corinthians ten siempre razón’”.

“O Lourenço Diaféria abordou essa questão em seu livro. Em 1942 realmente ocorreu uma intervenção que atingiu as federações esportivas, os bastidores do poder, que desencadeou uma disputa política e que acabou sendo afetado pelo decreto presidencial que proibiu a participação de estrangeiros na direção dos clubes. O mesmo ocorreu com o Jabaquara (antigo Espanha). Alguns elementos descontentes aproveitaram essa situação para derrubar o Manuel Correcher, que era espanhol e esse embate deixou algumas marcas internas”. (março.2003)

Esse período tumultuado na vida política do clube atingiu não apenas o presidente, mas também seus auxiliares diretos, dos quais a maioria era formada por brasileiros natos. Esse embate interno ganhou as páginas dos jornais, que versaram sobre um tema muito delicado: a administração do clube, que estamos apresentando neste texto, como um dos motivos de discórdia entre a situação e a oposição.

Acompanhamos pelos jornais e pelo prontuário do DEOPS que a crise instalada no Corinthians e que culminou com a intervenção da DEESP em 1941, foi anterior à legislação que proibiu a permanência de estrangeiros na direção dos clubes. Dessa forma, existe um equívoco de datas, entre o que ficou gravado na memória construída socialmente pelo clube e individualmente pelos torcedores, que podem ter recriado uma história heróica, muito mais fácil de aceitação em torno de uma vítima, no caso o clube, que sofreu um processo externo de intervenção, para ser celebrado ou relegado como uma história menor, do que expor todo o debate interno e fissuras que acompanharam o Corinthians desde 1933 (demissão de Alfredo Shurig) até 1940 (deposição de Manuel Correcher).



Na primeira data registrada de conturbação da ordem interna, em julho de 1940, o Corinthians havia vencido o Santos Futebol Clube pelo placar de quatro gols contra um, pelo campeonato paulista, mas tinha sofrido um tropeço no Rio de Janeiro, diante da equipe do Vasco da Gama. Entretanto, ao acompanharmos os resultados obtidos nos dois campeonatos, a posição na tabela era ainda confortável.

Em letras que ocupavam com destaque a primeira página do jornal:

“Trágico amanhecer na sede do Corinthians”:

Deposta a diretoria do alvi-negro depois de tumultuosa sessão que durou uma noite inteira.

Das 21:00 do sábado às 6:00 horas de ontem, o plano estratégico da oposição-afinal pancadaria grossa, polícia em cena e uma Junta Governativa para dirigir o tri-campeão provisoriamente.

À pouco,soubemos que uma das reuniões do Conselho do Corinthians Paulista terminou muito mal, tendo nela se registrado fatos deprimentes, para o conhecido clube, como brigas e ameaças de conflito que não tiveram maior vulto, graças a intervenção da Rádio Patrulha. Isso aconteceu porque o alvinegro perdeu no Rio de Janeiro e com isso surgiram fatos que vieram alimentar ainda mais a discórdia que já existia no seio da direção do grêmio da fazendinha. [grifo nosso]

....o Conselho Deliberativo se reuniu para discutir questões internas, mas um resultado que surpreendeu a todos ...não poucas vezes os ânimos se exaltaram e vários conselheiros abandonaram o recinto, receosos sem dúvida, de qualquer coisa mais grave...com um número reduzido de membros as discussões se tornaram mais calorosas, com ameaças constantes de partirem para as vias do fato...quando um elemento mais exaltado fez uso de sua arma, deu um tiro a esmo, provocando enorme confusão.

A policia foi chamada para pôr termo ao que vinha se verificando e foi enviado um sub-delegado, acompanhado por uma Rádio Patrulha guarnecida por policiais armados de fuzis...mesmo com o tumulto e a chegada da polícia, a reunião prosseguiu e por vinte e três votos contra oito, conforme apuramos, aprovaram a deposição da diretoria e a formação de uma Junta Governativa ...[grifo nosso]

Diário da Noite(29.07.1940)

Outro jornal de prestígio, com uma linha editorial definida, era o diário *O Esporte*, ligado ao conhecido jornalista corinthiano Lido Piccinini, que também fez menção ao importante caso que abalou o clube do Parque São Jorge:

O Conselho resolveu na madrugada de ontem, depor a diretoria do tri-campeão-Uma junta governativa, está provisoriamente administrando o clube – João Appugliese, que preside essa junta deu-nos importante declaração-também Estevam Montebello se manifestou á respeito.

O Esporte (29.07.1940)

Era uma crise, pela qual o clube já havia passado em outras ocasiões, quando ocorreu o pedido de demissão do presidente Ricardo de Oliveira (1915) e Alfredo Schurig (1933), mas desta vez, a atual diretoria, sob o comando de Manuel Correcher, não pretendia satisfazer às exigências da oposição e partiu para o ataque. Primeiro contestou o valor legal do afastamento da direção, utilizando como argumento o reduzido número de conselheiros que se encontravam no recinto, quando foi aprovada essa moção.

O jornal *Diário da Noite* acompanhou o caso com muito interesse, nos dias que se seguiram à deposição da diretoria. Procurou a opinião de outros ex-dirigentes, contatou as lideranças dos grupos rivais e abriu espaço para um amplo debate, colocando à disposição suas linhas telefônicas e o escritório da empresa.

Entretanto, pelo teor da cobertura, percebemos que houve certa parcialidade, em prol dos conselheiros que haviam iniciado o processo de rebelião. Com o sugestivo título em destaque na primeira página, chamou a atenção para:

O mistério das finanças do Corinthians.

Depois de tentar a paz sem resultado, o sr. Estevam Montebello exhibe ao *Diário da Noite* documentos que provam o destino dado à renda do alvi-negro-vales e mais vales de gastos supérfluos-com o dinheiro dos cofres sociais, os diretores trocavam presentes de alto preço.

Em companhia do sr. Carmo Carnevale, pelo telefone de nossa redação, o sr. Montebello, fala com os srs. Trindade e Correcher, procurando solucionar a crise do tri-campeão.

A última tentativa para que a paz, na grande família corinthiana, voltasse a reinar, também fracassou... compete aqui ressaltarmos, que até agora nos meios publicitários, havia apenas palavras, mas as verdades dos fatos, não se fizeram presentes, pelo menos até agora... Esta documentação agora vem aparecendo e autoriza o público a analisar com mais precisão as ocorrências e sobre elas, emitir uma análise.

É lamentável que isso esteja acontecendo e que envolve especialmente o nome do Sport Clube Corinthians Paulista, uma das maiores agremiações nacionais.... recebemos ontem a visita do sr. Estevam Montebello, membro da Comissão Diretora, acompanhado do sr. Raphael Carnevale, conselheiro do alvi-negro e de outro associado do clube, o sr. José Bório.

Apresentou-nos uma série de documentos, que estamos publicando nesse jornal... salientou:

Não pretendo absolutamente utilizar disso como arma, pois o meu desejo é tão somente uma solução, que seja transparente...

Diário da Noite (07.1930)

Dentre os diversos jornais, que acompanharam o desenvolvimento do caso, como *O Esporte* e *O Diário de São Paulo*, nortearam seu editorial na defesa do grupo Correcher:

A sessão do Conselho já tinha sido suspensa, quando nos retiramos, para depois prosseguir o golpe contra a diretoria.

Palavras de Paulo Napoli da Silva sobre a deposição da diretoria do Corinthians-também Monoel Domingos Correa e Alfredo Gemignani-este último se retirará definitivamente do tri-campeão.

O Corinthians é um grande clube, que tem uma incomum projeção...com uma maneira de pensar elevado, olhando para o Corinthians, dando-lhe robustez de um quadro social que sabe pensar sem vaidade, que sabe outorgar a diretoria à força que ela precisa para administrar com exatidão o clube, conferindo-lhe uma vida feliz...Tudo isso pensamos ao ter que registrar hoje, a deposição da diretoria do Corinthians, realizada pela reunião do conselho ocorrida na madrugada de ontem à noite, por um ato que gerou tristeza na enorme família corinthiana...e que fragmentam ainda mais as correntes que se dividiram os associados e que fatalmente será um prejuízo para o clube. Por isso, o mais aconselhável seria depor também o Conselho, eleger uma nova assembléia e um novo conselho. *O Esporte* (29.07.1940)

O mesmo jornal prossegue com o tema, procurando, dessa vez, a opinião do vice-presidente, Alfredo Trindade:

A respeito de uma publicação que saiu em um vespertino desta capital, assim manifestou-se Alfredo Inácio Trindade, prestigioso paredro, que presta o seu devedado concurso ao nosso futebol, há mais de vinte anos, como dirigente da Liga de Futebol de São Paulo e na qualidade de seu vice-presidente : A família corinthiana e ao público esportivo em geral”Impele-me o dever de vir à público desfazer as insinuações maldosas que me foram assacadas por inimigos gratuitos que adquiri pelo meu trabalho em tantos anos, em prol do S.C Corinthians...Em tom jocoso, quer se desfazer o mistério das finanças, publicando-se um vale de 2.000.000 referente a um brinde que me foi oferecido por ocasião do meu enlace matrimonial.

A princípio, relutei em aceitar tal presente, mas dada a espontaneidade e insistência dos meus companheiros, não pude deixar de aceita-lo.

Mas quando em uma sessão do conselho deliberativo, que questionou esse presente, apresentei um cheque com o valor total, para devolução, MAS A MAIORIA DOS CONSELHEIROS PRESENTES NÃO PERMITIU, PEREMPTORIAMENTE QUE EU DEVOLVESSE O REFERIDO VALOR...Apesar disso, quis indenizar o clube de outra forma, deixando de cobrar, várias despesas de viagem, que realizei com meu automóvel ao Rio de Janeiro e Santos, na contratação dos jogadores Bala e Manja....posso garantir que essas despesas, ultrapassaram em muito, o valor que recebi como presente de casamento...apelo para meus colegas da Liga de Futebol do Estado de São Paulo, para os clubes esportivos da capital e todos os amigos que venham a público qualquer ato menos digno, de qualquer natureza, que tenha por mim, sido praticado. *O Esporte*¹²⁵

¹²⁵ Recorte fornecido pela família Cassano. Não consta nome ou data do jornal, mas a partir das pesquisas realizadas, pudemos constatar que se trata do *O Esporte* e que foi publicado após a matéria veiculada pelo *Diário da Noite*, sobre “o mistério das finanças do Corinthians”, em 30 de julho de 1940.

O conselho, que passou a presidir o clube, tinha como lideranças João Appugliese e Estevam Montebello, que, por sua vez, enfrentaram ondas de protestos, por parte dos associados ligados à diretoria deposta. Em menos de dez dias, o clube foi alvo das advertências por parte do DEESP, como também do DEOPS, por patrocinar reuniões sem prévio consentimento das autoridades policiais.

Outros dados sobre esse episódio também foram verificados no prontuário do DEOPS:

... em 31 de julho de 1940, o vice presidente Estevam Montbello foi advertido por promover uma reunião sem autorização e infringiu as leis desportivas... em 5 de agosto, novamente foi acionado o policiamento para conter uma manifestação de cerca de seiscentos associados contra a diretoria provisória, que havia assumido o comando do clube, com a deposição de Manuel Correcher¹²⁶. _

Os simpatizantes da diretoria deposta, ao se postarem prontamente em repudiar o ato praticado pelo Conselho, nos permite cogitar que esse enfretamento já estivesse delineado, mas não concatenaram com as conseqüências desses atos.

Os grupos litigantes nomearam advogados para representarem seus interesses; dentre as estratégias utilizadas, estava a utilização dos jornais, para desacreditarem seus rivais. Dessa forma, pudemos acompanhar, com base nessas entrevistas concedidas aos meios de comunicação, a discussão acirrada que se travava no interior do clube.

O *Diário de São Paulo*, em seu editorial, transpareceu um alinhamento com os dirigentes depostos, inclusive, anunciou que dezenas de sócios e torcedores que apoiavam Correcher, estavam se manifestando na redação do jornal:

Deposta a diretoria do Corinthians
EM AGITADA REUNIÃO DO CONSELHO FOI TOMADA A DELIBERAÇÃO POR 19
VOTOS CONTRA 11.

¹²⁶ Prontuário DEOPS 9220 – Sport Clube Corinthians Paulista.

A notícia da deposição da diretoria no Corinthians Paulista justamente quando o clube vinha de conseguir grandes feitos nas suas atividades esportivas, entre as quais o empate com o Palestra, após uma partida em que o alvi-negro predominou, abalou sensivelmente os círculos esportivos da cidade. Ao menos o aparentemente, nada de anormal acusava a vida interna ou externa do tri-campeão da cidade. Até os acontecimentos de uma reunião do Conselho Deliberativo foram esquecidos, desde que a calma voltava a imperar e a oposição se colocara em situação que não se definia....

Tumultuosa foi a reunião que, tendo início as 21 horas, se prolongou até as 6:30 horas de ontem. Até a intervenção da polícia foi solicitada e, com a presença de militares e guardas da Rádio Patrulha é que foi tomada a decisão final que iria repercutir em todos os lados da cidade. Depor a Diretoria do Corinthians por falta de competência.

CAUSAS DETERMINANTES DA RESOLUÇÃO

Até agora muita coisa foi noticiada a respeito das causas determinantes da extremada resolução do Conselho Deliberativo do Corinthians Paulista. No entanto, a verdade toda ainda não foi dita. O "caso" da Portuguesa de Santos, por exemplo, nem sequer foi ventilado na reunião e... o pomo da discórdia entre a direção esportiva e os diretores, quando do jogo com o Fluminense, perdedor que foi o alvi-negro, surgiu uma séria divergência, tendo o diretor esportivo Albino Lotito solicitado demissão que não foi considerada e sim a de outro diretor, Antonio Pereira. Mais tarde com a derrota que o Corinthians sofreu no Pacaembu frente ao Palestra, novo "caso" surgiu, desta vez entre o diretor Manoel Corrêa e Albino Lotito que divergiam sobre os motivos que determinaram a substituição de Munhos, quando a partida estava empatada de um ponto, Levado o caso ao conhecimento do Conselho Deliberativo, surgiu numa discussão mais séria entre esses senhores, resolvendo o Conselho abri um inquérito para apurar responsabilidades que começaram a ser investigadas desde a excursão para o Rio.

APRESENTADO O INQUÉRITO

A reunião de sábado foi, portanto, única e exclusivamente, para ser apresentada a resolução da Comissão de Inquérito. Depois do debate que tiveram transcorrer agitado e algo violento é que foi tomada a deliberação sensacional, apresentada pelo sr Geraldo Lumatti vencedora por 19 votos contra 11.

COMO TRANSCORRERAM OS DEBATES

A reportagem do Diário de São Paulo procurou ouvir ontem um dos conselheiros que tomaram parte no grande conclave. E conseguimos nos encontrar com o sr. Carlos Constanzo, Corithiano da velha guarda que depois de alguma relutância nos expôs o seguinte, a respeito do transcorrer dos debates.

"Inicialmente manda a verdade que eu diga que não houve troca de tiros nem armas brancas foram exibidas dentro do recinto. Como era de se esperar os debates foram muito animados, mostrando-se ala dissidente bastante exaltada, embora constando com a minoria.

Quando era precisamente uma hora de domingo, a sessão foi interrompida, tal a exaltação de ânimos no recinto. Os guardas secretas que ali se encontraram, resolveram solicitar o concurso de novos reforços, chegando ao local a autoridade de plantão acompanhada de uma viatura de rádio patrulha. Com as discussões surgidas, é lógico que não poderiam os trabalhos prosseguir e a essa solução se ateve o presidente João Appugliesi. [grifo nosso]

Entretanto, pessoas interessadas, duas horas após os acontecimentos citados, coagiram o presidente do Conselho a abrir a mesma sessão que ele havia encerrado. Tanto é verdade que o encerramento dos trabalhos havia sido coisa líquidada, que somente uma minoria de 29 conselheiros se encontrava no recinto quando surgiu a proposta recebida com grande espanto. E a apuração acusou vitória dos que não estavam contentes com a diretoria por 19 votos a 11. Essa é a verdade sobre o transcorrer dos acontecimentos."

APOIANDO A DIRETORIA DEPOSTA NUMEROSOS CORINTHIANOS VISITARAM O "DIÁRIO DE SÃO PAULO"

Protesto contra a atual Junta Governativa

Esteve ontem na nossa redação uma comissão de associados do E.C Corinthians Paulista,

que veio especialmente com o fito de prestar inteira solidariedade aos diretores que foram depostos em Reunião do Conselho Deliberativo. O número de associados do alvi-negro bastante grande, nomeou uma comissão formada pelos senhores Naim Cury, Horácio dos Anjos Poço, Armando Lobato, Francisco Mendes, Jacomo Ceccom, Joaquim Cardoso e Octávio Vasques.

dentre esses associados o sr. Jacomo Seccom também é conselheiro do clube e ratificou plenamente perante a nossa reportagem, tudo quanto nos dissera, a tarde, o sr. Carlos Constanzo. Adiantou-nos ainda, esse paredro corinthiano, que estava de pleno acordo com a direção imprimida ao clube pelos diretores que vinham de cair e não achava razão para ser tomada a atitude da dissidência.

SOLENE PROTESTO

Antes de saírem da nossa redação os associados do Corinthians supra-citados em nome de todos os companheiros que haviam delegado poderes a eles, assim se manifestaram: - "Nosso intuito de visitar o Diário de São Paulo", é lançar solene protesto de todos os Corinthianos que de fato desejam ver o alvi-negro em ascensão; em hipótese alguma podemos pactuar com o que vem de suceder dentro do Conselho deliberativo. Esperamos com muita confiança que dentro de poucos dias se faça justiça e que o Corinthians volte a se integrar dentro de sua vida normal que é toda de progresso em favor do esporte paulista e nacional. E esse pensamento é de 90% dos associados.

COMUNICADO AOS ASSOCIADOS DO ALVI-NEGRO

Por nosso intermédio é solicitado a presença de todos os associados na sede social, depois de amanhã, às 20 horas, para importante reunião.

COMO ESTÁ CONSTITUÍDA A JUNTA

A Junta Governativa do Corinthians Paulista está assim organizada: presidente, João Appugliese; vice-presidente, Estevam Montebello; secretário geral, Floresio Bandeoichi; tesoureiro, Benedicto Rodrigues Vianna, diretor de Futebol, Antonio Pereira.

Dário de São Paulo (30.07.1930)

O mesmo jornal, no dia seguinte: "De um lado mantém-se calma a ala vitoriosa, praticamente sem contar com o auxílio da maioria, enquanto do outro, os adeptos manifestam-se abertamente a favor da volta de Correcher e seus companheiros".(31.07.1940)

Nos dias 05 e 06 de agosto, ocorreram novos protestos contra os conselheiros que haviam assumido o comando do clube. E o *Diário de São Paulo* novamente informou sobre uma reunião, em que houve a necessidade de um ostensivo policiamento; destacou, ainda, que o presidente deposto, Manoel Correcher, fora recebido com flores, pelos associados que o apoiavam.

È muito nítido que as facções em luta no Corinthians encontravam nos meios de comunicação importantes aliados. Esse mesmo jornal destacou que os torcedores irados com mais um resultado negativo em campo teriam ameaçado a junta diretiva:

Quando terminou a partida, os associados culpando os membros da junta pelo revés, visto que o ambiente dentro do clube é de incerteza, provocaram novas manifestações, sendo solicitado presença até do plantão da central e do sr. Manoel Correcher e companheiros, Tal a agressividade dos manifestantes contra o sr. Bandechi e seus companheiros. A reunião só

findou as 21:30, com a intervenção dos diretores depostos que pediram calma aos presentes.

Diário de São Paulo (06.08.1940).

Dentre a documentação que nos foi fornecida pela família Cassano, encontramos um panfleto distribuído no clube, no qual se criticou tanto o grupo liderado por João Appugliesi e Estevam Montebello, quanto a facção que apoiava Manuel Correcher, classificando-os como culpados pela crise. Conclamou os associados a votarem contra ambos, nas eleições que se aproximavam para o Conselho Deliberativo, no princípio de 1941. Esse libelo permite cogitar que houve pelo menos três grupos que disputaram o poder nesse período:

Corinthians

Próximas estão às eleições em nosso querido clube, nesse pleito devemos escolher os homens que formaram o Conselho Deliberativo, para daí formar a diretoria que administrará o S.C. Corinthians Paulista... De um lado estarão aqueles que não se pejam de provocar a intervenção no clube, atirando-o no caminho da amargura, com suas infrações dos estatutos das leis do DEESP.... Desse lado estarão os homens dos pergaminhos, das geladeiras, dos presentes, dos lançamentos escusos.... no outro lado estarão os sócios que custe o que custar, querem o saneamento material e moral do nosso estremecido Corinthians.... Escolhei, mas escolhei bem, tomem cuidado com o canto da sereia dos dirigentes depostos, que pressentindo a derrota esmagadora que irão sofrer... não se iludam com a promessa de extensos relatórios sobre a administração do clube nos últimos dez anos.. Julguem pelo relatório da comissão que examinou as contas de 1939-1940 e pelo laudo judicial. Nunca se viu em nosso clube, tão desastrosa administração e desbarato do nosso patrimônio, como nos últimos quatro anos. Corinthians! Reflitam, julguem e votem! Tudo pelo Corinthians.

Esse panfleto dividiu o clube em três facções, e de acordo com seus autores, o primeiro grupo era formado pelos conselheiros que infringiram as leis do DEESP e os estatutos, uma referência a Estevam Montebello e João Appugliese, que assumiram o comando da entidade com a deposição da diretoria em julho; o segundo, formado pelos dirigentes criticados pela má administração, Manuel Correcher, Alfredo Trindade e Manoel Domingos Correia; finalmente um terceiro, formado obviamente pelos signatários, que não assinaram o panfleto, mas que se intitularam como aqueles que queriam o saneamento moral e material do clube.

Um dos poucos trabalhos que abordaram esse período crítico na história do Corinthians, foi o do jornalista Lourenço Diaféria, que, de posse das atas, nos deixou as seguintes informações:

Em 1941 o Corinthians enfrenta uma crise política que levaria a uma intervenção por parte das autoridades, mas de acordo com uma lei federal estava proibido que estrangeiros fossem presidente de clubes de futebol. O mandato de Correcher que era espanhol, terminava em 31 de janeiro de 1941, mas após um desentendimento provocado pela oposição, a Diretoria de Esportes do Estado de São Paulo decretou a intervenção no clube. O indicado foi o capitão do Exército Aírton Salgueiro de Freitas, que tomou posse no dia 7 de janeiro, reuniu-se com os conselheiros e conseguiu a pacificação com a renúncia coletiva de todo conselho, plano esse arquitetado por Silvio Magalhães Padilha que era o diretor de esportes de SP

A renúncia evitou uma medida intervencionista que ferisse o estatuto do clube, o interventor não consta na galeria de presidentes, que foi retomada com Mario Henrique de Almeida que cumpriu as formalidades burocráticas e depois Pedro de Sousa, que assumiu a presidência e encerrou os últimos resquícios da intervenção.

(DIAFÉRIA, 1982, p.25)

Apesar de apontar as fissuras internas que existiam no clube, Diaféria reportou seu texto, embasado na versão oficializada de que a deposição de Correcher foi devido à lei federal que proibiu a permanência de estrangeiros como dirigentes esportivos. Expusemos ao longo deste texto que tanto a legislação federal (CND) quanto a estadual (DEESP e CRD), no tocante aos estrangeiros, foi posterior aos fatos ocorridos, e que a intervenção no Corinthians teve outra motivação.

Ao indicarmos as questões que envolveram esse processo de intervenção, percebemos que essa crise, que acompanhamos pelos jornais e os arquivos do DEOPS, foi posteriormente “silenciada” tanto pela situação quanto pela oposição, na medida em que as disputas entre esses grupos (que ultrapassaram as fronteiras do clube) foram o motivo da ação do DEESP e não como quer a versão tradicionalmente aceita, de que a interferência deveu-se à legislação nacionalista.

Essa suposição pode ser avaliada, ao identificarmos que, dentre os principais nomes criticados pela oposição, por apoiarem Manuel Correcher; Manoel Domingues Correia e Alfredo Ignácio Trindade, alcançaram a presidência do clube nos anos seguintes e optaram por apagar qualquer menção no memorial do clube, sobre a fatídica intervenção.

A importância política desses personagens, pode ser avaliada na campanha eleitoral para a presidência do clube em dezembro de 1942, quando os jornais publicaram com destaque, o apoio do ex-presidente Manoel Correcher, ao seu amigo e candidato Alfredo Ignácio Trindade, que foi recepcionado com um churrasco por conselheiros e associados do Corinthians.

Manoelita Correcher, em sua entrevista, citou que o velório de seu pai, Manuel Correcher, foi realizado nas dependências do clube, que, de acordo com ela, foi a sua grande paixão. Devido aos anos de dedicação, o então presidente do Corinthians e amigo da família, Alfredo Trindade, fez questão de divulgar nota nos jornais sobre o falecimento e as glórias conquistadas por seu padrinho político e antecessor:

“Sou filha do segundo casamento de papai, por isso era muito pequena, mas me lembro que muitas pessoas nos visitavam em nosso hotel, que era administrado pela família em Santos...inclusive um dos filhos do Vargas, que não lembro o nome, ficou hospedado, junto com o presidente da Federação Paulista de Futebol, isso nos anos cinquenta. Afinal papai havia sido um grande desportista, só deixou a administração do Corinthians, devido às leis da época, que proibiam a permanência de estrangeiros na direção dos clubes. Papai ficou muito triste, afinal não só dedicava tempo, mas também dinheiro. Lembro que mamãe muitas vezes brigava com ele, por colocar altas somas a fundo perdido.

Mas o reconhecimento de tudo que realizou no clube, foi que o Alfredo Trindade, fez questão de que o enterro saísse das dependências do grande amor de sua vida: o Corinthians”.

(Manoelita Correcher, maio. 2007)

O autor direto do ato de intervenção, o capitão Sylvio Magalhães Padilha, foi entrevistado pelo jornal o *Diário da Noite*, em que explicou os motivos que levaram a sua decisão:

Deveis riscar de todas as chapas os nomes dos associados que deram causa a intervenção, porque não agiram de modo a defender os interesses do clube a normatizar seu funcionamento e estabelecer a harmonia entre os associados, ferindo o artigo da Resolução que decretou a intervenção.

Assim procedendo afastareis do Conselho e da Diretoria, os responsáveis diretos de tudo quanto houve de anormal no glorioso Corinthians e que a inépcia ou prepotência levaram o DEESP a decretar a intervenção, não com o escopo de diminuir o nosso grande clube, mas para fazer com que ele retornasse ao caminho traçado por seus fundadores, trabalhando em prol da cultura física e dos esportes, sem outra preocupação inferior.

Diário da Noite (04.01.1941)

Em nenhum momento, o capitão Sylvio Magalhães Padilha fez qualquer observação sobre a origem espanhola do presidente deposto e não encontramos sequer algum comentário sobre esse fato, afirmando que o afastamento dos conselheiros e da diretoria se deveu às infrações cometidas e pelo descumprimento das normas do DEESP.

O ato de intervenção foi publicado no *Diário Oficial do Estado* (04.01.1941) e como podemos divisar, se resumiu às questões já apontadas:

Secretaria do Governo -Diretoria de Esportes

Atendendo a que, apesar da ação imparcial e moderada da Diretoria de Esportes do Estado de São Paulo que, evitando uma intervenção direta nas lutas e dissensões entre os associados do Corinthians que se vem verificando desde algum tempo, procurou por meios suasórios normalizar a situação do clube e promover harmonia entre os associados e seus diretores, essa situação se torna cada vez mais anormal e mais profunda se tornam as dissensões com prejuízo do clube e do esporte.

Entendendo que os associados que atualmente exercem as funções de diretores não tem agido de modo a defender os interesses do clube, a normalizar o seu funcionamento e a estabelecer harmonia entre os seus associados.

Atendendo a que os estatutos do clube fixam prazo certo e improrrogável para a duração do mandato dos diretores.

Atendendo a que a prorrogação do prazo de duração dos mandatos importa em alteração dos estatutos.

Atendendo a que nenhuma modificação pode ser feita nos estatutos sem aprovação desta diretoria.

Atendendo a que não foi submetida a aprovação desta Diretoria a deliberação que, modificando os estatutos, prorrogou o mandato dos diretores do Corinthians.

Atendendo a que não tendo sido aprovada pelo DEESP essa deliberação não tem existência legal, é inoperante e assim insubsistentes são os seus efeitos. Atendendo mais ao que foi apurado em investigação procedida por esta diretoria e que, extinto o mandato da diretoria do Corinthians, não pode ela continuar a exercer suas funções, estando desse modo desamparados os direitos e interesses dos seus associados e do próprio clube com prejuízo para o esporte resolve:

Art. 1.0 - Nomear, como nomeia o sr Airton Salgueiro de Freitas, para como representante da DEESP, assumir a direção do S. C. Corinthians Paulista, até que seja eleita a sua nova diretoria.

Art. 2.0 - O delegado nomeado promoverá a prestação de contas da diretoria cujo o mandato está extinto e adotará todas as medidas necessárias para normalizar a situação do clube e estabelecer a harmonia entre os seus associados, assegurando e defendendo todos os seus direitos e interesses.

Art. 3.0 - O delegado nomeado promoverá a revisão de todos os atos praticados após a extinção do mandato da Diretoria, tornando sem efeito aqueles que contrariarem os interesses do esporte e dos associados e ratificando os demais.

Art. 4.0 - O delegado nomeado promoverá a eleição da nova diretoria dentro do mais curto prazo possível.

Art. 5.0 - Dos atos do delegado poderão os interessados recorrer para o DEESP.

Diretoria de Esportes do Estado de São Paulo 03 de janeiro de 1941

Cap. Silvio de Magalhães Padilha (Diretor).

Após a entrevista do diretor do DEESP, circulou no clube um novo manifesto, que não pudemos detectar os signatários. Provavelmente os autores formavam uma terceira facção, visto que, ao analisarmos o teor do texto, culpavam tanto a diretoria quanto o conselho pelos descabros que estavam ocorrendo no clube e que provocaram a intervenção. Como podemos observar, não existe nesse panfleto referência à legislação nacionalista ou a qualquer lei contrária aos estrangeiros:

CORINTHIANOS

Saiba por que houve intervenção em nosso estremecido Corinthians

Ouvi, refleti e julgae

Houve intervenção, porque os três maiores da diretoria deposta, o último presidente do Conselho e os últimos quarenta conselheiros, com raras exceções:

Não souberam defender os interesses do clube.

Não quiseram normalizar o seu funcionamento.

Não quiseram estabelecer a harmonia entre os associados.

A situação anormal por eles criada, as infrações do estatuto, o desrespeito as leis do DEESP e a ilegal prorrogação dos próprios mandatos, traziam graves prejuízos para o clube, para o esporte e para os interesses dos associados.

Daí a intervenção do DEESP em princípios de janeiro desse ano (ver Diário Oficial 04.01.41 –1ª página)...Essa é a verdade, a intervenção é devida aos três maiores da Diretoria destituída em 27 de julho e deposta em 4 de janeiro de 41, ao último presidente do conselho e aos derradeiros conselheiros da facção Correcher-Trindade-Correia...[grifo nosso]

É preciso sobretudo uma Comissão de Contas, que não passe pelo vexame de ver em juízo e no próprio clube, pulverizados os seus graciosos atestados ou seus poéticos pareceres fiscais!

Já agora, diante da verdade julgue e vote pelo Corinthians Paulista!

De modo geral, o prontuário do DEOPS sobre o clube também se restringe a essa situação conflituosa e não menciona o CND (os artigos que trataram da nacionalização passaram a vigorar com o decreto de 14 de abril de 1941). Mesmo os jornais que utilizamos, não apontaram nenhuma relação da origem étnica de Manuel Correcher com a intervenção.

O *Diário de São Paulo* anunciou que o capitão Ayrton Salgueiro de Freitas, escolhido pelo DEESP, como dirigente provisório para comandar o Corinthians, obteve, após agitada reunião, com algumas costumeiras discussões, a demissão de todo o Conselho Deliberativo, que foi organizado novamente, de acordo com os critérios do DEESP:

Por ordem da Diretoria de Esportes, como é de conhecimento público, há pouco mais de uma semana foi destituída a diretoria do Corinthians e nomeado o cap. Ayrton Salgueiro de Freitas para dirigir o campeão do centenário, até organização de nova diretoria.

Logo que tomou posse do cargo, o representante do DEESP tomou uma série de providências para que o ritmo atual da vida interna do Corinthians não sofresse qualquer alteração e entre outras coisas, foi marcada uma reunião do Conselho Deliberativo, para ser providenciada a reforma ou continuação do Conselho e Formação imediata de uma diretoria para substituir a que fora destituída.

A REUNIÃO DO CONSELHO

Os conselheiros do clube do Parque São Jorge reuniram-se ante-ontem por ordem do cap. Ayrton de Freitas.

Ao conclave compareceu regular número de conselheiros e durante os trabalhos nada houve de anormal, a não ser as costumeiras discussões. Inicialmente, foram apresentadas propostas a serem discutidas pelos conselheiros e feitas pelo atual dirigente provisório do campeão do Centenário.

A primeira consistia em permanecer o atual conselho, com eleição dos cargos vagos. A segunda, solicitara a eleição de um conselho inteiramente novo e a terceira, a eleição de um conselho com elementos da diretoria há pouco deposta, outros da oposição e outros neutros.

Houve alguma discussão e nenhuma proposta vingou, motivo porque surgiu mais tarde, ainda por determinação do sr Ayrton Salgueiro, uma nova proposta, intimidando o atual conselho a delimitar-se.

E todos os conselheiros atuais, alguns com restrições, entregaram os seus cargos...

Diário de São Paulo (12. 01.1941)

Entretanto, mesmo com o processo iniciado pelo DEESP, a situação no clube ainda não havia sido totalmente pacificada, pois, de acordo com o prontuário do DEOPS,

encontramos novas ocorrências policiais nos relatórios nº 786 e nº 928 de 12 de janeiro de 1941.

A partir dessa data, não detectamos mais ocorrências graves e o DEESP indicou, em substituição a Airton Salgueiro Freitas, o sócio Mario Henrique de Almeida como interventor, até que Pedro de Sousa assumiu a presidência e dirigiu o Corinthians ao longo do ano. Na eleição no final de 1941, o presidente escolhido Manoel Domingues Correia, que exerceu o cargo até que um novo homem forte assumiu o clube, Alfredo Trindade.¹²⁷

O tema Corinthians não se exaure nesta data. Para nosso interesse, existe outro momento em que compartilhou o destino do seu rival o Palestra Itália, quando centenas de associados foram “expurgados” em outubro de 1942, por serem “súditos do Eixo”, que estaremos abordando no final desse trabalho.

5.3 Sociedade Esportiva Palestra Itália: O Processo de Nacionalização.

As primeiras informações do DEOPS sobre o Palestra Itália datam de janeiro de 1942; dessa forma, ao contrário do Corinthians, cujas primeiras ocorrências policiais foram em julho de 1940, no clube dos italianos, a presença dos agentes de segurança foi motivado pelo processo de ruptura das relações diplomáticas do Brasil com o Eixo.

Nessa época, ocorreu uma radicalização na relação do governo com os estrangeiros fixados no país, em função de uma forte política nacionalista. As primeiras regulamentações sobre as atividades de estrangeiros datam de 1935, foram aprofundadas em 1938 e revigoradas em 1942, com o rompimento de relações com o Eixo. Até então, não estava discriminado que grupos estariam sob a mira das autoridades, mas com a guerra, alemães, italianos e japoneses tornaram-se os alvos preferenciais.

¹²⁷ Nas pesquisas, encontramos o nome de Pedro de Sousa como conselheiro do clube em 1930 e diretor de bola ao cesto, na gestão de Alfredo Schurg (1930-1933). Seu nome consta na lista de candidatos ao Conselho Deliberativo de 1935, juntamente com Mário Henrique de Almeida.

Dos grandes clubes paulistanos, somente o São Paulo ficou livre dessa vigilância policial, fato que pode estar ligado às suas origens, já que era uma associação proveniente da divisão do antigo Paulistano e da Atlético Palmeiras, que representavam as famílias mais ilustres de nossa sociedade, ao passo que o Palestra e o Corinthians abrigavam inúmeros imigrantes e descendentes de origem italiana e espanhola, além de serem reconhecidos como times ligados às classes populares.

Apesar de as colônias alemã e japonesa serem numericamente inferiores à italiana, sem dúvida por sua organização, por serem mais fechadas e voltadas para a própria comunidade, foram alvos preferenciais das autoridades. Assim, ocorreu certo relaxamento na pressão exercida sobre os italianos, que ao contrário dos outros “súditos do Eixo”, por exemplo, tinham, desde agosto de 1942, o salvo-conduto “permanente” e não “provisório” como os demais.

O receio de que simpatizantes das idéias de Mussolini ou Hitler transformassem as reuniões em escolas, clubes ou sociedades, em células ou locais de discussão a favor do nazismo e do fascismo, foi um fator de preocupação para as autoridades, que utilizaram seu poder para coibir qualquer tipo de manifestação.

Era um tema pertinente, visto que, dentre os regulamentos do DEESP, de fevereiro de 1942, previram-se sanções aos dirigentes dos clubes, que permitissem qualquer manifestação antipatriótica:

- d) realizar reuniões ou homenagens comemorativas de fatos ou personalidades pertencentes aos Estados que não mantêm relações diplomáticas com o Brasil;
- e) permitir que em sua sede ou no recinto social, sejam cantados ou tocados hinos dos países cujas relações diplomáticas foram cortadas pelo Brasil;
- f) que seus associados ou visitantes usem saudações peculiares aos países com os quais não mantemos relações diplomáticas;

O sucesso da ideologia fascista nos anos 1930 foi analisado pelo historiador Eric Hobsbawm, sob o seguinte aspecto:

Do mesmo modo que o dinamismo dos comunistas exerceu uma atração sobre a esquerda desorientada e sem leme após 1933, também os sucessos do fascismo, sobretudo depois da tomada nacional-socialista da Alemanha, deram a impressão de que era a onda do futuro...O próprio fato de que nessa

época o fascismo fez uma entrada destacada, se bem que breve, no cenário político até mesmo da conservadora Grã Bretanha demonstra o poder desse efeito demonstrativo.

(HOBSBAWM, 1996, p. 127)

Esse fenômeno também fez parte das considerações de Ian Buruma e Margalit (2006), que traçaram uma linha de raciocínio sobre a disseminação do pensamento de extrema direita, em diversos países do mundo. Dessa forma, não foi surpreendente que muitos imigrantes italianos e alemães no Brasil tenham nutrido graus diferentes de simpatia às doutrinas de Mussolini e Hitler e que, dentre milhares de associados do Palestra Itália, também houvesse adeptos fascistas, que, de acordo com João Fábio Bertanha (1999), teriam inclusive realizado festas nos salões do Parque Antártica.

Evidentemente, alguns clubes permitiam a apologia aos regimes ditatoriais da Alemanha e Itália, mas com o rompimento de relações do Brasil com esses países, a atitude do governo se tornou menos tolerante com qualquer atitude de simpatia a tais doutrinas:

“Fui simpatizante do fascismo, tenho inclusive minha carteirinha até hoje do partido e não tenho vergonha nenhuma. Em São Paulo, as idéias do Mussolini eram bem aceitas, até porque tínhamos informações de que a Itália, estava se desenvolvendo economicamente. Nós queríamos uma sociedade disciplinada e se reuníamos aqui no clube, para discutirmos. Não era algo que partia da diretoria, era apenas natural que um local onde havia italianos, conversássemos sobre as coisas da Europa. É claro que com a guerra essa situação se modificou e fomos perseguidos, mas não tínhamos nada contra o governo brasileiro e como o mais fraco sempre ‘paga o pato’, quiseram ainda roubar o Palestra”.

(Mario Espósito, junho.2006)

Outro colaborador também citou sua atração pelas idéias fascistas e como dentre a comunidade italiana, podíamos encontrar com certa naturalidade, decorrente da situação política da época, outros indivíduos que pensavam da mesma maneira:

“Eu gostava do Mussolini, já que havia arrumado a Itália e sempre ouvíamos que o país estava em uma situação melhor, tinha disciplina, ordem... tudo isso. O erro dele, foi se aliar aos alemães...tinha muitos bons amigos que eram todos fascistas, na torcida do Palestra, inclusive aqui na Mooca, isso não era novidade. Imagina, era muito italiano, então obviamente falávamos bem da Itália. Depois da guerra, era vergonhoso falar que alguém era fascista, mas como já estou velho mesmo, pouco me importa.

Naquela época, o Getúlio não era hostil ao Mussolini, essa inimizade aconteceu por pressão dos americanos, então aqui na região, alguns comerciantes pagaram para não serem presos e proteger seus negócios, muita gente do governo se aproveitou da situação. Havia grandes casas comerciais aqui na Mooca, pertenciam à família Gamba e os Crespi...sabíamos que tinham que dar propina aos policiais”.

(Francisco Gracioli, dezembro. 2006)

O deputado Vitor Sapíenza, que presidiu a sessão solene realizada na Câmara dos deputados estaduais em São Paulo, relembrou sua juventude na região do Bom Retiro:

Como eu disse, fui criado no Bom Retiro. Lembro-me bem ainda que nos anos 1939, 1940, 1941, era garoto, mas eu via meus tios ouvirem rádios, aqueles trambolhos em ondas curtas, as notícias da guerra. Eles diziam: “os jornais aqui estão dizendo que os Aliados estão ganhando. Mas não estão. Nós ainda vamos ganhar.” Com toda a sinceridade, a maioria deles era fascista. Eles tinham vindo do sul da Itália, gostavam do Mussolini e eu fui educado nesse meio.

Diário Oficial do Estado (24.08.2004)

Isso não significa que não houvesse anarquistas, marxistas ou liberais, no seio da comunidade italiana, mas com a ditadura varguista, os grupos de esquerda haviam sido os primeiros a serem reprimidos e, talvez por essa razão, os partidários da extrema direita tenham sobressaído. Mas não encontramos, na documentação cartorial ou nos jornais analisados, nenhuma indicação de uma relação entre o clube com os grupos fascistas organizados, que agiam no país.

O ano de 1942 foi o início de uma repressão intensiva por parte do DEOPS aos “Súditos do Eixo”, como observamos no segundo capítulo. Essa atividade policial foi acompanhada com interesse pela mídia paulistana, como *O Estado de São Paulo*, *A Noite*, *Folha da Manhã*, *Correio Paulistano*, *Diário de São Paulo* e *a Folha da Noite*.

Segundo Gustavo Pauli, morador do bairro da Lapa, região que abrigava muitos italianos e onde se localizava uma parte das empresas Matarazzo, os alemães é que sofreram uma maior perseguição, já que os italianos da Lapa, onde, de acordo com o colaborador, a maioria era descendente de imigrantes, portanto brasileiros, não tiveram problemas maiores.

“Meu tio, estava indo trabalhar, quando presenciou um senhor, de origem alemã, ser ameaçado na Praça da Sé, obrigaram-no a ficar de joelhos e pedir desculpas. Sempre apareciam esses bloquinhos de bagunceiros, mas na minha casa, todos nós éramos brasileiros, assim não podiam fazer nada. Era o que o Francesco Matarazzo fez, passou as empresas para o filho, que era Francisco Matarazzo, mas era brasileiro”.(junho.2000)

Os efeitos da guerra e do rompimento com os países do Eixo atingiram o cotidiano das pessoas. Se, isoladamente, os imigrantes, de um modo geral, não eram vistos como um inimigo declarado para a população, isso mudava, quando exaltada após notícias de ataques aos navios brasileiros, tomada de um patriotismo estimulado pelo governo e insuflado pela mídia, como observamos no segundo capítulo.

As autoridades preocupavam-se com entidades, associações e clubes de imigrantes e seus descendentes, assim com a guerra, houve também a proibição de reuniões, sem prévio consentimento das autoridades, e mesmo que se travasse um diálogo em outro idioma, era possível a detenção para averiguação.

Olavo Realli, em suas memórias, recordou sua juventude em Itatinga, no interior de São Paulo:

“Meu pai e meu avô, eram obrigados a ir na delegacia todo mês, para assinar presença, já que tinha aquela pecha de quinta coluna, e poderia ter alguma comunicação com estrangeiros, contra os Estados Unidos e contra o Brasil. Mas não tinha nada daquilo, meu pai e meu avô, só queriam sustentar a família”. (junho.2000)

Edna Lotufo também mencionou as provocações que sofreu pelo fato de ser descendente de italianos:

“Na escola as crianças me chamavam de cabelo de macarrão, por causa da guerra...inclusive nossa casa, chegou a ser apedrejada....uma vez estávamos no circo e um malabarista japonês estava fazendo uma apresentação, quando o publico começou a vaiar e ele ficou nervoso, desconcertou-se e errou completamente seu ato...meu pai se levantou e fez um discurso, ralhou com os manifestantes e muitas pessoas aplaudiram seu gesto”
(Edna Lotufo, janeiro.2007)

Justamente nesse período conflituoso, o Palestra Itália era um dos candidatos ao título do campeonato paulista de 1942. Interessante notar que, por “coincidência”, o primeiro jogador negro a vestir oficialmente a camisa alviverde foi Og Moreira, apelidado de “Toscanini” pelos torcedores, contratado para esse campeonato¹²⁸.

Durante todo o ano, pressões já vinham sendo feitas sobre o clube, para que mudasse sua denominação; alguns entendiam essas pressões como uma ameaça de fechamento e confisco de seu estádio de futebol. Atendendo às exigências e assim evitar as possíveis represálias, foi necessário cumprir essas imposições. O primeiro passo foi abandonar a palavra “Itália” e o clube passou a ser o Palestra de São Paulo.

Mas de acordo com o então membro da diretoria Leonado Lotufo, essa medida foi infrutífera:

¹²⁸ De acordo ainda com as lembranças dos colaboradores, Og Moreira foi um jogador muito cobrado pelos torcedores, já que ele “cortava um doce com o pessoal”, expressão **essa** muito **utilizada** para explicar alguém que estava sempre sendo observado para não cometer erros.

Apesar de o nome já haver sido alterado para Palestra de São Paulo, alguns faziam questão de explorar a sua origem, pois todos sabem que era um clube fundado por italianos. Desta forma, uma série de campanhas se desenvolveu na imprensa escrita e falada de São Paulo. Houve reformulações na diretoria do clube, afastando para outras funções, os de nacionalidade italiana, como Caetano Marengo e Roberto Lagório, substituídos por Leonardo Fernando Lotufo e Adalberto Mendes. *Jornal da Tarde* (28.07.1976)

Nessa época, foi noticiado um suposto caso de suborno; Leonardo Lotufo e Arthur Amato escreveram uma nota de protesto ao jornal *A Gazeta* sobre a tentativa de imputar ao clube o escândalo no caso “Lovechio”. Com o título “Guerra de nervos”:

Prezado senhor Jose de Moura, muito digno chefe da seção de esportes... Isto é uma autentica guerra de nervos, de meia dúzia de desclassificados, que estão promovendo contra o clube, para impedir nossa brilhante caminhada rumo ao titulo...não será meia dúzia de irresponsáveis, que irão destruir essa imponente unidade de dez mil sócios.
A Gazeta (31.08.1942)

Tivemos a oportunidade de entrevistar os filhos de Leonardo Lotufo, que recordaram algumas passagens desse momento crítico:

“...mas, quem tramou essa situação, não foram os corinthianos, até porque esse clube, não se manifestou contra nós. O único que tentou alguma coisa, foi o São Paulo... o Porfírio da Paz, dizem que chegou até a tentar invadir o Palestra com a cavalaria e meu pai se postou na frente, como era um moço bonito e bem de vida, não se amedrontava por qualquer coisa. Ficou na frente da sede social e esperou a cavalaria, nesse ínterim foram aparecendo os torcedores, que haviam escutado essa notícia pelo rádio. Juntou-se uma multidão em frente aos portões, para impedir que invadissem o Parque Antártica. Isso não foi dito pelo meu pai, mas por várias outras pessoas... Os policiais ficaram temerosos de ocorrer um conflito maior, pois foram chegando cada vez, um número de pessoas e os dirigentes do clube...Foi quando decidiram mudar o nome da equipe pela primeira vez, para Palestra de São Paulo, já que em grego, é um termo que significa ginásio de esportes... depois houve mais pressões e mudou o nome para Palmeiras”.
(Evani Lotufo, janeiro.2007)

Osvaldo da Silva Rico, co-autor do livreto sobre a origem do Conselho de Orientação e Fiscalização, mencionou uma campanha contra o clube, na imprensa escrita e falada de São Paulo:

Estando licenciado Ítalo Adami e na ausência de Hygino Pellegrini, nós respondíamos pela presidência naquela histórica noite de 14 de setembro de 1942, quando o Diretor de Esportes de São Paulo, por telefone e em nome das entidades superiores, exigia mais uma vez a mudança do nome da sociedade. Esgotados nossos argumentos, transferimos o telefone para o capitão Adalberto Mendes, que também não conseguiu melhor resultado...sugestões diversas partiram dos presentes que estavam na

reunião, sendo finalmente aprovada a sugestão de Mário Minervino: Sociedade Esportiva Palmeiras. (RICCO, 2005, p.11)

Na noite de 14 de setembro de 1942, uma nova reunião agitava o clube. No telefone, o diretor de Esportes de São Paulo alegava estar sob pressão da CND, que exigia uma mudança mais radical. Assim, após algumas discussões, surgiu uma nova denominação: Sociedade Esportiva Palmeiras. Novamente esses momentos delicados foram acompanhados de perto pela imprensa paulista¹²⁹.

Nos meios de comunicação da época, encontramos uma versão destoante da oficiosa. Aparentemente à mudança para o nome Sociedade Esportiva Palmeiras não foi motivado exclusivamente por pressões das autoridades, segundo as palavras do então presidente Ítalo Adami, vários conselheiros defenderam essa atitude e o tema estava sendo debatido internamente, inclusive com as opções de outras denominações como América, Brasil ou Bandeirante¹³⁰

...segundo Italo Adami: “até ontem a noite não havíamos cogitado de mudar o nome do Palestra. Mas, na reunião que tivemos, havendo alguns elementos inclinados a levar avante essa questão, estudamos as preliminares encaminhamos o assunto de molde a poder resolve-lo definitivamente na reunião que marcaram na segunda feira. Assim depois de amanhã, estará tudo resolvido”.

Folha da Noite (12.09.1942)

Após a reunião que efetuou a mudança do nome:

Conforme noticiamos em primeira edição, em reunião realizada ontem a Sociedade Esportiva Palestra Itália de São Paulo, resolveu alterar a denominação de clube, que doravante passará a chamar-se Sociedade Esportiva Palmeiras, muito felizes foram os mentores da escolha do nome, pois além de ser muito simpático, faz lembrar a Atlético Palmeiras, um antigo clube de projeção no futebol bandeirante...o novo nome, foi bem recebido pela família palestrina...tivemos a oportunidade de conversar com vários colegas que fazem parte do quadro associativo e foram unânimes em afirmar que estão de acordo...

Folha da Noite (15.09.1942)

Dentre os jornais analisados, não encontramos qualquer menção sobre as autoridades (DEESP ou CND) terem pressionados os dirigentes palestrinos para trocarem o nome da agremiação em setembro, pois a primeira modificação em março quando substituíram a

¹²⁹ Nessa época, *A Gazeta* (25.09.1942), informou sobre a reunião do Conselho Deliberativo do Clube Atlético Juventus, em que se cogitou a alteração do nome para CA Javari ou CA Jaraguá, mas que após algumas discussões, chegou-se a conclusão de que não deveriam fazer qualquer mudança, pois o nome do clube não suscitava qualquer ligação com os súditos do Eixo.

¹³⁰ Ver *Folha da Noite* dos dias 12,13 e 14 de setembro de 1942 e *Folha da Manhã* (15 de setembro de 1942)

palavra “Itália” por “São Paulo” satisfizeram as exigências legais. Porém, houve uma campanha anônima contra o clube, que consistiu na distribuição de folhetos criticando o patriotismo e o espírito nacionalista do Palestra de São Paulo. Este episódio foi abordado pelo *O Correio Paulistano*, que criticou tal atitude no artigo intitulado: “a tradicional entidade do Parque Antártica, passou a se chamar Sociedade Esportiva Palmeiras”:

Os círculos esportivos nestes últimos 10 dias, vem tendo uma grande inquietação quanto ao desenrolar do campeonato de futebol, dado a intromissão de elementos que escondidos no anonimato, desencadearam uma campanha contra a Sociedade Esportiva Palestra de São Paulo...agora, sem que se possa saber de onde surgiu essa campanha contra o Palestra, que inegavelmente tem prestado relevante serviço a nossa juventude...ontem com surpresa para todos que vêem o esporte como veículo de cordialidade, harmonização e disciplina, foram espalhados boletins anônimos pelos quatros cantos da cidade em tom depreciativo aquele clube. Esse procedimento provocou estranheza da parte dos desportistas sinceros e conscientes...os aproveitadores das situações delicadas lançam mãos de pretextos para envolver um clube que se adequa perfeitamente as leis nacionais....pondo um paradeiro a tal estado de coisas, a direção do Palestra resolveu alterar a denominação da sociedade, conforme nos da conta um comunicado :

Na reunião que se realizou ontem, sob a convocação do sr. Presidente, a Sociedade Esportiva Palestra Itália de São Paulo, resolveu por unanimidade de votos a mudar sua denominação, sendo escolhido Sociedade Esportiva Palmeiras, “ad referendum” do Conselho Deliberativo” P.W.B Giuliano secretário geral

O Correio Paulistano (16.09.1942)

Se a mudança de nome satisfizesse às exigências do CND e DEESP, outro problema parece ter despertado a atenção especialmente do capitão Sylvio Padilha: o ambiente de tensão que se estabeleceu na semana que antecedeu a partida, que definiria o campeão paulista. Nesse sentido, parece que tudo tem conspirado para a fixação na história do Palmeiras em relação aos dirigentes do São Paulo, como principais algozes, os verdadeiros inimigos do clube, até mais terríveis que Getúlio Vargas e o Estado Novo.

As entrevistas concedidas pelos colaboradores denotam uma importância muito grande sobre o tema, existe um discurso comum sobre a campanha antipalestrina, orquestrada pelos dirigentes do São Paulo. Dessa forma, é possível que a memória construída sobre esse “episódio” seja parte da experiência coletiva dos torcedores, um referencial comum, que reforça a própria identidade. Essa “memória coletiva” pode ter sido criada com base em episódios como a expropriação da sede do Germânia no Rio de Janeiro, a depredação e confisco dos móveis da Casa da Itália em Bragança Paulista e a intervenção em escolas e hospitais, ligados aos súditos do Eixo, como:

Nacionalização do Instituto Médio Ítalo-Brasileiro Dante Alighieri
 Em virtude da solicitação do Superintendente de Segurança Política e Social, major Olyntho de França enviado ao ministro da educação Gustavo Capanema, a nacionalização do Instituto Médio Dante Alighieri, com sede nesta capital. Além da nacionalização, o major Olyntho França determinou a mudança de nome para Instituto Visconde São Leopoldo, fundador dos cursos jurídicos no Brasil...determinou para a função de interventor, o professor Adolpho Packer, inspetor de ensino secundário normal do Departamento de Educação....
 Folha da Manhã (23.08.1942)

De acordo com José Renato de Campos Araújo:

O campeonato daquele ano fora muito disputado, e mais uma vez, o Palestra Itália e o São Paulo Futebol Clube, chegavam as ultimas rodadas com chances de alcançarem o título paulista. O jogo entre duas equipes ganhava aspectos de grande finalíssima, sendo cercado de grande expectativa e apreensão, principalmente devido o conflito extra-campo.
 (ARAUJO, 2000, p.18)

Negreiros destacou que nesse contexto, em que se buscava o “ideal de unidade nacional”, tivemos uma forte tensão estabelecida em várias regiões contra alguns grupos imigrantes e que, na cidade de São Paulo, terminou contrapondo paulistanos “tradicionais” e algumas dessas colônias. (Negreiros, 1998, p. 246)

Vitor Sapienza mencionou sua infância e as lembranças referentes à união entre italianos e seus descendentes, fossem palmeirenses ou corinthianos, perante essa situação:

Quando em 1942 meus tios, irmãos da minha mãe, corinthianos, num determinado domingo, prepararam-se para assistir a um jogo de futebol, o molequinho, olhando, disse: “o que é que vai acontecer?” Eles não vão conseguir tomar de nós o Parque Antártica; nós vamos enfrentá-los no Pacaembu. E minha mãe, com certo cuidado, com certa preocupação, me levou e a meu irmão na casa de um tio, porque poderia acontecer uma espécie de revolução aqui em São Paulo. Mesmo porque naquele momento, com toda a sinceridade, os mais antigos vão se lembrar, não estava em jogo simplesmente Palmeiras e São Paulo. Eram os descendentes de italianos contra o São Paulo. E aqueles mais idosos sabem que não estou exagerando. Mesmo porque tive tios no conselho do Corinthians. Eles foram para o Pacaembu para “quebrar o pau”.
*Vitor Sapienza*¹³¹

As autoridades demonstraram preocupação com a partida envolvendo Palmeiras e São Paulo, em relação aos possíveis distúrbios que poderiam ocorrer, em função dos ânimos

¹³¹ 39ª sessão solene realizada em 23 de agosto de 2004 em comemoração aos 90 anos de fundação da Sociedade Esportiva Palmeiras, presidida pelo deputado Vitor Sapienza (publicado no DOE 24.08.2004)

acirrados. Diante dessa possibilidade, o capitão Sylvio Padilha, diretor do DEESP, conclamou a manutenção da ordem por parte dos torcedores:

O capitão Sylvio Padilha diretor do DEESP, apela aos sentimentos e alta compreensão esportiva de nosso povo...”venho pedir ao público esportivo paulista para que mais uma vez dê provas de seu alto espírito esportivo, colaborando assim para o grande êxito da realização dessa importante partida”...”dois grandes clubes irão se confrontar, um é legítimo representante de nossas tradições e o outro embora brasileiro e perfeitamente legalizado nesta diretoria, teve seu passado ligado a uma colônia estrangeira...mas baniu para sempre de seu nome uma palavra que o ligava ao passado e que pudesse trazer qualquer dúvida a seu respeito”.

Folha da Manhã (18.09.1942,).

Esta diretoria lembra a necessidade de mais perfeita ordem, afim dela não transformar-se, pois é no campo esportivo, onde deve haver mais disciplina e a educação do povo. Não transportaremos portanto para o estádio...máguas, ressentimentos ou outros fatores de discórdia que o momento não comporta.existe o perigo de inimigos da pátria que vão aproveitar-se do momento do sentimento patriótico, para explorar a situação, lançando confusão e pânico nos lugares que devemos operar a escola do civismo....para que um espetáculo esportivo não venha se transformar em local de rixas e despropositadas manifestações.

O Estado de São Paulo (18.09.1942)

Ao utilizar os termos “teve seu passado ligado a uma colônia estrangeira” ou “baniu para sempre de seu nome uma palavra que o ligava ao passado e que pudesse trazer qualquer dúvida a seu respeito”, autoridades enxergavam naquele momento um perigo real e que o processo de nacionalização foi acompanhado por uma série de justificativas ideológicas. Outro jornal, *O Esporte*, também fez referência ao perigo de um choque entre os adversários:

Policimento! Uma palavra da lei.

Falou com a reportagem do *O Esporte*, o Dr. Martim Lourenço, chefe do 2º auxiliar ...são sete dias de trabalho, para cumprir bem a sua missão de 90 minutos...600 homens cumprindo ordens...mas o público deve colaborar com as forças policiais.

No Rio de Janeiro freqüentes são as cenas de pugilato e engalfinhamento entre a assistência e neutros... aqui não se verifica isso.

O Esporte (16.09.1942)

Nesse contexto conflituoso, um “nordestino” se tornou uma das mais celebradas figuras na história do clube: Adalberto Mendes. Esse sergipano e então capitão das Forças Armadas chegou a São Paulo em 1942, foi apresentado ao conselheiro do Palestra, Armando Gargagilone, sendo convidado para conhecer as dependências do Parque Antártica, dizem que foi “amor à primeira vista”.

Conveniente notarmos que a memória construída dentro do clube exalta a “paixão” desse novo torcedor que, em poucos meses, se tornou o terceiro vice-diretor do Palmeiras, que sugeriu a “nacionalização” da entidade, não somente no nome, como também na cúpula dirigente.

Essa relação não foi tão natural, como quer a história oficiosa do clube, nas palavras de Afonso Della Mônica, na comemoração dos noventa anos de fundação do Palmeiras em solenidade na Câmara Estadual dos Deputados de São Paulo:

Com a Segunda Guerra e o rompimento das relações diplomáticas com os países do Eixo, os italianos passaram a serem perseguidos... Dirigentes do São Paulo incitaram o movimento popular, tentando fazer com que o Palestra mudasse de nome e tentaram inclusive tomar o Parque Antártica. Mas aqueles valorosos defensores da época, tendo a frente o Capitão Adalberto Mendes que foi enviado para São Paulo, pelo Presidente do Vasco da Gama, Otávio de Menezes Pova e que ficou como sentinela avançado, defendendo o Palmeiras, juntamente com todos os dirigentes da época....¹³²
Diário Oficial do Estado (24.08.2004)

Com pequenas diferenças, Osvaldo da Silva Rico confirmou essa versão, realçando que Adalberto Mendes foi apresentado por um amigo proveniente do Rio de Janeiro, Ernandi Jota, ao conselheiro Armando Gargaglione, que teria levado esse oficial ao Palestra e apresentado como um grande auxílio para a defesa do clube. O que chamou nossa atenção é a indicação de que um clube do Rio de Janeiro, o Vasco da Gama, que teria enviado um oficial do Exército para auxiliar o Palestra.

Essa situação pode ter sido como consequência dos boatos sobre a articulação dos dirigentes do São Paulo confabulados com as autoridades, para se apossarem do Parque Antártica, e a presença do capitão Adalberto Mendes foi vislumbrada como uma garantia contra intervenções mais profundas.

É interessante que a “campanha” promovida pelo São Paulo causou um profundo mal-estar entre os torcedores do clube, que se manteve, com o passar dos anos, independente da faixa etária ou estrato social dos colaboradores, como podemos observar em algumas entrevistas:

“O Guarany havia perdido seu campo (que hoje é da Portuguesa), era um clube de origem alemã. Tentaram fazer a mesma coisa com o Palmeiras, mas tinha um diretor chamado Adalberto Mendes de Moraes, veio do Rio de Janeiro e era oficial do exército, quando quiseram se apropriar do Parque Antártica, esse homem salvou o Palmeiras.
 Na partida final do campeonato de 1942, o Adalberto Mendes entrou no campo junto com os jogadores, carregando uma enorme bandeira brasileira,

¹³² 39ª sessão solene realizada em 23 de agosto de 2004 em comemoração aos 90 anos de fundação da Sociedade Esportiva Palmeiras, presidida pelo deputado Vitor Sapienza (publicado no DOE 24.08.2004).

deram uma volta ao redor do gramado para demonstrar que era um clube brasileiro. Dizem que o São Paulo tinha do seu lado um capitão chamado (não me lembro bem), acredito que Porfírio da Paz e ‘arrumava para tirar as coisas’, mas o Adalberto Mendes era mais “forte”.
(Gustavo Pauli, junho.2000)

“Na semana que antecedeu o jogo houve uma série de boatos sobre uma possível invasão da torcida do São Paulo que pretendia junto com a sua diretoria apossar-se do Parque Antártica. Ficamos incomodados com essa situação, escolhemos algumas pessoas para montarmos guarda na entrada do clube. Algumas informações contraditórias sugeriam que usariam tratores para derrubar os muros e destruir todo o patrimônio. Ficamos a semana toda de guarda, fazendo revezamento.

Nesse contexto, surgiu o Adalberto Mendes que era um dos diretores de futebol do clube, como havia toda onda de protesto contra tudo que era italiano ou alemão, agravado pelo fato de estarmos disputando o título paulista, ficou combinado que o time entraria em campo com a bandeira brasileira. Naquele dia estava todo mundo querendo destruir nossa torcida, mas fomos tão felizes, que ganhamos à partida e para não ‘fazer feio’ o Luizinho retirou-se do campo.

Nós realmente acreditávamos que poderiam se apropriar do Parque Antártica, derrubar nossa sede e fechar o clube. Vários diretores, como o Dr. Pellegrini, conclamaram os torcedores para defenderem o Palestra Itália. Mas felizmente nada ocorreu, entretanto ficou certa rivalidade contra o São Paulo, uma grande mágoa por tentarem se aproveitar da situação. Para muitos palestrinos o grande inimigo não é o Corinthians”.
(Augustinho Zácara, março.2001)

“Diziam que pessoas ligadas ao São Paulo pretendiam invadir as dependências do clube, se apossar das propriedades e que fizeram grande pressão junto à federação. De acordo com os mais velhos e que participaram desse evento, tentaram mesmo se apoderar do nosso patrimônio, mas encontraram forte reação. A história é conhecida: o Major Adalberto Mendes foi nomeado vice-presidente do clube. Ele se livrou dessa ameaça trocando o nome para Palmeiras.

Para falar a verdade, não posso atestar a veracidade da história em relação ao São Paulo, se fizeram com má intenção. Mas hoje avalio que fizeram um grande bem para o Palmeiras, pois se o clube tivesse ainda o nome de Palestra Itália, em minha opinião, não teria vinte por cento da torcida que tem. Com a alteração do nome nós não perdemos aquela raiz da colônia italiana, como também ganhamos o nome brasileiríssimo de Palmeiras, com as cores verde e branca”.

(Olavo Realli, junho. 2000)

“A obrigação do Palmeiras em alterar seu nome, foi uma trama para se apropriar dos seus bens, esse era um dos objetivos do São Paulo. Quem promoveu essa campanha foram os diretores do São Paulo, e o Geraldo José de Almeida, um locutor de rádio. Afirmavam que o clube era formado por pessoas que eram colaboradores do Eixo, provavelmente deviam existir simpatizantes do fascismo no clube (muita gente no Brasil apoiava a Alemanha e Itália), mas isso foi motivo de aumentar a pressão sobre o time.

Muitos palmeirenses foram ao Parque Antártica para defender o patrimônio do clube. Eu imagino que em 1942 o Palmeiras fosse mesmo um time muito

popular por causa desse acontecimento, porque pegou muito na massa essa idéia da perseguição etc”.

(Luiz Gonzaga Belluzzo, agosto.2004)

É instigante salientarmos que, inclusive dentre os entrevistados corinthianos, também ocorreu menção sobre tal fato, ressaltando que o clube do Parque São Jorge chegou inclusive a prestar solidariedade ao Palestra:

“De acordo com algumas informações esparsas, dizem que no jogo do Palmeiras contra o São Paulo, muitos torcedores corinthianos, compareceram para apoiar o Palmeiras, talvez pelo fato dos italianos estarem sendo perseguidos, e lembremos que no Corinthians, havia também uma grande colônia italiana”.

(Celso Unzelte, março.2005).

Para os meios de comunicação, o São Paulo era considerado o favorito na partida contra o Palestra. Segundo os comentários de Geraldo Breda, para um jornal da época: “era a mais brilhante campanha, desde a conquista do São Paulo FC da Floresta” e “O time de Leônidas, estava tão perto do título, que era impossível alguém arrebatá-lo” (*A Gazeta* 12.09.1942).

De certa forma, ressurgiu do passado a rivalidade entre o Paulistano e Palestra, que estava presente nas páginas dos jornais e nas ruas, com o São Paulo FC, ocupando em todos os sentidos o lugar do antigo desafeto. Provavelmente em 1942, devido à situação *sui generis*, contribuiu para a atmosfera pesada que se verificou no clássico. Afinal, o tricolor havia investido uma grande soma na contratação de Leônidas da Silva, a maior estrela do futebol brasileiro, e esperava quebrar o monopólio palestrino-corinthiano e alcançar o tão sonhado título.

O “Diamante Negro” foi recebido como herói pelos torcedores do clube e a imprensa paulistana fez sua parte, noticiando com destaque o desembarque e a apresentação desse atleta. Por outro lado, a repressão e vigilância sobre a comunidade italiana e as entidades ligadas a esse grupo agudizaram o clima de desavença e tensão entre os dois clubes.

Oberdan Cattani, um dos grandes ídolos futebolísticos palmeirenses, foi o arqueiro no jogo decisivo contra o São Paulo, em 20 de setembro, de acordo com suas palavras:

“Durante a semana que antecedeu a partida, corria o boato de que os adversários estavam prontos para receber a entrada de nosso time em campo, com apupos e apedrejamento, talvez fosse um pouco exagerado, mas era o que se comentava”. (Oberdan Cattani, jun.2000)

Seria justamente Adalberto Mendes que, no dia da decisão do campeonato paulista, entraria em campo, devidamente fardado, puxando a fila de jogadores, que traziam com eles a

bandeira do Brasil, fato que silenciou o Estádio. Esse gesto teve um significado imenso, pois no mesmo tempo que adotava um nome bem brasileiro, Palmeiras, ainda se reafirmava a fidelidade à pátria, ao desfilar com a bandeira nacional por todo o campo.

Faz parte da narrativa dos que participaram do espetáculo ou que aprenderam com base na memória familiar, que a torcida são-paulina deveria ensaiar um coro com a palavra de ordem “Quinta Coluna”, quando a equipe do Palmeiras entrasse no campo, com o objetivo de desestabilizá-la emocionalmente.

Agostinho Zaccaro, que era o chefe da torcida palestrina, relembrou a entrada de seu time em campo :

“Nós entramos no Pacaembu, com uma enorme bandeira brasileira, para acalmar o povo...todos aqueles copos, aqueles objetos que estavam jogando em cima de nós, pararam, porque eles não podiam desrespeitar a bandeira e o estádio ficou em silêncio”. (março.2001)



Foto extraída do livro A eterna academia de Alberto Helena.

Dentre os adversários daquela tarde, encontramos importante referência sobre esse mesmo episódio, por parte de um dos torcedores ilustres do São Paulo, que como quer a tradição de um clube formado com base na junção de admiradores do Paulistano e da Atlético Palmeiras:

Eu nunca me esqueci de um jogo trágico, para o São Paulo Futebol Clube...nós tínhamos entrado em guerra justamente contra os italianos e não tinha cabimento um time chamar Palestra Itália. Então fizemos alguns cartazes dizendo: “quinta coluna vai para a cadeia”. Mas o Palmeiras começou ganhando, quando marcou o segundo gol, a diretoria combinou com o Paulo Machado de Carvalho, fazer uma cena para o time escapar do vexame...O zagueiro Virgílio foi encarregado de cometer um pênalti...houve uma briga generalizada no gramado e o São Paulo disse que o juiz tinha roubado, assim nos retiramos de campo.

Foi uma vergonha, eu nunca me perdoei por esse vexame, mesmo quando o time teve suas páginas brilhantes no futuro. Ruy Mesquita¹³³

O resultado da partida foi analisado pelos jornais da capital, com sutis diferenças. Enquanto *A Gazeta* (21.09.1942), apesar de ter elogiado a equipe palmeirense, observou que o episódio que havia truncado a partida e resultou na expulsão de Virgílio, teria sido um “choque” normal e que a atitude do juiz foi injusta em relação ao atleta são-paulino. O *Correio Paulistano*, nessa mesma data, exprimiu parecer semelhante e ressaltou o perigo da violência que poderia ter se espalhado na assistência.

Já o conhecido jornalista e torcedor do Corinthians, Lido Piccinini, diretor de redação do jornal *O Esporte*, teve outra percepção do lance. Ressaltou que havia sido correta a exclusão do zagueiro. Ainda criticou os dirigentes da FPF, que relutaram em punir de imediato o São Paulo, por ter se retirado do campo.

Provavelmente em virtude do favoritismo do São Paulo, nessa partida, o mesmo jornalista iniciou a análise do jogo com uma saudação à determinação da equipe alviverde: “O Palmeiras provou que existe o verbo lutar no vocabulário futebolístico, e assim, soube jogar pouco e combater muito, por isso, mereceu o triunfo” (22.09.1942)._

Nos dias seguintes, o mesmo jornal informou a tentativa dos dirigentes do tricolor em justificar à FPF o abandono do campo e mencionou os recursos enviados a essa entidade pelo São Paulo, em que requereu a anulação da partida ou pelo menos a continuidade dos vinte e cinco minutos restantes.

Outros jornais, como *O Estado de São Paulo* e a *Folha da Noite*, também acompanharam as tentativas infrutíferas de anulação do jogo e do campeonato. Inclusive o “caso Echevarieta” foi retomado na FPF, que consistiu no pedido de comprovação do Palmeiras sobre a regularização da documentação desse atleta “estrangeiro”. O assunto se arrastou por alguns dias e de acordo com *O Esporte*, somente no mês seguinte é que a Sociedade Esportiva Palmeiras foi declarada oficialmente campeã. O São Paulo ainda tentou novas manobras, mas depois de várias advertências da FPF, foi punido com a suspensão de três partidas no Campeonato Brasileiro.

Por ser um certame disputado por pontos corridos, ainda houve uma última rodada, na qual, mesmo comemorando o título, o Palmeiras foi derrotado pelo Corinthians (1x3). Nos jornais, destacou-se a rivalidade esportiva “saúdável” e a situação dos dois clubes. Não houve a necessidade de o capitão Padilha fazer qualquer advertência aos torcedores e *O Esporte*

¹³³ Na época diretor do jornal OESP, concedeu essa entrevista por telefone para SP450 (www.sp450.com)

Procurou-se nos meios de comunicação outros dados sobre esse fato e se havia ocorrido algo semelhante no Palmeiras para compararmos as experiências. Entretanto não encontramos de imediato, outra menção ao assunto, fosse nos documentos cartoriais analisados ou nas entrevistas realizadas.

5.4 Palmeiras e Corinthians: Outubro de 1942.

Relatou-se nesse capítulo que o episódio da deposição de Manuel Correcher foi germinado pelos conflitos internos e não como ficou gravado nos anais do clube, na memória coletiva e na historiografia, como um ato ligado à legislação nacionalista e ao CND. As narrativas dos colaboradores corinthianos, invariavelmente, apontaram para a preposição consagrada, e em nossas visitas ao Parque São Jorge, quando buscávamos conversas informais, os interlocutores não se furtaram de falar sobre o tema, mas a resposta era basicamente a mesma. Assim, é no conjunto das entrevistas que podemos compreender a experiência do grupo e, nesse sentido, o episódio sobre a intervenção no Corinthians, diferentemente da nacionalização do Palmeiras, não foi um fato que encontrou respaldo no discurso tradicional das agremiações.

O pedido de demissão de Ricardo de Oliveira (1915) e Alfredo Schurig (1933) foi situação marcante na visualização de um clube com espaço de debate interno, já que nas duas vezes foram os sócios-atletas (de origem operária) que se rebelaram contra os dirigentes provenientes de outros estratos sociais. Na crise de 1940-1941, as facções não estavam divididas por esse critério e o embate foi entre grupos rivais que disputaram o controle da agremiação e que resultou na intervenção do DEESP, pois estava se estabelecendo uma política de controle e organização dos esportes por parte do governo.

Nesse sentido é interessante a tese de Michael Pollak:

Em face dessa lembrança traumatizante, o silêncio parece se impor a todos aqueles que querem evitar culpar as vítimas. E algumas vítimas que compartilham essa mesma lembrança, comprometedora, preferem elas também guardar silêncio. Em lugar de se arriscar a um mal entendido sobre uma questão tão grave...(POLLAK, 1989, p.56)

Pollak no seu texto refere-se às vítimas do nazismo, especificamente os judeus. Não pretendemos comparar em hipótese alguma com a tragédia do Holocausto Judaico, mas cogitamos que o “silêncio” sobre o processo de intervenção do Corinthians, pelas pessoas que dirigiam o clube e foram depostas, está ligado diretamente aos traumas internos causados pelas acusações de cunho pessoal. O mesmo se procedeu, por parte da oposição, que, no final, não conseguiu manter-se na presidência do clube ou comprovar suas suspeitas. Dessa forma, inicialmente se promoveu “pelo silêncio” uma história dignificante, criando-se vítimas, no caso Manuel Correcher e o Corinthians. Essa suposição pode ser avaliada, ao identificarmos que os principais auxiliares do presidente deposto, Manoel Domingues Correia e Alfredo Ignácio Trindade, comandaram o clube nos anos seguintes e provavelmente preferiram manter o silêncio sobre a fatídica intervenção.

Em um segundo momento, o silêncio foi primordial para o processo de apagamento, em que os interesses ideológicos da instituição se sobrepuseram à memória individual, o que, para Alessandro Portelli (1993), é indício de uma memória dividida: a memória oficial e a dos que vivenciaram o ocorrido. Segundo o mesmo autor, elas não são conflitantes, mas tornam-se fragmentadas e isso, em nosso entender, indica que a constituição da memória do grupo, sobre esse episódio, acarretou a criação de uma história mitificada.

Logrou-se dimensionar os motivos que contribuíram para o apagamento da memória sobre o processo de intervenção. Entretanto, houve um drama no qual encontramos 120 vítimas no processo de nacionalização do clube e que teve relação direta com a política nacionalista e o CND em 1942. E, sobre isso, não obtivemos uma única palavra dos colaboradores.

Diferentemente, o processo de nacionalização da Sociedade Esportiva Palmeiras se tornou um evento significativo, pois foi erigida uma epopéia vitoriosa e gravada como marco na sua história. A mudança do nome, a vitória obtida contra o São Paulo FC e a conquista do título fundamentaram um ideário que serviu de ponto de partida para uma nova fase, denominada “arrancada vitoriosa”, que é emblemática como consagração da própria identidade e de onde se cunhou a frase: “morreu Palestra, nasceu campeão”.

Nas entrevistas concedidas por nossos colaboradores palmeirenses, foi possível identificarmos diversos aspectos de unidade nas narrativas e que vão ao encontro da tese de Meihy e Holanda (2007) e Halbwachs (1990), sobre a formação da memória coletiva do grupo. Nesse sentido, os eventos de 1942 são marcas integrantes, pois implicam um discurso de “união” e “vitória”, como motivação positiva em relação ao papel de vítima da instituição, perante uma trama elaborada pelos dirigentes do São Paulo com as autoridades.

Os responsáveis pela perseguição, os prelados obedientes ao governo Getúlio Vargas (e o CND e DEESP) cederam seu espaço para outro “vilão”, que, de coadjuvante, tornou-se o ator principal do acossamento: os dirigentes do São Paulo Futebol Clube, como pode ser observado nas entrevistas e em vários *sites*, que compartilham idêntica percepção histórica e reforçam nossa interpretação sobre a uniformidade da memória.

E, mesmo nos escritos oficiais, como um opúsculo produzido em 2005, na comemoração dos 60 anos da criação do Conselho de Orientação e Fiscalização (COF), notamos a permanência desse sentimento, que, para Maurice Halbwachs (1990), é prova da aceitação dessa versão pela memória coletiva, que é observada na oralidade, por isso, as narrativas, mesmo quando escritas, possuem o mesmo referencial básico:

Tem guarida aqui o registro de que a mentalidade obtusa e menos esclarecida, assim como a ira de alguns inimigos gratuitos da época, especialmente os dirigentes de outro clube paulistano, impediram-lhes de raciocinar que a palavra palestrina, significa conversa, discussão ligeira. (RICO, 2005, p.15)

Assim, se o processo de nacionalização da Sociedade Esportiva Palmeiras foi um episódio digno para ser comemorado e a intervenção no Sport Clube Corinthians Paulista, capciosa o suficiente para ser apagada, a expulsão dos sócios “súditos do Eixo” nas duas entidades foi tão traumática que se silenciaram a esse respeito.

Não encontramos nas obras sobre o Palmeiras, nos anais aos quais tivemos acesso ou dentre os familiares das vítimas, nenhuma referência ao assunto. E, durante algum tempo, ficamos em dúvida sobre a veracidade da informação por parte da *Folha da Noite*.

Finalmente encontramos, nos arquivos do Corinthians, alguns periódicos encadernados, dentre os quais *O Esporte*, que publicou a seguinte nota:

O Conselho Deliberativo do Palmeiras, ratificou a mudança do nome do clube. A importante reunião de ontem à noite, foram afastados temporariamente de acordo com a portaria da CND, os sócios súditos dos países do Eixo...por estes dias, a secretaria do alvi-verde, apresentará o nome e o total de associados a serem licenciados.

....a concorrência na assembléia foi bastante grande, os conselheiros sob a chefia de Rafael Parisi, aprovaram por unanimidade a mudança do nome.

Os Súditos do Eixo.

...afastamento temporário de todos os associados que sejam súditos do Eixo, de acordo com a portaria do CND, ainda Rafael Parisi, não enfrentou qualquer empecilho e frisou que a mesma era em obediência a uma medida de caráter geral, abrangendo todas as agremiações nacionais e não havia qualquer coisa a fazer.

O Esporte (21.10.1942)

Portanto, verificou-se que no mês de outubro de 1942, em virtude da declaração de guerra e a perseguição aos “súditos do Eixo”, o governo federal implementou novas medidas legais que foram aplicadas também na esfera esportiva e atingiram diretamente os associados dos clubes que se enquadravam nessa especificação.

O termo negociação foi, para nosso trabalho, um recurso importante para a análise do processo de inserção das agremiações populares\varzeanas nas ligas oficiais. Observamos que, mesmo na legislação nacionalista do Estado Novo em 1941, foram mantidas brechas que possibilitaram a atuação dos estrangeiros nos clubes, desde que comprovassem terem prestado serviços em prol dos esportes nacionais. Essa situação ainda permaneceu negociável no início de 1942, com as novas resoluções que previram a investigação das entidades que tivessem “súditos do Eixo” em cargos administrativos, pois mantiveram a permissão de continuarem como associados. Em outubro se esgotaram aparentemente os limites de negociação, na medida em que o governo federal exigiu a exclusão de tais elementos. Os clubes se adequaram aos imperativos da lei e sobre esse episódio existe um grande silêncio, já que o sacrifício desses associados foi uma espécie de oferta exigida pelas autoridades a fim de evitar medidas mais drásticas.

Essas tramas foram digeridas no cenário político-esportivo, visto que meses depois em função do esforço de guerra, o governo Vargas conclamou a união de todos os setores em prol do Brasil. O jornal *A Noite* fez uma reportagem sobre os três grandes do futebol de São Paulo, no momento em que se comemorava um ano da entrada do Brasil na Segunda Guerra Mundial. Em todos os artigos, reforçou o ideal patriótico que movia essas entidades e como elas eram importantes para incentivarem seus torcedores a comprarem os “bônus de guerra”. Destacou o comando da Federação Paulista de Futebol, que estava, nessa época, sob a

presidência de Carlos Guimarães Júnior, que assessorado diretamente por Alfredo Ignácio Trindade e Dr. Paschoal Walter Giuliano, reorientaram os esportes regionais¹³⁴:

Palmeiras... 29 anos de existência do clube mais popular do Brasil... .

..estava lançado o alvi-verde em campos da paulicéia e o jogo realizou-se frente ao famoso Paulistano, alcançou um sucesso magnifico...começou a partir desse jogo a popularidade do atual “campeoníssimo” de popularidade, que cresceu sempre, espalhando-se por todo Estado...estacionou entre 1928 e 1932, quando um grupo de moços tomou a rédea...**O Palmeiras é o clube que mais renda produziu desde que se iniciou o futebol em São Paulo.** É o clube que mais cedeu jogadores a seleção brasileira.

O Palmeiras é o clube que em São Paulo possui o maior patrimônio orçado em 16 milhões de cruzeiros...com doze mil sócios e **com a popularidade que possui a maior do Brasil**-esta dirigido por Higino Pelegrini, Ítalo Adami e Leonardo Lotufo.

O Corinthians também foi objeto de artigo:

Corinthians: para uma pátria grande, uma raça forte.

O Corinthians é uma organização que se movimenta em todos os setores esportivos-como se manifestaram as figuras mais representativas da vida corinthiana sobre o primeiro ano da entrada do Brasil na guerra....

Patriotismo bem orientado:

O Corinthians tem sido um reduto de patriotismo, como organização que centraliza todas atenções....o alvi-preto, bem antes de surgir o atual conflito internacional, cooperou na cruzada para a formação do soldado para o Brasil...**ainda na presidência do velho Manoel Correcher**, organizou o tiro de guerra que era orientado por sargentos e cabos....De acordo com as palavras dos dirigentes Alfredo Trindade e Maximiliano Ximenes: “O Brasil merece nossas vidas”....O projeto de reforma do estádio, sob a tutela de Manoel Domingos Correa, Pedro de Souza, Jose Guerra e Pedro Ortiz Filho, angariaram importantes doações de amantes do clube, como Adib Miguel Addad, Lourenço Fló Junior, Ladislau Kriztan, Tomaz Gutierrez e Miguel Gutierrez...isso comprova que no clube existe uma convivência pacífica entre ricos e pobres....

Enquanto os textos sobre o Palmeiras e Corinthians dividiram uma página do jornal, o do São Paulo foi privilegiado com uma página inteira:

São Paulo... legítimo orgulho do futebol bandeirante....é a torcida mais abnegada que se tem memória.

Pela Pátria....o São Paulo Futebol Clube foi a primeira agremiação a contribuir, há cerca de dois meses atrás com 100.000 cruzeiros para a aquisição dos bônus de guerra, atendendo assim o apelo de nosso governo...demonstrando assim, o levado grau de patriotismo que o

¹³⁴ Alfredo Trindade (Corinthians) e Paschoal Giuliano (Palmeiras) ocupavam cargos de direção nos clubes na época da intervenção\ nacionalização. Em 1943 estavam como dirigentes da FPF. Isso contribui para nosso entendimento sobre um caráter de negociação. Em 1943, Getúlio Vargas Filho assumiu a presidência da FPF e o processo referente à intervenção e nacionalização se tornou apenas uma lembrança nos anais federativos.

anima....os dirigentes Décio Pedroso e Nelson Fernandez, estudam o projeto da construção de um estádio para 150 mil pessoas, uma obra faraônica, que elevara com certeza, ainda mais o nome dessa entidade....
A Noite (23.08.1943)

Meses depois da expulsão dos súditos do Eixo, o Palmeiras foi apresentado como o clube mais popular e seu rival, o Corinthians, o representante da raça forte. Não foi absolutamente sem sentido que o São Paulo Futebol Clube, herdeiro da tradição do Clube Atlético Paulistano, fosse indicado como o legítimo clube Bandeirante. Novamente a história do Palmeiras e Corinthians se entrelaçou em uma mesma situação; entretanto, com o tempo, as afinidades foram superadas pelas diferenças.

PALAVRAS FINAIS

Analizamos a trajetória de dois clubes considerados os mais populares da capital paulista nas primeiras décadas do século vinte: Palmeiras e Corinthians. Apesar da tradicional rivalidade entre ambos, podem-se notar alguns paralelos: em seus primeiros anos de existência, a assistência era composta por uma vasta gama de torcedores oriundos do operariado e dos estratos médios da sociedade, dos quais imigrantes e descendentes constituíam parcela expressiva.

Como recorte temporal foi escolhido o período entre 1910 e 1942, que abarca: a fundação desses clubes, os conflitos e negociações no acesso aos certames oficiais, o crescimento da torcida, a construção de um patrimônio social e o aumento do número de associados, a afirmação como clubes hegemônicos na capital, as disputas políticas e o processo de nacionalização durante o Estado Novo.

Nas décadas de 1920 e 1930, consolidou-se uma mesma identidade, visto que foram classificados como “clubes populares”. Essa rotulação se alterou nas décadas seguintes, no caso do Palmeiras, que passou a ser considerado um clube ligado à colônia italiana, mas que se solidificou em relação ao Corinthians, que continuou como uma agremiação de massa.

A historiografia vale-se do termo “clubes populares” como critério para definir ambos; e a mídia da época, 1920 em diante, ressaltou uma conotação parecida, que, em nosso trabalho, foi reconhecido como “Os filhos de Abraão”, pois apesar de possuírem uma gênese comum, o tempo e a história se encarregaram de valorizar apenas as diferenças. Em contraste, tentamos apontar também as semelhanças. Dentre afinidades “históricas”, destacamos o período em que, apesar de ostentarem a chancela de clubes populares (1910-1940), foram visualizados como “suspeitos” perante o olhar do Estado (1942). Isso, aliás, foi um corte na história dessas entidades e entrelaçou-as em uma mesma situação, quando ficaram sob a desconfiança de abrigarem possíveis inimigos da pátria, que o governo e a mídia rotularam como “súditos do Eixo”.

Mediante um balanço historiográfico, mostrou-se um lapso relacionado à gênese dos primeiros clubes paulistas, visto que a classificação (elite ou popular) foi empregada levando-se em consideração somente os grupos envolvidos no ato da criação dessas instituições. Dessa forma, o Sport Clube Corinthians Paulista e a Sociedade Esportiva Palmeiras se tornaram modelos consagrados de clubes populares, um adjetivo que os acompanhou durante as décadas iniciais do futebol.

Para a historiografia sobre o futebol e os anais esportivos, Palmeiras e Corinthians são considerados símbolos do conflito popular x elite em torno desse esporte, que interpôs os

clubes tradicionais que não aceitavam a participação nas ligas oficiais das agremiações de origem operária ou da várzea. Com base na análise em diversos arquivos, sugerimos ser mais apropriado refletir sobre essa fase como um período de negociação de interesses, entre os clubes, federações e os grupos que se abrigavam no interior de cada uma dessas entidades.

Não descartamos a existência de conflitos, mas concebemos a possibilidade de entendermos o futebol como espaço de manobras e mediação, em que se refletiu a complexidade das relações sociais que caracterizam nossa sociedade. No Brasil o futebol foi ganho aos poucos pelas camadas inferiores e intermediárias, visto que a sua popularização foi um fenômeno mundial e que se adequou às particularidades de cada país ou região, por isso sua expansão em São Paulo marcou-se pela ambigüidade observada em algumas situações. Foi justamente em um momento de crise entre a liga oficial (LPF) e determinados clubes tradicionais, que as agremiações operárias ou varzeanas encontraram guarida nas diversas ligas surgidas na época e que disputavam o controle do futebol paulista.

O acesso e os êxitos obtidos pelo Palestra e Corinthians nos campeonatos oficiais influenciaram o crescimento da torcida dessas duas agremiações, que reforçaram na década de 1920 a identificação como times populares, visto que, na platéia dos seus jogos, encontrava-se grande número de imigrantes, operários e trabalhadores do comércio. Em contrapartida, foi desprezado o aumento de torcedores em outros clubes, especialmente o Paulistano, cujo mesmo fenômeno não foi observado como indicativo de sua popularização, visto que se solidificou sua identidade elitista.

Como entidades catalisadoras de massas e abrigo de afirmações pessoais e coletivas, ambos os clubes espalharam tensões sociais em um cosmo: metropolitano, industrial e cosmopolita. Em uma sociedade em processo de industrialização, urbanização e transformações das relações econômicas, criaram-se diferentes laços sociais. Nesse sentido os clubes de futebol em São Paulo tiveram uma função importante como aglutinador da comunidade e um pólo de identidade

A passagem do simpatizante de um clube para torcedor foi um fenômeno importante no sucesso do futebol como esporte de massa. A consolidação dos clubes acarretou o aumento das tensões internas e externas, num período em que os esportes ainda se encontravam em processo de organização no país. As agremiações se tornaram palcos de confraternização e fortalecimento da identidade do grupo, construindo-se histórias mitificadas. Ao mesmo tempo, foi também espaço de conflitos internos (luta pelo poder entre facções) e externos (observado no elogio das diferenças). Os embates entre elas não se limitaram ao campo de futebol, mas foram assimilados como vitória ou derrota do

indivíduo\grupo e de onde se criou uma pergunta de corte, que detectamos na formação de uma comunidade de destino e suas respectivas colônias: para que time você torce?

No tocante à política esportiva, os conflitos entre clubes, ligas e federações, foram solucionados mediante a atuação do governo federal (criação do CND) e os governos estaduais, no caso paulista com o DEESP. Nesse aspecto o Estado Novo teve um papel destacado como elemento disciplinador dos esportes, obviamente com um caráter autoritário, que foi uma das marcas desse regime. A documentação de controle (DEOPS) representa a face controladora do governo\Estado, que acompanhamos em relação aos casos envolvendo o processo de nacionalização dos clubes de futebol e a campanha contra a “quinta-coluna” e os “súditos do Eixo”. Foi com a entrada do Brasil na 2ª Guerra, que todos os pólos tiveram de se redefinir: elite\povo\governo.

Os processos, os prontuários do DEOPS e os jornais da época permitiram-nos conceber uma relação entre o aparato repressivo e os meios de comunicação escritos: a ação policial e do judiciário foi acompanhada e divulgada com ênfase, fato elucidativo de que, no governo Vargas, representou um esforço na construção de um espírito nacionalista, no qual se canalizou a energia popular contra os países agressores do Eixo e seus possíveis aliados internos.

Em razão desse contexto, o Sport Clube Corinthians Paulista e a Sociedade Esportiva Palmeiras estiveram entre as entidades que passaram pelo processo de nacionalização. Ao analisarmos esse fenômeno, a memória (HO) é depositária dos processos de seleção dos fatos segundo uma mitologia socioesportiva criada a partir das reminiscências.

Há neste processo mnemônico seleções e apagamentos graves, como observamos no episódio que envolveu a administração Manuel Correcher, em que os conflitos internos provocaram traumas profundos que contribuíram para o apagamento sobre a intervenção estadual. Ao contrário do Corinthians, a nacionalização vivenciada pelo Palmeiras, um clube formado majoritariamente por italianos e seus descendentes, que nessa época foram considerados suspeitos de serem simpatizantes do fascismo e incluídos pela imprensa como partícipes dos súditos do Eixo. Mesmo com todas essas tensões, o clube não sofreu uma intervenção estadual, e o fato de maior relevância foi a alteração do nome Palestra\Palmeiras, na semana que antecedeu a partida que decidiu o campeonato paulista de 1942.

Acreditamos que, por causa de o São Paulo Futebol Clube ter sido o adversário nesse jogo, esse fato contribuiu para o acirramento dos ânimos. Principalmente, se levarmos em consideração que as tensões existentes contra os “súditos do Eixo” se reproduziram no campo esportivo, por enfrentarem justamente uma agremiação que representava teoricamente

“as tradicionais famílias paulistanas”, que reacendeu todo um debate sobre o nacionalismo, reconhecido inclusive pelas autoridades.

O triunfo do Palmeiras ganhou enorme significado, pois foi erigida uma epopéia vitoriosa e gravada como marco na sua história. O processo de nacionalização da Sociedade Esportiva Palmeiras se tornou um evento importante, que pode ser medido pela motivação dos colaboradores em falarem sobre o tema. Ou mesmo na ostentação da fotografia da primeira partida em que o time atuou com o novo nome, que é um dos destaques na sala de troféus do clube.

Os problemas enfrentados durante o Estado Novo por essas duas entidades esportivas convergiram para uma mesma situação delicada, quando, em outubro de 1942, os associados que eram súditos do Eixo foram expurgados (segundo a mídia) ou licenciados (na versão dos clubes) em face das exigências das autoridades. Assim, se o processo de intervenção no Corinthians e a nacionalização do Palestra ocorreram em situações e contextos particulares, observamos que, na expulsão dos sócios, houve a conjunção de ambos os processos. Isso implica uma realidade que foi minimizada, em que os estereótipos da rivalidade emergem para negar uma gênese comum, popular e imigrante, suscetível às mudanças que tanto explicam a cidade de São Paulo, o Estado de São Paulo e o Brasil.

NÚCLEO E FONTES DOCUMENTAIS

Documentos cartoriais escritos: atas, diários, cadernetas de associados, registros de sócios, fotografias, memorandos, registros de jogos das federações esportivas, regulamentos, dossiês, prontuários do DEOPS, jornais e periódicos.

ARQUIVOS CONSULTADOS:

Arquivo da Associação Atlética Ponte Preta.

Arquivo da família Cassano.

Arquivo da Federação Paulista de Futebol :

Arquivo da Sociedade Esportiva Palmeiras.

Arquivo de Celso Dario Unzelte

Arquivo de Fernando Razzo Gallupo.

Arquivo do Clube Atlético Juventus

Arquivo do Clube Atlético Paulistano.

Arquivo do Esporte Clube Pinheiros (Centro Pró Memória Hans Nobiling).

Arquivo do Esporte Clube Sírio.

Arquivo do Estado de São Paulo:

Arquivo do Núcleo de Estudos em História Oral (NEHO).

Arquivo do Pirassununguense Futebol Clube.

Arquivo do Primeiro de Maio Futebol Clube.

Arquivo do Rio Claro Futebol Clube .

Arquivo do São Paulo Futebol Clube.

Arquivo do Sport Clube Corinthians Paulista.

BIBLIOTECAS CONSULTADAS:

Biblioteca Central da Universidade de São Paulo.

Biblioteca da Universidade de Direito do Largo São Francisco

Biblioteca da PUC-SP

Biblioteca Municipal Mário de Andrade.

Biblioteca do Clube Atlético Paulistano.

PERIÓDICOS.

A Cigarra Sportiva (11.1919) - arquivo do CA Paulistano.

A Estampa Esportiva (06.06.1927; 27.01.1929) - arquivo da Família Cassano e arquivo do CA Paulistano.

A Gazeta (09.01.1930; 28.01.1930; 03.12.1931; 21.03.1932; 29.12.1931; 12.10.1941; 31.08.1942; 05.10.1942) - arquivo do SC Corinthians Paulista e arquivo do Estado de São Paulo.

A Noite (23.08.1943; 24.08.1942; 22.08.1943; 24.09.1942; 12.03.1943; 08.12.1942; 17.08.1943; 27.08.1942; 19.0.1942; 23.08.1943) - arquivo do Estado de São Paulo.

A Platéia (23.07.1927) - arquivo da família Cassano.

Correio Paulistano (14.03.1942; 18.03.1942; 20.03.1942; 14.04.1941; 05.04.1942; 16.09.1942) - arquivo da família Cassano e arquivo do Estado de São Paulo.

Correio da Tarde (19.09.1923) – arquivo da família Cassano.

Correio de São Paulo (15.12.933; 16.01.1934) arquivo do CA Paulistano.

Diário da Noite (16.01.1929; 31.08.1929; 29.07.1940; 04.01.1941; 07.1930) - arquivo do Estado de São Paulo e arquivo da família Cassano.

Diário Popular (11.04.1913; 12.04.1913; 29.12.1933) – arquivo do Estado de São Paulo.

Diário de São Paulo (01.02.1942; 04.02.1942; 30.07.1930; 06.08.1940; 12.01.1941) - arquivo do Estado da São Paulo e arquivo da família Cassano.

Diário Oficial da União (16.09.1941) - Biblioteca Mario de Andrade.

Diário Oficial do Estado (04.08.1939; 16.04.1941; 03.01.1942; 03.02.1942 e 24.08.2004) - arquivo do Estado de São Paulo.

Fanfulla (14.09.1923; 19.09.1923; 15.01.1934) - arquivo da família Cassano.

Folha da Manhã (30.12.1931; 21.08.1942; 21.07.1942; 17.08.1943; 25.08.1942; 02.11.1942; 23.08.1942; 18.09.1942) - arquivo do Estado de São Paulo.

Folha da Noite (07.03.1932; 12.03.1932; 07.11.1933; 21.10.1942; 02.12.1942; 26.10.1942; 12.09.1942; 15.09.1942) - arquivo do Estado de São Paulo.

Jornal da Tarde (28.07.1976) - arquivo do Estado de São Paulo.

O Esporte (29.07.1940; 30.07.1940; 16.09.1942; 21.10.1942) - arquivo da família Cassano e arquivo do Sport Clube Corinthians Paulista.

O Estado de São Paulo (05.11.1933; 21.05.1916; 22.05.1917; 04.04.1915; 11.04.1915; 10.04.1915; 06.05.1917; 07.05.1917; 15.12.1919; 12.01.1930; 17.02.1933; 05.11.1933;

07.11.1933; 09.11.1933; 25.12.1933; 02.09.1942; 14.07.1942; 07.02.1943; 13.07.1943; 16.01.1942; 18.09.1942) - arquivo do CA Paulistano e arquivo do Estado de São Paulo.
O Imparcial (15.04.1913; 11.04.1915; 19.09.1923; 20.02.1927) -arquivo da família Cassano e arquivo do CA Paulistano.

PRONTUÁRIOS DO DEOPS (Arquivo do Estado de São Paulo).

Associação Portuguesa de Desportos – prontuário 9.977

Attílio Rico – prontuário 34.384.

Banco Germânico da América do Sul – prontuário 25.414

Circolo Italiano de São Paulo – prontuário 40.632

Clube Espéria – prontuário 13.571

Clube Pinheiros – prontuário 10.051

Esporte Clube Corinthians Paulista – prontuário 9.220

Fascio de São Paulo – prontuário 27.804

Federação Paulista de Futebol – prontuário 6.442

Guido Pellegrini – prontuário 16.807

Guido Sarti – prontuário 32.830.

Guido Zagari – prontuário 699.388

Hans Meyer – prontuário 11.582

Hygino Pellegrini – prontuário 112.405

Ítalo Adami – prontuário 51.768

Mário Rossi – prontuário 27.804

Rádio Tupy – prontuário 47.058

Roberto Lagório – prontuário 16.283.

Rosário Caltabiano – prontuário 39.935

Ruy Barbosa Campos – prontuário 45.245.

Sociedade Esportiva Palmeiras – prontuário 12.682

Spartaco Rossi – prontuário 47.058

ENTREVISTAS E RELATOS TRANSCRITOS E TRANSCRIADOS.

Antônio Rago.

(Entrevista ao autor em junho de 2000).

Augustinho Zaccaro.

(Entrevista ao autor em março de 2001).

Edna Lotufo, Idílio Lotufo e Evani Lotufo.

(Entrevista ao autor em janeiro de 2007).

Emanoelita Correcher.

(Relato ao autor em maio de 2007).

Ernesto Cassano e Janete Perrota Cassano.

(Entrevista ao autor em janeiro e junho de 2007) .

Francisco Gracioli.

(Relato ao autor em dezembro de 2006)

Gabriel Otamendi.

(Relato ao autor em setembro de 2005)

Joanira Custodio do Nascimento.

(Relato ao autor em junho de 2006).

Jocélio Avelino Piedade.

(Relato ao autor em maio de 2006).

Oberdan Catani.

(Entrevista ao autor em junho de 2000).

Olavo Realli.

(Entrevista ao autor em junho de 2000).

Renato Violani.

(Entrevista ao autor em agosto de 2000).

Gustavo Pauli.

(Entrevista ao autor em agosto de 2000).

Marco Espósito.

(Relato ao autor em junho de 2006).

Luis Gonzaga Belluzzo.

(Entrevista ao autor em agosto de 2004).

Roberto Delmanto.

(Entrevista ao autor em agosto de 2007).

Juca Kfourri.

(Entrevista ao autor em março de 2005).

Celso Unzelte.

Entrevista ao autor entre outubro de 2004 e março de 2005.

Lourenço Diaféria.

(Entrevista autor em abril de 2005).

SITES.

www.alamedaeditorial.com.br

www.campeonatopaulista.com

www.cev.org.br

www.citadini.com.br

www.danielrc.blogspot.com

www.efdeportes.com

www.forzaverde.com.br

www.klepsidra.net

www.leonidasdasilva.com.br

www.netimao.com.br.

www.ocorinthiano.com

www.pontoverde.com.br

www.sp450.com

BIBLIOGRAFIA

AQUINO, Maria Aparecida de -1995- .**A América vai à guerra.** In: COGGIOLA, Oswaldo (org.). **A Segunda Guerra Mundial.** São Paulo. Editora Xamã.

ARAUJO, José Renato de Campos- 1996- **Imigração e Futebol: o caso Palestra Itália.** IFCHUNICAMP. Dissertação de Mestrado. Depto de Sociologia. Campinas.

- ARAUJO, José Renato de Campos- 1997- **Imigração e futebol: o caso Palestra Itália. Campinas.** Editora Mayard.
- BANDEIRA, Moniz -1973- **Presença dos Estados Unidos no Brasil.** Rio de Janeiro. Editora Civilização Brasileira.
- BARRETO, Lima. **Uma Conferência Esportiva:**in RAMOS, Ricardo(org) -1990- **A Palavra é Futebol.** São Paulo.Editora Scipione.
- BATTIBUGLI, Thais -2000- **A militância antifascista: Comunistas brasileiros na Guerra Civil Espanhola (1936-1939).** Tese de Doutorado. FFLCH. São Paulo. Orientador: José Carlos Sebe Bom Meihy.
- BAUMAN, Zygmunt – 2003 – **Comunidade.** Rio de Janeiro. Jorge Zahar Editor.
- BAUMAN, Zygmunt -2004- **Identidade.**Rio de Janeiro. Jorge Zahar Editor.
- BELOS, Alex in: www.alamedaeditorial.com.br
- BERTONHA, João Fabio -1998 – **Sob o signo do Fascio: o fascismo, os imigrantes italianos e o Brasil (1922-1943).** Tese de Doutorado em História. Campinas. UNICAMP.
- BERTONHA, João Fábio -1999- **Sob a sombra de Mussolini. Os italianos de São Paulo e a luta contra o fascismo.** São Paulo. Editora Anna Blume.
- BLACK, Edwin -2001- **IBM e o Holocausto.** São Paulo. Record.
- BLOCH, Marc -1997- **Introdução à História.** Rio de Janeiro/São Paulo. Fórum de História.
- BOSI, Ecléia -1984- **Memória e Sociedade. Petrópolis.** Editora Paz e Terra.
- BRANDÃO, Ignácio de Loyola -1990- **Clube Atlético Paulistano.** São Paulo. Editora Melhoramentos.
- BURUMA, Ian e MARGALIT, Avishai -2006- **Ocidentalismo.** Rio de Janeiro. Editora Jorge Zahar
- CALDAS, Waldenir -1984- **Aspectos sóciopolíticos do futebol brasileiro.** São Paulo. Revista USP, 22.
- CALDAS, Waldenir -1990- **O pontapé inicial-memória do futebol brasileiro.** São Paulo. Editora Ibrasa.
- CAPELATO, Maia Helena -1999- **Imprensa e história do Brasil.** São Paulo Editora Contexto.
- CARELLI, Mario -1988- **Carcamanos e Comendadores: Os Italianos de São Paulo. Da Realidade à Ficção.** São Paulo. Editora Ática.
- CARNEIRO, Maria L. Tucci (org) -1997- **Inventário DEOPS: Alemanha.** São Paulo. Arquivo do Estado.
- CARNEIRO, Maria L.Tucci -1995- **O anti-semitismo na Era Vargas.** São Paulo.Editora Brasiliense.

- CARONE, Edgar -1976- **A Terceira República (1937-1945)** SP/RJ. Editora Difel.
- CASTELLANI, José -1996- **História do Grande Oriente**. São Paulo. Editora Esfinge.
- CASTRO, Mauricio Barros de -2007- **Na roda do mundo: mestre João grande entre Bahia e Nova York**. Tese de Doutorado. FFLCH. São Paulo. Orientador: José Carlos Sebe Bom Meihy.
- CHAUÍ, Marilena -2000- **Brasil mito fundador e sociedade autoritária**. São Paulo. Fundação Perseu Abramo.
- CHAUÍ, Marilena -1996- **Convite à filosofia**. São Paulo. Editora Ática..
- CITADINI, Antonio Roque -2003- **Neco: o primeiro ídolo**. São Paulo. Geração Editorial.
- CORSI, Francisco Luiz -2000- **Estado Novo: Política externa e projeto nacional**. São Paulo. Editora UNESP/Fapesp.
- COSTA, Carlos Frederico Correia da -1996- **Direi...ta volver! Esquer...da volver! História de Experiências de vida de militares**. Tese de Doutorado. FFLCH. São Paulo. Orientador: José Carlos Sebe Bom Meihy.
- CYTRYNOWICZ, Roney -2000- **Guerra sem Guerra**. São Paulo. Edusp Editora.
- DAMATTA, Roberto -1982- **O universo do futebol: esportes e sociedade brasileira**. Rio de Janeiro. Editora Pinakothke.
- DAMATTA, Roberto -1987- **Carnavais, Malandros e Heróis**. Rio de Janeiro. Editora Companhia das Letras.
- DAMATTA, Roberto -1994- **Antropologia da saudade: in Conto de mentiroso**. Rio de Janeiro. Editora Rocco.
- DAÓLIO, Jocimar -1997-. **Educação física e futebol**. Campinas. Editora Unicamp.
- DEZEM, Rogério -2000- **Shindô-Renmei: terrorismo e repressão**. São Paulo. Arquivo do Estado/ Imprensa Oficial.
- DIETRICH, A M.; ALVES, E.B. e PERAZZO, P. -1997- **Inventário DEOPS- Módulo 1 – Alemanha**. São Paulo. IMESP.
- DIETRICH, Ana -2007- **O nazismo tropical**. Tese de Doutorado. FFLCH. São Paulo. Orientador: José Carlos Sebe Bom Meihy.
- DULLES, John Foster -1979- **Getúlio Vargas**. Rio de Janeiro. Editora Civilização Brasileira.
- FAUSTO, Boris -1997- **Negócios e ócios**. São Paulo. Editora Companhia das Letras.
- FEBVRE, Lucien. **Combates pela História in: MOTA, Carlos Guilherme -1992- Grandes cientistas sociais**. São Paulo. Editora Ática.
- FERRAZ, Arrilson de Souza -1969- **Presidente Washington Luis e a cultura física brasileira. IN: Whashington Luis visto por seus contemporâneos**. São Paulo. Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo.

- FRANCO Junior, Hilário – 2007 - **A Dança dos Deuses (futebol, sociedade e cultura)**. São Paulo. Editora Companhia das Letras.
- FREITAS Jr, Miguel Archanjo de -2006- **O Futebol como Objeto de Estudos das Ciências Sociais: A Urgência de Novas Abordagens**. *Revista Digital*. Buenos Aires. Ano 10, nº94
- FREYRE, Gilberto -1990- **Casa-grande e senzala**. Rio de Janeiro. Editora Nova Fronteira.
- GAMBINI, Renato -1961- **O duplo jogo de Getúlio Vargas**. Rio de Janeiro. Editora Símbolo.
- GERTZ, René -1998- **O perigo alemão**. Porto Alegre. Editora da Universidade.
- GOMES, Neise -1969- **Washington Luis e a instrução in: Washington Luis visto por seus contemporâneos**. São Paulo. Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo.
- HALBWACHS, Maurice -1990- **A memória coletiva**. São Paulo. Editora Vértice.
- HELAL, Ronaldo e GORDON Junior, César – 1999 - **Sociologia, história e romance na construção da identidade nacional in: Estudos Históricos (Esporte e Lazer nº 23)**. Rio de Janeiro. Fundação Getulio Vargas.
- HELAL, Ronaldo -1997- **Passes e impasses: futebol e cultura no Brasil**. Petrópolis. Editora Vozes.
- HELENA Nunes, Alberto -1989- **Palmeiras, a eterna academia**. São Paulo. Editora Melhoramentos.
- HILTON, Stanley –1983- **O Brasil e a Crise Internacional (1930-1945)**. Rio de Janeiro. Editora Civilização Brasileira.
- HILTON, Stanley -1997- **O Brasil e as Grandes Potências (1930-39)**. Rio de Janeiro. Editora Civilização Brasileira.
- HOBBSBAWM, Eric -1996- **Era dos Extremos**. São Paulo. Companhia das Letras.
- HOBBSBAWM, Eric e RANGER, Terence -1989- **A Invenção das Tradições**. Rio de Janeiro. Editora Paz e Terra.
- KFOURI, Juca-1996-. **Corinthians: paixão e glória**. São Paulo. Editora DBA Melhoramentos.
- LEGISLAÇÃO FEDERAL -1937-1945- **Revista Forense**. Coletânea: Diário Oficial da União. Distrito Federal v37, 38 e 39.
- LE GOFF, Jacques –1996- **História e Memória**. Campinas. Editora Universidade de Campinas.
- LESSER, Jeffrey -1995- **O Brasil e a questão judaica. Imigração, diplomacia e preconceito**. Rio de Janeiro. Editora Imago.

- LEVINE, Robert -1982- Esporte e sociedade:o caso do futebol brasileiro. In : MEIHY, José C. Sebe Bom e WITTER, José Sebastião. **Futebol e cultura**. Coletânea de estudos. São Paulo. IMESP/DESP.
- LOVISARO, Martha e NEVES, Leczy Consuelo(org) -2005- **Futebol e Sociedade:um olhar transdisciplinar**. Rio de Janeiro Editora UERJ.
- LUCENA, Ricardo de Figueredo -2000- **O Esporte na cidade**. Campinas. Editora Autores Associados.
- MACHADO, Antônio de Alcântara -1982- **Brás, Bexiga e Barra Funda**. São Paulo. IMESP/DAESP.
- MAGALHÃES, Marionilde Dias Brephol de -1995- **A Alemanha no Brasil durante a Segunda Guerra**. In: COGGIOLA, Oswaldo (org.). **Segunda Guerra Mundial**. São Paulo, Editora Xamã.
- MAZZONI, Thomaz -1950- **História do Futebol Brasileiro:1894-1950**. São Paulo. Edições Leia.
- MCCANN, Frank -1973- **The Brazilian American Aliance, 1937-1945**, Princeton.
- MCCANN, Frank -1982- **A Nação Armada**. Recife. Editora Guararapes.
- MEIHY, José Carlos Sebe Bom e HOLANDA, Fabíola -2007- **História Oral** São Paulo. Editora Contexto.
- MEIHY, José Carlos Sebe Bom -1990- **A Colônia Brazilianista: História Oral e Vida Acadêmica**. São Paulo. Editora Nova Stella..
- MEIHY, José Carlos Sebe Bom -2005- **Manual de História Oral**. SP. Edições Loyola.
- MEIHY, José Carlos Sebe Bom e WITTER, José Sebastião -1982- **Futebol e cultura. Coletânea de estudos**. São Paulo. IMESP/DESP.
- MILLS, John R. -1996- **Charles Miller-memoriám SPAC**. Rio Janeiro. Fundação Biblioteca Nacional/Price Waterhouse.
- MIZRAHI, Rachel -2003- **Imigrantes Judeus do Oriente Médio**. São Paulo, Editora Ateliê.
- MOURA, Gerson -1991- **Sucessos e ilusões: relações internacionais do Brasil na Segunda Guerra**. Rio de Janeiro. Fundação Getúlio Vargas.
- MURAD, Mauricio -1996- **Dos pés a cabeça-elementos básicos da sociologia do futebol**. Rio de Janeiro. Irradiação Cultural, 1996.
- MURRAY, Bill -2000- **Uma História do futebol**. São Paulo. Editora Hedra.
- NAPOLEÃO, Antonio Carlos e ASSAF, Roberto -2006- **Seleção brasileira 1914-2006**. São Paulo. Editora Mauad.

NEGREIROS, Plínio José Labríola de Campos – 2003 – **Futebol nos anos 1930 e 1940: Construindo a identidade nacional in: Revista Questões e Debates**, nº39. Curitiba. Editora UFPR.

NEGREIROS, Plínio José Labríola de Campos-1998- **A nação entra em campo: futebol nos anos 1930 e 1940**. Tese de Doutorado. PUC-SP.

NORMANDO, Tarcisio.-2003- **O Futebol como Objeto de Investigação Acadêmica**. Revista Digital. Bueno Aires. Ano 8, nº53.

PERAZZO, Priscila Ferreira -1999- **O Perigo Alemão e a repressão policial no Estado Novo**. São Paulo. Editado Arquivo do Estado\Imprensa Oficial.

POLLAK, Michel -1989- **Memória, esquecimento e silêncio**. Estudos Históricos. Rio de Janeiro, v2, nº3.

PORTELLI, Alessandro -1993 – **Sonhos ucrônicos: memória e possíveis mundos dos trabalhadores**. In: Projeto História 10, São Paulo. Educ

OSMAN, Samira Abdel -2007- **Entre o Líbano e o Brasil: dinâmica migratória e história oral de vida**. Tese de Doutorado. FFLCH. São Paulo. Orientador: José Carlos Sebe Bom Meihy.

RAMOS, Graciliano -1990- **Linhas Tortas** in: RAMOS, Ricardo(org). **A Palavra é Futebol**.São Paulo.Editora Scipione.

RIBEIRO, Rubens – 2005- **O caminho da bola 1902-1952**. São Paulo. Editora Mauad.

RIBEIRO, Suzana Lopes Salgado -2007- **Visões e Perspectivas: Documento em História Oral in: ORALIDADES**. Revista de História Oral (NEHO), nº2 jul\dez.

RICO, Osvaldo da Silva -2005- **COF 60 anos:1945-2005**. São Paulo. Edição do autor.

RIVIÉRE, Claude -1990- **Ritos Profanos**. Petrópolis. Editora Vozes.

RODRIGUES, Mario Filho -1964- **O negro no futebol brasileiro**. Rio de Janeiro. Civilização Brasileira.

ROSENFELD, Anatol -1993- **Negro, macumba e futebol**. Campinas. Editora Perspectiva.

SALUN, Alfredo Oscar - 2004- **Zé Carioca vai à guerra**. São Paulo. Edições Pulsar.

SANTOS, Andréa Paula dos -1998- **A esquerda das Forças Armadas brasileiras: História Oral de vida dos militares nacionalistas de esquerda**. Dissertação de Mestrado. FFLCH. São Paulo. Orientador: José Carlos Sebe Bom Meihy.

SANTOS, Viviane Teresinha dos -2001- **Os seguidores do Duce**. São Paulo. Arquivo do Estado/Imprensa Oficial.

- SEITENFUS, Ricardo -2003- **O Brasil vai à guerra. Barueri.** Editora Manole.
- SEVCENKO, Nicolau -1994- **Futebol, metrópoles e desatinos.** São Paulo. Revista USP, nº22.
- SEVCENKO, Nicolau -2000- **Orfeu Extático na Metrópole.** São Paulo. Editora Companhia das Letras.
- SHIRTS, Mathew -1982- **Futebol no Brasil ou football in Brazil?** IN: MEIHY, José C. Sebe Bom e WITTER, José Sebastião. **Futebol e cultura. Coletânea de estudos.** São Paulo. IMESP/DESP.
- SHIRTS, Mathew -1982- **Literatura futebolística: uma periodização.** IN : MEIHY, José C. Sebe Bom e WITTER, José Sebastião. **Futebol e cultura. Coletânea de estudos.** São Paulo. IMESP/DESP.
- SILVA, Hélio -1991- **Porque depuseram Vargas.** Rio de Janeiro. Editora Nova Civilização Brasileira.
- SKIDMORE, Thomaz -1989 - **O preto no branco: raça e nacionalismo no pensamento brasileiro.** Rio de Janeiro. Editora Paz e Terra
- SKIDMORE, Thomaz -1990- **O Brasil visto por fora.** Rio de Janeiro. Editora Paz e Terra.
- SOARES, Antonio – 1999 – **A modo da resposta in: Estudos Históricos (Esporte e Lazer).** Rio de Janeiro. Fundação Getulio Vargas.
- SOARES, Antonio – 1999 – **História e invenções das tradições no campo do futebol in Estudos Históricos (Esporte e Lazer).** Rio de Janeiro. Fundação Getulio Vargas.
- SOARES, Antonio Jorge -1994- **Futebol, malandragem e identidade. Vitória. Secretaria de Produção e Difusão Cultural\FES,** 1994.
- STORTI, Valmir e FONTENELLE -1997- André. **A História do Campeonato Paulista.** São Paulo. Publifolha.
- SUSSEKIND, Hélio -1996- **Futebol.** Rio de Janeiro. Editora Rio Arte.
- THOMPSON, Paul -1992- **A Voz do Passado.** Rio de Janeiro. Editora Paz e Terra.
- TORREMORELL, Maria C. Boqué -2003- **Cultura de mediación e cambio social.** Barcelona. Gedisa Edicions.
- TOTA, Antonio Pedro -1987- **O Estado Novo.** São Paulo. Editora Brasiliense.
- TOTA, Antonio Pedro -2000- **O Imperialismo sedutor.** São Paulo. Editora Cia das Letras.
- TRONCA, Ítalo -1981- **O Exército e a Industrialização, entre Armas e Volta Redonda,** Rio de Janeiro. Difusão Editorial.

UNZELTE, Celso -2004- **Manual do Timão**. São Paulo. Editora Melhoramentos.

VELHO, Gilberto-2001-**Memória, cultura e sociedade:** in LEIBING, Annette e BENNINGHOFF, Lühl (org). **Devorando o tempo**. São Paulo. Mandarim.

VELLOSO, Mônica -2000- **Que cara tem o Brasil?** Rio de Janeiro. Edições Ediouro.

WITTER, Jose Sebastião -1990- **O que é futebol**. São Paulo. Editora Brasiliense.

ANEXOS

Anexo 1 – Fundadores da Sociedade Esportiva Palestra Italia.

Anexo 2- Carta de despedida do CA Paulistano.

Anexo 3 – Cartas da CBD ao Palestra e Corinthians

Anexo 4 – Ata da criação da LPF

Anexo 5 – Panfleto: comitê dos cinco.

Anexo 6 – Panfleto: um corinthiano.

Anexo 7 – Lista dos candidatos ao Conselho do Corinthians em 1935-1936

Anexo 8 - Diário Oficial da União – CND.

Anexo 9 – Panfleto: De quem é a culpa (Corinthians e a intervenção)

Os sócios fundadores do Palestra Itália, presentes na 1ª assembléia geral no dia 26/08/1914:

Adolfo Izzo	Giorgio Gianetti
Alfonso de Azevedo	Giovanni Lamachia
Alfonso Mosca	Giovanni Rossi
Alfredo Izzo	Giulio Gianetti
Alfredo Migliori	Giuseppe Nigro
Álvaro Ferreira da Silva	Giuseppe Prince
Amedeo Bucciarelli	Guido Gianetti
Antonio Aulicino	Luigi Cervo
Antonio Gallucci	Luigi Medici
Armando Rebuci	Luigi Medici Fu Rosário
Battista Mannini	Luigi Emanuele Marzo
Clementino Del Ciello	Luigi Izzo
Delfo Betti	Michele Ciello
Ercole Russo	Michele Tavolaro
Eugenio Gallo	Onofrio Lilla
Ezequiel Simoni	Oreste Romano
Francesco Camargo	Vicente Rizzo
Francesco De Vivo Nipote	Vincenzo Cilento
Francesco Morelli	Vincenzo Ragognetti
Gennaro Romano Filho	

Anexo 2 – Cartas de despedida do CA Paulistano

Anexo 3 – Cartas da CBD ao Palestra e Corinthians

Anexo 4 – Ata da criação da LPF

Anexo 5 – Panfleto: comitê dos cinco.

Anexo 6 – Panfleto: um corinthiano.

Anexo 7 – Lista dos candidatos ao Conselho do Corinthians em 1935-1936

Anexo 8 - Diário Oficial da União – CND.

GETULIO VARGAS.
Gustavo Capanema.

REGIMENTO DO CONSELHO NACIONAL DE DESPORTOS
CAPÍTULO I

DA CONSTITUIÇÃO DO CONSELHO NACIONAL DE DESPORTOS

Art. 1º O Conselho Nacional de Desportos (C.N.D.) tem por fim orientar, fiscalizar e incentivar a prática dos desportos em todo o país, na forma do decreto-lei n. 3.199, de 14 de abril de 1941.

, DECRETO N. 9.267 – DE 16 DE ABRIL DE 1942

Aprova o Regimento do Conselho Nacional de Desportos

O Presidente da República, usando da atribuição que lhe confere o art. 74, letra a, da Constituição, resolve:

Art. 1º Fica aprovado o Regimento do Conselho Nacional de Desportos que com este baixa, assinado pelo Ministro da Educação e Saúde.

Art. 2º O presente decreto entrará em vigor na data da sua publicação.

Rio de Janeiro, 16 de abril de 1942, 121º da independência e 54º da República.

GETULIO VARGAS.
Gustavo Capanema.

REGIMENTO DO CONSELHO NACIONAL DE DESPORTOS
CAPÍTULO I

DA CONSTITUIÇÃO DO CONSELHO NACIONAL DE DESPORTOS

Art. 1º O Conselho Nacional de Desportos (C.N.D.) tem por fim orientar, fiscalizar e incentivar a prática dos desportos em todo o país, na forma do decreto-lei n. 3.199, de 14 de abril de 1941.

Art. 2º O C.N.D. compor-se-á de cinco membros, nomeados pelo Presidente da República, dentre pessoas de elevada expressão cívica e que representem, em seus vários aspectos, o movimento desportivo nacional.

Art. 3º O mandato dos membros do C.N.D. é de um ano, não sendo vedada a recondução.

Art. 4º O Presidente da República designará, dentre os membros do C.N.D., aquele que deverá exercer as funções de presidente.

Art. 5º O Ministro da Educação e Saúde poderá conceder licença a qualquer membro do C.N.D., até o máximo de sessenta dias.

Art. 6º O membro do C.N.D., impedido por mais de sessenta dias, será substituído, interinamente, por ato do Presidente da República.

Art. 7º O Ministro da Educação e Saúde designará o suplente do membro do C.N.D. licenciado na forma do art. 5º deste regimento.

Art. 8º O conselheiro que deixar de comparecer, seguidamente, a mais de três sessões, sem causa justa, será substituído por ato do Presidente da República, mediante comunicação do presidente do C.N.D. ao Ministro da Educação e Saúde.

Art. 9º Os membros do C.N.D. têm livre acesso em qualquer centro de atividade desportiva, com as distinções devidas.

CAPÍTULO II

DAS ATRIBUIÇÕES DO CONSELHO NACIONAL DE DESPORTOS

Art. 10. É da competência do C.N.D.:

1º, estudar as matérias relativas à organização desportiva do país e propor ao Ministro da Educação e Saúde as medidas legislativas ou administrativas à mesma referentes;

2º, superintender a prática de todas as atividades desportivas realizadas no país, assistido pelos órgãos especializados do Ministério da Educação e Saúde e com a cooperação dos conselhos regionais de desportos;

3º, vigilar o funcionamento das entidades desportivas, afim de lhes assegurar disciplina constante, administração correta e funcionamento regular;

4º, estimular as entidades de caráter amadorista, com os recursos de que dispuser o Ministério da Educação e Saúde, e adotar, por todos os meios, medidas de rigorosa vigilância sobre o profissionalismo desportivo;

5º, promover a organização do cadastro do movimento desportivo do país;

6º, promover, quinquenalmente, a realização do Congresso Nacional de Desportos;

7º, opinar sobre a concessão de subvenções do Governo Federal às entidades desportivas;

8º, coordenar a ação dos conselhos regionais de desportos, aprovar o projeto de seus regimentos e fiscalizar-lhes o cumprimento;

9º, a amparar, pelos meios ao seu alcance, o desenvolvimento das associações desportivas de não considerável expressão, e definir-lhes o sistema peculiar de administração;

10, articular providências que assegurem a defesa e o desenvolvimento dos desportos universitários, e de associações que se constituírem na Marinha, no Exército ou entre as forças policiais, respeitada a legislação respectiva;

11, sugerir ao Ministro da Educação e Saúde as providências de interesse público referentes às publicações de qualquer gênero, que se refiram aos desportos nacionais, afim de serem apreciadas, pelo Departamento de Imprensa e Propaganda, quanto à matéria de sua competência;

12, aprovar os estatutos iniciais de cada confederação ou federação, e bem assim as suas sucessivas reformas, submetendo o seu parecer à homologação do Ministro da Educação e Saúde;

13, praticar qualquer ato necessário à boa execução do decreto-lei n. 3.199, de 14 de abril de 1941, e

expedir as instruções que lhe parecerem para isso necessárias;

14, autorizar a participação de delegações nacionais em competição internacional, e fiscalizar a organização das mesmas;

15, requisitar, a quem de direito, funcionário ou extranumerário, sem prejuízo das vantagens de seu cargo ou função, para participar de competição desportiva internacional de amadores, dentro ou fora do país, mediante parecer do Ministro da Educação e Saúde e autorização do Presidente da República, bem como, para o mesmo fim, autorizar a requisição de empregado em serviço particular, mediante solicitação feita pela confederação interessada;

16, requisitar qualquer praça de desportos, pertencentes à União, aos Estados ou aos Municípios, e bem assim às entidades desportivas, sem reserva de direitos dos respectivos quadros sociais, quando deva ser utilizada em competição internacional;

17, proibir a realização de competições desportivas incompatíveis com o interesse público e orientar a organização dos calendários desportivos, mediante indicações de caráter geral;

18, vedar a realização de qualquer exibição pública, sem caráter rigorosamente gratuito, promovida por entidade desportiva que não lhe seja direta ou indiretamente vinculada;

19, sugerir às autoridades competentes da União, dos Estados e dos Municípios as medidas que possam facilitar a edificação de praças de desportos, por iniciativa particular ou custeadas pelos cofres públicos;

20, intervir, por meio de agente da sua escolha, em qualquer entidade desportiva que, comprovadamente, se tenha afastado dos princípios inscritos na legislação desportiva do país;
 21, julgar, em grau de recurso, as decisões que qualquer confederação submeter ao seu pronunciamento e deferir-lhe competência para funcionar, em última instância, nos processos referentes a assuntos das atividades desportivas que lhe sejam próprias, sem prejuízo do direito de revisão, quando estiver em causa a falta de cumprimento de qualquer disposição legal ou de recomendação que houver expedido;
 22, indicar, pelo prazo de um ano, um membro de cada conselho regional de desportos, não sendo vedada a recondução;

23, autorizar a participação de estrangeiros na administração das entidades desportivas, mediante informação da confederação a que estiverem filiadas por maior número de desportos;

24, promover a instauração de inquéritos, constituir as respectivas juntas e designar comissões incumbidas do estudo de assuntos especializados, dependentes da sua decisão;
 25, delegar poder a qualquer dos seus membros;
 26, atribuir aos conselhos regionais de desportos, quando julgar conveniente, a verificação e correção dos atos praticados por qualquer entidade desportiva, com a colaboração das confederações;
 27, expedir às confederações recomendações referentes à prática da medicina desportiva, ouvidos os órgãos técnicos do Ministério da Educação e Saúde;
 28, propor ao Ministro da Educação e Saúde qualquer alteração deste regimento.

CAPÍTULO III

DO FUNCIONAMENTO DO CONSELHO NACIONAL DE DESPORTOS

Art. 11. O C.N.D. reunir-se-á, em sessões ordinárias, semanalmente, ou em sessões extraordinárias, quando convocado pelo Ministro da Educação e Saúde ou pelo seu próprio presidente.

§ 1º Para que as sessões se realizem, bastará o comparecimento de três conselheiros, desde que um deles seja o presidente.

§ 2º No caso de ausência do presidente, por duas sessões consecutivas, os outros conselheiros, ou três deles, poderão reunir-se, cabendo a direção dos trabalhos ao conselheiro mais antigo ou, havendo equivalência de antiguidade, ao mais idoso.

§ 3º No caso de impedimento eventual do presidente, ao C.N.D. compete designar-lhe o substituto.

Art. 12. De três partes constarão as sessões do C.N.D.:

- a) expediente;
- b) ordem do dia;
- c) interesses gerais dos desportos.

§ 1.º Aberta a sessão, será iniciado o expediente, com a leitura e votação da ata, tomando conhecimento o C.N.D., em seguida, dos papéis que lhe tenham sido encaminhados, e das informações que o presidente houver anotado.

§ 2.º O expediente será organizado e lido pelo secretário e não poderá ser interrompido para apreciação de outro assunto.

§ 3º Esgotada a matéria do expediente, o presidente anunciará a ordem do dia, na qual serão expostos, discutidos e votados os assuntos constantes da pauta, cabendo a qualquer conselheiro o direito de pedir preferência para a discussão e votação de matéria de decisão mais urgente.

§ 4º Esgotada a ordem do dia, o presidente concederá a palavra ao conselheiro que a solicitar, podendo o C.N.D. apreciar, então, qualquer outro assunto de interesse geral dos desportos, tomando decisão por maioria de votos.

Art. 13. As sessões do C.N.D. poderão prolongar-se por duas horas, sendo permitida a prorrogação, requerida por um conselheiro e aprovada pela maioria.

§ 1º Durante as sessões do C.N.D. apenas permanecerão no recinto os conselheiros e o secretário, salvo decisão em contrário, para que se permita a presença de alguma autoridade,

ou de dirigente de entidade desportiva convidado para colaborar no estudo de qualquer assunto.

§ 2º O Ministro da Educação e Saúde ocupará a presidência das sessões, sempre que a elas estiver presente, cabendo-lhe, nesse caso, orientar os debates e ditar as diretrizes necessárias à solução de qualquer matéria.

Art. 14. O conselheiro a quem houver sido atribuído o estudo de qualquer assunto poderará solicitar, por intermédio do secretário, as diligências necessárias ao seu esclarecimento.

Art. 15. O conselheiro que pedir vista de um processo deverá restituí-lo, no prazo máximo de sete dias, salvo em casos excepcionais, pendentes de diligências que exijam maior lapso de tempo.

Art. 16. Quando se tratar de matéria de maior relevância, a juízo do C.N.D., as conclusões dos votos vencidos serão redigidas e insertas na ata; em qualquer caso, caberá ao autor do voto vencedor a redação das decisões que prevalecerem.

Art. 17. Se a matéria encaminhada ao C.N.D. reclamar estudos especiais, o presidente a submeterá ao parecer de um conselheiro, mas a falta de apresentação desse parecer, decorrido o prazo de trinta dias, não deverá protelar a decisão, salvo em face de razões de natureza relevante.

Art. 18. As deliberações do C. N. D., que não dependerem de ato do Presidente da República ou do Ministro da Educação e Saúde ou que não importarem compromisso do Governo Federal, terão efeito a partir da publicação, no Diário Oficial, do resumo da ata de cada sessão preparado para esse fim, e poderão ser comunicadas diretamente aos interessados, pelo presidente, ou, de ordem deste, pelo secretário.

CAPÍTULO IV

DAS ATRIBUIÇÕES DO PRESIDENTE DO CONSELHO NACIONAL DE DESPORTOS

Art. 19. Ao presidente do C.N.D. compete:

- a) presidir às sessões;
- b) convocar as sessões extraordinárias, diretamente, ou de ordem do Ministro da Educação e Saúde;
- c) encaminhar as discussões;
- d) cumprir e fazer cumprir as deliberações ao C.N.D. e fiscalizar a sua execução, bem como fazer respeitar as disposições deste regimento;
- e) distribuir aos conselheiros, para estudo, os papéis submetidos ao C.N.D.;
- f) determinar as investigações que se fizerem necessárias, afim de apurar irregularidades na aplicação de disposições legais ou das instruções expedidas pelo C.N.D.;
- g) representar o C.N.D. em solenidades oficiais ou atos desportivos e delegar esta atribuição, no seu impedimento, a qualquer outro conselheiro;
- h) assinar o expediente e os atos necessários à execução das deliberações do C.N.D.;
- i) apresentar ao Ministro da Educação e Saúde relatório anual das atividades do C.N.D., depois de por este aprovado;
- j) adotar qualquer providência de caráter inadiável, em nome do C.N.D., e submetê-la ao seu conhecimento e deliberação, na sessão imediata;
- k) autorizar o secretário do C.N.D., a assinar correspondência, solicitar informações e requisitar material;
- l) dar aplicação aos recursos orçamentários à disposição do C.N.D., de acordo com as recomendações deste;
- m) marcar prazo para o cumprimento das deliberações do C.N.D., desde que por este não tenha sido expressamente fixado;
- n) solicitar ao Ministro da Educação e Saúde os créditos e as providências necessárias ao desempenho das atribuições do C.N.D.;
- o) apurar as votações.

CAPÍTULO V

DOS SERVIÇOS BUROCRÁTICOS DO CONSELHO NACIONAL DE DESPORTOS

Art. 20. Os serviços burocráticos do C.N.D. serão desempenhados pela Divisão de Educação Física do Departamento Nacional de Educação, a qual, para esse fim, disporá do pessoal necessário, cuja designação será feita na forma da lei.

Art. 21. Os serviços referidos no artigo anterior serão organizados de acordo com a orientação do C.N.D. e em obediência ao disposto no decreto-lei n. 3.199, de 14 de abril de 1941.

Art. 22. Constituem serviços burocráticos do C.N.D.:

- a) receber, distribuir e expedir correspondência;

- b) redigir atos e atas, preparar e organizar o expediente de secretaria, inclusive informações, circulares, ofícios, relatórios, pareceres, proposições e votos;
- c) instruir processos;
- d) executar as ordens do C.N.D. ou do seu presidente;
- e) manter em dia o registo e o arquivo de papéis ;
- f) organizar o cadastro desportivo a que se refere o n. 5 do art. 10 deste regimento ;
- g) levantar mapas e estatísticas ;
- h) adquirir e colecionar livros, revistas e demais publicações que interessem ao estudo dos assuntos desportivos.

Art. 23. O secretário do C.N.D. será o diretor da Divisão de Educação Física do Departamento Nacional de Educação. São suas atribuições :

- a) dirigir os serviços burocráticos do C.N.D. ;
- b) organizar as pautas das sessões, de acordo com o presidente, preparar o seu expediente e assiná-lo, quando autorizado ;
- c) acompanhar os trabalhos das sessões, colher os elementos necessários à redação das atas e ao preparo dos resumos destas, que serão publicados no Diário Oficial ;
- d) cumprir e fazer cumprir as recomendações do C.N.D. e representá-lo em solenidade, no impedimento dos conselheiros ;
- e) passar certidões e publicar editais ;
- f) designar o funcionário ou o extranumerário, que o deva substituir nos impedimentos ;
- g) exercer qualquer outra atribuição que lhe seja deferida pelo C.N.D.

CAPÍTULO VI

DISPOSIÇÕES GERAIS

Art. 24. O C.N.D. solicitará aos conselhos regionais de desportos remessa de cópia das atas de suas sessões.

Art. 25. As confederações são órgãos de execução das decisões do C.N.D., a cuja secretaria prestarão as informações que lhes forem pedidas no prazo determinado.

Art. 26. Os assuntos originários de qualquer entidade desportiva, submetido ao C.N.D., deverão ser instruídos e encaminhados pela respectiva confederação.

Art. 27. Qualquer pessoa poderá representar ao C.N.D. contra a prática de ato desportivo infringente do decreto-lei n. 3.199, de 14 de abril de 1941, ou de qualquer prescrição dele decorrente.

Art. 28. O C.N.D. tem competência para autorizar qualquer federação a requisitar de associação que lhe seja vinculada a cessão de praça de desportos, com as respectivas instalações, e sem qualquer onus, afim de ser utilizada por atletas por ela convocados para representá-la em competição desportiva.

Art. 29. Enquanto não for promovida a instituição de associações nacionais de árbitros, o C.N.D. adotará as providências que se fizerem necessárias, afim de ser assegurada a preparação técnica dos desportistas que exercerem as suas funções.

Rio de Janeiro, 16 de abril de 1942.

Gustavo Capanema

Anexo 9 – Panfleto: De quem é a culpa (Corinthians e a intervenção)